BECCA FITZPATRICK



finale

HUSH, HUSH

O IRRESISTÍVEL DESFECHO DA SÉRIE INICIADA COM Sussurro

Star Books Digital

BECCA FITZPATRICK

Finale

HUSH, HUSH

Star Books Digital

Créditos

A presente obra é disponibilizada por Star Books Digital, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

PARA MINHA MÃE, QUE SEMPRE OUVI
TORCENDO POR MIM A DISTÂNCIA
(VAI, GAROTA, VAI!)



PRÓLOGO



VALE DO LOIRE, FRANÇA
NOVEMBRO DE 1565

SCOTT não acreditava em fantasmas. Defuntos ficavam em túmulos. Mas os túneis que se entrecruzavam sob o parque de diversões Delphic, cheios de ecos, farfalhos e sussurros, fizeram-no repensar. Ele não gostava quando sua mente viajava até Harrison Grey. Não queria se lembrar de seu papel no assassinato de um homem. A umidade pingava do teto baixo. Scott pensou em sangue. O fogo de sua tocha projetava sombras bruxuleantes nas paredes, que cheiravam a terra fria e fresca. O que o fazia pensar em túmulos.

Chauncey estava com a filha de um lavrador na relva às margens do rio Loire quando a tempestade se aproximou. Por ter deixado sua montaria perambular pela campina, ele não tinha opção a não ser voltar para o castelo com os próprios pés. Arrancou uma fivela de prata do sapato, colocou-a na palma da mão da moça e observou enquanto ela se afastava correndo, a barra das saias imunda de barro. Em seguida, calçou as botas e partiu para casa.

A chuva desabava pelos campos cada vez mais escuros nos arredores do Château de Langeais. Chauncey caminhava com segurança sobre os túmulos afundados e as folhas podres do cemitério. Mesmo na neblina mais espessa ele conseguia achar o caminho de volta, e não tinha medo de se perder. Não havia neblina naquela noite, mas a escuridão e a crueldade da chuva já criavam dificuldades suficientes.

Chauncey captou um movimento com o canto do olho e voltou bruscamente à cabeça para a esquerda. O que à primeira vista parecera ser uma enorme estátua coroando uma sepultura próxima ergueu-se majestosamente. Não era feita nem de pedra, nem de mármore. O garoto tinha braços e pernas. O peito estava despido, os pés, descalços, e calças de camponês pendiam abaixo da cintura. Ele desceu da lápide com as pontas dos cabelos negros encharcados pela chuva pingando. As gotas desciam por seu rosto, que era tão moreno quanto o de um espanhol.

A mão de Chauncey dirigiu-se ao punho da espada.

— Quem está aí?

A boca do jovem esboçou um sorriso.

— Não brinqueis com o duque de Langeais — avisou Chauncey. — Perguntei seu nome.. Dizei-o.

— Duque? — O rapaz apoiou-se no tronco sinuoso de um salgueiro. — Ou bastardo? — Chauncey desembainhou a espada.

— Retirai o que dissestes! Meu pai foi o duque de Langeais. Eu agora sou o duque de Langeais — acrescentou, amaldiçoando-se pela maneira desajeitada como dizia aquilo.

O jovem sacudiu a cabeça devagar.

— Vosso pai não era o velho duque.

Chauncey enfureceu-se diante de um insulto tão ultrajante.

— E nosso pai? — questionou, estendendo a espada. Ainda não conhecia todos os seus vassalos, mas estava aprendendo. Guardaria na memória o sobrenome do rapaz. — Vou perguntar mais uma vez — disse em voz baixa, passando a mão no rosto para tirar a água da chuva. — Quem sois vós

O jovem aproximou-se e afastou a lâmina para o lado. Subitamente, parecia mais velho do que Chauncey supunha, talvez até mesmo um ou dois anos mais velho que o próprio Chauncey.

— Sou da prole do demônio — respondeu. Chauncey sentiu uma onda de medo invadi-lo.

— Vós sois completamente lunático — disse entre dentes. — Saí de meu caminho.

O chão cedeu sob os pés de Chauncey. Chamas douradas e vermelhas apareceram diante de seus olhos. Encurvado, com as unhas fincadas nas coxas, ele elevou o olhar para observar o garoto, piscando e arfando, esforçando-se em compreender o que se passava. Sua mente vacilava como se não estivesse mais sob seu controle.

O rapaz agachou-se para que seus olhos ficassem na mesma altura dos de Chauncey.

— Escutai com atenção. Preciso de um favor vosso. Não partirei até conseguilo. Vós me compreendeis?

Rangendo os dentes, Chauncey sacudiu a cabeça para exprimir descrença — e desafio. Tentou cuspir no jovem, mas a saliva escorreu pelo queixo. A língua recusava-se a obedecer-lhe.

O jovem envolveu as mãos de Chauncey nas suas. O calor era causticante e o duque soltou um grito.

— Preciso de vosso juramento de fidelidade — disse. — Ajoelhai e jurai ser meu servo.

Chauncey quis soltar uma gargalhada grosseira, mas sua garganta se fechou e o som foi sufocado. O joelho direito dobrou-se como se tivesse recebido um chute por trás, mas não havia mais ninguém ali. Chauncey desabou na lama. Virou-se de lado e vomitou.

— Jurai — repetiu o rapaz.

O calor queimava o pescoço de Chauncey. Ele precisou de toda a sua energia para cerrar levemente os punhos. Riu de si mesmo, mas não havia graça. Não sabia como era possível, mas a náusea e a fraqueza que o dominavam provinham do jovem. Não se livraria daquilo se não prestasse o juramento. Ele diria o que precisava dizer, mas jurou no fundo de seu coração destruir o jovem para se vingar da humilhação.

— Senhor, torno-me vosso servo — disse Chauncey, malignamente. O rapaz pôs Chauncey de pé.

— Encontrai-me aqui no início do mês hebreu do Cheshvan. Precisarei de vossos serviços nas duas semanas entre a lua nova e a lua cheia.

— Quase uma... quinzena? — O corpo inteiro de Chauncey tremia sob peso de sua ira. — Sou o duque de Langeais!

— Vós sois um nefilim — disse o jovem com um meio sorriso.

Chauncey tinha um xingamento na ponta da língua, mas o engoliu. As palavras seguintes foram pronunciadas com fria perversidade.

— O que acabastes de dizer?

— Vós pertenceis à raça bíblica nefilim. Vosso verdadeiro pai foi um anjo expulso do céu. Metade de vosso sangue é mortal — os olhos escuros do rapaz se ergueram, encontrando os de Chauncey —, metade é de anjo caído.

Das profundezas de sua mente, Chauncey voltou a ouvir a voz de seu tutor, lendo trechos da Bíblia que falavam de uma raça degenerada, fruto da união carnal de anjos expulsos do céu e mulheres mortais. Uma raça temível e poderosa.

Um arrepio que não era inteiramente de repulsa atravessou Chauncey.

— Quem sois vós?

O rapaz se virou e começou a se afastar. Embora Chauncey quisesse segui-lo, não conseguiu obrigar as pernas a aguentar o próprio peso. Ajoelhado ali, com os olhos fustigados pela chuva, viu duas cicatrizes largas nas costas nuas do jovem. Elas se aproximavam, formando um V de cabeça para baixo.

— Vós sois... caído? — perguntou. —Tivestes as asas arrancadas, não?

O rapaz, anjo, seja lá quem fosse, não se virou. Chauncey não precisava de uma confirmação.

— O serviço que vos devo prestar — gritou —, exijo saber do que se trata!

O riso grave do jovem ecoou pelo ar.

CAPÍTULO 1

À NOITE

NÃO sou uma garota festeira. A música ensurdecedora, os corpos girando, os sorrisos inebriados — isso não é meu estilo. Minha noite de sábado ideal seria em casa, aconchegada no sofá, assistindo a uma comédia romântica com meu namorado, Patch. Previsível, comedido... normal. Meu nome é Nora Grey, e, embora eu fosse uma adolescente normal, que comprava roupas no outlet da J. Crew e gastava o dinheiro que ganhava como babá no iTunes, recentemente o normal e eu nos tornamos completos estranhos. Eu não saberia o que é normal nem se estivesse bem na minha cara.

O normal e eu pegamos estradas diferentes quando Patch entrou em minha vida. Patch tem 15 centímetros a mais que eu, seu raciocínio opera com uma lógica dura e fria, ele se move como fumaça e vive sozinho em um estúdio supersecreto e supersofisticado sob o parque de diversões Delphic. O som da voz dele, baixa e sexy, pode derreter meu coração em apenas três segundos. Ele também é um anjo caído, expulso do céu por sua flexibilidade quando se trata de seguir as regras. Pessoalmente, acho que Patch apavorou o *normal* de tal forma que o fez sair correndo para o outro lado do mundo.

Posso não ter normalidade, mas tenho estabilidade. Sobretudo na forma da minha melhor amiga há 12 anos, Vee Sky. Vee e eu temos uma ligação inabalável que nem mesmo uma longa lista de diferenças pode quebrar. Dizem que os opostos se atraem, e nós somos provas da validade dessa afirmação. Sou alta e esguia — para os padrões humanos —, com um cabelão encaracolado que testa minha paciência e personalidade tipo A. Vee é ainda mais alta, com cabelo louro-acinzentado, olhos verdes e mais curvas que uma montanha-russa. Quase sempre, a vontade de Vee prevalece. E, diferente de mim, Vee adora uma boa festa.

Esta noite o desejo de Vee por diversão nos levou para o outro lado da cidade, onde havia um armazém de quatro andares, com tijolos aparentes, que palpitava ao som de música eletrônica, nadava em identidades falsas e transbordava corpos suando o suficiente para levar os gases do efeito estufa a um nível inteiramente novo. O layout por dentro era padrão: uma pista de dança entre um palco e um bar. Segundo os boatos, uma porta secreta atrás do bar levava ao porão, e o porão levava a um homem chamado Storky, que dirigia um próspero negócio de piratear *qualquer coisa*. Líderes religiosos da comunidade constantemente ameaçavam fechar a incubadora de iniquidade para adolescentes desordeiros de Coldwater... também conhecida como Bolsa do Diabo.

— Arrase, querida — gritou Vee para mim mais alto que o *tump, tump, tump* sem sentido da música, entrelaçando os dedos nos meus e balançando nossas mãos no alto. Estávamos no meio da pista de dança, levando empurrões e trombadas de todos os lados. — É assim que uma noite de sábado deve ser. Você e eu nos divertindo, nos soltando, chacoalhando o esqueleto.

Fiz o melhor que pude para assentir com empolgação, mas o cara atrás de mim pisava de cinco em cinco segundos no calcanhar da minha sapatilha, e eu precisava colocá-la de volta no pé. A garota à minha direita dançava com os cotovelos para fora, e, se eu não tomasse cuidado, sabia que seria atingida.

— Que tal pegar umas bebidas? — sugeri. — Isto aqui está parecendo a Flórida.

— É porque nós duas estamos incendiando o lugar. Dá uma olhada naquele cara no bar. Ele não consegue tirar os olhos de seus movimentos sensuais. — Ela lambeu o dedo e o pressionou em meu ombro nu, fazendo um som de chiado.

Segui o olhar dela... e meu coração deu um salto.

Dante Matterazzi levantou o queixo em cumprimento. Seu próximo gesto foi um pouco mais sutil.

Eu não imaginava que você gostava de dançar, falou ele em minha mente.

Engraçado, eu imaginava *que você gostava de perseguir as pessoas*, devolvi.

Dante Matterazzi e eu pertencíamos à raça Nefilim, por isso tínhamos a habilidade inata de falar por meio dos pensamentos, mas as semelhanças paravam por aí. Dante não sabia dar um tempo, e eu não sabia por quanto tempo mais conseguiria evitá-lo. Eu o conheci ainda naquela manhã, quando ele foi a minha casa para contar que os anjos caídos e os nefilins estavam prestes a entrar em guerra, e que eu deveria liderar minha raça, mas no momento eu precisava de um tempo daquele papo todo de guerra. Era opressivo. Ou talvez eu estivesse em negação. De qualquer forma, queria que ele sumisse.

Deixei uma mensagem no seu celular, disse ele.

Puxa, não devo ter visto. Estava mais para "eu apaguei".

Precisamos conversar.

Estou um pouco ocupada. Para enfatizar o que eu queria dizer, rebolei e balancei os braços de um lado para o outro, fazendo o melhor que podia para imitar Vee. O canal de tevê preferido dela era o BET, e dava para ver. A garota tinha hip-hop no sangue.

Um sorriso leve curvou os lábios de Dante. *Enquanto estiver nessa, peça algumas dicas à sua amiga. Você é meio desajeitada. Encontre-me lá fora em dois minutos.*

Olhei para ele com raiva. *Estou ocupada, lembra?*

Isso não pode esperar. Ele arqueou as sobrancelhas de maneira expressiva e desapareceu na multidão.

— O azar é dele — disse Vee. — Ele não aguenta o calor, é só isso.

— E aquelas bebidas? — indaguei. — Quer uma Coca? — Vee não parecia pronta para parar de dançar tão cedo, e, por mais que eu quisesse evitar Dante, imaginei que era melhor

resolver logo aquilo. Parar de reclamar e ir lá fora conversar com ele. A outra opção era tê-lo a noite inteira no meu pé.

— Coca com limão — disse Vee.

Saí da pista de dança e, depois de ter certeza que Vee não estava olhando, passei de fininho por um corredor lateral e pela porta dos fundos. O luar azulado banhava o beco. Um Porsche Panamera vermelho estava estacionado a minha frente, e Dante se apoiava nele com os braços cruzados no peito de modo relaxado.

Dante tem pouco mais de dois metros de altura e o físico de um soldado que acabou de sair do campo de treinamento. Para se ter uma ideia: ele tem mais tônus muscular no pescoço do que eu tenho no corpo todo. Estava usando calça *baggy* cáqui e uma camisa branca de linho desabotoada até a metade do peito, revelando um profundo V de pele macia e sem pelos.

— Carro bonito — falei.

— Dá pro gasto.

— O meu Volkswagen também, e custa consideravelmente menos.

— É preciso mais do que quatro rodas para ser um carro.

Ugh.

— Então — falei, batendo o pé no chão. — O que é tão urgente?

— Você ainda está namorando aquele anjo caído?

Era só a terceira vez em algumas horas que ele me perguntava isso. Duas vezes por mensagem de texto e agora cara a cara. Meu relacionamento com Patch tinha passado por vários altos e baixos, mas atualmente tudo ia bem. É claro que tínhamos nossos problemas. Em um mundo onde nefilins e anjos caídos preferiam morrer a sorrir um para o outro, namorar um anjo caído era inaceitável.

Eu me endireitei.

— Você já sabe.

— Estão tomando cuidado?

— Discrição é o lema.

Patch e eu não precisávamos de Dante para nos dizer que não era prudente aparecermos juntos em público com frequência. Nefilins e anjos caídos nunca precisaram de desculpa para começarem uma briga, e as tensões raciais entre eles ficavam mais acaloradas a cada dia. Era outono, outubro para ser mais exata, e o mês judaico do Cheshvan era dali a alguns dias.

Todos os anos, durante o Cheshvan, hordas de anjos caídos possuíam corpos de nefilins. Os anjos caídos tinham liberdade de ação para fazer o que quisessem, e uma vez que era a única época do ano em que podiam realmente ter sensações físicas, a criatividade deles não tinha limites. Iam em busca de prazer, dor e tudo entre esses dois extremos, como parasitas de seus hospedeiros nefilins. Para os nefilins, o Cheshvan é uma prisão infernal.

Se Patch e eu fôssemos vistos apenas de mãos dadas pelas pessoas erradas, nós pagaríamos, de um jeito ou de outro.

— Vamos falar sobre sua imagem — disse Dante. — Precisamos criar alguma propaganda positiva em torno do seu nome. Aumentar a confiança dos nefilins em você.

Estalei os dedos de maneira teatral.

— Você não detesta quando seus índices de aprovação estão baixos?

Dante franziu as sobrancelhas.

— Isso não é uma piada, Nora. O Cheshvan começa em pouco mais de 72 horas, o que significa guerra. Anjos caídos de um lado, nós do outro. Tudo depende de você. Você é a nova líder do exército nefilim. O juramento de sangue que fez a Hank está valendo, e acho que não preciso lembrá-la de que se quebrá-lo as consequências são muito, muito reais.

Senti um embrulho no estômago. Não tinha exatamente me candidatado ao emprego. Graças ao meu falecido pai biológico, um homem com mente muito tortuosa chamado Hank Millar, fui forçada a herdar a posição. Com a ajuda de uma transfusão sobrenatural, ele me coagiu a me transformar de mera humana em uma nefilim puro-sangue para que eu pudesse assumir seu exército. Eu jurei liderar o exército, o que entrou em vigor após sua morte e, se eu falhasse, minha mãe e eu morreríamos. Termos do juramento. Sem pressão alguma.

— Apesar de qualquer medida de precaução que eu possa implementar, não podemos apagar completamente seu passado. Os nefilins estão de olho. Há boatos de que você namora um anjo caído e de que sua lealdade está dividida.

— Eu namoro um anjo caído.

Dante revirou os olhos.

— Pode dizer isso mais alto?

Dei de ombros. *Se é isso que você realmente quer*. Então abri a boca, mas Dante chegou ao meu lado em um segundo e a tapou com a mão.

— Sei que é difícil para você, mas será que pode tornar o meu trabalho mais fácil só desta vez? — murmurou ele em minha orelha, olhando as sombras em volta com óbvia inquietação, mesmo que eu tivesse certeza de que estávamos sozinhos. Eu só era uma nefilim puro-sangue havia 24 horas, mas confiava no meu novo e apurado sexto sentido. Se houvesse algum bisbilhoteiro à espreita, eu saberia.

— Olha, sei que quando nos conhecemos de manhã eu fui negligente ao dizer que os nefilins teriam de lidar com o fato de que namoro um anjo caído — falei quando ele abaixou a mão —, mas eu não estava pensando direito. Estava irritada. Passei o dia todo analisando muito isso. Conversei com Patch. Estamos sendo cuidadosos, Dante. Bastante cuidadosos.

— É bom saber disso. Mas ainda preciso que você faça algo por mim.

— O quê?

— Namore um nefilim. Namore Scott Parnell.

Scott foi o primeiro nefilim com quem fiz amizade, quando tinha apenas cinco anos de idade. Na época, eu desconhecia sua verdadeira descendência, mas nos últimos meses ele assumira primeiro o papel de meu algoz, depois o de parceiro no crime e, por fim, o de meu amigo. Não havia segredos entre nós. Nem nenhuma química romântica, também.

Dei uma risada.

— Você me mata de rir, Dante.

— Seria apenas um teatrinho. Para manter as aparências — explicou ele. — Só até nossa raça aceitá-la. Você só é nefilim há um dia. Ninguém a conhece. As pessoas precisam de uma razão para gostar de você. Devemos fazer com que elas se sintam à vontade e confiem em você. Namorar um nefilim é um bom passo na direção certa.

— Não posso namorar Scott — disse a Dante. — Vee gosta dele.

Dizer que Vee não vinha dando sorte no amor era ser otimista. Nos últimos seis meses, ela se apaixonou por um predador narcisista e um traidor nojento. Não era de surpreender que esses dois relacionamentos a fizessem duvidar seriamente de seus instintos em relação a parceiros. Nos últimos tempos, ela vinha evitando terminantemente sequer sorrir para o sexo oposto... até que Scott apareceu. Na noite passada, apenas algumas horas antes de meu pai biológico me compelir a me transformar em uma nefilim puro-sangue, Vee e eu fomos à Bolsa do Diabo para ver Scott tocar baixo com sua nova banda, a Serpentine, e ela não parou de falar nele desde então. Entrar em cena e roubar Scott agora, mesmo que fosse uma armação, seria o golpe baixo definitivo.

— Não seria para valer — repetiu Dante, como se isso fizesse tudo ficar bem.

— Vee saberia disso?

— Não exatamente. Você e Scott precisam ser convincentes. Se alguma informação vazar, será desastroso, então prefiro limitar a verdade a nós dois.

O que significava que Scott também seria uma vítima da armação. Coloquei as mãos no quadril, querendo me mostrar firme e inflexível.

— Então você vai ter que arrumar outra pessoa.

Não gostava nada da ideia de fingir namorar um nefilim para aumentar minha popularidade. Na verdade, isso parecia um desastre iminente, mas queria deixar tanta confusão para trás. Se Dante achava que ter um namorado nefilim me daria mais credibilidade, que assim fosse. Não seria de verdade. É óbvio que Patch não ficaria empolgado, mas um problema de cada vez, certo?

A boca de Dante se comprimiu em uma linha, e ele fechou os olhos por um momento. Reunindo paciência. Já estava me acostumando com essa expressão ao longo daquele dia.

— Tem que ser alguém respeitado na comunidade nefilim — ponderou Dante por fim. — Alguém que os nefilins admirem e aprovem.

Fiz um gesto impaciente.

— Ótimo. Apenas escolha uma pessoa que não seja Scott.

— Eu.

Estremeci.

— Desculpe. O quê? Você?

Eu estava muito surpresa para cair na risada.

— Por que não? — perguntou Dante.

— Quer mesmo que eu faça uma lista dos motivos? Você vai ficar aqui a noite toda ouvindo. Você deve ser pelo menos cinco anos mais velho que eu em anos humanos, o que é um prato cheio para fofoca, você não tem senso de humor e... ah, é, a gente não se suporta.

— É uma ligação natural. Sou seu primeiro-tenente...

— Porque Hank lhe deu esse posto. Não tive nada a ver com isso.

Dante parecia não me ouvir e seguiu adiante com sua versão imaginária dos acontecimentos:

— Nós nos conhecemos e sentimos uma atração mútua e imediata. Eu a confortei após a morte de seu pai. É uma história verossímil. — Ele sorriu. — E conseguimos boa publicidade.

— Se você disser a palavra com P mais uma vez, vou... perder a cabeça.

Tipo bater nele. E depois bater em mim mesma por chegar a considerar esse plano.

— Pense nisso — disse Dante. — Reflita sobre a sugestão.

— Refletir sobre a sugestão. — Contei até três nos dedos. — O.k., pronto. Má ideia. Péssima ideia. Minha resposta é não.

— Você tem uma ideia melhor?

— Tenho, só que preciso de tempo para pensar mais.

— Claro. Sem problema, Nora. — Ele contou até três nos dedos. — O.k., seu tempo acabou. Preciso de um nome logo pela manhã. Caso não esteja absurdamente óbvio, sua imagem está indo ladeira abaixo. As notícias da morte do seu pai e, consequentemente, de sua nova posição de liderança espalham-se rapidamente. As pessoas têm falado, e não tem sido nada de bom. Precisamos que os nefilins acreditem em você. Precisamos que confiem que você se preocupa com os interesses deles e que pode concluir o trabalho de seu pai e nos libertar da obrigação de servir aos anjos caídos. Precisamos que eles a apoiem, e vamos lhes dar bons motivos para isso. A começar por um respeitável namorado nefilim.

— Ei, amiga, está tudo bem aqui?

Dante e eu nos viramos. Vee estava parada perto da porta, observando-nos com desconfiança e curiosidade.

— Oi! Está tudo bem — falei, um pouco entusiasmada demais.

— Você não voltou com as bebidas, então comecei a ficar preocupada — disse Vee. Seu olhar ia de mim para Dante. Vi pelo brilho nos olhos dela que se lembrava dele do bar. — Quem é você? — perguntou.

— Ele? — interrompi. — Ah. Hã. Bem, é apenas um cara qualquer...

Dante deu um passo à frente, a mão estendida.

— Dante Matterazzi. Sou um amigo novo de Nora. Fomos apresentados hoje de manhã por um conhecido em comum, Scott Parnell.

E, num estalo, o rosto de Vee se iluminou.

— Você conhece Scott?

— É um grande amigo meu, na verdade.

— Qualquer amigo de Scott é meu amigo também.

Tive vontade de arrancar meus olhos.

— Então o que vocês dois estão fazendo aqui atrás? — perguntou Vee.

— Dante está de carro novo — falei, dando um passo para o lado para que ela visse o Porsche. — E não resistiu e veio exibi-lo. Mas não olhe muito de perto. Acho que está faltando o número do chassi. O pobrezinho teve que roubar porque gastou todo o dinheiro depilando o peito, e nossa, como brilha.

— Muito engraçada — disse Dante.

Achei que ele fosse ficar constrangido e fechar pelo menos mais um botão da camisa, mas não.

— Se eu tivesse um carro assim, também o exibiria — disse Vee.

— Tentei convencer Nora a dar uma volta, mas ela fica me dispensando.

— É porque ela tem um namorado casca-grossa. Ele deve ter sido educado em casa, porque perdeu todas aquelas lições valiosas que aprendemos no jardim de infância, como, por exemplo, compartilhar. Se ele descobrir que você levou Nora para dar uma volta, vai acabar com esse Porsche novinho na árvore mais próxima.

— Uau, olha a hora — falei. — Você não precisa ir a outro lugar, Dante?

— Estou livre esta noite.

Ele sorriu, com toda a calma, e eu sabia que estava saboreando cada momento de intromissão em minha vida pessoal.

Naquela manhã eu tinha deixado bem claro, logo de cara, que qualquer contato nosso teria que ser feito em particular, e ele estava me mostrando o que achava das minhas "regras". Em uma tola tentativa de igualar o placar, fuzilei-o com meu olhar mais frio e cruel.

— Você está com sorte — disse Vee. — Sabemos exatamente como ocupar sua noite. Você vai se divertir com duas das garotas mais incríveis de toda Coldwater, sr. Dante Matterazzi.

— Dante não dança — intrometi-me rapidamente.

— Farei uma exceção, só desta vez — respondeu ele enquanto abria a porta para nós.

Vee bateu palmas, pulando.

— Eu *sabia* que a noite ia ser ótima! — gritou ela, passando por baixo do braço de Dante.

— Você primeiro — disse Dante.

Ele tocou minhas costas e me guiou para dentro. Tirei a mão dele com um tapa, mas, para minha irritação, ele se inclinou para mim e sussurrou:

— Fico feliz que a gente tenha tido essa conversa.

Ainda não decidimos nada, falei para ele em pensamento. *Essa história toda de namoro? Não há nada resolvido. É bom que você se lembre disso. E, só para constar, minha melhor amiga não deveria saber da sua existência.*

Sua melhor amiga acha que eu deveria dar trabalho a seu namorado, disse ele, parecendo se divertir.

Para ela, qualquer coisa que respire deve substituir Patch. Eles têm questões malresolvidas.

Parece promissor.

Ele me seguiu pelo corredor pequeno que levava à pista de dança, e senti seu sorriso presunçoso e provocador durante todo o caminho.



A batida alta e monótona da música martelava na minha cabeça. Apertei a ponte do nariz, a dor de cabeça crescente me fazendo encolher. Apoiei um cotovelo no bar e usei a mão livre para pressionar um copo de água gelada na testa.

— Já está cansada? — perguntou Dante, deixando Vee na pista de dança para se sentar em uma banqueta ao meu lado.

— Alguma ideia de quanto tempo mais ela vai aguentar? — perguntei, sentindo-me exausta.

— Acho que ela recarregou a bateria.

— Da próxima vez em que eu estiver procurando por uma melhor amiga, me lembre de ficar longe do Coelhinho da Duracell. Dura até oito vezes mais...

— Parece que você precisa de uma carona para casa.

Balancei a cabeça.

— Eu vim de carro, mas não posso deixar Vee aqui. Sério, quanto tempo ela ainda consegue aguentar?

É claro que eu já vinha me fazendo essa mesma pergunta na última hora.

— Vamos fazer assim: vá para casa, eu fico com Vee. Quando ela finalmente se cansar, eu a levo.

— Achei que você não devia se misturar com minha vida pessoal.

Tentei soar rude, mas estava tão exausta que não consegui ser muito convincente.

— Sua regra, não minha.

Mordi o lábio.

— Talvez só desta vez. Afinal, Vee gosta de você. E você tem mesmo a energia necessária para continuar dançando com ela. Quer dizer, isso é bom, não é?

Ele cutucou minha perna.

— Pare de racionalizar e caia logo fora daqui.

Para minha surpresa, suspirei aliviada.

— Obrigada, Dante. Fico lhe devendo uma.

— Pode me pagar amanhã. Precisamos terminar a conversa de hoje cedo.

E, com isso, qualquer sentimento benevolente que eu tivesse foi por água abaixo. Dante voltou a ser um espinho no meu pé, com seu jeito incansável de me perturbar.

— Se alguma coisa acontecer a Vee, vou considerá-lo culpado.

— Ela ficará bem, e você sabe disso.

Eu podia não gostar de Dante, mas confiava que ele cumpriria o combinado. Afinal, agora ele estava subordinado a mim. Tinha me jurado lealdade. Talvez ser líder de todos os nefilins tivesse algumas vantagens, no fim das contas. Então fui embora.

Era uma noite sem nuvens, a lua de um azul assombroso no céu escuro. Enquanto andava na direção do carro, a música da Bolsa do Diabo ecoava como um ribombar distante de trovão. Inspirei o ar frio de outubro. Minha dor de cabeça já tinha diminuído.

O celular irrastreável que Patch tinha me dado tocou na bolsa.

— Como foi a noite das garotas? — perguntou Patch.

— Se dependesse da Vee, ficaríamos aqui a noite toda. — Tirei os sapatos e os pendurei nos dedos. — Só consigo pensar em cama.

— Estamos pensando na mesma coisa.

— Você também está pensando em cama?

Mas Patch me dissera que raramente dormia.

— Estou pensando em *você* na *minha* cama.

Meu estômago se agitou. Na noite anterior, pela primeira vez eu tinha passado a noite no estúdio de Patch, e, apesar de toda atração e tentação, conseguimos dormir em cômodos separados. Eu não tinha certeza de quão longe queria que nossa relação fosse, mas meu instinto me dizia que Patch não estava tão indeciso.

— Minha mãe está me esperando — respondi. — Não é uma boa hora. — E por falar em não ser uma boa hora, sem querer me lembrei de minha última conversa com Dante. Eu tinha de falar logo sobre aquilo com Patch. — Podemos nos ver amanhã? Precisamos conversar.

— Não parece ser boa coisa.

Mandei um beijo pelo telefone.

— Senti sua falta esta noite.

— A noite não acabou. Depois que eu terminar aqui, posso passar na sua casa. Deixe a janela do quarto destrancada.

— No que você está pensando?

— Vigilância.

Franzi as sobrancelhas.

— Isso é muito vago.

— Meu alvo está em movimento. Preciso ir — disse ele. — Chego lá assim que puder.

E desligou.

Caminhei pela calçada, pensando em quem Patch estaria vigiando e por quê — a coisa toda parecia um pouco sinistra —, até ver meu carro, um Volkswagen Cabriolet 1984. Joguei os sapatos no banco traseiro e me sentei atrás do volante. Girei a chave na ignição, mas o motor não pegou. Ficou fazendo um ronco esquisito, e aproveitei a oportunidade para pensar em algumas palavras criativas sobre aquele pedaço inútil de sucata.

Scott havia me dado de bandeja aquele carro, que me proporcionou mais horas de sofrimento do que quilômetros de estrada. Saí do carro e levantei o capô, tentando entender alguma coisa naquele labirinto oleoso de mangueiras e recipientes. Eu já tinha checado o alternador, o carburador e as velas de ignição. O que faltava?

— Problemas com o carro?

Virei-me, surpresa com o som de uma voz masculina nasalada atrás de mim. Não tinha ouvido ninguém se aproximar. E, o que era mais desconcertante, não tinha sentido a presença dele.

— Parece que sim — falei.

— Precisa de ajuda?

— Na verdade, preciso de um carro novo.

Ele tinha um sorriso esquivo e nervoso.

— Por que não lhe dou uma carona? Você parece uma garota legal. Poderíamos ter uma conversa agradável no caminho.

Mantive distância, minha mente trabalhando sem parar enquanto eu tentava descobrir quem ele era. A intuição me dizia que não era humano. Nem nefilim. O engraçado é que também não achava que ele fosse um anjo caído. Tinha rosto redondo de querubim, cabelo espesso e louro, e orelhas de abano. Parecia tão inofensivo, na verdade, que isso me deixou imediatamente desconfiada. Imediatamente apreensiva.

— Obrigada pela oferta, mas vou pegar carona com um amigo.

O sorriso dele desapareceu e ele tentou agarrar a manga da minha blusa.

— Não vá — falou ele com um gemido de desespero.

Dei vários passos assustados para trás.

— Quer dizer... Eu estava tentando dizer... — Ele engoliu em seco, então endureceu o olhar como se fossem contas brilhantes. — Preciso falar com seu namorado.

Meu coração bateu mais rápido e o pânico tomou conta de mim. E se ele fosse um nefilim e eu não tivesse conseguido detectá-lo? E se ele realmente soubesse sobre mim e Patch? E se ele estivesse me procurado naquela noite para passar uma mensagem: que

nefilins e anjos caídos não se misturam? Eu era nefilim havia pouco tempo, não seria páreo para ele se as coisas chegassem a um confronto físico.

— Não tenho namorado.

Tentei ficar calma enquanto me virava em direção à Bolsa do Diabo.

— Coloque-me em contato com Patch — gritou o homem para mim, aquele mesmo som agudo de desespero afetando sua voz. — Ele está me evitando.

Apressei o passo.

— Diga que se ele não sair do esconderijo, eu vou... eu vou... forçá-lo a isso. Vou tacar fogo em todo o parque de diversões Delphic se necessário!

Olhei por cima do ombro cautelosamente. Não sabia em que Patch havia se metido, mas uma sensação desconfortável crescia em meu estômago. Quem quer que fosse aquele homem, feições de querubim à parte, ele estava falando a sério.

— Ele não pode fugir de mim para sempre!

Ele correu com suas pernas curtas e grossas até se misturar às sombras, assobiando uma melodia que me causou um calafrio na espinha.

CAPÍTULO 2

MEIA hora depois parei, na entrada da minha garagem. Moro com minha mãe em uma casa de fazenda sofisticada no Maine, pintada de branco, com venezianas azuis e um véu constante de neblina. Naquela época do ano, as árvores resplandeciam com matizes flamejantes de vermelho e dourado, e o ar trazia os aromas revigorantes de seiva de pinheiro, lenha e folhas úmidas. Subi depressa os degraus da varanda, onde cinco abóboras imponentes me observavam como sentinelas, e entrei.

— Cheguei! — gritei para minha mãe, a luz da sala de estar dedurando que ela estava lá.

Deixei minhas chaves no aparador e fui procurá-la. Ela marcou a página do livro com uma dobra, levantou-se do sofá e me apertou em um abraço.

— Como foi sua noite?

— Estou completamente exausta. — Apontei para o andar de cima. — Se eu conseguir chegar até minha cama, vai ser apenas pela força da mente.

— Enquanto esteve fora, um homem passou aqui procurando você.

Franzi as sobrancelhas. Que homem?

— Ele não quis dizer o nome nem disse de onde a conhecia — continuou minha mãe. — Devo me preocupar?

— Como ele era?

— Rosto arredondado, meio vermelho, cabelo louro.

Ele, então. O homem que tinha assuntos a resolver com Patch. Forcei um sorriso.

— Ah, claro. É um vendedor. Fica tentando me convencer a fechar as fotos da formatura com o estúdio dele. Da próxima vez, vai tentar me vender convites também. Seria muito nojento se eu não lavasse o rosto esta noite? Ficar acordada mais dois minutos parece muito a esta altura.

Minha mãe me deu um beijo na testa.

— Bons sonhos.

Subi para meu quarto, fechei a porta e desabei toda esparramada na cama. A música da Bolsa do Diabo ainda pulsava em minha cabeça, mas eu estava muito cansada para ligar para isso. Meus olhos já estavam quase fechados quando me lembrei da janela. Com um gemido, cambaleei até lá e abri a tranca. Patch poderia entrar, mas precisaria de sorte a fim de me manter acordada o suficiente para conseguir provocar alguma reação minha.

Puxei os cobertores até o queixo e senti o sono me chamando, atraindo-me, suave e deliciosamente, e deixei que me levasse...

E então o colchão afundou com o peso de outro corpo.

— Não entendo ao certo por que você gosta tanto desta cama — disse Patch. — É cinco centímetros mais curta do que deveria ser, um metro e vinte mais estreita, e os lençóis roxos não estão ajudando. *Minha* cama, por outro lado...

Abri um olho e o vi esticado a meu lado, as mãos frouxamente entrelaçadas atrás do pescoço. Seus olhos escuros observavam os meus, e eu podia sentir seu cheiro gostoso e sexy. Mais do que tudo, sentia o calor do corpo dele no meu. Apesar de minhas melhores intenções, aquela proximidade dificultava cada vez mais minha concentração para dormir.

— Ha — falei. — Sei que você não liga se minha cama é confortável. Você ficaria bem em uma cama de tijolos.

Um dos aspectos negativos de Patch ser um anjo caído era o fato de não ter nenhuma sensação física. Nenhuma dor, mas também nenhum prazer. Eu tinha que me contentar em saber que, quando o beijava, ele só sentia isso no nível emocional. Tentava fingir que não me importava, mas queria que ele se sentisse eletrizado pelo meu toque.

Ele me beijou suavemente na boca.

— Sobre o que você queria falar?

Não conseguia me lembrar. Algo sobre Dante. O que quer que fosse, não parecia importante. Falar não parecia importante. Eu me aninhei bem junto a ele, e Patch deslizou a mão pelo meu braço nu, fazendo uma sensação quente de formigamento percorrer todo o meu corpo, até chegar aos dedos dos pés.

— Quando vou poder ver você dançando? — perguntou ele. — Nunca fomos juntos à Bolsa do Diabo.

— Não está perdendo muita coisa. Me disseram que eu sou uma negação na pista de dança.

— Vee devia ser mais legal com você — murmurou ele, beijando minha orelha.

— Não foi Vee que disse essa pérola. Foi Dante Matterazzi — confessei distraidamente, os beijos de Patch me embalando para um lugar feliz que não exigia muito raciocínio ou prudência.

— Dante? — repetiu Patch, um quê desagradável se infiltrando em seu tom.

Droga.

— Eu me esqueci de falar que Dante esteve lá? — perguntei.

Patch também tinha conhecido Dante naquela manhã e, na maior parte do tempo daquela reunião tensa, tive medo de que um arrastasse o outro para uma briga. Desnecessário dizer que não foi amor à primeira vista. Patch não gostou de ver Dante agindo como se fosse meu conselheiro político e me pressionando a entrar em guerra contra os anjos caídos, e Dante... bem, Dante odiava anjos caídos por uma questão de princípio.

O olhar de Patch ficou frio.

— O que ele queria?

— Ah, agora lembro o que eu queria falar com você. — Estalei os dedos. — Dante está tentando promover minha imagem para a raça nefilim. Sou a líder deles agora. O problema é que não confiam em mim. Não me conhecem. E Dante está decidido a mudar isso.

— Diga-me algo que não sei.

— Dante também acha que pode ser uma boa ideia, ah, eu namorá-lo. Não se preocupe! — apressei-me em dizer. — É só teatro. Para os nefilins acharem que a líder deles está engajada. Vamos acabar com esses boatos de que estou namorando um anjo caído. Nada demonstra mais comprometimento do que ficar com um dos seus, sabia? Isso ajuda a gerar boa publicidade. Podem até nos chamar de Norante. Ou Danta. O que você acha? — perguntei, tentando manter o clima leve.

A boca de Patch mostrava sua irritação.

— Na verdade, não acho nada bom.

— Se servir de consolo, não suporto Dante. Não precisa se preocupar.

— Minha namorada quer sair com outro cara, nada demais.

— É só para manter as aparências. Veja pelo lado bom...

Patch riu, mas sem nenhum humor.

— Existe um lado bom?

— É só durante o Cheshvan. Hank deixou os nefilins de toda parte exaltados com relação a esse período. Ele lhes prometeu a salvação, e eles ainda acham que vão consegui-la. Quando o Cheshvan chegar, e acabar sendo como qualquer outro da história, eles vão perceber que era uma aposta arriscada, e, pouco a pouco, as coisas vão voltar ao normal. Nesse meio-tempo, enquanto os ânimos estiverem exaltados e as esperanças e sonhos dos nefilins se basearem na falsa crença de que posso libertá-los dos anjos caídos, precisamos mantê-los felizes.

— Já lhe ocorreu que os nefilins podem culpá-la quando não conseguirem sua salvação? Hank fez um monte de promessas e, quando elas não forem cumpridas, ninguém vai acusá-lo. Você é a líder deles agora. Você é o rosto nessa campanha, Anjo — disse ele solenemente.

Olhei para o teto. É, eu tinha pensado nisso. Mais vezes do que eu gostaria de imaginar hoje sem enlouquecer.

Na noite anterior, que pareceu durar uma eternidade, os arcanjos me fizeram uma oferta irrecusável. Prometeram me dar o poder para matar Hank — se eu reprimisse a revolta nefilim. A princípio, eu não havia pensando em aceitar a oferta, mas Hank me forçara a isso. Ele tinha tentado queimar a pena de Patch e mandá-lo para o inferno. Então atirei nele.

Hank estava morto, e os arcanjos esperavam que eu impedisse os nefilins de entrarem na guerra.

Era aí que as coisas complicavam. Algumas horas antes de eu atirar em Hank, tinha jurado a ele liderar o exército nefilim. Se eu descumprisse o acordo, minha mãe e eu morreríamos.

Como cumprir com minha promessa com os arcanjos e meu juramento para Hank? Só via uma opção. Eu *lideraria* o exército de Hank. Para a paz. Provavelmente não era o que ele imaginava quando me obrigou a fazer o juramento, mas ele não estava por perto agora para discutir os detalhes. No entanto, não deixei de pensar que, ao virar as costas para a rebelião, eu também estava permitindo que os nefilins permanecessem sob o jugo dos anjos caídos. Não parecia certo, mas a vida era cheia de decisões difíceis. Como eu bem estava aprendendo. No momento, estava mais preocupada em manter os arcanjos felizes do que os nefilins.

— O que você sabe sobre meu juramento? — perguntei a Patch. — Dante disse que ele passou a valer quando Hank morreu, mas quem determina se eu o mantenho ou não? Quem determina o que eu posso ou não fazer a fim de cumpri-lo? Você, por exemplo. Estou lhe confiando um segredo, e você é um anjo caído e inimigo jurado dos nefilins. O juramento não vai me fazer cair morta por traição?

— O juramento que você fez foi o mais vago possível. Felizmente — disse Patch com alívio evidente.

Ah, tinha sido vago mesmo. E objetivo. *Se você morrer, Hank, serei a nova comandante de seu exército.* Nem uma palavra a mais.

— Desde que você se mantenha no poder e lidere os nefilins, acredito que esteja nos termos do juramento — disse Patch. — Você nunca prometeu a Hank que iria para a guerra.

— Em outras palavras, o plano é evitar a guerra e manter os arcanjos felizes.

Patch suspirou, quase para si mesmo.

— Algumas coisas nunca mudam.

— Depois do Cheshvan, depois que os nefilins desistirem da liberdade, e *depois* de colocar um grande sorriso de satisfação no rosto dos arcanjos, poderemos deixar isso para trás. — Eu o beijei. — Seremos só você e eu.

Patch gemeu.

— Não vai ser rápido o bastante.

— Ei, escute — falei, ansiosa por mudar para *qualquer* assunto que não fosse guerra —, fui abordada por um homem esta noite. Ele quer falar com você.

Patch fez que sim com a cabeça.

— Pepper Friberg.

— Pepper tem o rosto redondo como uma bola de basquete?

Mais um sim.

— Ele está me seguindo porque acha que voltei atrás em um acordo nosso. Ele não quer falar comigo. Quer me acorrentar no inferno e se livrar de mim.

— É impressão minha ou isso parece ser meio sério?

— Pepper Friberg é um arcanjo, mas ele se meteu com mais coisas do que devia. Está levando uma vida dupla, passa metade do tempo como arcanjo e na outra faz um extra

como humano. Até agora, tem vivido o melhor dos dois mundos. Tem o poder de um arcanjo, que nem sempre usa para o bem, enquanto desfruta dos vícios humanos.

Então Pepper era um arcanjo. Não era de espantar que eu não tivesse conseguido identificá-lo. Eu não tinha tido muito experiência em lidar com arcanjos.

— Alguém descobriu seu jogo desonesto, e dizem que ele está sendo chantageado. Se Pepper não pagar logo, seu tempo de férias na Terra vai se tornar permanente. Os arcanjos vão tirar seu poder e arrancar suas asas se descobrirem o que ele tem feito. Ele vai ficar preso aqui para sempre.

As peças se juntaram.

— Ele acha que é *você* chantageando-o.

— Um tempo atrás, descobri o que ele andava fazendo. Concordei em manter segredo e, em troca, ele concordou em me ajudar a colocar as mãos em uma cópia do *Livro de Enoque*. Ele não cumpriu a promessa, e parece lógico que pense que eu queira dar o troco. Mas acho que ele deve ter sido descuidado e existe outro anjo caído por aí querendo tirar vantagem de suas transgressões.

— Você disse isso a Pepper?

Patch sorriu.

— Estou cuidando disso. Ele não anda muito falante.

— Ele disse que vai atear fogo em todo o Delphic, se for preciso, para forçá-lo a sair de lá.

Eu sabia que os arcanjos não ousavam colocar os pés no parque de diversões Delphic, temendo por sua segurança em um lugar que fora construído por anjos caídos e onde vários deles moravam, então a ameaça fazia sentido.

— Ele está com a corda no pescoço, desesperado. Melhor ficar na moita.

— Ficar na moita?

— Procurar não chamar a atenção. Passar despercebido.

Eu me apoiei em um cotovelo e encarei Patch.

— E como me encaixo nisso?

— Ele acha que você é o bilhete de entrada para me encontrar. Vai grudar em você como chiclete. Ele estacionou no fim da rua e está lá parado enquanto conversamos, de olhos atentos em meu carro. — Patch passou o polegar pela minha bochecha. — Ele é bom, mas não o bastante para me impedir de passar bons momentos com minha namorada.

— Prometa para mim que você sempre vai estar dois passos à frente.

Pensar que Pepper podia pegar Patch e colocá-lo no primeiro trem para o inferno fazia eu me sentir nada bem.

Patch prendeu um dedo no meu decote e me puxou para um beijo.

— Não se preocupe, Anjo. Faz tempo que eu sei brincar de esconde-esconde.



Quando acordei, a cama estava fria ao meu lado. Sorri quando lembrei ter adormecido aninhada nos braços de Patch, e procurei me concentrar nisso em vez de pensar na probabilidade de que Pepper Friberg, também conhecido como Sr. Arcanjo com um Segredo Sujo, tivesse ficado do lado de fora da minha casa a noite toda, bancando o espião.

Lembrei-me, então, de um ano antes, no final do meu segundo ano. Na época, eu sequer tinha beijado um garoto. Nunca poderia imaginar o que estava para acontecer. Patch significava mais para mim do que eu conseguia exprimir em palavras. Seu amor e fé em mim atenuaram as decisões difíceis que fora forçada a tomar recentemente. Sempre que a dúvida e a tristeza invadiam minha mente, tudo o que precisava fazer era pensar nele. Não sabia se tinha feito a melhor escolha todas as vezes, mas de uma coisa eu não tinha dúvida: tinha acertado com relação a Patch. Não podia desistir dele. Nunca.

Ao meio-dia, Vee ligou:

— Que tal nós sairmos para correr? Comprei tênis novos e preciso amaciar esses carinhas.

— Vee, meus pés estão cheios de bolhas por ter dançado ontem à noite. E espere aí. Desde quando você gosta de correr?

— Não é segredo que estou pesando uns quilinhos a mais — disse ela. — Tenho ossos largos, mas isso não é desculpa para deixar uma gordurinha me deter. Tem esse cara aí chamado Scott Parnell, e perder alguns quilinhos extras vai permitir a reunir coragem para ir atrás dele, então é o que vou fazer. Quero que Scott olhe para mim do jeito que Patch olha para você. Antes eu não levava a sério essa coisa de dieta e exercício, mas estou virando uma página. A partir de hoje, adoro exercício. É meu novo melhor amigo.

— Ah, e quanto a mim?

— Assim que eu perder peso, você vai ser a minha favorita de novo. Pego você em vinte minutos. Não se esqueça de prender o cabelo com uma faixa. Ele fica assustador quando está úmido.

Desliguei o telefone, vesti uma blusinha, depois coloquei um moletom e calcei os tênis. Vee me buscou bem na hora. E logo ficou claro que não estávamos indo para a pista de corridas da escola. Ela dirigia seu Neon roxo pela cidade, na direção oposta à da escola, cantarolando para si mesma.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— Acho que devíamos subir morros. Faz bem para os glúteos.

Ela virou o Neon para a Deacon Road, e uma luz se acendeu em minha mente.

— Espere aí. Scott mora na Deacon Road.

— Pensando bem, não é que ele mora mesmo?

— Vamos correr perto da casa de Scott? Isso não faz parecer... sei lá... que você está

seguindo o cara?

— Essa não é uma forma nada legal de ver as coisas, Nora. Por que não pensar nisso como uma motivação? De olho no prêmio.

— E se ele nos vir?

— Você é amiga de Scott. Se ele nos vir, provavelmente vai sair e vir falar com a gente. E seria indelicado não parar e lhe dar alguns minutos do nosso tempo.

— Em outras palavras, não se trata de correr. E sim de ficar com um cara.

Vee balançou a cabeça.

— Você não está nem um pouco divertida.

Ela seguiu pela Deacon, um trecho sinuoso de estrada panorâmica margeado dos dois lados por frondosos pinheiros que, em algumas semanas, estariam cobertos de neve.

Scott morava com a mãe, Lynn Parnell, em um condomínio que vimos ao dobrar a próxima curva. No verão, Scott se mudou e ficou escondido. Abandonara o exército nefilim de Hank Millar, e Hank o procurou incansavelmente, esperando fazer de Scott um exemplo. Depois que matei Hank, Scott ficou livre para voltar para casa.

Um muro protegia a propriedade e, apesar de eu saber que o objetivo era ter privacidade, isso conferia ao lugar um ar de prisão. Vee seguiu para a entrada, e tive um flashback da vez em que ela me ajudou a bisbilhotar o quarto de Scott. Isso na época em que eu achava que ele era um imbecil que não valia nada. Nossa, como as coisas tinham mudado. Estacionamos perto das quadras de tênis. Já não havia mais redes fazia tempo, e alguém tinha decorado o gramado com pixações.

Saímos e alongamos durante alguns minutos.

— Não me sinto segura de deixar o Neon abandonado por muito tempo nesta vizinhança. Talvez devêssemos dar voltas ao redor do condomínio. Desse jeito posso ficar de olho no meu carrinho.

— Aham. Assim Scott também tem mais chance de ver a gente.

Vee usava casaco de lã cor-de-rosa e calça de moletom da mesma cor com a palavra diva estampada em letras douradas no bumbum. Estava toda maquiada, com brincos de diamante e um anel de rubi, e usando o perfume Pure Poison, da Dior. Só um dia comum de corrida.

Aceleramos o passo e começamos uma corrida leve pela pista suja que dava a volta no condomínio. O sol brilhava e, depois de três voltas, tirei meu casaco e o amarrei na cintura. Vee foi direto para um banco de parque desgastado e se sentou, recuperando o fôlego.

— Devem ter sido uns oito quilômetros — disse ela.

Dei uma olhada na pista. Claro... acho que seis quilômetros e meio, no máximo.

— Talvez pudéssemos espiar na janela de Scott — sugeriu Vee. — É domingo. Ele pode ter dormido um pouco mais e precisar de um amigo para acordá-lo.

— Scott mora no terceiro andar. A menos que você tenha uma escada de 12 metros escondida na mala do Neon, dar uma espiada pela janela provavelmente está fora de

questão.

— Podíamos tentar algo mais direto. Como bater na porta dele.

Naquele instante, um Plymouth Barracuda laranja, dos anos 1970, entrou roncando no estacionamento. Parou embaixo da cobertura para carros, e Scott saiu do veículo. Como a maioria dos nefilins homens, Scott tinha o corpo de alguém bastante familiarizado com uma sala de musculação. Ele também é singularmente alto, com quase dois metros de altura. Usa cabelo curto como o de um presidiário, e é bonito — de um jeito mais duro e sofrido. Estava usando short de malha de jogar basquete e camiseta com as mangas cortadas.

Vee se abanou.

— Minha nossa.

Levantei a mão, pensando em chamar Scott e atrair a atenção dele, quando a porta de passageiros do Barracuda se abriu e Dante saltou.

— Dá uma olhada — disse Vee. — É o Dante. Faça as contas. Dois deles, duas de nós. Eu sabia que ia gostar de correr.

— Estou com uma vontade súbita de continuar correndo — murmurei.

E não parar até estar bem longe de Dante. Não estava no clima para continuar a conversa da noite anterior. Também não estava com saco de ter Vee bancando o cupido. Ela era irritantemente boa nisso.

— Tarde demais. Já nos viram.

Vee sacudia o braço acima da cabeça como uma hélice de helicóptero.

De fato, Scott e Dante estavam encostados no Barracuda, balançando a cabeça e sorrindo para nós.

— Está me perseguindo, Grey? — gritou Scott.

— Ele é todo seu — disse eu a Vee. — Vou continuar correndo.

— E Dante? Ele vai ficar segurando vela — brincou ela.

— Vai ser bom para ele, confie em mim.

— Onde é o incêndio, Grey? — berrou Scott e, para meu desânimo, ele e Dante começaram a correr em minha direção.

— Estou treinando — disparei. — Pensei... em fazer teste para a equipe de corrida.

— Eles não começam a treinar antes da primavera — lembrou-me Vee.

Que diabos.

— Oh-oh, meu batimento cardíaco está desacelerando — gritei para Scott.

E, com isso, saí correndo na direção contrária.

Ouvi Scott na pista atrás de mim. Um minuto depois, ele agarrou a alça da minha camiseta, puxando-a de brincadeira.

— Quer me dizer o que está acontecendo?

Virei para encará-lo.

— O que parece?

— Parece que você e Vee usaram a desculpa da corrida para vir me ver.

Dei um tapinha de parabéns no ombro dele.

— Bom trabalho, gênio.

— Então por que você está se afastando? E por que Vee está parecendo uma fábrica de perfume?

Fiquei quieta, até que ele entendesse.

— Ah — disse Scott, finalmente.

Estendi as mãos.

— Meu trabalho aqui está feito.

— Não leve isso a mal, mas não sei se estou pronto para passar um dia inteiro com Vee. Ela é muito... intensa.

Antes que eu pudesse lhe dar o sábio conselho "É melhor fingir até conseguir", Dante parou ao meu lado.

— Posso conversar com você? — pediu.

— Ah, não — falei baixinho.

— Bom, essa é a minha deixa — disse Scott, e, para minha tristeza, saiu correndo e me deixou sozinha com Dante.

— Você consegue correr e conversar ao mesmo tempo? — perguntei a Dante, pensando que eu preferia não ter que olhar nos olhos dele enquanto falava de novo sobre nosso namoro de mentira. E também assim deixava bem clara a minha disposição para aquela conversa.

Como resposta, Dante acelerou o passo, correndo ao meu lado.

— Fico feliz em ver você correndo — disse ele.

— E por quê? — disse arfando e afastei do rosto suado alguns fios de cabelo. — Você fica feliz em me ver assim, neste estado deplorável?

— Sim, e também por ser um bom treino para o que planejei para você.

— Você planejou algo para mim? Por que tenho a sensação de que não quero ouvir mais?

— Você pode ser nefilim agora, Nora, mas está em desvantagem. Ao contrário dos nefilins naturalmente concebidos, você não tem a vantagem de ser alta e nem é tão poderosa fisicamente.

— Sou bem mais forte do que você pensa — argumentei.

— Mais forte do que você *era*. Mas não tão forte quanto outra nefilim. Você tem o mesmo corpo de quando era humana e, embora na época ele fosse adequado, não é o bastante para competir agora. Seu biotipo é muito frágil. Comparada a mim, você é incrivelmente pequena. E seu tônus muscular é ridículo.

— Obrigada pelo elogio.

— Eu poderia lhe dizer o que acho que você quer ouvir, em vez do que precisa ouvir, mas estaria sendo seu amigo se fizesse isso?

— Por que você acha que tem que me dizer essas coisas?

— Você não está preparada para lutar. Não tem a menor chance contra um anjo caído. Simples como um e um são dois.

— Estou confusa. Por que preciso lutar? Acho que ontem deixei bem claro, várias vezes, que não haverá guerra. Vou liderar os nefilins para a paz.

E manter os arcanjos longe de mim. Patch e eu tínhamos chegado à conclusão de que nefilins enfurecidos ainda eram inimigos melhores do que os todo-poderosos arcanjos. Estava claro que Dante queria entrar em guerra, mas nós discordávamos. E como líder do exército nefilim, a decisão final era minha. Eu sentia que Dante estava tentando questionar minha liderança e eu não gostava nada disso.

Ele parou e segurou meu pulso, para olhar diretamente para mim.

— Você não pode controlar tudo que acontece de agora em diante — disse ele baixinho, e senti um calafrio de mau presságio como se tivesse engolido um cubo de gelo. — Sei que acha que não gosto de você, mas prometi a Hank que cuidaria de você. Vou lhe dizer uma coisa. Se entrarmos mesmo em guerra, ou até se acontecer algum levante, você não vai se sair bem. Não em seu estado atual. Se acontecer alguma coisa que a deixe incapaz de liderar o exército, terá quebrado o juramento, e você sabe o que isso significa.

Ah, eu sabia o que isso significava, claro. Cavar minha própria cova. E levar minha mãe junto.

— Quero lhe ensinar habilidades suficientes para que consiga se virar, por precaução — disse Dante. — É só o que estou sugerindo.

Engoli em seco.

— Você acha que se treinarmos juntos posso ficar forte o suficiente para cuidar de mim mesma?

Contra anjos caídos, com certeza. Mas e quanto aos arcanjos? Eu tinha prometido deter a rebelião. Treinar para uma batalha não estava exatamente alinhado com esse objetivo.

— Acho que vale a pena tentar.

A ideia de uma guerra dava um nó em meu estômago, mas eu não queria demonstrar medo para Dante. Ele já achava que eu não podia me cuidar sozinha.

— Então o que vai ser? Você é meu falso namorado ou personal trainer?

O canto de sua boca se repuxou.

— As duas coisas.

CAPÍTULO 3

QUANDO Vee me deixou em casa depois da corrida, havia duas ligações perdidas em meu celular. A primeira era de Marcie Millar, minha às vezes arqui-inimiga e, como quis o destino, meia-irmã de sangue, mas não de coração. Eu passei os últimos 17 anos sem ter a menor ideia de que compartilhava meu DNA com a garota que roubara meu achocolatado no início do ensino fundamental e colara absorventes no meu armário da escola alguns anos depois. Marcie descobriu a verdade primeiro e jogou isso na minha cara. Tínhamos um acordo tácito de evitar falar de nosso parentesco em público, e, na maior parte do tempo, essa descoberta não havia mudado em nada as coisas. Marcie ainda era uma cabeça de vento anoréxica e mimada, e eu ainda passava boa parte do meu tempo tomando cuidado, pensando qual seria a próxima humilhação pela qual ela me faria passar.

Marcie não tinha deixado mensagem, e eu não podia adivinhar o que ela queria comigo, então dei uma olhada na ligação seguinte. Número desconhecido. O correio de voz tinha gravado uma respiração controlada, baixa e masculina, mas nenhuma palavra. Talvez Dante, ou Patch. Ou, quem sabe, Pepper Friberg. Meu número estava na lista telefônica, e com um pouco de espírito investigativo Pepper poderia tê-lo conseguido. Isso não era nada reconfortante.

Peguei meu cofre de porquinho embaixo da cama, tirei a tampa de borracha, sacudi para o dinheiro cair e havia 75 dólares. Dante ia me buscar às cinco da manhã no dia seguinte para treinar corrida e levantamento de peso. E ele tinha comentado, depois de um olhar de desgosto para meus tênis: "Esses aí não vão aguentar nem um dia de treinamento." Então ali estava eu pegando minha mesada para comprar um par de tênis.

Não achava que o perigo de uma guerra era tão sério quanto Dante fazia parecer, principalmente porque Patch e eu tínhamos planos de dissuadir os nefilins de se revoltarem, mas o que ele dissera sobre meu tamanho, velocidade e agilidade tinha mexido comigo. Eu *era* menor do que qualquer outro nefilim que conhecia. Diferentemente deles, eu tinha nascido em um corpo humano — peso mediano, tônus muscular mediano, mediana em todos os aspectos —, e foram necessários a transfusão de sangue e o Voto de Conversão para me transformar em uma nefilim. Em teoria, eu era uma deles, mas não na prática. Não queria que a discrepância pintasse um alvo nas minhas costas, mas algo dentro de mim me dizia que isso era possível.

E eu precisava fazer tudo o que fosse necessário para continuar no poder.

"Por que precisamos começar tão cedo?" deveria ter sido minha primeira pergunta para Dante, mas eu achava que sabia a resposta. Os humanos mais rápidos do mundo pareceriam estar passeando sem pressa se corressem ao lado de um nefilim. Em velocidade máxima,

acho que um nefilim em sua melhor forma poderia correr mais de oitenta quilômetros por hora. Se Dante e eu fôssemos vistos a essa velocidade na pista de corrida da escola, isso atrairia muita atenção indesejada. Mas a maioria dos humanos ainda estaria dormindo antes da alvorada de uma segunda-feira, e era a oportunidade perfeita para um treino livre de preocupações.

Enfiei o dinheiro no bolso e desci as escadas.

— Volto daqui a algumas horas! — gritei para minha mãe.

— A carne assada fica pronta às seis, então não se atrase — respondeu ela da cozinha.

Vinte minutos depois eu entrava na Loja Esportiva do Pete e seguia para o departamento de calçados. Experimentei alguns pares de tênis esportivos e escolhi um da liquidação. Dante podia ocupar minha manhã de segunda — um dia sem aula em razão de um curso local de treinamento de professores —, mas eu não ia lhe dar também toda a minha mesada.

Paguei os tênis e conferi a hora no celular. Ainda não eram nem quatro da tarde. Por precaução, Patch e eu tínhamos concordado em reduzir ao máximo as ligações que fazíamos em público, então dei uma olhada rápida para os dois lados da calçada e confirmei que estava sozinha. Procurei na bolsa o celular irrastreável que Patch me dera e liguei para ele.

— Tenho algumas horas livres — falei, andando em direção ao meu carro, que estava estacionado no quarteirão seguinte. — Tem um galpão bem escondido e isolado no parque Lookout Hill, atrás do carrossel. Posso chegar lá em 15 minutos.

Percebi o sorriso na voz dele.

— Você está louca por mim.

— Preciso de uma dose de endorfina.

— E para isso você tem que dar uns amassos em um galpão abandonado?

— Não, isso provavelmente vai me fazer entrar em coma de endorfina, mas estou mais do que disposta a testar a teoria. Estou saindo da Loja do Pete agora. Se os sinais de trânsito ajudarem, posso até chegar em dez...

Não consegui terminar a frase. Minha cabeça foi coberta por um saco de pano e alguém me agarrou com força por trás. Com o susto, deixei o celular cair. Gritei e tentei libertar meus braços, mas as mãos que me empurravam para a rua eram muito fortes. Ouvi o ronco de um veículo grande se aproximar e logo depois parar perto de mim com um som estridente.

Uma porta se abriu e fui jogada lá dentro.



Na van, um aromatizador de limão disfarçava um odor forte de suor. O aquecedor estava ligado no máximo, a parte dianteira soprando um ar quente que me fazia suar. Talvez essa

fosse a intenção.

— O que está acontecendo? O que você quer? — perguntei, furiosa.

Eu ainda não entendia a real gravidade do que estava acontecendo, e estava mais indignada do que assustada. Ninguém respondeu, mas ouvi a respiração constante de dois indivíduos perto de mim. Somando o motorista, isso queria dizer que eram três deles. Contra apenas uma de mim.

Meus braços tinham sido torcidos para trás e presos com o que parecia ser uma corrente de reboque. Outra parecida e resistente prendia meus tornozelos. Eu estava deitada de barriga para baixo, o saco ainda cobrindo minha cabeça, meu nariz contra o chão espaçoso da van. Tentei me virar de lado, mas achei que fosse destroncar o ombro. Gritei de frustração e acabei levando um chute na coxa.

— Fique quieta — resmungou uma voz masculina.

Seguimos no carro por bastante tempo. Uns 45 minutos, talvez. Tive milhares de pensamentos e era difícil ter alguma certeza. Será que eu conseguiria escapar? Como? E correr mais depressa do que eles? Não. Ser mais esperta do que eles? Talvez. E quanto a Patch? Ele descobriria que tinham me pegado. Rastrearia meu celular até a rua perto da Loja do Pete, mas como saberia para onde ir depois?

No início a van parou várias vezes em sinais de trânsito, mas em algum ponto a estrada ficou livre. A van seguiu para o alto, subindo o caminho em zigue-zagues, o que me fez achar que estávamos indo para a região distante e montanhosa longe da cidade. O suor escorria embaixo da minha blusa, e eu não consegui inspirar fundo uma única vez. Minha respiração era curta, o pânico comprimindo meu peito.

Ouvia o barulho dos pneus passando pelo cascalho, subindo com firmeza, até que finalmente o motor desligou. Meus sequestradores soltaram meus pés, me arrastaram para fora, depois passamos por uma porta e, enfim, eles arrancaram o saco de minha cabeça.

Eu estava certa: eram três. Dois homens, uma mulher. Tinham me levado para uma cabana de madeira, e lá prenderam meus braços a um pilar decorado que ia do andar principal até as vigas do telhado. Não havia luz, mas também podia ser que a energia estivesse desligada. Havia poucos móveis, todos cobertos por lençóis brancos. Estava no máximo uns dois graus mais quente do que do lado de fora, o que me dizia que a calefação não estava ligada. O dono da cabana, quem quer que fosse, a fechara para o inverno.

— Nem se dê o trabalho de gritar — disse o mais corpulento deles. — Não há uma alma viva no raio de quilômetros.

Ele se escondia atrás de um chapéu de cowboy e óculos escuros, mas sua precaução era desnecessária, eu tinha certeza de que nunca o vira. Meu sexto sentido aguçado identificou os três como nefilins. Mas o que queriam de mim... eu não fazia ideia.

Fiz força contra as correntes, mas em vez de produzirem um fraco rangido elas sequer se moveram.

— Se você fosse uma nefilim *de verdade*, conseguiria quebrar essas correntes — rosnou o nefilim com chapéu de cowboy. Ele parecia ser o porta-voz dos outros dois, que ficavam mais para trás, limitando sua comunicação a olhares fuziladores de desprezo.

— O que vocês querem? — perguntei, friamente.

A boca do Chapéu de Cowboy se curvou em deboche.

— Queria saber como uma princesinha como você pode achar que consegue liderar uma revolução nefilim.

Encarei seu olhar de ódio, querendo poder jogar a verdade na cara dele. Não haveria revolução nenhuma. Quando o Cheshvan começasse em menos de dois dias, ele e seus amigos seriam *possuídos* por anjos caídos. Hank Millar tinha ficado com a parte fácil: encher a cabeça deles com ideias de rebelião e liberdade. E tinha sobrado para mim operar de fato o milagre.

E eu não ia fazer isso.

— Andei investigando sua vida — disse o Chapéu de Cowboy, caminhando de um lado para o outro na minha frente. — Perguntei por aí e descobri que você está namorando Patch Cipriano, um anjo caído. Como anda esse relacionamento?

Engoli discretamente.

— Não sei com quem você andou falando. — Sabia do perigo que estava correndo se descobrissem que namorava Patch. Eu vinha tomando cuidado, mas parecia que não o bastante. — Eu terminei com Patch — menti. — O que quer que tenha acontecido entre a gente, ficou no passado. Sei bem a quem sou leal. Assim que me tornei uma nefilim...

Ele colocou o rosto bem perto do meu.

— Você não é uma nefilim! — Seus olhos me avaliaram com desprezo. — Olhe só para você. É patética. Não tem o direito de chamar a si mesma de nefilim. Quando olho para você, vejo uma humana. Vejo uma garota fraca e chorona que foi colocada em um posto.

— Está com raiva porque não sou fisicamente forte como você — afirmei tranquilamente.

— Quem falou alguma coisa sobre força? Você não tem orgulho. Não tem nenhum senso de lealdade. Eu respeitava o Mão Negra como líder porque ele conquistou esse respeito. Ele teve uma visão. Agiu. Ele pode ter escolhido você como sucessora, mas isso não significa nada para mim. Você quer meu respeito? Faça por merecer. — Ele estalou os dedos de maneira selvagem na minha frente. — *Conquiste* isso, princesa.

Conquistar o respeito dele? Para poder ser como Hank? Hank era trapaceiro e mentiroso. Tinha prometido o impossível para seu povo com palavras doces e bajulação. Tinha usado e enganado minha mãe e me transformado em um peão dos seus planos. Quanto mais eu pensava na situação em que ele havia me colocado, esperando que eu pusesse em prática sua visão ensandecida, mais furiosa eu ficava.

Olhei friamente nos olhos do Chapéu de Cowboy... Então ergui o pé e chutei com toda a força que eu tinha, acertando-o em cheio no peito. Ele foi jogado na parede e desabou no

chão.

Os outros dois avançaram, mas a raiva tinha me inflamado por dentro. Um poder estranho e violento tomou conta de mim. Forcei as correntes e ouvi o ranger do metal quando os elos se partiram. As correntes caíram no chão, e não perdi tempo para investir para cima deles. Dei um soco nas costelas do nefilim mais próximo, depois girei o corpo e acertei a mulher com um chute. Meus pés acertaram-na na coxa, e fiquei espantada com a sólida massa muscular que atingi. Nunca eu tinha encontrado uma mulher com tanta força e resistência.

Dante estava certo; eu não sabia lutar. Um pouco tarde demais, percebi que devia ter continuado atacando-os impiedosamente enquanto estavam caídos. Mas tinha ficado muito surpresa com o que acabara de acontecer para conseguir fazer mais do que me colocar em uma posição defensiva, esperando para ver qual seria a reação deles.

Chapéu de Cowboy partiu para o ataque, atirando-me no pilar. Todo o ar saiu dos meus pulmões com o impacto, e me curvei tentando, sem sucesso, recuperar o fôlego.

— Ainda não acabei com você, princesa. Isso foi só um aviso. Se eu descobrir que você ainda anda por aí na companhia de anjos caídos, a coisa vai ficar feia. — Ele me deu um tapinha no rosto. — Aproveite esse tempo para pensar melhor a respeito de sua lealdade. Na próxima vez em que nos encontrarmos, para seu bem, espero que isso tenha mudado.

Ele fez um sinal para os outros com um movimento do queixo, e então saíram.

Busquei o ar, levando ainda alguns minutos para me recuperar, depois cambaleei até a porta. Eles já tinham ido embora. A poeira da estrada pairava no ar, e o crepúsculo se estendia no horizonte, algumas estrelas brilhando no céu como pequenos cacos de vidro.

CAPÍTULO 4

EU estava na pequena varanda da cabana me perguntando como acharia o caminho de volta para casa quando o som de um motor roncou no longo caminho de cascalho à frente. Eu me preparei para a volta do Chapéu de Cowboy e seus amigos, mas foi uma moto Harley Sportster que se aproximou com um único passageiro.

Patch.

Ele desceu e chegou até mim em três passadas rápidas.

— Você está ferida? — perguntou ele, segurando meu rosto e me examinando com cuidado à procura de algum ferimento. Uma mistura de alívio, preocupação e raiva inflamou os olhos dele. — Onde eles estão? — indagou, com o tom mais duro que eu já tinha ouvido.

— Eram três, todos nefilins — falei, minha voz ainda trêmula por causa do medo e do golpe que me fez perder o ar. — Saíram faz uns cinco minutos. Como você me achou?

— Ativei seu rastreador.

— Você colocou um rastreador em mim?

— Está costurado no bolso da sua jaqueta jeans. O Cheshvan começa com a lua nova de terça, e você é uma nefilim que não fez o juramento. Também é a filha do Mão Negra. Sua cabeça está a prêmio, e isso a torna praticamente irresistível para quase todo anjo caído por aí. Você não vai jurar lealdade, Anjo, fim de história. E se isso significa que vou ter que invadir sua privacidade, lamento.

— Lamento? Como é que é?

Eu não sabia se o abraçava ou o empurrava para longe.

Patch ignorou minha indignação.

— Conte para mim tudo o que puder a respeito deles. Descrições físicas. Marca e modelo do carro, qualquer coisa que puder me ajudar a localizá-los. — Os olhos dele faiscavam com desejo de vingança. — E fazê-los pagar.

— Você também grampeou meu telefone? — quis saber, ainda indignada por Patch ter invadido minha privacidade sem me falar nada.

Ele não hesitou.

— Sim.

— Em outras palavras, não tenho segredos.

A expressão de Patch se suavizou e parecia que, se o clima não estivesse tão tenso, ele poderia ter pensado em rir.

— Ainda existem algumas coisas que você tem conseguido esconder de mim, Anjo.

O.k., caí nessa direitinho.

— O líder do grupo se escondia atrás de óculos escuros e chapéu de cowboy, mas tenho certeza de que nunca o vi antes. Os outros dois, um homem e uma mulher, usavam roupas comuns.

— O carro?

— Eu estava com um saco na cabeça, mas estou certa de que era uma van. Dois se sentaram atrás comigo, e a porta fez um barulho como se corresse para os lados quando me fizeram sair.

— Mais alguma coisa importante?

Contei a Patch que o líder tinha ameaçado revelar nosso relacionamento secreto.

— Se alguém descobrir que estamos juntos, as coisas podem ficar feias depressa. — Ele juntou as sobrancelhas, e seus olhos se escureceram de dúvida. — Você tem certeza de que quer continuar tentando namorar em segredo? Não quero perder você, mas prefiro fazer isso do nosso jeito do que do deles.

Coloquei minha mão na dele, notando como sua pele parecia fria. Ele também estava quase imóvel, como se estivesse se preparando para o pior.

— Ou estou nisso com você, ou estou fora — disse a ele, e estava sendo absolutamente sincera.

Tinha perdido Patch uma vez, e, sem querer ser melodramática, preferia a morte. Patch estava na minha vida por um motivo. Eu precisava dele. Éramos duas metades de um todo.

Patch me abraçou, envolvendo-me com certa ferocidade possessiva.

— Sei que não vai gostar disso, mas talvez devêssemos pensar em encenar uma briga em público para mandar uma mensagem clara de que nosso namoro acabou. Se esses caras estiverem falando a sério sobre procurar segredos, não podemos controlar o que eles vão achar. Isso está começando a parecer uma caça às bruxas e pode ser melhor se fizermos a primeira jogada.

— Encenar uma briga? — repeti, o medo percorrendo meu corpo como um arrepio gelado.

— Nós saberíamos a verdade — murmurou Patch em meu ouvido, passando as mãos rapidamente pelos meus braços para aquecê-los. — Não vou perder você.

— Quem mais saberia a verdade? Vee? Minha mãe?

— Quanto menos elas souberem, mais seguras estarão.

Suspirei, em conflito.

— Já estou cansada de mentir para Vee. Acho que não consigo mais fazer isso. Fico me sentindo culpada sempre que estou perto dela. Quero abrir o jogo. Principalmente quando se trata de algo tão importante quanto nós dois.

— Você é que sabe — disse Patch em tom gentil. — Mas eles não vão machucá-la se acharem que ela não tem nada a dizer.

Sabia que ele estava certo. O que não me deixava muita escolha, não é mesmo? Quem eu era para colocar minha melhor amiga em perigo só para deixar minha consciência

tranquila?

— Provavelmente não vamos conseguir enganar Dante. Você trabalha muito perto dele — disse Patch. — E pode até ser melhor se ele souber. Ele pode confirmar sua história quando conversar com nefilins influentes. — Patch tirou a jaqueta de couro e cobriu meus ombros. — Deixe-me levá-la para casa.

— Podemos passar na Loja do Pete antes? Preciso pegar meu celular e aquele irrastreável que você me deu. Deixei cair um durante o ataque, e o outro ficou para trás, na minha bolsa. Se tivermos sorte, meus tênis novos ainda podem estar na calçada também.

Patch me beijou na cabeça.

— Os dois telefones precisam ser desligados. Ficaram longe de você e, se presumirmos o pior, seus sequestradores nefilins colocaram rastreadores próprios ou aparelhos de escuta neles. É melhor comprarmos aparelhos novos.

Uma coisa era certa: se antes eu estava desmotivada a treinar com Dante, isso tinha mudado. Precisava aprender a lutar, e rápido. Entre evitar Pepper Friberg e me aconselhar sobre meu novo papel como líder nefilim, Patch já tinha muito com o que se preocupar sem ter que vir correndo toda vez que eu estava em apuros. Sentia-me imensamente grata pela proteção dele, mas já era hora de aprender a me virar sozinha.



Já tinha escurecido quando cheguei em casa. Entrei e minha mãe veio correndo da cozinha, parecendo preocupada e irritada.

— Nora! Onde você estava? Liguei, mas caiu várias vezes na caixa postal.

Quase dei um tapa na testa. Jantar. Às seis. Eu tinha esquecido completamente.

— Sinto muito mesmo — falei. — Esqueci meu telefone em uma das lojas. Quando percebi que o havia perdido, já era quase hora do jantar, e tive de refazer o caminho pela cidade. Não encontrei o celular, então não só estou sem telefone, mas também não apareci para jantar. Sinto *muito*. Eu não tinha como ligar.

Odiava ter que mentir para ela de novo. Já tinha feito isso tantas vezes que parecia que uma a mais não machucaria, mas doeu. Aquilo fazia com que eu me sentisse cada vez menos filha dela e cada vez mais filha de Hank. Meu pai biológico era um notório e incomparável mentiroso. E eu não estava muito em posição de criticá-lo.

— Você não podia ter encontrado um jeito de me ligar? — indagou ela, que nem por um minuto pareceu acreditar na minha história.

— Não vai acontecer de novo. Prometo.

— Você não estava com Patch, não é?

Não deixei de notar a ênfase cínica no nome dele. Minha mãe tinha por Patch a mesma afeição que nutria pelos guaxinins que causavam estragos em nossa propriedade. Não duvidava que ela fantasiasse ficar de pé na varanda, com um rifle apoiado no ombro, esperando que ele aparecesse.

Respirei fundo, jurando que aquela seria a última mentira. Se Patch e eu iríamos mesmo levar adiante a briga encenada, era melhor começar a plantar as sementes agora. Disse a mim mesma que se conseguisse convencer minha mãe e Vee, todo o restante seria moleza.

— Não estava com Patch, mãe. Nós terminamos.

Ela ergueu as sobrancelhas, não parecendo convencida.

— Simplesmente acabou, e não, não quero falar disso.

Segui para a escada.

— Nora...

Virei-me e havia lágrimas em meus olhos. Foram inesperadas e não faziam parte da cena. Só me lembrei da última vez em que Patch e eu tínhamos terminado de verdade e uma sensação esmagadora me sufocou, deixando-me sem ar. A lembrança sempre me assombraria. Patch tinha levado a melhor parte de mim com ele, deixando para trás uma garota perdida e vazia. Não queria ser aquela garota de novo. Nunca.

A fisionomia de minha mãe se suavizou. Ela foi ao meu encontro na escada, esfregou carinhosamente minhas costas e sussurrou no meu ouvido:

— Amo você. Se mudar de ideia e quiser conversar...

Fiz que sim e fui para o meu quarto.

Isso, disse a mim mesma, tentando soar otimista. *Uma já foi, agora falta a outra.* Eu não estava exatamente mentindo para minha mãe e Vee sobre o rompimento, só estava fazendo o que precisava para mantê-las seguras. Honestidade era a melhor política, na maioria do tempo. Porém, às vezes a segurança supera tudo, não é mesmo? Parecia um argumento válido, mas senti meu estômago queimar só de pensar nisso.

Outra coisa estava me deixando preocupada. Por quanto tempo Patch e eu poderíamos viver uma mentira... sem deixar que ela se tornasse verdade?



E, mais rápido do que eu esperava, já eram cinco horas da manhã de segunda. Bati no relógio para desligar o alarme. Então rolei para o lado e pensei: *Só mais dois minutos.* Fechei os olhos, deixei minha mente vagar, vi um novo sonho começar a tomar forma... e a próxima lembrança foi de um monte de roupas caindo em meu rosto.

— Hora de acordar — disse Dante, parado perto da minha cama, no escuro.

— O que você está fazendo aqui? — gritei, ainda grogue de sono, agarrando meu cobertor e puxando-o para cima.

— Fazendo o que qualquer personal trainer decente faria. Levante logo seu traseiro daí e vista-se. Se não estiver lá na entrada em três minutos, vou voltar com um balde de água fria.

— Como você entrou?

— Você deixou a janela destrancada. Acho melhor não fazer mais isso. É difícil controlar o que pode entrar quando se deixa o acesso livre para todo mundo.

Ele caminhou até a porta enquanto eu me arrastava para fora da cama.

— Está maluco? Não saia pelo corredor! Minha mãe pode ouvi-lo. Um cara que parece estar saindo de fininho do meu quarto? Vou ficar de castigo pelo resto da vida!

Ele parecia estar achando graça.

— Só para constar, eu não sentiria vergonha.

Fiquei parada uns dez segundos depois que ele saiu, pensando se deveria ler nas entrelinhas o que ele queria dizer. É claro que não. A frase dele podia ter parecido uma cantada, mas não era. Fim da história.

Coloquei uma calça preta de ginástica e uma camisa de microfibra, e prendi meu cabelo em um rabo de cavalo. Pelo menos estaria bonita quando Dante me matasse de tanto exercício.

Exatos três minutos mais tarde, eu o encontrei na calçada. Dei uma olhada em volta, sentindo falta de algo importante.

— Onde está seu carro?

Dante me deu um soquinho de leve no ombro.

— Está com preguiça? Tsc, tsc. Achei que poderíamos nos aquecer com uma corridinha rápida de 15 quilômetros. — Ele apontou para a área arborizada do outro lado da rua. Quando crianças, Vee e eu costumávamos explorar o bosque e até construímos um forte durante um verão, mas nunca tinha parado para pensar qual era a sua extensão. Aparentemente, no mínimo 15 quilômetros. — Pode ir na frente.

Hesitei. A ideia de sair correndo pela mata com Dante me deixava pouco à vontade. Ele tinha sido um dos principais homens de Hank — razão suficiente para que eu não gostasse de Dante, nem confiasse nele. Pensando bem agora, eu nunca deveria ter concordado em treinar sozinha com ele, principalmente se nossa área de treinamento fosse afastada.

— Depois do treino, nós devíamos examinar o feedback que estou recebendo de vários grupos de nefilins sobre moral, expectativas e você — acrescentou Dante.

Depois do treino. O que significava que ele não pretendia me jogar no fundo de um poço abandonado na próxima hora. Além disso, Dante respondia a mim agora. Tinha jurado lealdade. Não era mais um tenente de Hank, mas meu. Não ousaria me fazer nenhum mal.

Permitindo-me o luxo de um último pensamento feliz, dei de ombros, deixando a fantasia de lado, e me lancei para a entrada do bosque. Os galhos formavam uma espécie de

dossel, deixando de fora o tênue vestígio de luz que o céu podia oferecer àquela hora. Seguia correndo firme, contando com minha visão aguçada de nefilim para saltar troncos caídos, desviar de galhos baixos e ficar atenta a pontas de pedras enterradas e outros fragmentos camuflados. O terreno era traiçoeiramente irregular e, na velocidade que eu corria, um passo em falso poderia ser desastroso.

— Mais rápido! — berrava Dante atrás de mim. — Tente pisar mais leve no chão. Está parecendo um estouro de rinocerontes. Eu poderia encontrá-la de olhos fechados!

Levei as palavras dele a sério, procurando levantar meus pés logo que tocavam o chão, repetindo esse processo a cada passo, concentrando-me em ser o mais silenciosa e indetectável possível. Dante correu na frente, ultrapassando-me com tranquilidade.

— Tente me pegar — ordenou ele.

Enquanto o perseguia, eu me maravilhava com a força e a agilidade do meu novo corpo nefilim. Ficava espantada em perceber como meu corpo humano era deselegante, lento e descoordenado em comparação àquele. Minha capacidade atlética não estava apenas melhorada, era *superior*.

Eu passava por baixo de galhos, pulava buracos e corria ao redor de rochas como se estivesse em uma pista de obstáculos que houvesse memorizado havia muito tempo. Mas, ainda que eu achasse que estava correndo rápido o bastante para decolar e alçar voo a qualquer instante, continuava atrás de Dante. Ele se movia como um animal, um predador em seu impulso de caçar a próxima refeição. Logo o perdi completamente de vista.

Desacelerei e apurei meus ouvidos. Nada. Um instante depois ele saltou da escuridão à frente.

— Isso foi patético — criticou ele. — De novo.

Passei as duas horas seguintes correndo a toda atrás dele e ouvindo a mesma instrução repetidas vezes. *De novo*. E de novo. Ainda não está bom — tente *de novo*.

Eu estava para dar o treino por encerrado — os músculos da minha perna tremiam de exaustão e meus pulmões ardiam — quando Dante voltou e me deu um tapinha encorajador nas costas.

— Bom trabalho. Amanhã vamos treinar sua força.

— Hã? Levantando pedras? — falei cinicamente, ainda arfando e bufando.

— Arrancando árvores.

Eu o encarei.

— Derrubando-as — explicou ele animadamente. — Durma bem, você vai precisar.

— Ei! — chamei-o. — Não estamos ainda a quilômetros da minha casa?

— Oito, para ser mais exato. Considere isso seu exercício de relaxamento.

CAPÍTULO 5

DOZE horas depois eu estava toda dolorida devido ao exercício da manhã, me arrastando com cuidado para cima e para baixo da escada, o que parecia causar aos meus músculos um grande sofrimento. Mas qualquer descanso teria de esperar; Vee viria me buscar em dez minutos, e eu ainda estava usando o moletom com o qual passara o dia todo de preguiça.

Patch e eu decidimos encenar nossa briga em público esta noite, assim não restaria nenhuma dúvida sobre nosso namoro: nós tínhamos nos separado e estávamos em lados opostos naquela guerra em formação. Também decidimos fazer nosso teatrinho na Bolsa do Diabo, pois era um lugar muito frequentado por nefilins. Apesar de não sabermos a identidade dos nefilins que me atacaram ou se estariam lá naquela noite, estávamos confiantes de que a notícia da nossa separação se espalharia rápido. E, por fim, Patch descobrira que o barman escalado para trabalhar lá no turno da noite era um nefilim irascível e supremacista. O que Patch assegurou-me ser vital para nosso plano.

Tirei meu moletom e coloquei um vestido grosso de tricô, meia-calça e ankle boots. Prendi meu cabelo em um coque baixo, deixando alguns fios soltos para emoldurar meu rosto. Expirei e olhei para meu reflexo no espelho, forçando um sorriso. De modo geral, eu não parecia tão mal para uma garota prestes a se envolver em uma briga devastadora com o amor da sua vida.

As consequências da briga desta noite só precisam durar algumas semanas, disse a mim mesma. *Só até toda essa confusão do Cheshvan passar.*

Além disso, a briga não era real. Patch me prometeu que descobriríamos um jeito de nos encontrar. Momentos secretos e olhares roubados. Só precisaríamos ser muito cuidadosos.

— Nora! — gritou minha mãe da base da escada. — Vee chegou.

— Deseje-me sorte — murmurei para meu reflexo, então peguei o casaco e o cachecol, e desliguei a luz do quarto.

— Quero você em casa às nove — disse minha mãe quando cheguei à entrada. — Sem exceção. Amanhã você tem aula.

Dei um beijo no rosto dela e saí depressa.

Vee tinha abaixado as janelas do Neon, e no rádio tocava uma música da Rihanna. Sentei no banco do carona.

— Ainda não acredito que sua mãe deixou você sair no meio de uma semana de aula — falei mais alto que a música.

— Ela teve de pegar um avião para Nebrasca ontem à noite. Seu tio Marvin morreu, e estão fazendo a partilha dos bens. Tia Henny está cuidando de mim.

Vee olhou para o lado, tinha um sorriso travesso no rosto.

— Sua tia Henny não estava em uma clínica de reabilitação alguns anos atrás?

— Isso mesmo. Que pena que não deu certo. Ela tem um garrafão de suco de maçã na geladeira, mas é o suco de maçã mais fermentado que já provei.

— E sua mãe acha que ela é responsável o bastante para tomar conta de você?

— Acredito que a chance de conseguir parte da grana do tio Marvin a amoleceu.

Seguimos a toda velocidade pela Hawthorne, cantando as músicas e dançando em nossos assentos. Eu estava nervosa e inquieta, mas achei melhor agir como se nada estivesse fora do normal.

A Bolsa do Diabo não estava muito cheia, tinha um público razoável, mas ainda com algumas mesas vazias. Vee e eu sentamos em um reservado, tiramos os casacos e as bolsas, e pedimos duas Cocas a uma garçonete que passava. Olhei discretamente em volta à procura de Patch, mas ele ainda não tinha chegado. Havia ensaiado minhas falas incontáveis vezes, mas minhas mãos ainda estavam úmidas de suor. Sequei-as na meia-calça, desejando ser uma atriz melhor. Desejando gostar de drama e atenção.

— Você não parece bem — disse Vee.

Ia brincar dizendo que estava enjoada devido a sua falta de habilidade ao volante, quando Vee desviou os olhos e seu rosto azedou.

— Ah, não, que droga. Por favor, me diga que aquela ali não é a Marcie Millar dando em cima do meu gato.

Virei o rosto para o palco. Scott e os outros integrantes da Serpentine estavam passando o som, enquanto Marcie, apoiando os cotovelos graciosamente no palco, conversava com Scott.

— Seu gato? — perguntei a Vee.

— Em breve. Grande diferença.

— Marcie dá em cima de todo mundo. Eu não me preocuparia com isso.

Vee respirou fundo, de um jeito que fez suas narinas inflarem. Marcie, como se pudesse perceber as vibrações negativas que emanavam de Vee, como um vodu, olhou para nós e acenou no melhor estilo concurso de miss.

— Faça alguma coisa — disse Vee. — Tire-a de perto dele. *Agora*.

Levantei-me na hora e fui até Marcie. No caminho, ensaiei um sorriso. Quando cheguei até onde ela estava, tinha quase certeza de que parecia verdadeiro.

— Oi — falei.

— Oi, Nora. Eu estava falando para o Scott como gosto de música *indie*. Ninguém nessa cidade tem ambição. Acho ótimo ele estar tentando fazer sucesso.

Scott piscou para mim. Tive de fechar os olhos brevemente para me impedir de revirá-los.

— Então... — falei, esforçando-me para preencher o vazio da conversa. Tinha ido até ali a pedido de Vee, mas e agora? Não podia simplesmente arrastar Marcie para longe de Scott. E por que tinha de ser *eu* ali bancando o juiz? Isso era um problema de Vee, não meu.

— Podemos conversar? — pediu Marcie, poupando-me de ter de pensar em um plano.

— Claro, tenho algum tempo — respondi. — Por que não vamos para um lugar mais silencioso?

Como se lesse meus pensamentos, Marcie pegou minha mão e me levou para o beco, saindo pela porta dos fundos. Depois de olhar para os dois lados e confirmar que estávamos sozinhas, ela disse:

— Meu pai lhe contou alguma coisa sobre mim? — Ela abaixou ainda mais a voz. — Sobre ser uma nefilim, quer dizer. Tenho me sentido estranha ultimamente. Cansada e com cólicas. Isso é algum tipo de menstruação nefilim esquisita? Porque achei que já tivesse passado dessa fase.

Como eu poderia dizer a Marcie que a união de nefilins puro-sangue, como os pais dela, raramente resultava em uma gestação bem-sucedida e, mesmo quando isso acontecia, seus filhos nasciam fracos e doentes, e que as últimas palavras de Hank para mim incluíram a sombria verdade de que Marcie iria, muito provavelmente, morrer em breve?

Em resumo, não podia.

— Às vezes me sinto cansada e com cólicas também — falei. — Acho que é normal...

— Tá, mas meu pai *falou* alguma coisa? — pressionou ela. — O que esperar, como lidar com isso, esse tipo de coisa?

— Acho que seu pai a amava e ia querer que você continuasse levando sua vida, sem se estressar com toda essa história de nefilim. Ele ia querer que você fosse feliz.

Marcie olhou para mim, incrédula.

— Feliz? Sou uma aberração. Não sou nem humana. E não pense nem por um minuto que esqueci que você também não é. Estamos nisso juntas. — Ela apontou o dedo acusadoramente para mim.

Nossa. Justamente o que eu precisava. Solidariedade... com Marcie Millar.

— O que você realmente quer de mim, Marcie?

— Quero ter certeza de que entendeu que, se sequer pensar em dizer para alguém que eu não sou humana, taco fogo em você. Enterro você viva.

Eu estava começando a ficar sem paciência.

— Em primeiro lugar, se eu quisesse anunciar para o mundo que você é uma nefilim, já teria feito isso. Em segundo, quem iria acreditar? Pense nisso. "Nefilim" não é uma palavra comum no vocabulário da maioria das pessoas que conhecemos.

— Está certo — bufou Marcie, aparentemente satisfeita.

— Já terminamos?

— E se eu precisar falar com alguém? — insistiu ela. — Não posso contar essa história para meu psiquiatra.

— Hum, e sua mãe? — sugeri. — Ela também é uma nefilim, lembra?

— Desde que meu pai desapareceu, ela se recusa a aceitar a verdade sobre ele. Um caso sério de negação. Ela está convencida de que ele vai voltar, que ainda a ama, que vai anular o

divórcio e que nossas vidas voltarão a ser simplesmente maravilhosas.

Podia até ser um caso sério de negação. Mas eu não duvidava nada que Hank fosse capaz de ter confundido a mente da ex-esposa com algum encantamento de alteração de memória tão poderoso que seus efeitos durassem até depois da morte dele. Hank e a vaidade andavam sempre juntos. Ele não iria querer que ninguém falasse mal dele após a morte. E até onde eu sabia, ninguém em Coldwater tinha falado. Era como se uma neblina entorpecedora tivesse pairado sobre a comunidade, evitando que os moradores, tanto humanos quanto nefilins, questionassem o que acontecera com ele. Não havia um único boato correndo pela cidade. As pessoas, quando falavam dele, simplesmente murmuravam: "Nossa, foi um choque. Que sua alma descanse em paz. Pobre família, preciso descobrir como posso ajudar..."

— Mas ele não vai voltar — continuou Marcie. — Está morto. Não sei como nem por que ou quem fez isso, mas meu pai não ia sumir do mapa se alguma coisa não tivesse acontecido. Ele está morto. Eu sei.

Tentei manter uma expressão solidária, mas minhas mãos começaram a suar de novo. Patch era o único na Terra que sabia que fora eu quem mandara Hank para o túmulo. Eu não tinha a menor intenção de acrescentar o nome de Marcie a essa lista.

— Você não parece lamentar muito — falei.

— Meu pai estava metido em alguma coisa muito errada. Mereceu o que teve.

Podia ter me aberto com Marcie naquela hora, mas alguma coisa não batia bem. O olhar cínico dela não se desviou do meu rosto nem por um instante, e tive o pressentimento de que ela suspeitava que eu possuía informações importantes sobre a morte do pai dela, e sua indiferença era apenas uma encenação para me fazer contar o que eu sabia.

Eu não ia cair em uma armadilha, se é que era isso que ela estava tentando.

— Não é fácil perder o pai, acredite em mim — falei. — A dor nunca vai embora de verdade, mas uma hora acaba ficando mais suportável. E, de algum jeito, a vida segue em frente.

— Não estou querendo um cartão de condolências, Nora.

— O.k. — falei, dando de ombros de forma relutante. — Se algum dia precisar conversar, saiba que pode me ligar.

— Não vou precisar. Vou me mudar para a sua casa — anunciou Marcie. — Levo minhas coisas ao longo dessa semana. Minha mãe está me deixando doida e nós duas concordamos que preciso passar um tempo na casa de alguém. E a sua serve. Bem, fiquei muito feliz por termos tido esta conversa. Se meu pai me ensinou alguma coisa foi que os nefilins devem ficar juntos.

CAPÍTULO 6

— NÃO — respondi na mesma hora. — Não, não, não. Você não pode simplesmente... vir morar comigo.

Um sentimento de puro pânico subiu pelos meus pés até a ponta das orelhas, explodindo antes que eu pudesse detê-lo. Eu precisava de um argumento. Agora. Mas meu cérebro continuava repetindo freneticamente o mesmo pensamento completamente inútil: Não.

— Já tomei minha decisão — disse Marcie, saindo do beco e entrando na Bolsa do Diabo.

— E quanto a mim? — gritei.

Chutei a porta, mas o que eu tinha mesmo vontade de fazer era me chutar por uma ou duas horas. Fui fazer um favor para Vee e olha no que isso deu.

Abri a porta com força e entrei. Encontrei Vee no nosso reservado.

— Para que lado ela foi? — perguntei.

— Quem?

— Marcie!

— Achei que ela estivesse com você.

Fuzilei Vee com o olhar.

— Isso é tudo culpa sua! Tenho que achá-la.

Sem mais explicações, abri caminho pela multidão, o olhar bem atento para qualquer sinal de Marcie. Precisava resolver isso rápido, antes que saísse completamente de controle. *Ela está testando você*, disse a mim mesma. *Sondando o terreno. Nada está decidido ainda.* Além disso, minha mãe é quem tem a palavra final nessa história. E ela não vai deixar a Marcie se mudar para nossa casa. Marcie tem sua própria família. Agora não tinha mais um dos pais, é claro, mas eu era a prova viva de que família não se resumia a números. Aliviada por essa linha de pensamento, comecei a relaxar um pouco.

As luzes se apagaram e o vocalista da Serpentine pegou o microfone, sacudindo a cabeça em uma cadência silenciosa. Com essa deixa, o baterista começou a tocar a introdução, e Scott e o outro guitarrista se juntaram ao restante da banda, dando início ao show com uma música violenta e angustiante. A multidão foi à loucura, balançando a cabeça e cantando a letra.

Dei outra olhada em volta à procura de Marcie, mas não a encontrei e decidi deixar para lá. Teria de resolver as coisas com ela depois. O começo do show era o sinal para me

encontrar com Patch no bar e, naquele instante, meu coração voltou a se descompassar no peito.

Fui até o bar e peguei a primeira banqueta que vi. Sentei com um pouco de ímpeto demais e perdi o equilíbrio no último segundo. Minhas pernas pareciam ser feitas de borracha, e meus dedos tremiam. Não sabia se ia conseguir fazer isso.

— Identidade, doçura — pediu o barman.

Algo parecido com uma corrente elétrica emanou dele, alertando-me de que era um nefilim. Bem como Patch tinha dito.

Balancei a cabeça.

— Só um Sprite, por favor.

Momentos depois, senti Patch se mover atrás de mim. A energia que irradiava dele era muito mais forte do que a do barman, como uma onda de calor deslizando sob minha pele. Ele sempre causava esse efeito em mim, mas, ao contrário do que normalmente acontecia, esta noite a sensação me deixou louca de ansiedade. Isso queria dizer que Patch chegara e eu não tinha mais tempo. Não queria levar o plano adiante, mas sabia que não tinha escolha. Precisava me sair muito bem tanto pela minha própria segurança quanto pela daqueles que mais amava.

Pronta?, perguntou Patch na intimidade de meus pensamentos.

Se estar me sentindo como se fosse vomitar a qualquer minuto quer dizer que estou pronta, então, claro.

Vou até sua casa mais tarde e podemos conversar melhor. Agora vamos acabar logo com isso.

Assenti.

Vamos fazer exatamente como ensaiamos, ele falou calmamente por telepatia.

Patch? O que quer que aconteça, eu amo você.

Queria dizer mais, essas três palavras eram lamentavelmente inadequadas para expressar tudo o que eu sentia por ele. E, ao mesmo tempo, tão simples e precisas, como nenhuma outra conseguiria ser.

Sem arrependimentos, Anjo.

Nenhum, respondi solenemente.

O barman terminou de atender um cliente e foi pegar o pedido de Patch. Examinou-o atentamente e, pelo olhar de fúria que surgiu em seu rosto, estava claro que havia notado que Patch era um anjo caído.

— O que vai querer? — perguntou ele em um tom cortante, enquanto limpava as mãos em um pano de prato.

Patch respondeu com uma voz arrastada e inequivocamente inebriada:

— Uma ruiva bonita, de preferência alta e magra, com pernas tão longas que nenhum homem consiga encontrar o fim. — Ele passou o dedo pela minha bochecha, então me retesei e me afastei.

— Não estou interessada — falei, bebendo um gole de Sprite, sem tirar os olhos do espelho atrás do bar. Deixei ansiedade suficiente transparecer em minhas palavras para chamar a atenção do barman.

Ele se inclinou sobre o bar, apoiando os antebraços enormes na placa de granito, e encarou Patch.

— Da próxima vez dê uma olhada no cardápio antes de me fazer perder tempo. Não oferecemos mulheres desinteressadas, ruivas ou de qualquer outro tipo. — Ele fez uma pausa ameaçadora, então se virou na direção do próximo cliente.

— E se ela for uma nefilim, ainda melhor — anunciou Patch, embriagado.

O barman parou, os olhos brilhando de raiva.

— Você se importa de manter a voz baixa, amigo? Temos um público misto. Este lugar é aberto para humanos também.

Patch fez pouco caso da recomendação, acenando com o braço de maneira descoordenada.

— Gentil da sua parte se preocupar com os humanos, mas com um rápido truque mental eles não se lembrarão de uma palavra do que eu disse. Já fiz isso tantas vezes que poderia fazer até dormindo — disse ele, em um tom um pouco arrogante.

— Você quer que esse patife suma daqui? — perguntou-me o barman. — É só dizer que chamo o segurança.

— Agradeço a oferta, mas posso cuidar disso sozinha — respondi. — Desculpe meu ex por ser um completo idiota.

Patch riu.

— Idiota? Não foi assim que você me chamou na última vez em que estivemos juntos — disse sugestivamente.

Só olhei para ele com nojo.

— Ela não foi sempre uma nefilim, sabia? — Patch informou o barman com uma nostalgia melancólica. — Talvez já tenha ouvido falar dela. A herdeira do Mão Negra. Gostava mais quando ela era humana, mas há certo prestígio em andar por aí com a nefilim mais famosa da Terra.

O barman me olhou, curioso.

— Você é a filha do Mão Negra?

Olhei furiosa para Patch.

— Obrigada por isso.

— É verdade que o Mão Negra está morto? — perguntou o barman. — Não consigo entender isso. Ele foi um grande homem, que sua alma descanse em paz. Meus pêsames à sua família. — Ele fez uma pausa, desnorteado. — Mas morto tipo... *morto mesmo*?

— É o que dizem — murmurei. Não fui capaz de derramar uma lágrima por Hank, mas falei com uma reverência triste que pareceu satisfazer o barman.

— Uma rodada grátis de drinques para o anjo caído que conseguiu pegá-lo — interrompeu Patch, erguendo meu copo em um brinde. — Acho que todos nós podemos concordar que foi isso que aconteceu. Já não se fazem mais imortais como antigamente. — Ele riu, batendo com o punho no bar, bem-humorado.

— E você namorava esse idiota? — perguntou o barman.

Dei uma olhada rápida para Patch e franzi as sobrancelhas.

— Algo que prefiro esquecer.

— Você sabe que ele é um — o barman abaixou a voz — anjo caído, não sabe?

Outro gole, esse desceu com dificuldade.

— Nem me lembre. Mas já reparei meu erro. Meu novo namorado é Dante Matterazzi, cem por cento nefilim. Talvez já tenha ouvido falar dele. — Era a melhor hora para começar um boato.

Impressionado, os olhos dele se iluminaram.

— Claro, claro. É um grande cara. Todo mundo conhece o Dante.

Patch apertou meu pulso com força demais para ser um gesto carinhoso.

— Ela entendeu tudo errado. Ainda estamos juntos. O que me diz de sairmos daqui, doçura?

Dei um pulo quando ele me tocou, como se tivesse levado um choque.

— Tire suas mãos de mim.

— Minha moto está lá atrás. Deixe-me levá-la para dar uma volta. Pelos velhos tempos.

Ele ficou de pé, depois me puxou tão bruscamente que derrubou a banqueta em que eu estava sentada.

— Chame o segurança — ordenei ao barman, deixando a angústia tomar conta da minha voz. — *Agora*.

Patch me carregou em direção à porta da frente e, enquanto eu fazia uma encenação convincente de que estava tentando me libertar, sabia que o pior ainda estava por vir.

O segurança do clube, um nefilim que não era apenas vários centímetros mais alto do que Patch, como também tinha uns cinquenta quilos a mais, abriu caminho na multidão e foi na nossa direção. Pegou Patch pelo colarinho, afastando-o de mim, e arremessou-o contra a parede. A Serpentine tinha chegado ao ápice de sua apresentação, abafando o barulho da briga, mas aqueles que estavam mais perto se afastavam, formando um semicírculo de curiosos que observavam os dois homens.

Patch levantou as mãos na altura dos ombros e deu um sorrisinho embriagado.

— Não quero arrumar confusão.

— Tarde demais — disse o segurança, e deu um soco na cara de Patch. O supercílio dele abriu e começou a sangrar, e eu tive de me forçar a não fazer cara de sofrimento, nem estender a mão para ajudá-lo.

O barman indicou a porta com a cabeça.

— Se algum dia você mostrar a cara por aqui de novo, vai arrumar confusão rapidinho. Entendeu?

Patch cambaleou até a porta, fazendo um cumprimento desajeitado para o segurança.

— Claro, claro, senhor.

O segurança plantou seu pé na curva do joelho de Patch, jogando-o aos tropeços nos degraus de cimento.

— Veja só. Meu pé escorregou.

Um homem que estava perto da porta riu em um tom baixo e áspero, e o som chamou minha atenção. Não era a primeira vez que ouvia essa risada. Se ainda fosse humana não a teria reconhecido, mas todos os meus sentidos estavam aguçados agora. Eu me esforcei para conseguir ver na escuridão, tentando combinar a risada enervante com um rosto.

Lá estava.

Chapéu de Cowboy. Ele não estava usando o chapéu e os óculos de sol, mas eu poderia identificar aqueles ombros curvados e o sorriso cáustico em qualquer lugar.

Patch!, gritei, sem conseguir ver se ele ainda estava por perto para ouvir. Agora que a briga tinha acabado, a multidão se fechara ao meu redor, preenchendo os espaços vazios. *Um dos nefilins da cabana está aqui! Lá dentro, bem perto da entrada, usando uma blusa de flanela vermelha e preta, jeans e botas de cowboy.*

Esperei, mas não houve nenhuma resposta.

Patch!, tentei novamente, usando toda a energia mental que possuía. Não podia ir atrás dele lá fora, não se quisesse manter nossa história.

Vee apareceu do meu lado.

— O que está acontecendo? Todo mundo está falando de uma briga. Não acredito que perdi isso. Você viu alguma coisa?

Puxei-a para o lado.

— Preciso que você faça uma coisa por mim. Está vendo o cara perto da porta, com a camisa de caipira? Preciso que descubra o nome dele.

Vee franziu o cenho.

— Mas por quê?

— Explico mais tarde. Dê em cima dele, roube sua carteira, o que for preciso. Só não diga meu nome, está bem?

— Se eu fizer isso, quero um favor em troca. Um encontro duplo. Você e seu namorado maluco, eu e Scott.

Sem tempo para explicar que Patch e eu tínhamos terminado, falei:

— *Combinado*. Agora vá logo, antes que ele suma na multidão.

Vee estalou os dedos e se afastou. Não fiquei por perto para ver como ela ia se sair. Abri caminho pela multidão, saindo pela porta dos fundos, e depois corri para a saída do beco. Dei a volta no prédio, olhando para os dois lados à procura de Patch.

Patch!, gritei na escuridão.

Anjo? O que você está fazendo? Não podemos ser vistos juntos.

Eu me virei, mas Patch não estava lá. *Onde você está?*

Do outro lado da rua. Na van.

Olhei para frente e, de fato, havia uma van, uma Chevy marrom enferrujada estacionada no meio-fio. Ela se integrava bem àquele cenário de prédios decadentes. Os vidros tinham insulfilme, impedindo que olhares curiosos pudessem ver o interior da cabine.

Um dos nefilins da cabana está na Bolsa do Diabo!

Um pesado instante de silêncio se passou.

Ele viu a briga?, perguntou Patch depois de um instante.

Sim.

Como ele é?

Está usando uma camisa de flanela vermelha e preta e botas de cowboy.

Faça com que ele saia do prédio. Se os outros caras da cabana estiverem com ele, traga-os para fora também. Quero ter uma conversinha com eles.

Isso soava ameaçador vindo de Patch, mas, por outro lado, eles pediram por isso. Tinham perdido toda a minha compaixão quando me jogaram naquela van.

Corri de volta para a Bolsa do Diabo e me enfiei na grande massa em volta do palco. A Serpentine ainda detonava, tocando uma balada que havia deixado todo mundo vibrando. Não sabia como fazer o Cowboy sair do prédio, mas sabia de uma pessoa que podia me ajudar a esvaziar todo o lugar.

Scott!, gritei. Mas foi inútil. Ele não conseguia me ouvir com aquela música ensurdecedora. Provavelmente também não ajudou o fato de ele estar profundamente concentrado.

Fiquei na ponta dos pés e procurei por Vee. Ela estava vindo na minha direção.

— Joguei todo o meu bom e velho charme, mas ele nem ligou — disse ela. — Talvez eu precise de um novo corte de cabelo. — Ela cheirou as axilas. — Bom, parece que o desodorante ainda está funcionando.

— Ele dispensou você?

— É, e também não consegui descobrir o nome dele. Isso significa que nosso encontro duplo está cancelado?

— Volto em um minuto — falei e, novamente, me esforcei para atravessar a multidão em direção ao beco. Eu tinha a intenção de me aproximar de Patch o suficiente para falar com ele por telepatia que forçar nosso amigo nefilim a sair da Bolsa do Diabo seria mais difícil do que eu tinha imaginado, mas duas figuras sombrias conversando em voz baixa na escada de incêndio do prédio ao lado me fizeram parar de repente.

Pepper Friberg e... Dabria.

Dabria era um anjo da morte e namorava Patch antes de os dois serem expulso do céu. Patch tinha jurado de todas as formas que a relação dos dois era chata, casta e mais uma

conveniência do que qualquer outra coisa. Ainda assim. Depois de concluir que eu era uma ameaça para os planos dela de reatar o namoro dos dois aqui na Terra, Dabria tentara me matar. Ela era fria, loura e sofisticada. Nunca a vira com o cabelo bagunçado, e o sorriso dela parecia gelar minhas veias. Agora ela era um anjo e ganhava a vida enganando pessoas dizendo que possuía o dom da profecia. Ela era um dos anjos caídos mais perigosos que eu conhecia, e não tinha dúvida de que eu estava no topo da lista das pessoas que ela mais odiava.

Imediatamente recuei em direção à Bolsa do Diabo. Prendi a respiração por cinco segundos, mas nem Pepper nem Dabria pareciam ter me notado. Procurei me aproximar, mas não queria abusar da sorte. Se chegasse perto o bastante para ouvir o que diziam, eles sentiriam minha presença.

Eles conversaram por mais alguns minutos antes de Dabria dar as costas e se afastar, seguindo pelo beco. Pepper fez um gesto obsceno na direção de Dabria quando ela não estava mais olhando. Era só impressão minha ou ele parecia particularmente insatisfeito?

Esperei até Pepper ir embora antes de sair de meu esconderijo na escuridão. Entrei direto na Bolsa do Diabo. Encontrei Vee em nosso reservado e me sentei ao lado dela.

— Preciso esvaziar este lugar agora — falei.

Vee piscou.

— Como é que é?

— E se eu gritar "fogo"? Será que funcionaria?

— Gritar "fogo" me parece meio antiquado. Você podia tentar gritar "polícia", mas isso recai na mesma categoria. Não que eu tenha nada contra coisas antiquadas. Mas por que a pressa? Não acho que a Serpentine toque tão mal.

— Eu explico...

— Mais tarde. — Vee assentiu. — Já sabia que ia dizer isso. Se fosse eu, tentaria gritar "polícia". Com certeza há várias pessoas por aqui envolvidas em atividades ilegais. Grite "os tiras!" e elas vão correr.

Mordi o lábio, nervosa e cheia de dúvida.

— Tem certeza?

Esse plano possuía grandes chances de dar errado. Mas, por outro lado, eu não tinha muita opção. Patch queria conversar com Chapéu de Cowboy, e ele tinha meu total apoio. Eu também queria que o interrogatório acabasse logo para poder falar com ele sobre Dabria e Pepper.

— Estou trinta e cinco por cento certa... — disse Vee.

A voz dela falhou quando uma rajada de ar frio entrou no salão. A princípio não consegui identificar se a repentina queda de temperatura vinha da porta, que tinha sido escancarada, ou se era uma reação física minha ao sentir intuitivamente a chegada de problemas... do pior tipo.

Anjos caídos tomaram conta da Bolsa do Diabo. Parei de contar quantos deles havia quando cheguei a dez, sem parecer que chegaria a um fim. Eles se moviam tão rápido que eu só conseguia ver borrões. Tinham vindo prontos para lutar, brandindo facas e socos-ingleses de aço para qualquer coisa que aparecesse no caminho. Em meio àquela confusão, observei, impotente, dois garotos nefilins ficarem de joelhos, tentando resistir inutilmente aos anjos caídos em pé diante deles, que exigiam seu juramento de lealdade.

Um anjo caído, muito magro e pálido como a lua, golpeou o pescoço de uma menina nefilim tão violentamente que o quebrou na metade do grito dela.

Devo ter gritado enquanto via o sangue manchar as paredes, mas um *déjà-vu* me impeliu de volta ao meu assento, deixando-me sem ar.

O anjo caído. Era só um garoto. Parecia até mais novo do que eu. E eu já o vira antes. Mas...

Onde?

Tentei me lembrar por que aquele rosto era tão familiar. Ao quebrar a cabeça tentando buscar alguma lembrança, recordei vagamente de já tê-lo visto parecendo assustado antes. Não. Irritado. E ele estava usando uma túnica negra com capuz? Ou era outra pessoa?

Na falta de uma lembrança mais clara, comecei a duvidar de que já o tivesse visto. O *déjà-vu* podia ser vestígio de algum sonho ou minha própria imaginação. Não conseguia ter certeza de nada. A escuridão do clube e o efeito causado pelas luzes estroboscópicas tornavam impossível ver com detalhes.

O anjo caído examinou o rosto da garota com o pescoço quebrado, que se parecia assustadoramente com o meu a distância. O mesmo cabelo longo e encaracolado. Ela também tinha mais ou menos minha altura e porte físico.

Ele olhou com atenção o rosto da menina, chiou impaciente e depois atirou o corpo dela para o lado. Seus olhos frios examinaram a multidão, e eu tinha a sensação de que ele estava procurando por sua próxima vítima.

— Precisamos sair daqui — disse Vee, com urgência, agarrando minha mão com tanta força que fui arrancada de meu estupor. — Vamos por aqui.

Antes que eu pudesse me perguntar se Vee também tinha visto o anjo caído quebrar o pescoço da garota e, se tinha, como ainda podia estar tão calma, ela me empurrou para a frente em meio àquela confusão.

— Não olhe para trás — gritou no meu ouvido. — E *corra*.

Corra. Claro. O problema era que estávamos lutando contra uma multidão para tentar chegar até a saída. Em questão de segundos, as pessoas tinham se transformado em uma turba frenética, empurrando e se arrastando à procura de uma saída. A Serpentine tinha parado de tocar no meio de uma música. Não havia tempo para tentar ajudar Scott. Só podia torcer para que ele tivesse escapado pela porta dos fundos.

Vee me seguia de perto, empurrando minhas costas tantas vezes que cheguei a pensar que ela estava tentando me proteger. Mal sabia ela que *eu* tentaria protegê-la caso os anjos

caídos nos alcançassem. E apesar de minha única, ainda que exaustiva, sessão de treinamento com Dante naquela manhã, eu não achava que tinha a menor chance de vencer.

A tentação de voltar e lutar cresceu de repente dentro de mim. Os nefilins tinham direitos. Eu tinha direitos. Nossos corpos não pertenciam aos anjos caídos. Eles não tinham um motivo justo para nos possuir. Eu me precipitara ao prometer aos arcanjos que impediria a guerra, mas tinha um interesse pessoal no resultado dela. Eu queria a guerra, eu queria a liberdade, para que nunca, em tempo algum, tivesse de me ajoelhar e jurar ceder meu corpo a qualquer outra pessoa.

Mas como eu iria conseguir o que queria e, ao mesmo tempo, apaziguar os arcanjos?

Por fim, Vee e eu conseguimos sair no ar frio da noite. A multidão tinha se dispersado na escuridão, seguindo para ambos os lados da rua. Sem parar para recuperar o fôlego, corremos até o Neon.

CAPÍTULO 7

VEE virou o Neon para a entrada da casa de fazenda e desligou o som.

— Bem, isso foi loucura o bastante por uma noite — disse ela. — O que foi tudo aquilo? Greasers *versus* Socs?

Eu estava prendendo a respiração, mas finalmente expirei, aliviada. Nada de respiração acelerada. Nenhum gesto histérico com as mãos. Nenhuma menção a pescoços quebrados. Por sorte, Vee não tinha visto a pior parte.

— Olha só quem fala. Você nunca leu *Vidas sem rumo* — disparei.

— Eu vi o filme. Matt Damon era gato antes de ficar velho.

Um silêncio pesado e cheio de expectativa tomou conta do carro.

— Está bem, vamos deixar de besteira — disse Vee. — Chega de conversa fiada. Fala logo. — Hesitei, e ela acrescentou: — Aquilo lá foi tudo muito estranho, mas já havia algo errado bem antes. Você passou a noite toda agindo de forma esquisita. Vi você entrar e sair da Bolsa do Diabo. E então, de repente, você queria esvaziar o lugar. Vou lhe falar uma coisa: preciso de uma explicação.

Era aí que as coisas ficavam difíceis. Eu queria dizer toda a verdade a Vee, mas também era crucial para a segurança dela que acreditasse nas mentiras que eu estava prestes a contar. Se Chapéu de Cowboy e seus amigos estivessem falando a sério sobre investigar minha vida pessoal, mais cedo ou mais tarde eles perceberiam que Vee era minha melhor amiga. Não podia suportar a ideia de que a ameaçassem ou interrogassem, mas, se fizessem isso, queria que cada resposta dela lhes soasse convincente. E, o mais importante, queria que ela dissesse a eles, sem nenhuma hesitação, que todos os meus laços com Patch tinham sido cortados. Queria apagar o incêndio antes que saísse de controle.

— Enquanto eu estava no bar esta noite, Patch apareceu e não foi nada legal — comecei a falar calmamente. — Ele estava... completamente bêbado. Disse algumas coisas estúpidas, eu me recusei a sair com ele, e ele ficou agressivo.

— Minha nossa — resmungou Vee baixinho.

— O segurança expulsou Patch.

— Uau. Estou sem fala. E o que você fez?

Abri e fechei as mãos no colo.

— Patch e eu terminamos.

— Terminaram *terminaram*?

— Tanto quanto é possível.

Vee se inclinou sobre o câmbio e me abraçou. Abriu a boca, viu minha expressão e pensou melhor.

— Não vou falar, mas você sabe o que estou pensando.

Uma lágrima hesitou no canto do meu olho. O óbvio alívio de Vee só fez a mentira parecer muito pior dentro de mim. Eu era uma péssima amiga. Sabia disso, mas não conseguia pensar em outra forma de fazer aquilo direito. E me recusava a colocar Vee em perigo.

— Qual é o lance com o cara da camisa de flanela?

O que ela não sabe não pode feri-la.

— Antes de Patch ser expulso, ele me alertou para ficar longe do cara da camisa de flanela. Patch disse que o conhecia, e que ele era um problema. Foi por isso que lhe pedi para descobrir o nome dele. Eu o peguei me observando, e isso me deixou nervosa. Não queria que ele me seguisse até em casa, se estivesse planejando fazer isso, então decidi provocar um caos geral. Queria que conseguíssemos sair da Bolsa do Diabo sem que fosse fácil para ele nos localizar e nos seguir.

Vee expirou longa e lentamente.

— Acredito que você tenha terminado com Patch. Mas não acredito nem por um minuto nessa outra história.

Eu me encolhi.

— Vee...

Ela levantou a mão.

— Eu entendo. Você tem seus segredos e um dia desses vai me contar o que está acontecendo. E vou lhe contar os meus. — Ela arqueou as sobrancelhas intencionalmente. — É isso. Você não é a única a ter segredos. Vou falar quando chegar a hora, e acredito que você também.

Olhei fixamente para ela. Não era assim que eu imaginava que aquela conversa fosse acontecer.

— Você tem segredos? Que segredos?

— Segredos bem *interessantes*.

— Conte!

— Olhe só — disse Vee, batendo no relógio do painel. — Acho que está na hora de você entrar.

Fiquei boquiaberta.

— Não acredito que você tem escondido coisas de mim.

— Não acredito que você esteja sendo tão hipócrita.

— Essa conversa não terminou — falei, relutando em abrir a porta.

— Não é fácil estar do outro lado, não é?



Dei boa noite à minha mãe, depois me tranquei no quarto e liguei para Patch. Quando Vee e eu fugimos da Bolsa do Diabo, a van Chevy marrom não estava mais estacionada junto ao meio-fio. Meu palpite é que Patch tinha ido embora antes da invasão surpresa dos anjos caídos, já que ele teria disparado para dentro do clube se imaginasse que eu estava correndo perigo, mas estava mais curiosa em saber se ele tinha achado o Chapéu de Cowboy. Imaginava que eles deviam estar conversando naquele exato momento. Queria saber se Patch estava fazendo perguntas ou ameaças. Provavelmente as duas coisas.

A ligação caiu na caixa postal de Patch, e eu desliguei. Deixar uma mensagem parecia arriscado demais. Além disso, ele veria a ligação perdida e saberia que tinha sido eu. Esperava que ele ainda estivesse pensando em aparecer naquela noite. Sabia que toda a nossa briga era apenas encenação, mas queria ter certeza de que nada havia mudado. Estava abalada e precisava saber que nossa relação ainda continuava do mesmo jeito.

Tentei mais uma vez ligar para Patch, depois fui inquieta para a cama.

O dia seguinte era terça. O Cheshvan começaria com a chegada da lua nova.

Com base na luta terrível daquele dia, eu tinha o pressentimento de que os anjos caídos estavam contando as horas para liberar completamente sua ira.



Acordei ao som do assoalho rangendo. Minha visão se acostumou à escuridão, e dei de cara com duas pernas bem grandes e musculosas vestidas em uma calça esportiva azul-marinho.

— Dante? — indaguei, esticando o braço em direção à mesa de cabeceira, à procura do relógio. — Hum. Que horas são? Que dia é hoje?

— Terça de manhã — disse ele. — Você sabe o que isso quer dizer. — Um monte de roupas de exercício caiu no meu rosto. — Encontre-me lá na entrada quando puder.

— Sério?

No escuro, os dentes dele brilharam em um sorriso.

— Não acredito que você caiu nessa. É melhor levar seu traseiro lá para fora em no máximo cinco minutos.

Cinco minutos depois eu me arrastei para fora, tremendo com o frio de meados de outubro. Um vento suave fazia as folhas das árvores caírem e os galhos rangerem. Alonguei as pernas e dei uns pulinhos para fazer o sangue circular.

— Mantenha o ritmo — instruiu Dante, e seguiu correndo para a mata.

Ainda não estava muito empolgada com a ideia de andar pelo bosque sozinha com Dante, mas procurei racionalizar que, se ele quisesse me machucar, tinha tido várias oportunidades no dia anterior. Então corri atrás dele, procurando pelo ocasional vulto em alta velocidade que me alertava de sua presença. Sua visão devia colocar a minha no chinelo, pois enquanto eu de vez em quando tropeçava nas árvores, perdia o apoio pisando em buracos no caminho e batia a cabeça em galhos baixos, ele navegava pelo terreno com precisão impecável. Todas as vezes que eu ouvia sua risadinha debochada, colocava-me de pé de novo, determinada a empurrá-lo de um despenhadeiro escarpado na primeira chance que tivesse. Havia várias ravinas em volta, só precisava me aproximar bastante para fazer o serviço.

Finalmente Dante parou, e quando o alcancei ele estava esparramado em uma grande pedra, com as mãos relaxadamente entrelaçadas atrás do pescoço. Tinha retirado a calça e o casaco esportivos, ficando com um short na altura do joelho e uma camisa justa. A não ser pelo suave subir e descer de seu peito, ninguém diria que ele tinha acabado de correr aproximadamente 15 quilômetros em aclive.

Arrastei-me para cima da pedra e desabei ao lado dele.

— Água — falei, ofegante.

Dante se apoiou em um cotovelo e sorriu para mim.

— Sem chance. Vou deixar você seca. Água produz lágrimas, e lágrimas são algo que não consigo suportar. E quando você vir o que planejei, vai querer chorar. Graças a mim, não vai conseguir.

Ele me puxou por baixo dos braços e me obrigou a ficar de pé. O amanhecer começava a iluminar o horizonte, colorindo o céu de um tom claro de rosa. Lado a lado, na pedra, podíamos ver a quilômetros de distância. Pinheiros, abetos e cedros espalhados como um tapete alto em todas as direções, cobrindo as colinas e o vale de uma ravina profunda que cortava o cenário.

— Escolha uma — instruiu Dante.

— Escolher uma o quê?

— Uma árvore. Depois que você arrancá-la, pode ir para casa.

Dei uma olhada nas árvores, que tinham no mínimo uma centena de anos e o diâmetro de três postes de telefone, e senti meu queixo cair ligeiramente.

— Dante...

— Treinamento de Força 101. — Ele me deu um tapinha de encorajamento nas costas e depois voltou a se reclinar, relaxado, na pedra. — Isso vai ser melhor do que assistir ao *Today*.

— Odeio você.

Ele riu.

— Não, ainda não. Mas daqui a uma hora...



Uma hora depois eu tinha depositado toda a minha energia — e talvez minha alma também — na tentativa de arrancar um cedro branco muito teimoso e inflexível. A não ser por ter conseguido fazer com que se inclinasse um pouco, ele continuava a ser um perfeito espécime de uma árvore florida. Eu tinha tentado inutilmente empurrá-la, arrancá-la pela raiz, derrubá-la e até socá-la. Dizer que a árvore venceu era pouco. E o tempo todo Dante ficou lá empoleirado na pedra, bufando, rindo e apontando meus erros. Que bom que um de nós se divertiu.

Ele deu uma volta perto de mim, com um sorriso discreto e insolente repuxando os lábios. Coçou o ombro.

— Bem, Comandante do Grande e Poderoso Exército Nefilim, teve sorte?

O suor escorria pelo meu rosto, pingando do nariz e do queixo. As palmas das mãos estavam esfoladas; os joelhos, arranhados; um tornozelo, torcido, e cada músculo do meu corpo gritava em agonia. Agarrei a parte da frente da camisa de Dante e usei para limpar meu rosto. E depois assoei o nariz nela.

Dante deu um passo para trás, erguendo as mãos.

— Ei.

Estendi um braço em direção à minha árvore escolhida.

— Não consigo — admiti, soluçando. — Não fui talhada para isso. Nunca serei tão forte quanto você ou qualquer outro nefilim.

Senti meu lábio tremer de decepção e vergonha. Sua fisionomia se suavizou.

— Respire fundo, Nora. Eu sabia que você não ia conseguir. Era esse o objetivo. Eu queria lhe dar uma tarefa impossível para que, mais tarde, quando finalmente *conseguir*, você possa olhar para trás e ver quão longe foi.

Eu o encarei, sentindo meu sangue ferver.

— O que foi? — perguntou ele.

— O que foi? O *que* foi? Você é maluco? Eu tenho aula hoje. Tenho que estudar para um teste! Achei que estivesse me esforçando para algo que valia a pena, mas agora descubro que tudo isso era só para esclarecer seu ponto de vista? Bem, essa sou eu esclarecendo um ponto de vista! Estou desistindo. Por mim, chega! Não pedi por isso. Treinar foi ideia *sua*. Foi você que decidiu tudo, mas agora é a minha vez. Eu desisto!

Sabia que estava desidratada e provavelmente não pensava racionalmente, mas já tinha tido o bastante. Claro, eu queria aumentar minha resistência e minha força e aprender a me defender. Mas aquilo era ridículo. Arrancar uma *árvore*? Tinha me esforçado ao máximo, e ele só ficara ali rindo, relaxado, bastante ciente de que eu jamais conseguiria fazer aquilo.

— Você parece bem irritada — disse ele, franzindo as sobrancelhas e passando a mão no queixo de maneira perplexa.

— Você *acha*?

— Considere isso uma lição. Um termo de comparação.

— Ah, é? Compare isso.

Mostrei o dedo médio para ele.

— Você está reagindo de forma muito exagerada. Percebe isso, não?

Claro, dali a duas horas até podia ser que eu percebesse. Depois de tomar um banho, me reidratar e desmaiar em minha cama. O que, por mais que eu quisesse, não iria acontecer, porque eu tinha aula.

— Você é comandante desse exército. É também uma nefilim presa a um corpo humano. Precisa treinar mais pesado que o restante de nós, porque está começando em grande desvantagem. Não vou fazer nenhum favor a você se eu pegar leve.

Encarei-o com raiva, sentindo o suor escorrendo para meus olhos.

— Será que já lhe ocorreu que talvez eu não queira esse trabalho? Talvez eu não queira ser comandante?

Ele deu de ombros.

— Não importa. Está feito. Não vai adiantar nada ficar fantasiando outras situações.

— Por que você não encena um golpe e toma o poder de mim? — murmurei em tom desanimado, apenas de brincadeirinha. Até onde eu podia ver, Dante não tinha nenhuma razão para me manter e viva e no poder. — Você seria um milhão de vezes melhor nisso. Você realmente se importa.

Ele acariciou novamente o queixo.

— Bem, agora que você me deu essa ideia...

— Isso não é engraçado, Dante.

O sorriso dele desapareceu.

— Não, não é. Por mais insignificante que pareça, jurei a Hank que ajudaria você a conseguir. A corda está no meu pescoço tanto quanto no seu. Não estou aqui todo dia de manhã para conseguir alguns pontos extras com o destino. Estou aqui porque preciso que você vença. Minha vida está em suas mãos.

Comecei a entender as palavras dele.

— Está me dizendo que se eu não for à guerra, e vencer, você vai morrer? Foi esse o juramento que fez?

Ele expirou, longa e lentamente, antes de responder.

— Sim.

Fechei os olhos, massageando minhas têmporas.

— Queria muito que você não tivesse me contado.

— Estressada?

Então me encostei na pedra e deixei a brisa soprar em minha pele. *Respire fundo*. Eu não só mataria minha mãe e a mim se falhasse em liderar o exército de Hank, mas também

agora sabia que também ia matar Dante se não levasse o exército à vitória. Mas e quanto à paz? E meu acordo com os arcanjos?

Maldito Hank. Era tudo culpa dele. Se quando morreu ele tivesse ido para algum outro lugar que não fosse direto para o inferno, não havia justiça no mundo, ou fora dele.

— Lisa Martin e os outros nefilins superiores querem se encontrar com você de novo — disse Dante. — Tenho adiado porque sei que você não acredita na guerra, e estou preocupado em como eles vão reagir. Precisamos que eles a mantenham no poder. E, para isso, precisamos que pensem que seus desejos estão alinhados com os deles.

— Não quero me encontrar com eles agora — falei automaticamente. — Continue protelando. — Precisava de tempo para pensar. Tempo para arquitetar um plano de ação. Quem representava minha maior ameaça, arcanjos descontentes ou nefilins revoltosos?

— Quer que eu diga a eles que, por ora, você quer que tudo passe por mim?

— Isso — respondi agradecidamente. — Faça o que for necessário para me conseguir um pouco mais de tempo.

— A propósito, ouvi sobre seu falso rompimento na noite passada. Vocês devem ter dado um show e tanto. Os nefilins estão acreditando.

— Mas não você.

— Patch me avisou. — Ele piscou. — Mas eu não teria acreditado de qualquer jeito. Já vi vocês dois juntos. O que vocês têm não morre desse jeito. Aqui — disse Dante, entregando-me uma garrafa gelada de Gatorade. — Beba tudo. Você perdeu muito líquido.

Girei a tampa, assenti em agradecimento e virei de uma só vez. O líquido desceu pela garganta, engrossando imediatamente e obstruindo meu esôfago. A queimação arranhou minha garganta, conseguiu passar e tomou conta de todo o meu corpo. Curvei-me para a frente, tossindo e respirando com dificuldade.

— O que é isso? — falei, engasgada.

— Hidratação pós-exercício físico — disse ele, sem me olhar nos olhos.

Continuei a sufocar, meus pulmões respirando em espasmos.

— Achei... que era Gatorade. Era isso... que a garrafa dizia!

Toda emoção sumiu do rosto dele.

— É para seu próprio bem — disse ele simplesmente.

Então saiu dali em disparada, em um borrão de velocidade.

Ainda estava curvada, sentindo como se tudo dentro de mim estivesse se liquefazendo. Pontos azuis atravessaram meu olhar. O mundo parecia oscilar para a esquerda... depois para a direita. Agarrei com força minha garganta e me arrastei para a frente, com medo de desmaiar ali e nunca mais ser encontrada.

CAPÍTULO 8

UM passo em falso após outro, consegui sair da floresta. Quando cheguei em casa, grande parte da queimação que eu sentia em meus ossos tinha passado. Minha respiração voltara ao normal, mas eu ainda estava completamente alerta. O que Dante tinha me dado? E... por quê?

Eu tinha uma chave pendurada na corrente em meu pescoço, então abri a porta e entrei. Tirei os sapatos, me arrastei escada acima e passei sem fazer barulho pelo quarto de minha mãe. O relógio na minha mesinha de cabeceira marcava dez para as sete. Antes de Dante entrar em minha vida, seria uma hora normal para se levantar, talvez até um pouco cedo. Na maioria dos dias eu acordava me sentindo renovada, mas, esta manhã, estava exausta e preocupada. Peguei roupas limpas e segui na direção do banheiro, para tomar banho e me arrumar para a aula.

Às dez para as oito, parei o Volkswagen no estacionamento dos alunos e andei depressa para a escola, um prédio alto e cinza que parecia uma antiga igreja protestante. Quando entrei, enfiei minhas coisas no armário, peguei os livros do primeiro e do segundo tempos e segui para a aula. A barriga doía de fome, mas eu estava muito abalada para comer. Ainda sentia com desconforto a bebida azul em meu estômago.

Para começar, História dos Estados Unidos, curso avançado. Sentei-me e dei uma olhada no celular para ver se havia mensagens. Ainda nenhuma notícia de Patch. *Está tudo bem*, disse a mim mesma. *Provavelmente aconteceu alguma coisa*. Mas não conseguia ignorar a sensação de que algo estava errado. Patch me dissera que ia aparecer ontem à noite, e ele não costumava quebrar promessas. Principalmente porque sabia como eu estaria chateada por causa do rompimento.

Já ia guardar o celular quando ele tocou com uma mensagem de texto.

ME ENCONTRE PERTO DO RIO WENTWORTH EM 30 MIN, dizia a mensagem de Patch.

VOCÊ ESTÁ BEM?, imediatamente escrevi de volta.

SIM. VOU ESTAR NO EMBARCADOURO. VEJA SE NÃO ESTÁ SENDO SEGUIDA.

Não era a melhor hora, mas eu não ia *deixar* de me encontrar com Patch. Ele disse que estava bem, mas não me convenci. Se estivesse, por que me pediria para sair da aula, e por que iríamos nos encontrar lá no embarcadouro?

Aproximei-me da mesa da sra. Warnock.

— Com licença, sra. Warnock? Não estou me sentindo bem. Posso ir me deitar na enfermaria?

A sra. Warnock tirou os óculos e me observou com atenção.

— Está tudo bem, Nora?

— É aquela época do mês — sussurrei. *Eu poderia ser menos criativa?*

Ela suspirou.

— Se eu ganhasse uma moeda cada vez que uma aluna me diz isso...

— Eu não pediria se minhas cólicas não estivessem mesmo me matando. — Pensei em esfregar a barriga, mas achei que podia ser demais.

— Peça à enfermeira para lhe dar paracetamol — disse ela, por fim. — Mas, assim que melhorar, quero você de volta. Vamos começar hoje o capítulo sobre o republicanismo jeffersoniano. Se você não tiver ninguém de confiança a quem pedir as anotações, vai passar as próximas duas semanas tentando se situar.

Assenti vigorosamente.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.

Saí depressa, desci correndo um lance de escadas e, depois de olhar para os dois lados para ter certeza de que o vice-diretor não estava fazendo a ronda por ali, escapei por uma porta lateral.

Atirei-me dentro do Volkswagen e saí em disparada. É claro, essa era a parte fácil. Conseguir voltar para a aula sem uma dispensa assinada pela enfermeira exigiria não menos que uma mágica. *Tranquilo*, pensei. Na pior das hipóteses, ia ser pega matando aula e teria que passar as manhãs da semana seguinte em detenção.

Se eu queria uma desculpa para me manter afastada de Dante, em quem eu não confiava mais, aquela serviria.



O sol estava brilhando e o céu era de um azul enevoado de outono, mas o ar frio atravessava meu colete acolchoado, como um prenúncio impiedoso do inverno. O estacionamento que ficava rio acima estava vazio. Não havia nenhum pescador por ali naquele dia. Depois de parar o carro, fiquei alguns minutos agachada na beira do estacionamento, junto às plantas, esperando para ver se alguém me seguira. Então atravessei a passarela pavimentada que levava ao embarcadouro. Rapidamente percebi por que Patch tinha escolhido aquele local: fora alguns pássaros trinando, estávamos completamente sozinhos.

Três deques se estendiam no vasto rio, mas não havia nenhum barco. Caminhei até o final do primeiro, protegi meus olhos do brilho do sol e observei em volta. Nenhum sinal de Patch.

O celular tocou.

ESTOU PERTO DAS ÁRVORES NO FINAL DA PASSARELA, dizia a mensagem.

Segui o caminho, passando pelos deques e depois em direção às árvores, e foi então que Pepper Friberg saiu de trás de uma delas. Estava com o celular de Patch em uma das mãos e

uma arma na outra. Com os olhos fixos na arma, involuntariamente dei um passo para trás.

— O tiro não vai matar você, mas pode ser extremamente doloroso — disse ele.

Pepper usava uma calça de poliéster bem acima da cintura e a blusa estava torta no corpo, porque ele não tinha alinhado direito os botões. No entanto, apesar da aparência idiota e desajeitada, eu podia sentir seu poder incidir sobre mim como os raios mais quentes do sol. Ele era bem mais perigoso do que parecia.

— E eu devo acreditar, como se você soubesse do que está falando? — rebati.

Ele olhou depressa para os dois lados. Enxugou a testa com um lenço branco, mais uma prova de sua ansiedade. Suas unhas estavam roídas até o sabugo.

— Se você sabe quem eu sou, e aposto que Patch lhe contou, então sabe que não sinto dor.

— Sei que você é um arcanjo, e sei que não anda seguindo as regras. Patch me contou que você tem levado uma vida dupla, Pepper. Um arcanjo poderoso dando uma de humano? Com seus poderes, você poderia realmente manobrar o sistema a seu favor. Está atrás de dinheiro? Poder? Vida boa?

— Já disse o que estou procurando: Patch — respondeu Pepper, novamente com um brilho de suor na testa. Parecia não conseguir secá-lo rápido o bastante. — Por que ele não quer me encontrar?

Hum, porque você quer acorrentá-lo no inferno.

Indiquei com o queixo o celular na mão de Pepper.

— Belo truque, me atrair até aqui com o celular dele. Como conseguiu o aparelho?

— Peguei dele ontem à noite, na Bolsa do Diabo. Encontrei-o escondido em uma van marrom parada do outro lado da rua, em frente à entrada. Escapou antes que eu conseguisse colocar as mãos nele, mas, na pressa, se esqueceu de pegar suas coisas, incluindo o telefone com todos os contatos. Fiquei ligando e mandando mensagens de texto a manhã toda na tentativa de encontrá-la.

Discretamente, respirei aliviada. Patch tinha escapado.

— Se me trouxe aqui para me interrogar, perdeu seu tempo. Não sei onde Patch está. Não falo com ele desde ontem. Na verdade, parece que você foi o último a vê-lo.

— Interrogar? — As pontas das orelhas de Dumbo dele ficaram rosadas. — Céus, isso soa ameaçador. O que eu pareço? Um bandido qualquer?

— Se não tem perguntas a fazer, então por que me atraiu até aqui?

Até aí mantivemos a conversa equilibrada, mas eu estava ficando cada vez mais nervosa. Não confiava nos artifícios confusos e sem nexo de Pepper. Tinham que ser um truque.

— Está vendo aquele barco lá?

Segui o olhar de Pepper até a beira do rio. Uma lancha branca e resplandecente balançava ao sabor das águas. Reluzia, cara e provavelmente muito veloz.

— Belo barco. Vai viajar? — perguntei, tentando não parecer preocupada.

— Vou. E você vai comigo.

CAPÍTULO 9

— Eu dei a você uma chance de fazer isso da maneira mais fácil, mas estou ficando sem paciência — disse Pepper. Ele colocou a arma na cintura da calça, liberando as mãos para secar a testa suada. — Se não consigo chegar até Patch, vou fazê-lo vir até mim.

Entendi aonde aquilo ia dar.

— Isso aqui é um sequestro? Você, com certeza, não é um bandido qualquer, Pepper. Criminoso, sociopata e malfeitor desprezível parecem termos mais apropriados.

Ele afrouxou a gola e fez uma careta.

— Preciso que Patch faça algo por mim. Um pequeno... favor. É só isso. Algo inofensivo, é sério.

Eu tinha o pressentimento de que aquele "favor" incluía seguir Pepper até o inferno, só até ele sair e bater os portões, deixando Patch trancado para trás. Era uma boa maneira de dar um jeito em um chantagista.

— Sou um dos mocinhos — disse Pepper. — Um arcanjo. Ele pode confiar em mim. Você deveria ter dito a ele que confiasse em mim.

— A maneira mais rápida de quebrar essa confiança é me sequestrando. Pense bem, Pepper. Isso não vai fazer Patch cooperar com você.

Ele puxou ainda mais forte a gola. Seu rosto estava tão vermelho que ele parecia um porco suado.

— Há muito mais coisas acontecendo aqui do que pode parecer. Não tenho opção, não consegue ver isso?

— Você é um arcanjo, Pepper. E, ainda assim, aqui está, passeando pela Terra, carregando uma arma e me ameaçando. Não acredito que seja inofensivo, assim como não acredito que não queira fazer mal algum a Patch. Arcanjos não ficam pela Terra por muito tempo e não fazem reféns. Sabe o que eu acho? Você se tornou mau.

— Estou aqui em uma missão. Não sou mau, mas preciso tomar certas... liberdades.

— Nossa, estou quase tentada a acreditar em você.

— Tenho um serviço para o seu namorado que só ele pode fazer. Não queria sequestrá-la, mas você me obrigou. Preciso da ajuda de Patch, e preciso dela *agora*. Siga na direção do barco, com toda a calma. Qualquer movimento brusco, eu atiro.

Pepper gesticulou como se estivesse chamando alguém, e o barco deslizou obedientemente pela água, aproximando-se do deque mais próximo. Patch não havia me dito que arcanjos podiam controlar objetos. Não gostei da surpresa, e pensei no quanto isso complicaria minha tentativa de fuga.

— Você não me ouviu? Ele não é mais meu namorado — falei. — Estou namorando Dante Matterazzi. Já deve ter ouvido falar dele. Todo mundo já ouviu. Patch faz parte do meu passado, completamente.

— Acho que isso nós vamos descobrir, não é? Se eu tiver que pedir de novo para você andar, vou fazer um furo no seu pé.

Levantei os braços na altura dos ombros e caminhei até o deque. Um pouco tarde demais, desejei estar usando minha jaqueta jeans com o rastreador. Se Patch soubesse onde eu estava, viria atrás de mim. Talvez ele tivesse costurado um rastreador no meu colete acolchoado também, mas eu não podia contar com isso. E como eu não sabia onde Patch estava, nem mesmo se estava bem, não podia contar com ele.

— Suba no barco — ordenou Pepper. — Pegue a corda no banco e amarre suas mãos na grade de proteção.

— Você está falando a sério? — falei, protelando.

Dei uma olhada nas árvores à beira do rio. Se conseguisse chegar até elas, poderia me esconder. As balas de Pepper acabariam atingindo as árvores, não a mim.

— A cinquenta quilômetros daqui tenho um depósito espaçoso esperando por você. Assim que chegarmos, vou ligar para seu namorado. — Ele fechou a mão, estendendo o polegar e o dedo mínimo, e levou-a até perto da orelha. — Vamos ver se conseguimos chegar a um acordo. Se ele jurar que vai cuidar de uma questão pessoal para mim, você poderá voltar a vê-lo e, também, a sua família e seus amigos.

— E como vai ligar para o Patch? Você está com o celular dele.

Pepper franziu o cenho. Não tinha pensado direito nisso. Talvez eu pudesse usar a desorganização dele a meu favor.

— Então vamos ter que esperar que ele nos ligue. Para o seu bem, tomara que não demore.

Com relutância, entrei no barco. Peguei a corda e comecei a dar um nó. Não podia acreditar que Pepper fosse tão idiota. Ele achava mesmo que uma cordinha comum iria me deter?

Pepper respondeu minha pergunta.

— Caso esteja pensando em fugir, é melhor saber que essa corda foi encantada. Parece inofensiva, mas é mais forte que aço estrutural. Ah, e quando amarrar seus braços, vou encantá-la de novo. Se fizer força para se soltar, a corda vai descarregar duzentos volts de eletricidade em seu corpo.

Tentei manter o controle.

— Um truque especial dos arcanjos?

— Digamos apenas que sou mais poderoso do que você imagina.

Pepper passou uma de suas pernas curtas para dentro do barco, equilibrando o pé no banco do piloto. Antes que pudesse trazer a outra perna, joguei o corpo contra a lateral do

barco, balançando-o com força para longe do deque. Pepper estava com um pé dentro e outro fora, e o espaço entre as pernas aumentava.

Ele reagiu imediatamente. Saltou para o alto, pairando vários metros acima do barco. *Voando*. No impulso de fazê-lo perder o equilíbrio, acabei me esquecendo de que ele tinha asas. E, para completar, agora estava claramente furioso.

Mergulhei e comecei a nadar depressa para o meio do rio, ouvindo os tiros sendo disparados do alto, na água.

Ouvi um barulho atrás de mim e soube que Pepper tinha mergulhado. Em segundos ele me alcançaria e cumpriria a promessa de fazer um buraco no meu pé — e provavelmente faria algo ainda pior. Eu não tinha a força de um arcanjo, mas era uma nefilim agora, e treinara com Dante... duas vezes. Decidi, então, fazer algo incrivelmente estúpido ou incrivelmente corajoso.

Apoiei firmemente os pés no leito arenoso do rio e impulsionei meu corpo para cima com toda a força, saltando da água. Para meu espanto, fui mais alto do que esperava, além das copas das árvores que tomavam as margens do rio. Podia ver a quilômetros e quilômetros de distância, depois das fábricas e dos campos, até a estrada cheia de pequenos carros e carretas. E, mais afastada ainda, via a própria Coldwater, um aglomerado de casas, lojas e parques gramados.

Com a mesma rapidez, perdi velocidade. Meu estômago revirou, o vento passava com força por meu corpo enquanto eu mudava de direção. O rio vinha rápido ao meu encontro. Tive o instinto de girar os braços freneticamente, mas era como se meu corpo não quisesse cooperar. Recusava-se a ser nada menos que gracioso e eficiente, compacto como um míssil. Meus pés aterrissaram com força na rampa do barco, estilhaçaram as tábuas e eu mergulhei de volta na água.

Mais balas passaram zunindo por minhas orelhas. Lutei para me desvencilhar dos escombros, consegui subir até a margem do rio e saí em disparada na direção das árvores. Duas manhãs de corrida no escuro tinham me preparado um pouco para isso, mas não explicavam por quê, de repente, eu estava correndo a uma velocidade semelhante à de Dante. As árvores passavam como um borrão vertiginoso, meus pés erguiam-se e desciam com facilidade, quase como se pudessem prever os passos necessários meio segundo antes da minha mente.

Corri em velocidade máxima até a passarela, atirei-me no Volkswagen e saí a toda do estacionamento. Para meu espanto, eu sequer estava sem fôlego.

Adrenalina? Talvez. Mas achava que não.

Dirigi até a Farmácia Allen e enfiei o Volkswagen em uma vaga entre dois caminhões, que encobriam a vista da rua. Então afundei no banco, tentando ficar invisível. Tinha certeza de que havia despistado Pepper no rio, mas não custava ser cuidadosa. Precisava de tempo para pensar. Não podia ir para casa. Não podia voltar para a escola. Precisava mesmo era encontrar Patch, mas não sabia por onde começar.

Meu celular tocou e despertei sobressaltada de meu devaneio.

— Ei, Grey — disse Scott. — Vee e eu estamos indo ao Taco Hut para almoçar, e a grande pergunta do dia é: *Onde está você?* Agora que a) você sabe dirigir, e b) tem carro... aham, graças a mim... não precisa mais comer no refeitório da escola. Só para você saber.

Ignorei seu tom brincalhão.

— Preciso do telefone do Dante. Mande para mim por mensagem, e rápido — falei.

Eu tinha o telefone do Dante gravado no meu telefone antigo, mas não no novo.

— Hã, *por favor*?

— O que é isso? Tirou o dia para pegar no meu pé?

— Para que você precisa do número dele? Achei que Dante fosse seu namo...

Desliguei e tentei entender o que estava acontecendo. O que eu sabia com certeza? Que um arcanjo que levava uma vida dupla queria me sequestrar e me usar como moeda de troca para convencer Patch a lhe fazer um favor. Ou a parar de chantageá-lo. Ou os dois. Também sabia que Patch não era o chantageador.

E o que eu não sabia? Principalmente, o paradeiro de Patch. Ele estava seguro? Ia entrar em contato comigo? Precisava da minha ajuda?

Cadê você, Patch?, gritei para o universo.

Meu celular tocou.

AQUI VAI O NÚMERO DO DANTE. OUVI FALAR QUE CHOCOLATE É ÓTIMO PARA TPM, escreveu Scott.

— Engraçadinho — falei em voz alta, ligando para Dante, que atendeu no terceiro toque.

— Precisamos nos encontrar... — falei, irritada.

— Ouça, se é sobre esta manhã...

— É claro que é sobre esta manhã! O que você me deu? Bebi um líquido estranho e, de repente, consigo correr rápido como você e me lançar 15 metros no ar, e tenho certeza de que minha visão está bem mais aguçada.

— Tudo isso vai passar aos poucos. Para manter essa velocidade, você precisaria beber o líquido azul todos os dias.

— O líquido azul tem nome?

— Não pelo telefone.

— Está bem. Vamos nos encontrar.

— Na Rollerland, em trinta minutos.

Pisquei.

— Você quer me encontrar no rinque de patinação?

— É meio-dia, e estamos no meio da semana. Não tem ninguém lá além de mães e crianças pequenas. Fica mais fácil identificar alguém que queira nos espionar.



Não tinha certeza de quem Dante achava que pudesse nos espionar, mas sentia um desconforto revirando meu estômago que me dizia que, o que quer que fosse aquela coisa azul, Dante não era o único a querê-la. Meu palpite era de que se tratava de algum tipo de droga. Eu testemunhara em primeira mão suas propriedades. Os poderes que aquilo tinha me dado eram surreais. Era como se eu não tivesse limites, como se minha capacidade física fosse... infinita. A sensação era arrebatadora e antinatural. E foi meu pensamento seguinte que me preocupou.

Quando Hank estava vivo, tinha feito experiências com as artes do mal, evocando os poderes do inferno em benefício próprio. Os objetos que ele enfeitiçava sempre emanavam um brilho azul e enigmático. Até agora eu acreditara que o conhecimento das artes do mal tinha morrido com Hank, mas começava a duvidar disso. Esperava que a misteriosa bebida de Dante fosse azul por coincidência, mas meu instinto me dizia que não.

Desci do carro e andei os quarteirões que faltavam para chegar a Rollerland, olhando a toda hora por cima do ombro para ver se estava sendo seguida. Nenhum estranho usando casacão escuro e óculos de sol. Também não havia nenhuma pessoa alta o suficiente para ser um nefilim.

Passei pelas portas da Rollerland, aluguei um par de patins tamanho 38 e me sentei em um banco do lado de fora do rinque. A iluminação era fraca e um globo de discoteca projetava raios de luz brilhante e saturada pelo piso de madeira polida. Uma música antiga da Britney Spears tocava nos alto-falantes. Como Dante previra, só havia crianças pequenas e suas mães patinando àquela hora.

Uma mudança no ar, que agora parecia carregado de eletricidade, me alertou da presença de Dante. Ele se abaixou no banco ao meu lado, vestindo uma calça jeans elegante e camisa polo justa azul-marinho. Não tinha se dado o trabalho de tirar os óculos de sol, tornando impossível ver seus olhos. Eu me perguntei se ele se arrependera de ter me dado a bebida e estava passando por algum tipo de conflito moral. Esperava que sim.

— Vai patinar? — perguntou, acenando a cabeça em direção aos meus pés.

Notei que ele não estava carregando patins.

— O cartaz diz que você deve alugar um desses para passar da entrada.

— Você podia ter usado um truque da mente com o atendente do balcão.

Senti meu humor piorar.

— Eu não faço essas coisas.

Dante deu de ombros.

— Então está perdendo uma das grandes vantagens de ser nefilim.

— Fale da bebida azul.

— É uma bebida desenvolvida para aguçar as habilidades.

— Isso eu percebi. E com o que é desenvolvida?

Dante inclinou a cabeça em direção à minha e falou em um sussurro.

— Artes do mal. Não é tão ruim quanto parece — assegurou-me ele.

Minhas costas enrijeceram e os pelos da nuca se arrepiaram. Não, não, não. As artes do mal deviam estar erradicadas da Terra. Tinham desaparecido com Hank.

— Sei o que são as artes do mal. E achei que tivessem sido destruídas.

Dante franziu as sobrancelhas escuras.

— Como sabe sobre elas?

— Hank as usava. Assim como seu cúmplice, Chauncey Langeais. Mas quando Hank morreu... — peguei-me dizendo. Dante não sabia que eu havia matado Hank, e dizer que isso não ajudaria meu entendimento com os nefilins, incluindo Dante, seria muito pouco. — Patch espionava para Hank.

Ele assentiu.

— Eu sei. Eles tinham um acordo. Patch nos passava informações sobre os anjos caídos.

Não sabia se Dante tinha deixado de mencionar de propósito que Patch concordara em fazer espionagem sob uma condição — a de que Hank preservasse minha vida —, ou se Hank tinha mantido esse detalhe em segredo.

— Hank contou a Patch sobre as artes do mal — menti, encobrindo meu rastro. — Mas Patch me disse que, quando Hank morreu, as artes do mal tinham desaparecido com ele. Patch tinha a impressão de que Hank era o único que sabia manipulá-las.

Dante balançou a cabeça.

— Hank deixou seu braço direito, Blakely, encarregado de desenvolver protótipos. Blakely sabe mais sobre as artes do mal do que Hank jamais soube. Ele passou os últimos meses enfurnado em um laboratório, enfeitiçando facas, chicotes e anéis cravejados de pedras com as artes do mal, transformando-os em armas mortais. Mais recentemente, desenvolveu uma bebida que vai potencializar os poderes dos nefilins. Estamos de igual para igual agora, Nora — disse ele, com um brilho de empolgação nos olhos. — Costumavam ser necessários dez nefilins para deter um anjo caído. Não mais. Tenho feito alguns testes para Blakely e, quando tomo a bebida potencializadora, o jogo geralmente vira a meu favor. Posso enfrentar um anjo caído sem temer que ele seja mais forte.

Um turbilhão de pensamentos começou a passar descontroladamente por minha cabeça. As artes do mal estavam sendo usadas na Terra? Os nefilins tinham uma arma secreta, fabricada em um laboratório secreto? Eu precisava contar isso a Patch.

— A bebida que você me deu é a mesma que vem testando para Blakely?

— É. — Ele abriu um sorriso ardiloso. — Agora você entende do que estou falando.

Se ele queria elogios, não ia consegui-los de mim.

— Quantos nefilins sabem da bebida ou já a tomaram?

Dante recostou-se no banco e suspirou.

— Você está perguntando porque quer saber... — fez uma pausa intencional — ...ou é para dividir nosso segredo com Patch?

Hesitei, e Dante ficou consternado.

— Você precisa escolher, Nora. Não pode ser leal a nós e ao que quer que ainda exista entre você e Patch. Tem se saído muito bem, mas, no fim, terá que escolher a quem será leal. Ou está com os nefilins ou está contra nós.

A pior parte da conversa era que Dante estava certo. Lá no fundo, eu sabia. Patch e eu tínhamos concordado que nosso objetivo na guerra era sair dela juntos e em segurança, mas, se eu ainda acreditava que essa era minha única meta, em que situação isso deixava os nefilins? Eu, supostamente, era sua líder, e estava lhes pedindo para acreditar na minha intenção de ajudá-los, quando na verdade estava mentindo.

— Se contar a Patch sobre as artes do mal, ele não vai deixar barato — disse Dante. — Irá atrás de Blakely e tentará destruir o laboratório. Não por um senso sublime de dever moral, mas por autopreservação. Não se trata mais do Cheshvan apenas — explicou ele. — Meu objetivo não é forçar os anjos caídos a obedecerem a alguma determinação nossa, como impedi-los de nos possuir. Meu objetivo é aniquilar a raça inteira usando as artes do mal. E se eles ainda não sabem disso, vão descobrir logo.

— O *quê*? — esbravejei.

— Hank tinha um plano. Era esse. A extinção dos anjos caídos. Blakely acredita que, com um pouco mais de tempo, poderá desenvolver o protótipo de uma arma forte o suficiente para matar um anjo caído, algo que jamais se considerou possível. Até agora.

Dei um pulo do banco e comecei a andar de um lado para o outro.

— Por que você está me contando isso?

— Está na hora de você fazer sua escolha. Está conosco ou não?

— Patch não é o problema. Ele não está trabalhando com anjos caídos. Ele não quer a guerra.

A única meta de Patch era garantir que eu continuasse no poder, cumprisse meu juramento e saísse daquilo tudo viva. Mas se eu lhe contasse sobre as artes do mal, Dante estava certo: Patch faria todo o possível para destruí-las.

— Se contar a ele sobre as artes do mal, estará tudo perdido para nós — disse Dante.

Ele estava me pedindo para decidir entre traí-lo, além de Scott e milhares de nefilins inocentes... ou trair Patch. Senti um peso enorme revirando meu estômago. A dor foi tão forte que quase me dobrei.

— Tire a tarde para pensar nisso — disse Dante, ficando de pé. — A menos que mude de ideia até lá, espero que esteja pronta para treinar amanhã bem cedo. — Ele me observou por

um instante, os olhos castanhos firmes, mas deixando entrever uma sombra de dúvida. — Espero que ainda estejamos do mesmo lado, Nora — disse em voz baixa, depois saiu.

Fiquei no prédio ainda por vários minutos, sentada na penumbra, cercada por gritos e risadas excessivamente alegres de crianças tentando fazer a dança do Hokey Pokey de patins. Abaixei a cabeça e escondi o rosto com as mãos. Não era daquele jeito que as coisas deviam acontecer. Eu devia pôr fim à guerra, declarar cessar-fogo e me afastar de tudo para ficar com Patch.

Em vez disso, Dante e Blakely já tinham preparado o terreno mais à frente, continuando bem do ponto onde Hank parara e aumentado a aposta para tudo ou nada. Idiota, idiota, idiota.

Em circunstâncias normais, eu não acharia que Dante e Blakely, nem todos os nefilins, aliás, tivessem qualquer chance de aniquilar os anjos caídos, mas suspeitava de que as artes do mal pudessem mudar isso. Mas o que isso representava para minha parte do acordo? Se os nefilins travassem guerra sem mim, os arcanjos ainda iriam me considerar responsável?

Sim. Sim, eles iriam.

Onde quer que Blakely estivesse escondido, sem dúvida protegido por um esquema próprio de segurança nefilim, estava claro que vinha fazendo experiências com protótipos mais poderosos e mais perigosos. Ele era a raiz do problema.

O que tornava encontrar Blakely e seu laboratório secreto uma das minhas prioridades mais importantes.

Logo depois de encontrar Patch. Senti meu estômago dar um nó de preocupação e fiz outra prece silenciosa.

CAPÍTULO 10

ESTAVA a uma curta distância do Volkswagen quando vi uma figura indistinta sentada no banco do motorista. Parei, pensando de imediato que Chapéu de Cowboy estava de volta para o segundo round. Prendi a respiração e ponderei se seria sensato correr. No entanto, quanto mais eu pensava, mais minha imaginação hiperativa cedia e a figura assumia sua verdadeira forma. Patch dobrou o dedo e me chamou para entrar. Abri um sorriso, minha preocupação desaparecendo de imediato.

— Matando aula para patinar? — perguntou ele quando entrei no carro.

— Você me conhece. Tenho um fraco por rodas roxas.

Patch sorriu.

— Não vi seu carro na escola. Estava procurando você. Tem alguns minutos?

Entreguei-lhe minhas chaves.

— Você dirige.

Patch nos levou até um luxuoso condomínio residencial com vista para Casco Bay. Pelo charme histórico do prédio — tijolos em tom de vermelho-vivo misturados com pedras de uma pedreira local —, dava para ver que a construção tinha mais de um século, mas havia sido completamente reformada com janelas reluzentes e colunas de mármore preto, e tinha ainda um porteiro. Patch parou em uma garagem para um único carro e abaixou a porta, deixando-nos em meio à escuridão.

— Casa nova? — perguntei.

— Pepper contratou alguns nefilins brutamontes para redecorar meu estúdio embaixo do Delphic. Precisei encontrar rápido um lugar com mais segurança.

Saímos do Volkswagen, subimos uma escada estreita, passamos por uma porta e entramos na nova cozinha de Patch. Janelas de ponta a ponta ofereciam uma vista impressionante da baía. Alguns veleiros brancos pontilhavam a água, e uma pitoresca neblina azul cobria os penhascos ao redor. A folhagem de outono cercava a baía, ardendo em vibrantes tons de vermelho que pareciam incendiar a paisagem. O cais na base das casas parecia ter serviço de manobrista.

— Que chique — falei para Patch.

Ele veio por trás e me estendeu uma caneca de chocolate quente, então beijou minha nuca.

— É mais exposto do que eu gostaria, e isso não é algo que você vai me ouvir dizer com frequência.

Encostei-me nele, tomando minha bebida.

— Estava preocupada com você.

— Pepper me surpreendeu fora da Bolsa do Diabo ontem à noite. O que significa que não tive chance de falar com nosso amigo nefilim Chapéu de Cowboy. Mas fiz algumas ligações e andei investigando, a começar pela cabana para onde ele a levou. Ele não é muito esperto. A cabana é dos avós dele. O verdadeiro nome do Chapéu de Cowboy é Shaun Corbridge, e ele tem dois anos de idade pela contagem nefilim. Ele jurou lealdade há dois anos e se alistou voluntariamente no exército do Mão Negra. Tem pavio curto e histórico de uso de drogas. Está procurando uma forma de fazer o nome dele e acha que você é o bilhete para isso. É óbvio que ele tem tendência a fazer coisas estúpidas. — Patch beijou minha nuca de novo, e dessa vez sua boca se demorou ali. — Senti sua falta também. O que tem para me dizer?

Hum, por onde começar?

— Eu podia lhe contar como Pepper tentou me sequestrar de manhã e me fazer de refém, ou quem sabe você prefira saber como Dante me enganou e me fez tomar uma bebida desenvolvida com as artes do mal? Ao que parece, Blakely, o braço direito de Hank, vem fazendo experiências com as artes do mal há meses e criou uma droga para melhorar a performance dos nefilins.

— Ele fez o *quê*? — bradou Patch com uma voz que não podia estar mais furiosa. — Pepper machucou você? Vou fazer Dante em pedaços!

Balancei a cabeça negativamente, mas fiquei surpresa quando senti as lágrimas brotarem em meus olhos. Eu sabia por que Dante tinha feito aquilo — ele precisava que eu estivesse fisicamente forte o suficiente para liderar os nefilins para a vitória —, mas me ressentia pela maneira como ele agira. Ele tinha mentido para mim. Tinha me enganado para me fazer tomar uma substância que não só era proibida na Terra, mas também potencialmente perigosa. Eu não era ingênua o bastante para achar que as artes do mal não tinham efeitos colaterais negativos. Os poderes podiam se esvanecer, mas uma semente do mal tinha sido colocada dentro de mim.

— Dante disse que os efeitos da bebida desaparecem gradualmente depois de um dia — expliquei. — Essa é a boa notícia. A má notícia é que eu desconfio de que ele esteja planejando apresentá-la a vários nefilins em breve. Isso lhes dará... superpoderes. Só assim consigo descrever o que a bebida faz. Quando tomei, corri mais rápido e saltei mais alto, e também meus sentidos ficaram aguçados. Dante disse que um nefilim poderia derrotar um anjo caído de um para um. Acredito nele, Patch. Escapei de Pepper. Um *arcanjo*. Sem a bebida, eu estaria presa com ele agora.

Frieza e fúria ardiam nos olhos de Patch.

— Onde posso encontrá-lo? — perguntou ele, decidido.

Não esperava que Patch fosse ficar tão irritado — um grande equívoco, parando para pensar melhor. É claro que ele estava explodindo. O problema é que, se ele fosse atrás de Dante naquele momento, Dante saberia que eu tinha contado a Patch sobre as artes do mal. Precisava armar minha jogada com cuidado.

— O que ele fez foi errado, mas estava pensando no que era melhor para mim — tentei argumentar.

Patch soltou uma risada dura.

— Você acredita mesmo nisso?

— Acho que ele está desesperado. Não está vendo muitas opções.

— Então ele não está procurando direito.

— Dante também me deu um ultimato. Ou estou com ele e os nefilins, ou com você. Ele me falou sobre as artes do mal para me testar. Para ver se eu lhe contaria. — Joguei as mãos para o alto, depois as abaixei. — Nunca esconderia essa informação de você. Somos um time. Mas precisamos saber como vamos jogar.

— Eu vou matá-lo.

Suspirei, apertando minhas têmporas com as pontas dos dedos.

— Você não está enxergando além de sua antipatia pessoal pelo Dante... e também da sua raiva.

— Raiva? — Patch riu, mas de uma forma inegavelmente ameaçadora. — Ah, Anjo. Isso é muito pouco perto do que estou sentindo. Acabei de saber que um nefilim *forçou você a ingerir artes do mal*. Não me importa se ele não estava pensando direito, não ligo se estava desesperado. Ele não vai cometer esse erro de novo. E antes que você fique tentada a sentir pena dele, fique sabendo: Dante já devia esperar por isso. Eu avisei a ele que, se você sofresse um arranhão sequer enquanto estivesse sob os cuidados dele, eu o responsabilizaria.

— Sob os cuidados dele? — ecoei lentamente, tentando ligar os pontos.

— Sei que tem treinado com ele — falou Patch sem rodeios.

— Você sabe?

— Você já está crescidinha. Pode tomar suas próprias decisões. Obviamente tinha seus motivos para querer aprender defesa pessoal com Dante, e eu não iria impedi-la. Confio em você. Era com ele que me preocupava, e parece que eu tinha razão. Vou perguntar mais uma vez. Onde ele está se escondendo? — praticamente rosnou Patch, o rosto ficando sombrio.

— Por que você acha que ele está se escondendo? — indaguei, chateada por mais uma vez me sentir presa nessa história entre Patch e Dante. Entre anjos caídos e nefilins. Não pretendia esconder de propósito as sessões de treinamento de Patch, só tinha achado que poderia ser melhor não atiçar ainda mais a rivalidade entre os dois.

A risada dura de Patch me fez sentir um calafrio na espinha.

— Se ele for esperto, está se escondendo.

— Também estou irritada, Patch. Confie em mim, gostaria de voltar atrás e apagar esta manhã. Mas detesto a sensação de que você está decidindo tudo sem falar comigo. Primeiro colocou um dispositivo rastreador em mim. Depois ameaçou Dante pelas minhas costas. Você tem agido por conta própria. Preciso sentir que está do meu lado. Preciso sentir que estamos trabalhando juntos.

O celular novo de Patch tocou, e ele deu uma olhada no visor. Um comportamento bastante incomum para ele. Nos últimos dias, ele deixava todas as ligações caírem na caixa postal, depois via quais iria retornar.

— Está esperando alguma ligação importante? — perguntei.

— Sim, e preciso cuidar disso agora. Estou do seu lado, Anjo. Sempre vou estar. Desculpe-me se você acha que estou contrariando sua vontade. É a última coisa que quero, acredite em mim. — Ele me deu um selinho, mas pareceu brusco. Já estava saindo, decidido, em direção à escada que levava à garagem. — Preciso que faça uma coisa por mim. Veja se consegue descobrir algo sobre Blakely. Onde está morando, os lugares que tem visitado, quantos guarda-costas nefilins o protegem, qualquer novo protótipo que esteja desenvolvendo e quando pretende apresentar essa superbebida para um grupo maior. Você está certa, não acho que as artes do mal tenham se disseminado além de Dante e Blakely ainda. Se tivessem, os arcanjos teriam caído em cima. A gente se fala em breve, Anjo.

— Então vamos terminar essa conversa depois? — chamei por ele, ainda aturdida por Patch sair assim tão de repente.

Ele parou no alto da escada.

— Dante lhe deu um ultimato, mas isso já estava para acontecer, com ou sem ele. Não posso tomar a decisão por você, mas se quiser conversar com alguém, é só falar. Fico feliz em ajudar. Ligue o alarme antes de sair. Sua chave está no balcão. Você é bem-vinda a qualquer hora. Entrarei em contato.

— E quanto ao Cheshvan? — indaguei. Ainda não tinha falado metade dos assuntos sobre os quais queria conversar, e ele já estava saindo correndo. — Começa hoje com a Lua crescente.

Patch fez um aceno rápido com a cabeça.

— Há algo estranho no ar. Vou vigiar você, mas quero que tome cuidado, ainda assim. Não fique fora além do tempo necessário. O pôr do sol é seu toque de recolher hoje.



Eu não via razão para voltar para a escola sem uma dispensa válida e, se saísse naquele instante, só pegaria a última hora de aula, então resolvi ficar na casa de Patch para um momento de pensar-e-refletir.

Fui até a geladeira procurar um lanche, mas estava vazia. Era bem claro que Patch se mudara rapidamente e a mobília estava incluída. Os cômodos ainda estavam imaculados, e faltava algum toque pessoal. Aparelhos de aço inoxidável, pintura castanha, piso de nogueira. Os móveis eram modernos e em cores sólidas. Havia também uma TV de tela plana e poltronas de couro, uma de frente para outra. Tudo muito masculino, estiloso, mas faltava calor.

Relembrei minha conversa com Patch e concluí que ele não parecia nem um pouco compreensivo com a questão do ultimato de Dante e meu grande dilema. O que isso queria dizer? Que ele achava que eu podia resolver as coisas por conta própria? Não havia muito o que resolver. Ou eu contava toda a verdade para Dante, ou filtrava as partes importantes, ou...

Ou o quê?

Eu não tinha uma resposta, então fiquei pensando no que *realmente* sabia. Ou seja, que Patch queria que eu descobrisse o que Blakely estava tramando. Patch provavelmente achava que Dante era meu melhor contato — um intermediário entre mim e Blakely, por assim dizer. E para manter as linhas de comunicação abertas entre nós provavelmente era melhor que eu deixasse Dante acreditar que estava do seu lado. Que eu apoiava os nefilins.

E eu apoiava. De muitas maneiras. Era solidária a eles porque não estavam lutando pelo poder ou alguma outra ambição desvirtuosa — estavam lutando pela liberdade. Eu entendia. Admirava. Faria qualquer coisa para ajudar. Mas não queria que Blakely ou Dante colocassem a população de anjos caídos em risco. Se os anjos caídos fossem eliminados da face da Terra, Patch iria com eles. Não queria perder Patch, e faria o que fosse necessário para garantir que sua espécie sobrevivesse.

Em outras palavras, eu não estava perto de encontrar uma resposta. Tinha voltado à estaca zero, jogando dos dois lados do campo. A ironia daquilo tudo me atingiu. Eu era exatamente como Pepper Friberg. A única diferença entre nós era que eu *queria* escolher um lado. Toda essa história de ficar me esquivando e mentindo, e fingindo ser leal a lados opostos, não me deixava dormir à noite. Em pouco tempo minha mente teria que se ocupar apenas de memorizar mentiras para que eu não acabasse me traindo.

Suspirei. E dei mais uma olhada no congelador de Patch. Nenhuma caixa de sorvete tinha aparecido por mágica desde a última vez que eu checara.

CAPÍTULO 11

Às cinco horas da manhã seguinte, meu colchão afundou com o peso de um segundo corpo. Meus olhos se abriram e vi Dante sentado ao pé da cama, a expressão nebulosa.

— Então? — perguntou ele, simplesmente.

Eu havia passado o dia e a noite inteiros na véspera tentando me decidir, e finalmente tinha resolvido o que fazer. Agora vinha a parte difícil: colocar o plano em prática.

— Preciso de cinco minutos para me vestir e encontro você lá fora.

As sobrancelhas dele se ergueram levemente de forma indagadora; sua esperança era visível.

— Isso significa o que acho que significa?

— Não estou lá fora treinando com anjos caídos, estou?

Não era exatamente uma resposta direta, e esperava que Dante não insistisse no assunto.

— Cinco minutos então — respondeu ele, sorrindo.

— Mas nada de bebida azul — falei, o que o fez parar na porta. — É bom que fique claro.

— A amostra de ontem não a convenceu?

Para meu espanto, ele não parecia sentir remorso. Na verdade, seu rosto demonstrava decepção.

— Tenho a sensação de que aquilo não seria aprovado pelo Ministério da Saúde.

— Se mudar de ideia, é por conta da casa.

Decidi me aproveitar do rumo que a conversa tomava.

— Blakely está desenvolvendo alguma outra bebida potencializadora? E quando você acha que ele vai ampliar o grupo de teste?

Ele deu de ombros de forma evasiva.

— Não falo com Blakely há algum tempo.

— Sério? Mas você está testando as artes do mal para ele. E vocês dois eram bem próximos do Hank. Estou surpresa que não mantenham contato.

— Você conhece o ditado "Não coloque todos os seus ovos na mesma cesta"? Essa é a nossa estratégia. Blakely desenvolve os protótipos no laboratório dele, e eu os pego em locais de entrega que se revezam. Se algo acontecer a um de nós, o outro estará seguro. Não sei o paradeiro de Blakely, então, se os anjos caídos me prenderem e me torturarem, não vou poder lhes dizer nada de útil. Procedimento padrão. Vamos começar com uma corrida de 25 quilômetros, então trate de se hidratar bem.

— Espere. E quanto ao Cheshvan?

Observei o rosto dele com atenção, preparando-me para o pior. Tinha passado muitas horas acordada na noite anterior, esperando, tensa, por algo lá fora que indicasse que a hora havia chegado. Contava com uma mudança no ar, uma corrente quente de energia negativa que eu sentisse na pele ou qualquer outro sinal sobrenatural. Em vez disso, o Cheshvan chegou sem que eu percebesse. E, ainda assim, em algum lugar lá fora, tinha certeza de que milhares de nefilins estavam sofrendo de maneiras inimagináveis.

— Nada — disse Dante severamente.

— O que quer dizer com nada?

— Até onde sei, nenhum anjo caído possuiu seus vassalos ontem à noite.

Eu me sentei.

— Isso é bom! Não é? — acrescentei, ao ver a fisionomia grave de Dante.

Ele demorou a responder.

— Não sei o que significa. Mas não acho que seja bom. Eles não iriam se conter sem motivo... um bom motivo — concluiu de forma hesitante.

— Não entendo.

— Bem-vinda ao clube.

— Pode ser uma guerra psicológica? Acha que eles estão tentando desestabilizar os nefilins?

— Acho que eles sabem de algo que não sabemos.

Depois que Dante fechou em silêncio a porta do meu quarto, coloquei a roupa de ginástica e arquivei mentalmente aquela nova informação. Estava louca para saber a opinião de Patch sobre o começo inesperado e decepcionante do Cheshvan na noite anterior. Como ele era um anjo caído, provavelmente teria uma explicação mais detalhada. O que aquele afastamento queria dizer?

Desapontada por não ter uma resposta, mas ciente de que seria perda de tempo tentar especular, voltei minha atenção para as outras informações que descobrira. Sentia-me a um passo mínimo de localizar a fonte das artes do mal. Dante dissera que ele e Blakely nunca se encontravam pessoalmente, o que significava que alguém agia como intermediário, passando os protótipos de um para outro. Eu tinha de localizar o intermediário.

Lá fora, bastou Dante começar a correr em direção ao bosque para eu saber que aquele era o sinal para segui-lo. Notei imediatamente que a bebida azul infundida com as artes do mal tinha saído do meu organismo. Dante disparava entre as árvores a uma velocidade incrível, enquanto eu ficava para trás, concentrada em cada passo para minimizar os danos. Mas, mesmo contando com minhas próprias habilidades, e somente com elas, eu podia sentir que estava evoluindo. E depressa. Havia uma grande pedra mais à frente no caminho e, em vez de desviar, minha reação foi saltá-la. Apoiei o pé na superfície arredondada, na metade da altura da pedra, dei um impulso e voei por cima dela. Quando voltei para o chão, imediatamente deslizei sob os galhos baixos de uma árvore espinhosa e, sem perder o embalo, fiquei de pé e continuei correndo.

No final dos 25 quilômetros, eu estava coberta de suor e respirava com dificuldade. Encostei-me em uma árvore e levantei a cabeça para sentir a brisa.

— Você está melhorando — disse Dante, soando surpreso.

Olhei para o lado. Ele, é claro, ainda parecia ter acabado de sair do banho, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar.

— E sem a ajuda das artes do mal — destaquei.

— Você veria resultados ainda melhores se concordasse em tomar a superbebida.

Afastei-me da árvore e girei os braços, alongando os músculos dos ombros.

— O que planejou para hoje? Mais treinamento de força?

— Truques da mente.

Isso me pegou desprevenida.

— Invadir a mente dos outros?

— Fazer as pessoas verem o que na verdade não está lá.

A definição era desnecessária. Eu já fora alvo de truques da mente, e a experiência nunca foi agradável. O pulo do gato do truque da mente é enganar a vítima.

— Não sei bem — esquivei-me. — É realmente necessário?

— É uma arma poderosa. Principalmente para você. Se puder fazer com que um oponente maior, mais rápido e mais forte acredite que você está invisível, ou que ele está prestes a cair de um penhasco, os poucos segundos de vantagem que isso lhe render poderão ser sua salvação.

— Está bem, mostre-me como se faz — concordei, relutante.

— Primeiro passo: Invada a mente de seu inimigo. É como falar através dos pensamentos. Tente fazer comigo.

— Isso é fácil — gabei-me, atirando nele minhas redes mentais, enredando seu pensamento, forçando palavras em sua consciência. *Estou em sua mente, dando uma olhada em volta, e isso aqui está terrivelmente vazio.*

Sabichona, devolveu Dante.

Ninguém mais diz isso. A propósito, quantos anos você tem em idade nefilim? Eu nunca tinha pensado em perguntar.

Jurei lealdade na invasão de Napoleão à Itália, minha terra natal.

E isso foi em que ano...? Preciso de ajuda. Não sou uma apaixonada por história.

Dante sorriu. 1796.

Uau. Você é velho.

Não, sou experiente. Segundo passo: Desenrede os fios que formam a trama dos pensamentos de seu oponente. Fragmente-os, embaralhe-os, divida-os ao meio, o que funcionar para você. A forma de colocar isso em prática varia entre os nefilins. Para mim, fragmentar os pensamentos da vítima é o que funciona melhor. Tomo a muralha que há em suas mentes, aquela que guarda o núcleo em que cada pensamento é formado, e a derrubo. Assim.

Antes que eu sequer me desse conta do que estava acontecendo, Dante tinha me colocado contra uma árvore e afastava delicadamente alguns fios de cabelo soltos em minha testa. Ergueu meu queixo para olhar nos meus olhos, e mesmo se quisesse eu não teria conseguido me afastar daquele olhar penetrante. Eu me deixei levar pelas lindas feições dele. Intensos olhos castanhos perfeitamente equidistantes do nariz forte e reto. Lábios carnudos que se curvavam em um sorriso confiante. Cabelo castanho, pesado, que caía na testa. Queixo largo e bem-delineado, macio, recém-barbeado. E, como pano de fundo para tudo isso, um lindo tom moreno de pele.

Não conseguia pensar em mais nada a não ser em como seria bom beijá-lo. Tudo mais tinha sumido da minha mente, e eu não me importava. Estava perdida em um lindo sonho, e não ligaria se nunca mais acordasse. *Beije Dante.* Sim, era exatamente isso que eu queria. Fiquei na ponta dos pés, encurtando a distância entre nossas bocas, um tremor vibrando como asas em meu peito.

Asas. Anjos. *Patch.*

Em um impulso, ergui uma nova muralha em minha mente. E, de repente, vi o que de fato estava acontecendo. Dante tinha me encostado em uma árvore, está certo, mas eu *não* queria ficar com ele.

— Fim da demonstração — disse ele, com um sorriso um pouco convencido demais para o meu gosto.

— Da próxima vez, escolha uma demonstração mais apropriada — falei, e estava tensa. — Patch mataria você se descobrisse o que houve.

O sorriso dele não se desfez.

— Essa é uma figura de linguagem que não funciona muito bem com nefilins.

Eu não estava no clima para esse tipo de piada.

— Sei o que está fazendo. Está querendo que ele perca a cabeça. Essa rixa entre vocês dois vai atingir um nível totalmente novo se mexer comigo. Patch é a última pessoa que você devia querer contrariar. Ele não guarda ressentimentos, porque quem o provoca costuma desaparecer rapidamente. E o que você acabou de fazer? Isso é o que eu chamo de provocação.

— Foi a primeira ideia que me ocorreu — disse ele. — Não vai acontecer de novo.

O pedido de desculpas teria sido melhor se ele parecesse minimamente arrependido.

— Acho bom — respondi em tom grave.

Dante parecia deixar qualquer ressentimento para trás com facilidade.

— Agora é sua vez. Entre na minha mente e procure fragmentar meus pensamentos. Se conseguir, substitua-os por algo que você inventar. Em outras palavras, crie uma ilusão.

Como voltar logo ao trabalho era a maneira mais rápida de esgotar o treinamento — e meu tempo com Dante —, deixei de lado a irritação e me concentrei na tarefa que tinha em mãos. Com minhas redes ainda pairando na mente dele, procurei me visualizar primeiro enredando seus pensamentos e depois desmanchando cada trama fio por fio. A imagem na

minha cabeça não era muito diferente do ato de desfiar um queijo de corda, uma tira após a outra.

Mais rápido, disse Dante. *Sinto você em minha mente, mas não está causando nenhuma turbulência. Crie ondas, Nora. Balance o barco. Atinja-me antes que eu perceba o que está acontecendo. Pense nisso como uma emboscada. Se eu fosse um oponente de verdade, tudo o que você conseguiria seria me deixar saber que está se intrometendo aqui. Assim você vai acabar cara a cara com um nefilim furioso.*

Afastei-me da mente de Dante, respirei fundo e lancei a rede de novo, mais longe dessa vez. Fechei os olhos para evitar qualquer distração e criei uma nova imagem. *Tesouras.* Tesouras grandes e brilhantes. Retalhei os pensamentos dele...

— Mais rápido! — gritou Dante. — Consigo sentir sua hesitação. Você tem tão pouca confiança em si mesma que posso praticamente sentir sua insegurança! Qualquer nefilim que se preze vai cair em cima disso. Assuma o controle!

Recuei de novo, cerrando os punhos por me sentir ainda mais decepcionada. Com Dante e comigo. Ele exigia muito e tinha expectativas muito altas. E eu não conseguia afastar as vozes de dúvida que riam dissimuladamente na minha cabeça. E repreendia a mim mesma por ser exatamente o que Dante pensava. Uma fraca.

Naquela manhã, eu decidi continuar enrolando Dante, interessada em usá-lo para chegar a Blakely e seu laboratório das artes do mal, mas isso não tinha mais a menor importância. Eu queria *dominar* os truques da mente. Pequenos pontos vermelhos de fúria e ressentimento pipocavam no meu campo de visão. Estreitei os olhos. Não queria mais ser inadequada. Não queria mais ser menor, mais lenta, mais fraca. Uma determinação feroz fazia meu sangue ferver. Meu corpo inteiro tremia, decidido e obstinado, enquanto eu olhava bem nos olhos de Dante. Tudo mais foi desaparecendo. Só restamos ele e eu.

Lancei uma rede com todo o meu fervor. Atirei toda a raiva que sentia de Hank, as inseguranças a respeito de mim mesma e a horrível sensação de cabo de guerra que me dilacerava toda vez que eu pensava em ter de escolher entre Patch e os nefilins, tudo isso lançado na mente de Dante. Imediatamente visualizei uma gigantesca explosão, nuvens de fumaça e escombros se espalhando bem alto, infinitamente alto. Detonei outra explosão, e mais outra. Destruí qualquer esperança que ele pudesse ter de manter os pensamentos em ordem.

Dante se desequilibrou, visivelmente abalado.

— Como fez isso? — conseguiu perguntar, finalmente. — Eu... não conseguia ver. Não tenho nem certeza de onde estava. — Em seguida, ele piscou várias vezes e me encarou como se não soubesse ao certo se eu era real. — Foi como... ficar preso entre dois instantes no tempo. Não havia nada. *Nada*. Era como se eu não existisse. Nunca tinha passado por nada assim.

— Imaginei que estava detonando bombas em sua cabeça — confessei.

— Bem, funcionou.

— Então, eu passei?

— É, pode-se dizer que sim — disse Dante, balançando a cabeça ainda sem acreditar. — Tenho feito isso há muito tempo e nunca vi nada igual.

Não tinha certeza se devia me sentir orgulhosa por finalmente ter feito alguma coisa direito ou culpada por ter sido surpreendentemente boa em invadir a mente de Dante. Não era o talento mais digno para se dominar. Se eu pudesse ter algum troféu em exibição na minha cômoda, não escolheria voluntariamente o de corromper a mente das pessoas.

— Então acabamos? — perguntei.

— Até amanhã — disse Dante, ainda estupefato. — Bom trabalho, Nora.

Corri o restante do caminho até em casa em ritmo normal, humano — a velocidade dolorosamente lenta de dez quilômetros por hora —, porque o sol já começava a nascer e, embora não percebesse ninguém por perto, não custava nada ser prudente. Saí do bosque, atravessei a rua em direção à minha casa e parei abruptamente ao chegar à entrada da garagem.

O Toyota vermelho 4Runner de Marcie Millar estava parado bem em frente. Com um nó cada vez maior no estômago, subi a varanda. Várias caixas de mudança estavam empilhadas junto à porta. Empurrei-as para entrar, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, minha mãe pulou da mesa da cozinha.

— Aí está você! — exclamou impacientemente. — Onde esteve? Marcie e eu passamos a última meia hora tentando imaginar onde poderia ter ido a essa hora.

Marcie estava sentada na *minha* mesa de cozinha, as mãos em volta de uma xícara de café. Ela abriu um sorriso inocente.

— Fui correr — falei.

— Estou vendo — constatou minha mãe. — Mas podia ter falado alguma coisa antes. Você nem se preocupou em deixar um bilhete.

— São sete da manhã. Você devia estar na cama. O que *ela* está fazendo aqui?

— Eu estou bem aqui — disse Marcie com voz doce. — Pode falar comigo.

Olhei para ela.

— Ótimo. O que está fazendo aqui?

— Eu já falei. Não estou me entendendo com minha mãe. Precisamos de um pouco de espaço. Por ora, acho melhor morar com vocês. Minha mãe não vê problema.

Sem parecer nem um pouco desconcertada, ela bebeu um gole de café.

— E por que você achou que essa seria uma ideia boa, ou, pelo menos, razoável?

Marcie revirou os olhos.

— *Como assim?* Somos uma família.

Meu queixo caiu, e meus olhos correram imediatamente para minha mãe, que, para meu espanto, não parecia perturbada.

— Ah, por favor, Nora — disse ela. — Todas sabíamos disso, mesmo que ninguém estivesse disposta a dizer. Sob tais circunstâncias, Hank iria gostar que eu recebesse Marcie

de braços abertos.

Eu estava sem palavras. Como ela podia ser gentil com Marcie? Será que não se lembrava de nossa história com os Millar?

Tudo isso era culpa de Hank — eu estava fervendo por dentro. Esperava que seu controle sobre minha mãe acabasse quando ele morreu, mas sempre que eu tentava falar a respeito dele, ela adotava a mesma atitude serena: Hank ia voltar para ela, ela *queria* que ele voltasse e esperaria lealmente até isso acontecer. O comportamento bizarro dela era outra prova da minha teoria: antes de morrer, Hank usara nela algum dos truques da mente desenvolvidos pelas artes do mal. Nada que eu argumentasse perturbaria as lembranças perfeitas que ela guardava de um dos homens mais malignos que já habitara o planeta.

— Marcie é da família e, embora as circunstâncias sejam um pouco complexas, ela está certa em vir nos pedir ajuda. Se não pudermos recorrer aos familiares, com quem mais vamos contar? — continuou minha mãe.

Eu ainda a encarava, decepcionada com aquela atitude tão tranquila, quando uma segunda luz se acendeu. É claro. Hank não era o único culpado naquela farsa. Como levei tanto tempo para entender? Desviei os olhos para Marcie.

Você está fazendo algum truque da mente com ela?, indaguei de forma acusadora em seus pensamentos. *É isso? Sei que está fazendo alguma coisa porque de jeito nenhum minha mãe, em sã consciência, deixaria você se mudar para nossa casa.*

Marcie levou a mão à cabeça e gemeu.

— Ai! Como você fez isso?

Não banque a idiota comigo. Sei que é uma nefilim, lembra? Você pode fazer truques da mente e falar através dos pensamentos. Não importa que palhaçada seja essa, você não me engana. E não vai se mudar para cá de jeito nenhum.

Está certo, devolveu Marcie. *Sei como falar através dos pensamentos. E sei sobre os truques. Mas não estou usando isso. Minha mãe justifica todo o comportamento maluco dela dizendo que meu pai iria querer as coisas dessa forma. Ele provavelmente usou seus truques da mente nas duas antes de morrer. Não iria querer que nossas famílias brigassem. Não me culpe só porque sou um alvo disponível para sua raiva.*

— Marcie, quando você chegar da escola esta tarde já terei esvaziado o quarto extra — disse minha mãe, o olhar me fuzilando. — Perdoe Nora por ser tão indelicada. Ela está acostumada a ser filha única e a conseguir as coisas sempre do jeito que quer. Talvez essa convivência possa lhe dar uma nova perspectiva.

— Estou acostumada a conseguir as coisas do jeito que quero? — desafiei. — Marcie também é filha única. Se vamos fazer acusações, devemos ser justas.

Marcie sorriu, juntando as mãos de alegria.

— Muito obrigada, Sra. Grey. Eu agradeço muito mesmo.

Ela teve a audácia de correr e abraçar minha mãe.

— Ai, quero morrer agora — murmurei.

— Cuidado com o que deseja — sussurrou Marcie, com voz açucarada.

— Está pronta para isso? — perguntei a minha mãe. — Duas adolescentes, muita rivalidade e, o mais importante, dividindo o banheiro?

Para minha raiva, minha mãe sorriu.

— Família: o mais novo esporte radical. Depois da aula vamos levar as caixas da Marcie lá para cima, ajudá-la a se instalar e, então, sair para comer pizza. Nora, você acha que pode pedir ao Scott para nos ajudar? Algumas caixas podem estar pesadas.

— Acho que a banda dele ensaia às quartas-feiras — menti, sabendo muito bem que Vee teria um ataque épico se soubesse que eu tinha permitido que Marcie e Scott ficassem juntos no mesmo lugar.

— Eu falo com ele — disse Marcie, elevando a voz. — Scott é tão fofo! Vou convencê-lo a vir depois do ensaio. Posso convidá-lo para comer pizza com a gente depois, Sra. Grey?

Alô? Scott Parnell? Um fofo? Eu era a única a ouvir o absurdo daquilo tudo?

— É claro — disse minha mãe.

— Preciso tomar um banho — falei, procurando uma desculpa para fugir dali.

Tinha atingido meu limite diário de Marcie, precisava me recuperar. E então algo assustador me ocorreu. Se Marcie se mudasse mesmo, eu atingiria meu limite máximo todos os dias às sete da manhã.

— Ah, Nora! — gritou mamãe antes que eu chegasse à escada. — A escola deixou uma mensagem no telefone ontem à tarde. Acho que era da secretaria. Você sabe por que eles estariam ligando?

Congelei.

Marcie estava parada atrás de minha mãe, sua boca formando silenciosamente a frase *Pegaram você*, mal contendo a alegria.

— Vou dar uma passada lá hoje e ver o que eles querem — falei. — Provavelmente foi uma ligação de rotina.

— É, provavelmente — ecoou Marcie, com aquele sorriso arrogante que eu odiava mais do que tudo.

CAPÍTULO 12

POUCO depois do café, esbarrei com Marcie na varanda da frente. Ela estava saindo, falando ao celular, e eu estava voltando para a casa, à procura dela.

— Seu 4Runner está bloqueando meu carro — falei.

Ela levantou um dedo, pedindo que eu esperasse. Peguei o celular dela, desliguei e repeti mais irritada:

— Você está bloqueando meu carro.

— Calma, não dê um chilique. E não me irrite. Se tocar no meu celular de novo, vou fazer xixi no seu cereal.

— Isso é nojento.

— Era Scott no telefone. Ele não tem ensaio hoje e quer ajudar na mudança.

Que ótimo. Mal podia esperar pela conversa que eu teria com Vee, que não acreditaria quando eu dissesse "Eu *tentei*".

— Adoraria ficar aqui batendo papo, mas tenho aula. Então...

Gesticulei de maneira teatral para o 4Runner da Marcie, que estava inconvenientemente bloqueando o Volkswagen.

— Sabe, se precisar de uma dispensa assinada, tenho algumas sobrando. Trabalho na secretaria, e de vez em quando elas vão parar na minha bolsa.

— Por que você acha que eu iria precisar de uma dispensa assinada?

— A secretaria deixou uma mensagem no seu telefone — declarou Marcie, nada impressionada por minha falsa inocência. — Você matou aula, não foi? — Não era realmente uma pergunta.

— O.k., talvez então eu precise de uma dispensa assinada pela enfermeira — admiti.

Marcie me lançou um olhar condescendente.

— Você usou a velha desculpa da dor de cabeça? Ou talvez a clássica: TPM. E para que matou aula?

— Não é da sua conta. Vai me dar a dispensa ou não?

Ela abriu a bolsa, procurou e tirou de lá um papel rosa com a logo da escola. Não me parecia uma falsificação.

— Tome — ofereceu ela.

Hesitei.

— Essa é uma daquelas coisas que vão voltar para me assombrar?

— Nossa, como você é desconfiada.

— Se parece bom demais para ser verdade...

— Pegue logo a dispensa — disse ela, acenando-a diante do meu rosto.

Tinha a sensação ruim de que ela pediria algum favor em troca desse depois.

— Você vai precisar de algum favor no período de dez dias? — pressionei.

— Talvez não em *dez* dias...

Levantei a mão.

— Pode esquecer.

— Só estou brincando! Nossa, você não tem senso de humor. A verdade é que estou tentando ser gentil.

— Marcie, você não sabe como ser gentil.

— Considere isso uma tentativa sincera — falou ela, batendo com a dispensa na minha mão. — Pegue, e eu tiro meu carro.

Guardei a folha no bolso e disse:

— Enquanto ainda estamos conseguindo conversar, tenho uma pergunta. Seu pai era amigo de um cara chamado Blakely, e preciso encontrá-lo. Você se lembra desse nome?

O rosto dela ficou praticamente impassível. Difícil dizer se teve alguma reação.

— Depende. Você vai me dizer por que precisa encontrá-lo?

— Preciso fazer algumas perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— Prefiro não falar.

— Eu também não.

Engoli algumas respostas desagradáveis e tentei de novo.

— Queria lhe contar, Marcie, queria mesmo, mas há algumas coisas que é melhor você não saber.

— É o que meu pai sempre me dizia. Acho que ele estava mentindo na época, e acho que você está mentindo agora. Se quer minha ajuda para achar Blakely, vai ter que me contar tudo.

— Como posso ter certeza de que você sabe alguma coisa sobre Blakely? — protestei. Marcie era boa em fazer joguinhos, e eu não duvidaria que estivesse blefando.

— Meu pai me levou à casa de Blakely uma vez.

Fiquei toda agitada ao ouvir aquilo.

— Você tem o endereço? Consegue achar o lugar de novo?

— Blakely não mora mais lá. Estava se divorciando na época, e meu pai tinha arrumado um apartamento para ele morar temporariamente. Mas vi algumas fotos na lareira. Blakely tem um irmão mais novo. Você o conhece porque ele estuda com a gente. Alex Blakely.

— O jogador de futebol americano?

— O *running back* principal.

Fiquei chocada. Isso queria dizer que Alex também era um nefilim?

— Blakely e o irmão são chegados?

— Ele não parou de vangloriar o irmão o tempo todo em que fiquei lá. O que foi, no mínimo, idiota, porque nosso time de futebol americano é uma droga. Blakely disse que nunca perde um jogo.

Blakely tinha um irmão. E o irmão dele era o principal *running back* da Coldwater High.

— Quando é o próximo jogo de futebol americano? — perguntei à Marcie, tentando controlar minha agitação.

— Sexta, *dã*. Os jogos são sempre às sextas.

— Em casa ou fora?

— Em casa.

Um jogo em casa! Blakely provavelmente estava trabalhando sem parar para desenvolver novos protótipos — mais uma razão para ele querer deixar o laboratório um pouco e fazer algo para se divertir. Havia uma grande chance de ele sair da toca por algumas horas na sexta à noite para ver o irmão caçula jogar. Como Blakely era divorciado, Alex podia ser o único parente com quem ainda tinha contato. Assistir ao jogo de Alex devia ser importante para ele.

— Você acha que Blakely vai ao jogo? — indagou Marcie.

— Seria ótimo se ele fosse.

— Bom, chegamos então à parte em que você me conta o que quer perguntar a ele.

Olhei bem nos olhos de Marcie e menti descaradamente:

— Quero saber se ele tem alguma ideia de quem matou nosso pai.

Marcie quase se retraiu, mas se conteve no último minuto. Olhava para a frente fixamente sem piscar, sem entregar o que estava pensando.

— Quero estar lá quando for perguntar a ele.

— Claro — menti de novo. — Sem problemas.

Vi Marcie dando ré na entrada. Assim que ela liberou a calçada, coloquei a chave do Volkswagen na ignição. Seis tentativas depois, e o motor ainda não tinha pegado. Deixei a impaciência de lado, nada podia estragar meu humor, nem mesmo meu carro. Eu tinha acabado de descobrir a pista de que tanto precisava.



Depois da aula, fui até a casa de Patch. Fiz a coisa mais segura: dei a volta no quarteirão algumas vezes antes de parar no estacionamento novo com vagas bem amplas. Não gostava de ter que tomar cuidado o tempo todo, mas gostava menos ainda de visitas surpresa de nefilins hostis e arcanjos desonestos. E, até onde os outros sabiam, Patch e eu estávamos separados. Usei minha chave para entrar.

— Olá? — gritei.

O lugar parecia vazio. As almofadas do sofá não estavam marcadas como se alguém tivesse se sentado ali havia pouco tempo, e o controle da TV estava no mesmo lugar do dia anterior. Não que eu pudesse imaginar Patch ali sentado assistindo à ESPN a tarde toda. Se eu tivesse que chutar, diria que ele provavelmente tinha passado o dia tentando descobrir o verdadeiro chantageador de Pepper ou indo atrás de Chapéu de Cowboy e Cia.

Dei uma olhada no restante da casa. Havia um lavabo à direita, um quarto extra à esquerda e o quarto principal nos fundos. O refúgio de Patch.

A cama dele tinha um edredom azul-marinho combinando com lençóis da mesma cor e travesseiros decorativos que também não pareciam ter sido tocados. Abri as persianas e me encantei com a vista panorâmica espetacular de Casco Bay e Peaks Island sob um céu nublado. Se Marcie começasse a me perturbar muito, eu podia vir morar com Patch. Minha mãe ia adorar isso.

Mandei uma mensagem para Patch. ADIVINHE ONDE ESTOU.

NÃO PRECISO ADIVINHAR. VOCÊ ESTÁ USANDO O DISPOSITIVO RASTREADOR, respondeu ele.

Olhei para minha roupa. De fato, eu estava usando a jaqueta jeans.

ME DÊ 20 MINUTOS E CHEGO AÍ, ESCREVEU PATCH. EM QUE CÔMODO VOCÊ ESTÁ?

NO SEU QUARTO.

ENTÃO CHEGO EM 10.

Sorri e guardei o telefone na bolsa. Então me joguei de costas na cama *king-size*. O colchão era macio, mas não demais. Imaginei Patch deitado ali, esparramado naquela cama, usando sabe-se lá o quê. Samba-canção? Cueca? Absolutamente nada? Eu tinha todos os meios de descobrir, mas esse caminho não me parecia o mais seguro. Não quando eu fazia o máximo para manter meu relacionamento com Patch o mais descomplicado possível. Precisava que nossa vida estivesse mais tranquila antes de decidir quando e se eu queria dar o próximo grande passo...

Dez minutos depois, Patch chegou e me encontrou dando uma olhada no que estava passando na TV. Desliguei o aparelho.

— Você trocou de cômodo? — disse ele.

— É mais seguro desse jeito.

— Sou tão assustador assim?

— Não, mas as consequências podem ser. — Quem eu estava querendo enganar? Sim, Patch era *muito* assustador. Com quase 1,90 metro de altura, ele era a personificação da perfeição física masculina. Eu tinha o corpo esguio e bem proporcionado e sabia que era atraente, mas não uma deusa estonteante. Não sofria de baixa autoestima, mas estava sujeita à intimidação, é claro.

— Ouvi falar sobre o Cheshvan — comecei. — Pelo que me disseram, foi meio decepcionante.

— Não acredite em tudo o que ouvir. As coisas ainda estão bem tensas lá fora.

— Você tem alguma ideia do que os anjos caídos estão esperando?

— Quem quer saber?

Resisti ao impulso de revirar os olhos.

— Não estou espionando para Dante.

— Fico feliz em ouvir isso.

O tom de Patch foi cuidadosamente reservado. Suspirei, detestando aquela tensão entre nós.

— Caso esteja se perguntando, já fiz minha escolha. Sou sua — falei com ternura. — Toda sua.

Patch largou as chaves na tigela.

— Mas?

— Mas esta manhã disse praticamente a mesma coisa para Dante. Pensei no que você falou, que precisamos encontrar Blakely e erradicar as artes do mal. Achei que a melhor chance que eu tinha de conseguir descobrir alguma coisa sobre Blakely era através do Dante, então eu meio que... — Era difícil dizer isso e não me sentir péssima.

— Você está usando Dante.

— Bom, soa horrível quando você coloca dessa forma, mas sim. Acho que é isso mesmo. E confessar não faz eu me sentir melhor. Dante e eu nem sempre concordamos com tudo, mas ele também não merece ser manipulado.

— Ele ainda acha que está namorando você? — disse Patch em um tom um pouco mais frio.

— Eu diria que há dias ele tem tentado fazer as pessoas acreditarem em nosso namoro. De qualquer jeito, é apenas uma farsa, e ele sabe disso melhor do que ninguém.

Patch se sentou ao meu lado. Mas, ao contrário do que costuma fazer, não entrelaçou seus dedos nos meus.

Tentei não deixar isso me perturbar, mas senti um nó na garganta.

— Cheshvan? — incentivei-o de novo.

— Sei tanto quanto você. Deixei claro para os anjos caídos que não queria me envolver de forma alguma nessa guerra. Eles ficaram contrariados e não falam nada quando estou por perto. Não vou ser a melhor fonte de informação sobre as atividades dos anjos caídos por um bom tempo.

Ele inclinou a cabeça para trás, aproveitando o encosto do sofá, e cobriu o rosto com o boné de beisebol. Parecia tão cansado que pensei que fosse começar a roncar.

— Teve um dia longo? — perguntei.

Ele resmungou, concordando.

— Segui algumas pistas de Pepper, esperando descobrir algo sobre a identidade do chantageador, mas voltei à estaca zero. Posso aguentar muitas coisas, mas um dia improdutivo não é uma delas.

— E isso vem do cara que está sempre tentando me convencer a passar o dia com ele na cama — provoquei, querendo amenizar o clima.

— Anjo, isso é o que eu chamaria de dia *muito* produtivo. — As palavras dele eram travessas, mas seu tom parecia mais cansado do que nunca.

— Alguma chance de Dabria ser a chantagista? — perguntei. — Naquela noite na Bolsa do Diabo, eu a vi discutindo com Pepper no beco. Ele não parecia nada feliz.

Patch ficou muito quieto, refletindo sobre a novidade.

— Você acha que é possível? — pressionei.

— Dabria não está chantageando Pepper.

— Como você sabe?

Não gostei de ele ter levado apenas dois segundos para chegar a uma conclusão. Chantagem parecia fazer totalmente o estilo de Dabria.

— Apenas sei. Como foi seu dia? — perguntou ele, obviamente sem querer elaborar mais a resposta.

Contei-lhe que Marcie tinha decidido se mudar para minha casa e que minha mãe concordara. Quanto mais eu falava, mais exaltada ficava.

— Ela está tramando alguma coisa — falei. — Tenho um pressentimento ruim de que Marcie suspeita que eu sei quem matou o pai dela. E se mudar para minha casa é uma manobra para me espionar.

Patch apoiou a mão em minha coxa, e senti uma onda de esperança. Detestava achar que havia uma barreira entre nós.

— Só existem duas pessoas no mundo que sabem que você matou Hank, e esse é um segredo que vou levar comigo até o fim, custe o que custar. Ninguém vai descobrir.

— Obrigada, Patch — falei sinceramente. — Sinto muito se o magoei mais cedo. Sinto muito sobre Dante e sobre essa confusão toda. Só queria me sentir mais próxima de você de novo.

Patch beijou a palma da minha mão. Então a colocou sobre o coração e a segurou lá. *Quero você mais próxima de mim também*, Anjo, murmurou ele em meus pensamentos.

Eu me aninhei ao lado dele, descansando minha cabeça em seu ombro. Só de tocá-lo senti os nós dentro de mim se afrouxarem. Tinha esperado o dia todo por aquele momento. Não aguentava a tensão entre nós da mesma forma que não podia suportar ficar longe dele. *Algum dia, seremos só Patch e eu*, disse a mim mesma. *Algum dia vamos deixar para trás o Cheshvan, a guerra, os anjos caídos e os nefilins. Algum dia... só nós dois.*

— Descobri algo interessante — comecei, e contei a Patch sobre o irmão caçula de Blakely, que era um grande jogador de futebol americano, e também sobre o fato de Blakely nunca ter faltado a nenhum jogo.

Patch levantou o boné e me olhou nos olhos.

— Bom trabalho, Anjo — disse ele, claramente impressionado.

— E agora? — perguntei.

— Sexta à noite a gente aparece no jogo.

— Você acha que vamos assustar Blakely se ele nos vir?

— Ele não vai achar estranho você assistir ao jogo, e eu estarei disfarçado. Vou pegá-lo e levá-lo a uma propriedade que tenho perto de Sebago Lake. Está vazio por lá nesta época do ano. Ruim para Blakely, bom para nós. Vou forçá-lo a me falar sobre os protótipos e onde está fabricando-os, então vamos descobrir um jeito de desativá-los. Depois vou mantê-lo sempre sob vigilância. Será o fim de seus dias de trabalho com as artes do mal.

— Devo avisar que Marcie acha que vai interrogá-lo junto comigo.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Foi o preço que tive de pagar pela informação — expliquei.

— Você jurou levá-la junto? — perguntou Patch.

— Não.

— Vai se sentir culpada se não fizer isso?

— Não. — Mordi o lábio. — Talvez. — Uma pausa. — Está bem, vou! Eu vou me sentir culpada. Se deixarmos Marcie de fora, vou passar o resto da noite me sentindo péssima. Menti para ela hoje de manhã e não parei de pensar nisso o dia todo. Moro com ela agora, Patch. Vou estar sempre com ela. Talvez possamos usar isso a nosso favor. Se lhe mostrarmos que pode confiar em nós, de repente ela nos conta mais coisas.

— Há maneiras mais fáceis de conseguirmos informações, amor.

— Acho que devemos deixá-la ir junto. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Ela pode perceber que não terminamos de verdade e contar para os nefilins.

Eu não tinha pensado nisso.

— Ou podemos deixá-la ir junto, e depois apago essas lembranças dela. — Ele deu de ombros. — Não vou me sentir culpado.

Pensei no assunto. Parecia um plano viável. Mas que também fazia de mim uma hipócrita.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Patch.

— Você vai estar à frente dessa operação ou vai dar uma de babá de Marcie?

Balancei a cabeça.

— Você faz o trabalho sujo, eu fico de olho em Marcie.

Patch se inclinou de lado e me beijou.

— Por mais que eu vá me divertir interrogando Blakely, estou decepcionado porque não vou ver você discutir isso com Marcie.

— Não vai ter discussão nenhuma. Vou explicar a ela tranquilamente que pode ir junto, mas terá que esperar comigo no carro enquanto você confronta Blakely. É nossa oferta final. Ela pode aceitar ou não.

Enquanto falava, percebi o quão idiota eu soava por acreditar que seria realmente tão fácil. Marcie odiava receber ordens. Para ela, a única coisa pior do que receber ordens era recebê-las de mim. Por outro lado, ela podia vir a ser útil no futuro. Afinal de contas, era filha legítima de Hank. Se Patch e eu iríamos formar uma aliança, tinha chegado a hora.

— Serei firme — prometi a Patch, adotando uma expressão decidida. — Nada de recuar.

Àquela altura, Patch já tinha aberto um largo sorriso. Beijou-me de novo, e senti minha boca abrandar sua resolução.

— Você fica linda quando está tentando ser durona — disse ele.

Tentando? Eu podia ser durona. *Podia*! E, na sexta à noite, provaria isso.

Você que se cuide, Marcie.



Eu estava a alguns quilômetros de casa quando passei por uma viatura de polícia parada fora de vista em uma rua secundária. Não tinha passado 15 metros do cruzamento quando o policial ligou a sirene e seguiu atrás de mim.

— Que ótimo — murmurei. — Maravilha!

Enquanto esperava o policial se aproximar da janela, somei mentalmente o dinheiro que tinha recebido como babá, perguntando-me se teria o suficiente para pagar a multa.

Ele bateu a caneta na minha janela e fez sinal para que eu a abaixasse. Virei o rosto para vê-lo através do vidro — e fiquei olhando. Não era um policial qualquer, mas aquele de quem eu menos gostava. O detetive Basso e eu tínhamos uma longa história de desconfiança mútua e forte antipatia.

Abaixei a janela.

— Eu só estava cinco quilômetros por hora acima do limite permitido! — argumentei antes que ele pudesse falar.

Ele mastigava um palito de dente.

— Não mandei você parar por excesso de velocidade. A lanterna traseira está quebrada. A multa é de cinquenta dólares.

— Você só pode estar brincando.

Ele escreveu em seu bloco e me entregou a multa pela janela.

— Isso representa um risco para a sua segurança. Não é nenhum motivo de brincadeira.

— Você me segue por aí procurando meios de me pegar? — perguntei baixinho, mas de maneira um pouco sarcástica.

— Ah, sim, claro.

Com isso, voltou para a patrulha. Vi quando ele pegou a estrada e passou por mim, acenando, mas não consegui fazer um gesto rude em resposta. Havia algo errado.

Senti um formigamento na espinha, e parecia que tinha mergulhado minhas mãos em água fria. Percebi uma vibração emanando do detetive Basso, gelada como uma rajada de vento no inverno, mas devia estar imaginando coisas. Estava ficando paranoica, porque...

Porque só tinha essa sensação perto de não humanos.

CAPÍTULO 13

NA sexta à noite, troquei a roupa da escola por uma calça de veludo, meu suéter mais quente feito de lã de merino, casaco, chapéu e luvas. O jogo de futebol americano só começaria depois que escurecesse, e até lá a temperatura teria despencado. Ao passar o suéter pela cabeça, vi de relance um músculo no espelho. Hesitante, olhei mais perto. Sem dúvida meus bíceps e tríceps estavam definidos. Inacreditável. Só tinha treinado uma semana e já dava para perceber. Ao que parecia meu corpo nefilim desenvolvia músculos muito mais rapidamente do que eu podia esperar como humana.

Desci a escada desembestada, beijei minha mãe na bochecha e saí depressa. O motor do Volkswagen protestou contra o frio, mas acabou ligando.

— Você acha que esse tempo está ruim? Espere até chegar fevereiro — disse ao carro.

Dirigi até a escola, estacionei em uma estrada secundária ao lado do estádio de futebol americano e liguei para Patch.

— Estou aqui — falei. — Ainda vamos seguir com o plano A?

— A não ser que eu lhe diga algo diferente, sim. Estou no meio dos torcedores. Nenhum sinal de Blakely ainda. Marcie já deu notícias?

Olhei para meu relógio — aquele que eu tinha sincronizado com o de Patch mais cedo naquela noite.

— Ela vai se encontrar comigo na barraca de lanche em dez minutos.

— Você quer repassar o plano mais uma vez?

— Se eu vir Blakely, ligo para você imediatamente. Não me aproximo dele, mas também não o perco de vista.

A princípio eu tinha ficado um pouco decepcionada por Patch preferir que eu me mantivesse a uma distância segura da ação, mas a verdade era que eu não queria enfrentar Blakely sozinha. Não sabia o quão forte ele era e, vamos encarar os fatos, eu não conhecia bem nem minha própria força. Parecia que deixar Patch — que era muito mais experiente nesse tipo de tática — cuidar do confronto era a jogada mais inteligente.

— E Marcie?

— Vou ficar grudada nela a noite toda. Depois que você pegar Blakely, vou com ela de carro para sua cabana perto de Sebago Lake. Tenho as orientações de como chegar bem. Pego a estrada mais longa, dando a você tempo de interrogar e incapacitar Blakely antes de chegarmos lá. Isso é tudo, não é?

— Mais uma coisa — disse Patch. — Tome cuidado.

— Sempre — falei e saí do carro.

Mostrei minha carteira de estudante na bilheteria, comprei um ingresso e caminhei até a barraca de lanche, de olhos abertos à procura de Blakely. Patch tinha me dado uma descrição detalhada, mas, assim que entrei no estádio e me misturei à multidão, percebi que metade dos homens que eu via podiam se passar por Blakely. Alto e de aparência distinta, grisalho, magro, mas vigoroso, e com ar inteligente, mas um pouco nerd, o estereótipo do professor de química. Eu pensava se, como Patch, ele estaria disfarçado, e assim seria muito mais desafiador identificá-lo em meio a todas aquelas pessoas. Será que ele estaria usando roupa de lenhador? O uniforme tradicional dos Razorbills? Ele iria tão longe a ponto de pintar o cabelo? No mínimo, seria um dos caras mais altos ali no estádio. Eu começaria por isso.

Na barraca de lanche, encontrei Marcie, tremendo em sua calça cor-de-rosa, blusa de gola rulê branca e um colete acolchoado rosa combinando. Ao vê-la vestida daquele jeito, meu cérebro deu um estalo.

— Cadê sua fantasia de líder de torcida? Você não precisa animar o jogo hoje? — perguntei.

— É um uniforme, não uma fantasia. E eu saí.

— Você saiu do time?

— Saí da *equipe*.

— Uau.

— Tenho coisas mais importantes com que me preocupar. Todo o resto parece perder a cor em comparação a descobrir que você é... — disse ela, e deu uma olhada em volta, inquieta — nefilim.

Inesperadamente, senti uma grande afinidade com ela. O instante passou bem depressa quando pensei na lista das várias coisas que Marcie tinha feito para arruinar minha vida só no último ano. Nós duas podíamos ser nefilins, mas qualquer semelhança parava por aí. E eu precisava me lembrar disso.

— Você acha que vai reconhecer Blakely se o vir? — perguntei a ela, mantendo a voz baixa.

Ela me fuzilou com um olhar de irritação.

— Eu já falei que o conheço, não é? Por ora, *eu* sou a melhor chance que você tem de encontrá-lo. Não duvide de mim.

— Quando e se você o vir, seja discreta. Patch vai pegar Blakely, e vamos segui-lo até a cabana dele, onde poderemos interrogar Blakely juntos.

O que eu não disse foi que, àquela altura, Blakely já estaria inconsciente e não teria nenhuma utilidade para Marcie. Um detalhe insignificante.

— Achei que você tivesse terminado com Patch.

— Terminei — menti, tentando ignorar a culpa que revirava meu estômago. — Mas também não confio em mais ninguém para me ajudar a lidar com Blakely. Só porque Patch e eu nos separamos não significa que eu não possa pedir a ajuda dele.

Não fiquei muito preocupada se ela cairia na minha explicação. Em breve Patch iria apagar essa conversa da memória de Marcie.

— Quero interrogar Blakely antes de Patch — disse ela.

— Não dá. Temos um plano e precisamos segui-lo à risca.

Marcie sacudiu o ombro de um jeito bem arrogante.

— Veremos.

Respirei fundo em meus pensamentos. E contive o impulso de ranger os dentes. Era hora de dizer a Marcie que ela não estava comandando o show.

— Se você estragar isso, vou fazer você se arrepender.

Coloquei toda a minha ênfase naquela advertência, mas logo percebi que precisava trabalhar melhor minhas ameaças. Talvez pudesse pedir ajuda a Dante. Melhor ainda, tinha que fazer Patch me ensinar as sutilezas necessárias.

— Você acha mesmo que Blakely sabe alguma coisa sobre quem matou meu pai? — perguntou Marcie, com os olhos fixos em mim de uma maneira calculista e quase observadora.

Meu coração deu um pulo, mas mantive a expressão sob controle.

— Se tudo der certo, hoje saberemos.

— E agora? — indagou Marcie.

— Agora damos uma volta e tentamos não chamar a atenção.

— Fale por você — disse Marcie, bufando com desdém.

Tudo bem, talvez ela estivesse certa. Marcie *estava* mesmo incrível. Ela era bonita e irritantemente confiante. Tinha dinheiro, e isso ficava bem óbvio em tudo — no brilho de seu bronzeamento artificial, nas luzes tão incríveis que pareciam naturais, no sutiã *push-up*. Uma miragem de perfeição. Ao caminharmos até as arquibancadas, vários olhos se voltaram em nossa direção, e não estavam direcionados a mim.

Pense em Blakely, dizia a mim mesma, tentando me controlar. *Você tem coisas mais importantes com que se preocupar do que uma inveja que só mina sua energia.*

Passamos pelas arquibancadas, pelos banheiros, e cortamos caminho pela pista de corrida em volta do campo de futebol americano, seguindo em direção ao setor de visitantes. Para meu desgosto, vi o detetive Basso de uniforme, em pé na fileira de cima das arquibancadas, observando com olhos duros e céticos a multidão desordeira de visitantes abaixo. Seu olhar me encontrou, e a suspeita em seu rosto pareceu mais intensa. Ao me lembrar da estranha sensação que ele me provocara duas noites antes, agarrei o cotovelo de Marcie e a forcei a se afastar dali comigo. Não podia acusar Basso de me seguir — ele claramente estava a trabalho —, mas isso não significava que eu tinha que continuar ali sob seu olhar examinador.

Marcie e eu andamos para a frente e para trás na pista. As arquibancadas estavam lotadas, já tinha escurecido, o jogo havia começado e, fora a horda de admiradores de Marcie, eu

achava que não estávamos atraindo nenhuma atenção indesejada, apesar de ainda não termos escolhido um assento depois de trinta minutos.

— Isso já está um saco — reclamou Marcie. — Não aguento mais andar. Caso não tenha notado, estou usando botas com plataforma.

Não estou nem aí!, quis gritar. Em vez disso, falei:

— Você quer encontrar Blakely ou não?

Ela bufou, e aquele som me tirou do sério.

— Só mais uma volta, e para mim chega.

Já vai tarde!, pensei.

Em nosso caminho de volta para o setor de estudantes, senti um formigamento estranho na pele. Virei automaticamente na direção do lugar que me provocava aquela sensação. Havia alguns homens na escuridão do lado de fora com os dedos enfiados na grade alta em volta do estádio. Homens que não tinham comprado ingressos, mas ainda assim queriam assistir ao jogo. Homens que preferiam ficar nas sombras em vez de mostrar seus rostos nas luzes do estádio. Um homem em particular, magro e alto, apesar do jeito como curvava os ombros, chamou minha atenção. Uma vibração de energia não humana emanava dele, sobrecarregando meu sexto sentido.

Continuei andando, mas falei com Marcie.

— Olhe lá na grade. Algum daqueles homens se parece com Blakely?

A seu favor, preciso admitir que Marcie limitou-se a um discreto movimento dos olhos.

— Acho que sim. No meio. O cara com os ombros curvados. Pode ser ele.

Era a única confirmação de que eu precisava. Continuei a andar pela pista de corrida, peguei meu telefone e fiz uma ligação.

— Nós o encontramos — disse a Patch. — Ele está no lado norte do estádio, fora da grade. Está usando calça jeans e um moletom cinza dos Razorbills. Há alguns outros homens por perto, mas não acho que estejam com ele. Só sinto um nefilim, e é o próprio Blakely.

— Estou a caminho — disse Patch.

— Encontramos você na cabana.

— Vá devagar. Tenho várias perguntas para o Blakely — disse ele.

Eu já tinha parado de ouvir. Marcie não estava mais ao meu lado.

— Ah, não — sussurrei, me sentindo empalidecer um pouco de repente. — Marcie! Ela está correndo em direção ao Blakely! Preciso ir. — Saí em disparada atrás dela.

Marcie estava quase na grade, e ouvi sua voz aguda gritar:

— Você sabe quem matou meu pai? Conte agora o que sabe!

Seguiu-se a isso uma enxurrada de palavrões, e Blakely imediatamente virou-se e saiu em disparada.

Em uma exibição impressionante de pura determinação, Marcie escalou a grade, escorregando e buscando apoio novamente, antes de conseguir passar as pernas por cima e sair correndo atrás de Blakely pela passagem coberta não iluminada que ligava o estádio à escola.

Cheguei à cerca logo depois, coloquei o pé em um dos buracos da grade e, sem diminuir a velocidade, saltei sobre ela. Mal registrei as caras de espanto dos homens que zanzavam por ali. Eu teria tentado apagar as lembranças deles, mas não tinha tempo. Arranquei atrás de Blakely e Marcie, vasculhando a escuridão enquanto corria em frente, feliz por minha visão noturna estar muito mais aguçada do que quando eu era humana.

Senti Blakely mais adiante. Marcie também, embora o poder dela fosse consideravelmente mais fraco. Como ambos os pais dela eram nefilins puros-sangues, tinha sorte de ter sido concebida, que dirá nascido viva. Ela podia ser nefilim por definição, mas eu tinha mais força do que ela até quando era humana.

Marcie!, sibilei em pensamento. *Volte aqui agora!*

De repente Blakely saiu do meu alcance. Não conseguia detectá-lo de forma alguma. Parei abruptamente, buscando sentir meu caminho através da passagem coberta, tentando localizar o rastro dele. Será que ele havia corrido para tão longe e tão rápido que tinha se afastado completamente de onde eu podia senti-lo? *Marcie*, sibilei novamente.

E então eu a vi. Parada no extremo oposto da passagem, o luar iluminando sua silhueta. Corri até lá, tentando manter a raiva sob controle. Ela havia arruinado tudo. Tínhamos perdido Blakely, e pior, ele agora sabia que estávamos atrás dele. Não podia imaginá-lo aparecendo em outro jogo de futebol depois daquela noite. Ele provavelmente iria se entocar de vez em seu esconderijo secreto. Nossa única chance... desperdiçada.

— O que foi aquilo? — perguntei, me aproximando de Marcie. — O combinado era você deixar Patch ir atrás de Blakely... — Minhas últimas palavras saíram em tom baixo e rouco. Engoli. Eu estava olhando para Marcie, mas algo nela parecia profunda e terrivelmente errado.

— Patch está aqui? — indagou Marcie, só que a voz não era a dela. Era baixa, masculina, e com um jeito amargo de quem se divertia. — Não tenho sido tão cuidadoso quanto pensava.

— Blakely? — perguntei, minha boca ficando seca. — Onde está Marcie?

— Ah, ela está aqui. Bem aqui. Estou possuindo o corpo dela.

— Como?

Mas eu já sabia. As artes do mal. Essa era a única explicação. Além do fato de que estávamos no Cheshvan. O único mês em que a possessão de outro corpo era possível.

Ouvimos passos atrás de nós e, mesmo na escuridão, vi o olhar de Blakely endurecer. Ele se lançou para cima de mim sem aviso. E se moveu tão depressa que não tive tempo de reagir. Virou-me de costas para ele e me prendeu junto ao seu peito. Patch surgiu lá na frente, mas diminuiu o passo quando me viu apoiada contra o corpo de Marcie.

— O que está havendo, Anjo? — perguntou ele, em voz baixa e incerta.

— Não diga uma palavra — sibilou Blakely em meu ouvido.

Lágrimas brilharam em meus olhos. Blakely estava usando um braço para me imobilizar, mas segurava uma lâmina com a outra mão, que eu sentia contra a minha pele, alguns centímetros acima dos quadris.

— Nem uma única palavra — repetiu Blakely, a respiração dele levantando meu cabelo.

Patch parou, e pude ver a confusão em seu rosto. Ele sabia que havia algo errado, mas não conseguia entender o quê. Sabia que eu era mais forte que Marcie, e poderia me libertar se quisesse.

— Solte Nora — Patch disse à Marcie, sua voz baixa e cuidadosa.

— Não dê mais nenhum passo — Blakely ordenou a Patch, só que dessa vez fez sua voz soar como a de Marcie. Aguda e trêmula. — Tenho uma faca, e vou usar se for preciso. — Blakely brandiu a faca para mostrar que falava a sério.

Artes do mal, falou Patch em minha mente. *Posso senti-las em todo lugar.*

Tome cuidado! Blakely está possuindo o corpo de Marcie, tentei dizer a ele, mas meus pensamentos foram bloqueados. De algum jeito, Blakely os detia. Pude sentir quando eles voltaram, como se eu estivesse gritando para uma parede. Ele parecia ter controle total e absoluto das artes do mal, usando-as como uma arma imbatível e altamente adaptável.

Pelo canto do olho, vi Blakely segurar a faca. A lâmina brilhava em um tom etéreo de azul. Antes que eu pudesse piscar, ele enfiou a faca na lateral do meu corpo, e foi como se eu tivesse sido empurrada para uma imensa fornalha.

Desabei, tentando gemer e berrar de dor, mas abalada demais para conseguir emitir um único som. Eu me retorci no chão, querendo tirar a faca, mas cada músculo meu estava em choque, paralisado em indizível agonia.

A próxima lembrança foi de Patch a meu lado, praguejando, o medo avivando-lhe a voz. Ele arrancou a faca e atirou-a para o lado. Então gritei, e o som parecia rasgar minhas entranhas para sair. Ouvi Patch gritar algumas instruções, mas as palavras se partiam ao meio, insignificantes perto da dor que torturava cada parte de meu corpo. Eu me sentia como se ardesse em chamas, que me açoitavam de dentro para fora. O calor era tão intenso que fortes tremores convulsivos faziam com que eu me contorcesse e me debatesse contra minha vontade.

Patch me pegou nos braços. Notei vagamente que ele corria a toda velocidade saindo da passagem coberta. Os passos dele reverberando pelas paredes foi o último som que ouvi.

CAPÍTULO 14

ACORDEI com um sobressalto, tentando de imediato me orientar. Estava em uma cama vagamente familiar, em um quarto escuro com um cheiro gostoso e reconfortante. Havia um corpo estendido ao lado do meu, que se movimentava.

— Anjo?

— Estou acordada — falei, uma onda de alívio me inundando agora que eu sabia que Patch estava por perto. Não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado desacordada, mas me sentia segura em sua casa, sabendo que ele tomaria conta de mim. — Blakely estava possuindo o corpo de Marcie. Não senti sua presença e fui direto até ele, sem perceber que era uma armadilha. Tentei avisar você, mas Blakely me prendeu em algum tipo de bolha, tudo o que eu tentava falar por pensamento voltava para mim.

Patch assentiu, colocando carinhosamente um cacho solto para trás da minha orelha.

— Eu o vi sair do corpo de Marcie e correr. Ela está bem. Abalada, mas bem.

— Por que ele me esfaqueou?

Fiz uma careta de dor enquanto levantava meu suéter para ver a ferida. Meu sangue nefilim já devia ter me curado àquela altura, mas o corte ainda parecia recente e tinha um tom azulado.

— Blakely sabia que, se você estivesse ferida, eu ficaria ao seu lado em vez de ir atrás dele. E vai pagar por isso — disse Patch, a mandíbula rígida. — Quando a trouxe aqui, seu corpo inteiro irradiava luz azul, da cabeça aos pés. Você parecia estar em coma. Não conseguia alcançá-la, nem em pensamento, e isso me apavorou. — Patch me puxou até ele, curvando o corpo protetoramente em volta do meu, me segurando quase forte demais, e foi então que percebi quão preocupado ele estava.

— E o que isso representa para mim?

— Não sei. Não pode ser bom você ter sido forçada a receber as artes do mal em seu corpo duas vezes agora.

— Dante está bebendo diariamente. — Se ele estava bem, eu devia estar também. Não é? Eu queria acreditar nisso.

Patch não disse nada, mas eu podia imaginar o que estava pensando. Como eu, ele sabia que a ingestão das artes do mal devia causar efeitos colaterais.

— Onde está Marcie? — perguntei.

— Alterei a memória dela para que não se lembre de ter me visto hoje à noite, então pedi a Dabria para levá-la para casa. Não me olhe assim. Eu não tinha muitas opções e sabia o telefone dela.

— É isso que me preocupa! — Imediatamente me encolhi de dor quando minha forte reação fez a ferida latejar.

Patch se curvou para beijar minha testa, revirando os olhos enquanto fazia isso.

— Não me faça lhe dizer de novo que não há nada entre mim e Dabria.

— Ela ainda não esqueceu você.

— Ela finge sentir alguma coisa por mim para hostilizar *você*. Não facilite as coisas para ela.

— Não peça favores a Dabria como se ela fizesse parte da equipe — rebati. — Ela tentou me matar, e o roubaria de mim em um piscar de olhos, se você deixasse. Não me importa quantas vezes você negue. Vi o jeito que ela olha para você.

Patch parecia ter uma resposta, mas preferiu evitar dizê-la e rolou agilmente para fora da cama. A camisa preta dele estava amarrotada; o cabelo, bagunçado, e ele parecia um perfeito pirata.

— Posso trazer alguma coisa para você comer? Ou beber? Eu me sinto inútil, e isso está me deixando maluco.

— Você pode ir atrás de Blakely, se está procurando algo para fazer — falei de maneira decidida. O que seria preciso para me ver livre de Dabria, de uma vez por todas?

Um sorriso que era ao mesmo tempo sorrateiro e verdadeiramente sinistro se abriu no rosto de Patch.

— Não precisamos encontrá-lo. Ele virá até nós. Para escapar, Blakely teve de deixar a faca para trás. Sabe que estamos com ela e que é uma evidência que posso levar aos arcanjos para provar que ele está usando as artes do mal. Ele virá atrás da faca. Em breve.

— Vamos entregá-lo aos arcanjos logo. E deixar que eles se preocupem em erradicar as artes do mal.

Patch sorriu com certa aspereza.

— Não confio mais nos arcanjos. Pepper Friberg não é o único ovo podre. Se eu denunciar isso a eles, não tenho nenhuma garantia de que vão cuidar dessa confusão. Pensava que os arcanjos fossem incorruptíveis, mas eles fizeram um bom trabalho em me convencer do contrário. Já os vi manipularem a morte, fazerem vista grossa para graves atos contra a lei e me punirem por crimes que eu não tinha cometido. Já errei, e paguei por esses erros, mas suspeito que eles não vão desistir enquanto não me trancarem no inferno. Eles não gostam de oposição, e é a primeira palavra que lhes vem à mente quando pensam em mim. Dessa vez, eu mesmo vou cuidar disso. Blakely vai vir buscar a faca e, quando vier, estarei pronto.

— Quero ajudar — falei imediatamente. Queria derrubar o nefilim que tinha sido tolo o bastante para me esfaquear. Blakely estava auxiliando o exército nefilim, mas *eu* os liderava. Eu podia considerar os atos dele seriamente desrespeitosos, mas alguns os considerariam traição. E eu sabia bem que a raça nefilim não via os traidores com bons olhos.

Patch me olhou nos olhos, observando-me em silêncio como se julgasse minha capacidade de enfrentar Blakely. Para minha grande satisfação, ele fez que sim.

— Está certo, Anjo. Mas primeiro o mais importante. O jogo de futebol terminou há duas horas, e sua mãe deve querer saber onde você está. Hora de levá-la para casa.



As luzes estavam desligadas em casa, mas eu sabia que minha mãe não iria dormir até eu chegar. Bati de leve na porta do quarto dela, empurrei-a para abrir e sussurrei para a escuridão.

— Cheguei.

— Você se divertiu? — perguntou minha mãe, bocejando.

— O time jogou muito bem — respondi evasivamente.

— Marcie chegou em casa há algumas horas. Ela não falou muito, só foi direto para o quarto e fechou a porta. Parecia... muito calada. Aborrecida, talvez. — Havia uma leve indagação em seu tom de voz.

— Provavelmente está na TPM.

Provavelmente ela estava fazendo tudo que podia para evitar ter um ataque completo de pânico. Eu já tinha sido possuída antes, e não havia palavras para descrever a terrível sensação de violação que isso representava. Mas não estava me sentindo muito solidária. Se Marcie tivesse feito o que pedi, nada disso teria acontecido.

No meu quarto, tirei as roupas e examinei a ferida mais uma vez. O tom elétrico de azul estava sumindo. Lentamente, mas sumindo. Tinha de ser um bom sinal.

Havia acabado de me arrastar para a cama quando ouvi uma batida na porta. Marcie abriu e ficou parada na entrada.

— Estou surtando — disse ela, e parecia mesmo.

Fiz sinal para que ela entrasse e fechasse a porta.

— O que aconteceu lá? — perguntou ela, a voz falhando. Seus olhos estavam cheios de lágrima. — Como ele se apoderou do meu corpo assim?

— Blakely a possuiu.

— Como você pode ficar calma com isso? — chiou ela em voz baixa. — Ele estava dentro de mim. Como algum tipo de... *parasita*!

— Se você tivesse me deixado cuidar de Blakely como havíamos combinado, isso não teria acontecido.

Assim que falei, me arrependi por ter sido tão dura. Marcie tinha feito uma coisa estúpida, mas quem era eu para julgar? Tinha minha própria cota de atitudes impulsivas.

Ela se deixou levar pelo momento e reagiu. Queria saber quem matou o pai dela, e quem poderia culpá-la? Com certeza, não eu.

Suspirei.

— Desculpe-me, não queria ter falado isso.

Mas era tarde demais. Ela me lançou um olhar ferido e saiu.

CAPÍTULO 15

ACORDEI com alguém me sacudindo. Dante estava curvado sobre minha cama, as mãos em meus ombros.

— Bom dia, dorminhoca.

Tentei rolar e me afastar, mas os braços dele me prendiam.

— Hoje é sábado — protestei, exausta.

Treinar era legal e tudo, mas eu merecia ao menos *um* dia de folga.

— Tenho uma surpresa para você. Uma surpresa boa.

— A única surpresa que eu quero são mais duas horas de sono. — Pela janela dava para ver que o céu ainda estava completamente escuro, e eu duvidava de que passasse muito de cinco e meia.

Ele levantou minhas cobertas e eu gritei, procurando por elas de olhos fechados.

— Com licença! — falei.

— Bonito pijama.

Eu estava usando uma camisa preta que tinha pegado do armário de Patch e que mal cobria metade das minhas coxas.

Puxei a camisa para baixo e os lençóis para cima ao mesmo tempo.

— Está bem — cedi, bufando. — Encontro você lá fora.

Depois de vestir a roupa de corrida e amarrar os tênis, arrastei-me até o lado de fora. Dante não estava na entrada, mas eu o sentia por perto, muito provavelmente no bosque do outro lado da rua. Era estranho, mas eu sentia outro nefilim com ele. Franzi as sobrancelhas e caminhei naquela direção.

De fato, Dante trouxera um amigo. Só que, pela aparência do cara — olhos roxos, lábio cortado, mandíbula inchada e um galo horrível na testa —, de jeito nenhum os dois mantinham boas relações.

— Você o reconhece? — perguntou Dante alegremente, segurando o nefilim machucado pelo cangote para que eu o examinasse com atenção.

Cheguei mais perto, sem saber ao certo que tipo de jogo Dante estava fazendo.

— Não. Ele está muito machucado. Foi você que fez isso?

— Tem certeza de que esse rostinho bonito não lembra nada a você? — perguntou Dante de novo, sacudindo o nefilim de um lado para outro, claramente se divertindo. — Ele estava falando um monte de besteiras a seu respeito ontem. Ficou contando vantagem sobre ter lhe dado uma surra enorme. É claro que foi aí que ele atraiu minha atenção. Falei que ele não faria uma coisa dessas. Mas, bem, se tivesse feito, digamos que eu não aceito muito bem

que subordinados desrespeitem seus líderes, principalmente a comandante do exército do Mão Negra. — Toda a descontração tinha desparecido da voz de Dante, e ele olhava para o nefilim ferido com nítido desprezo.

— Foi uma brincadeira — disse o nefilim, aborrecido. — Achei que veríamos se ela estava mesmo sendo sincera sobre levar adiante os planos do Mão Negra. Ela nem mesmo nasceu nefilim. Pensei que lhe daríamos uma amostra do que virá a enfrentar...

— *Chapéu de Cowboy*? — falei sem pensar.

O rosto dele estava desfigurado demais para guardar alguma semelhança com o nefilim que tinha me levado para uma cabana, me amarrado a um pilar e me ameaçado, mas a voz era autêntica. Ele, definitivamente, era o Chapéu de Cowboy. Shaun Corbridge.

— Brincadeira? — Dante riu, cheio de veneno. — Se isso lhe parece uma brincadeira, talvez ache engraçado o que vamos fazer com você. — Deu um murro tão forte na cabeça do Chapéu de Cowboy que ele desabou de joelhos.

— Posso falar com você? — perguntei a Dante. — Em particular?

— É claro. — Ele apontou um dedo para alertar seu prisioneiro. — Se você se mexer, vai se arrepender.

Depois de já estarmos a uma boa distância de Chapéu de Cowboy, longe o bastante para ele não nos ouvir, perguntei:

— O que está acontecendo?

— Eu estava na Bolsa do Diabo ontem à noite e esse imbecil aí estava se vangloriando de ter feito você de saco de pancadas. A princípio, achei que eu estivesse enganado. Mas quanto mais alto ele falava, mais eu percebia que não tinha como ele estar inventando aquela história. Por que não me contou que alguns dos nossos soldados atacaram você? — perguntou Dante sem parecer irritado; magoado, talvez, mas não irritado.

— Você quer saber porque está preocupado com o que isso representa para o meu índice de aprovação ou porque está preocupado comigo?

Dante balançou a cabeça.

— Não diga isso. Sabe que não estou pensando em números. A verdade é que deixei de me preocupar com eles bem rápido. A questão é você. Aquele inútil ali colocou as mãos em você, e não gosto disso. Nem um pouco. Sim, ele deveria demonstrar respeito, pois você é a comandante do exército ao qual ele alega pertencer, mas é mais do que isso. Ele deveria respeitá-la porque você é uma boa pessoa, e está dando o melhor de si. Vejo isso, e queria que ele visse também.

Eu me senti desconfortável com tanta honestidade e intimidade. Principalmente depois do beijo que ele quase tinha conseguido me dar com aquele truque da mente. Aquelas palavras não pareciam nada profissionais, e nosso relacionamento se limitava a isso. E era assim que eu queria que continuasse.

— Obrigada por tudo o que está dizendo, mas a vingança não vai mudar o que ele pensa. Ele me odeia. Assim como vários nefilins. Essa é uma boa oportunidade de mostrar a eles

que podem estar errados a meu respeito. Acho que devemos deixá-lo ir embora e seguir com nosso treino.

Dante não pareceu inclinado a concordar comigo. Na verdade, seu rosto revelava decepção e talvez até impaciência.

— Compaixão não é o melhor caminho a seguir. Não desta vez. Aquele idiota ali só vai defender ainda mais sua posição se você deixá-lo escapar assim, tão facilmente. Ele está tentando convencer as pessoas de que você não está preparada para liderar o exército e, se pegar leve agora, só vai comprovar o que ele diz. Bata um pouco nele. Faça com que pense duas vezes antes de falar besteiras a seu respeito de novo ou tocar em você.

— Deixe-o ir embora — falei, com mais firmeza. Não acreditava que violência se combatia com violência. Não, nem agora nem nunca.

Dante abriu a boca, ficando um pouco vermelho, mas eu o interrompi.

— Não vou voltar atrás. Ele não me machucou. Só me levou até a cabana porque estava assustado e não sabia mais o que fazer. Todos estão assustados. O Cheshvan chegou e nosso futuro está na balança. Ele agiu errado, mas não posso culpá-lo por tentar fazer alguma coisa para conter seu medo. Abaixe as armas e deixe-o ir. Estou falando a sério.

Dante suspirou profundamente, em desaprovação. Eu sabia que ele não estava feliz, mas também acreditava que aquela era a decisão certa. Não queria alimentar ainda mais a discórdia. Se os nefilins tinham de passar por tudo isso, de enfrentar as dificuldades, precisaríamos nos unir, estando dispostos a mostrar compaixão, respeito e civilidade, mesmo sem estarmos de pleno acordo.

— Então é isso? — perguntou Dante, claramente insatisfeito.

Coloquei as mãos em volta da boca para falar mais alto.

— Você pode ir! — gritei para Chapéu de Cowboy. — Peço desculpas por qualquer inconveniência.

Chapéu de Cowboy olhou fixamente para nós, a boca aberta de espanto, mas, sem querer abusar da sorte, saiu do bosque se arrasando depressa, como se estivesse sendo perseguido por ursos.

— Então — falei para Dante. — Que maquinações cruéis você planejou para mim hoje? Correr uma maratona? Mover montanhas? Abrir o mar?



Uma hora depois, os músculos dos meus braços e pernas tremiam de exaustão. Dante tinha me feito passar por sessões exaustivas de ginástica calistênica: flexões, abdominais e exercícios de pernas. Estávamos saindo do bosque quando ergui o braço de repente e puxei Dante para perto de mim. Levei o dedo aos lábios, pedindo que ele ficasse em silêncio.

A distância, só conseguia identificar o leve ruído de passos.

Dante devia ter ouvido também. *Um cervo?*, ele me perguntou.

Estreitei os olhos para tentar ver melhor. O bosque ainda estava escuro e as árvores, muito juntas, só contribuíam para dificultar a visibilidade.

Não. Tem outro ritmo.

Dante deu um tapinha no meu ombro e apontou para o céu. A princípio, não entendi. Depois ficou claro o que ele tentava dizer. Queria que subíssemos nas árvores, para termos uma visão melhor e podermos identificar se era mesmo um problema que vinha em nossa direção.

Apesar do cansaço, escalei um cedro branco sem fazer barulho, dando alguns excelentes saltos e apoiando os pés com agilidade. Dante se empoleirou em uma árvore ao lado.

Não esperamos muito. Instantes depois de subirmos para um lugar seguro, seis anjos caídos deslizaram furtivamente pela clareira. Três homens e três mulheres. Os peitos nus eram marcados por estranhos hieróglifos que lembravam vagamente a gota de tinta no pulso de Patch e os rostos estavam pintados de vermelho-vivo. O resultado era assustador e não pude deixar de pensar nos guerreiros Pawnee.

Fixei-me em um deles em particular. Um garoto magro com os olhos contornados de preto. Seu rosto familiar gelou meu sangue. Lembrei-me de sua marcha selvagem pela Bolsa do Diabo e do golpe violento de sua mão. Lembrei-me de sua vítima. Lembrei que se parecia comigo.

Um ranger de dentes cruel endureceu sua expressão e ele seguiu espreitando pelo bosque de maneira decidida. O peito trazia uma ferida recente, pequena e circular, como se uma faca tivesse sido usada para cortar grosseiramente um pedaço de sua carne. Havia um brilho frio e implacável em seus olhos, o que me fez estremecer.

Dante e eu permanecemos nas árvores até o grupo se afastar. Quando estávamos de volta ao chão, falei:

— Como nos acharam?

Os olhos dele encontraram os meus, semicerrados e frios.

— Eles cometeram um grande erro vindo atrás de você assim.

— Acha que eles têm nos observado?

— Acho que alguém lhes deu uma dica.

— Aquele magro. Eu o vi antes, na Bolsa do Diabo. Ele atacou uma garota nefilim que se parecia muito comigo. Você o conhece?

— Não.

Mas achei que ele tinha hesitado um pouco antes de responder.

Cinco horas depois eu estava de banho tomado e vestida, tinha tomado um café da manhã saudável, com uma mistura nutritiva feita de ovos — sem gordura e sem colesterol — com cogumelos e espinafre, e, como bônus, ainda tinha terminado o dever de casa. Nada mal, considerando que ainda não era meio-dia.

No fim do corredor, a porta do quarto de Marcie se abriu, e ela apareceu. Estava despenteada e com olheiras. E de onde eu estava quase dava para sentir seu hálito de quem acabara de acordar.

— Oi — falei.

— Oi.

— Minha mãe quer que a gente varra as folhas do quintal, então talvez você queira deixar para tomar banho depois que terminarmos.

Marcie cerrou as sobrancelhas.

— Como é que é?

— As tarefas de sábado — expliquei.

Eu entendia que esse provavelmente fosse um conceito novo para Marcie. E adorei lhe contar a novidade.

— Não faço tarefas.

— Faz, se mora aqui.

— Está certo — disse Marcie, relutante. — Deixe só eu tomar o café da manhã e fazer algumas ligações.

Eu não acreditava que Marcie pudesse ser tão agradável em um dia comum, mas estava começando a achar que aquela boa vontade pudesse ser um pedido de desculpas por ela ter estragado tudo na noite anterior. Bom, eu ia tentar aceitá-lo.

Enquanto Marcie se servia de cereais para o café da manhã, fui até a garagem procurar os ancinhos. Já tinha terminado de limpar a metade do quintal da frente quando um carro chegou roncando pela rua. Scott parou seu Barracuda na entrada e saiu. A camisa marcava cada centímetro de seus músculos, e eu gostaria de ter uma câmera para alegrar Vee mais tarde.

— O que está havendo, Grey? — disse ele. Tirou luvas de couro de trabalho do bolso de trás e as vestiu. — Estou aqui para ajudar. Ponha-me para trabalhar. Serei seu escravo hoje. Não faz mal se seu namorado Dante era quem deveria estar aqui, e não eu.

Ele continuava a me provocar com relação a Dante, mas eu não conseguia perceber se ele acreditava mesmo em nosso namoro. Sempre sentia vir dele uma leve pontada de deboche. Mas, é claro, havia o mesmo deboche em uma de cada dez palavras que ele dizia.

Apoiei-me no ancinho.

— Não estou entendendo... Como você sabia que eu estava limpando o quintal?

— Sua nova melhor amiga me contou.

Eu não tinha uma nova melhor amiga, mas tinha uma arqui-inimiga perene. Estreitei os olhos.

— Marcie recrutou você? — adivinhei.

— Ela disse que precisava de ajuda com algumas tarefas. Tem alergia e não pode trabalhar ao ar livre.

— Que mentira!

Eu tinha sido ingênua a ponto de acreditar que ela ia mesmo ajudar.

Scott pegou o outro ancinho, que eu tinha apoiado na varanda da frente, e veio em minha direção.

— Vamos fazer uma pilha bem grande para você se jogar em cima.

— Isso vai contra o objetivo.

Scott riu e cutucou meu ombro.

— Mas ia ser divertido.

Marcie abriu a porta da frente e saiu na varanda. Empoleirou-se nos degraus, cruzando as pernas e inclinando-se para a frente.

— Oi, Scott.

— Ei.

— Obrigada por vir me salvar. Você é meu cavaleiro de armadura brilhante.

— Ah, claro — falei, revirando os olhos melodramaticamente.

— Sempre que precisar! — Scott disse a ela. — Nunca deixo passar uma oportunidade de atormentar a Grey. — Ele veio por trás de mim e enfiou um punhado de folhas em minha blusa.

— Ei! — gritei, e então peguei meu próprio punhado de folhas e atirei no rosto dele.

Scott abaixou o ombro, disparou em minha direção e me derrubou, espalhando por toda parte minha pilha de folhas arrumadinha. Fiquei chateada porque, em apenas um instante, ele tinha conseguido destruir tudo o que eu tinha dado um duro danado para fazer, mas, ao mesmo tempo, não conseguia parar de rir. Ele estava em cima de mim, enchendo de folhas minha blusa, meus bolsos e as pernas da minha calça.

— Scott! — gritei, rindo.

— Não querem ir para um quarto? — disse Marcie, com uma voz entediada, mas podia ver que ela estava irritada.

Quando Scott finalmente saiu de cima de mim, falei para Marcie:

— Que pena que você tem alergia. Varrer as folhas pode ser muito divertido. Será que me esqueci de dizer isso?

Ela me fuzilou com um olhar de puro ódio, depois entrou pisando duro.

CAPÍTULO 16

DEPOIS que Scott e eu recolhemos todas as folhas em sacos de lixo laranja decorados para parecerem abóboras e os espalhamos pelo quintal para enfeitar, ele entrou para tomar um copo de leite e comer alguns dos biscoitos de chocolate e menta deliciosamente grudentos da minha mãe. Imaginei que Marcie já tivesse ido para o quarto, mas, em vez disso, ela nos esperava na cozinha.

— Acho que devíamos dar uma festa de Halloween aqui — anunciou ela.

Bufei e abaixei meu copo de leite.

— Sem ofensa, mas não ligamos muito para festas nesta família.

O rosto de minha mãe se iluminou.

— Acho uma ótima ideia, Marcie. Não damos uma festa aqui desde que Harrison se foi. Posso dar uma passadinha na loja de artigos de festa mais tarde e ver o que eles têm para a decoração.

Olhei para Scott em busca de ajuda, mas ele só deu de ombros.

— Pode ser legal.

— Você está com bigodes de leite — falei para ele, de maneira rude, em resposta.

Ele limpou a boca com as costas da mão... depois passou no meu braço.

— Eca! — gritei, empurrando seu ombro.

— Acho que devíamos ter um tema, como "casais históricos famosos", e falar para todos virem acompanhados — disse Marcie.

— Isso já não foi feito, tipo, um milhão de vezes? — indaguei.

— O tema devia ser "seu personagem preferido da série *Halloween*" — disse Scott, com um riso sádico.

— Parem. Chega. Todos, por favor... se acalmem — falei, estendendo a mão em sinal de "*Pare*". — Mãe, você está percebendo que vamos ter que limpar a casa toda, não é?

Minha mãe deu uma risada, sentindo-se insultada.

— A casa não está tão suja assim, Nora.

— Cada um traz sua bebida ou vamos providenciar tudo? — perguntou Scott.

— *Nada de cerveja* — minha mãe e eu dissemos juntas.

— Bem, gosto da ideia dos casais famosos — disse Marcie, claramente decidida. — Scott, nós podíamos fazer um par.

Scott não perdeu tempo.

— Posso ser Michael Myers e, você, uma das babás que ele mutilou?

— Não — disse Marcie. — Vamos ser Tristão e Isolda.

Coloquei a língua para fora.

— Que original...

Scott chutou minha perna de brincadeira.

— Nossa, olá, Miss Simpatia!

Acho que é um pouco fútil planejar uma festa de Halloween bem no meio do Cheshvan, falei em tom de crítica, pensando. *Os anjos caídos podem estar dando um tempo, mas não vai durar muito. Nós dois sabemos que a guerra está ficando mais séria, e que todos esperam que eu faça alguma coisa. Então, me perdoe se pareço um pouco mal-humorada!*

É justo, respondeu Scott. *Mas talvez a festa possa ajudá-la a relaxar um pouco.*

Está mesmo pensando em ser par da Marcie numa festa?

Um sorriso surgiu nos lábios dele.

Está achando que eu devia fazer par com você?

Acho que deveria fazer par com a Vee.

Antes que eu pudesse avaliar a reação de Scott, Marcie disse:

— Vamos à loja de artigos de festa juntas, Sra. Grey. E podemos passar na papelaria depois, para eu procurar convites. Queria algo que fosse assustador e festivo, mas bonito também. — Ela encolheu os ombros e deu um gritinho. — Isso vai ser tão divertido!

— Quem vai ser seu par na festa, Nora? — perguntou minha mãe.

Franzi os lábios, sem conseguir pensar na resposta certa. Scott não era mais uma opção, não dava para ser o Dante — isso ajudaria a alimentar os boatos sobre nosso namoro, mas eu não estava no clima —, e minha mãe detestava Patch. Pior, eu devia odiá-lo. Éramos inimigos mortais aos olhos dos outros.

Não queria ser incluída nessa festa. Tinha problemas maiores. Um arcanjo vingativo estava atrás de mim; eu era a líder de um exército, mas precisava de orientação — apesar do pacto com os arcanjos, estava começando a achar que a guerra podia não só ser inevitável, mas também a jogada *certa*; minha melhor amiga guardava segredos de mim, e tentar imaginar quais seriam estava tirando meu sono; e agora, isso. Uma festa de Halloween. Na minha casa. Onde eu deveria ser a anfitriã.

Marcie riu.

— Anthony Amowitz tem uma queda por você.

— Ah, conte mais sobre Anthony — incitou minha mãe.

Marcie adorava uma boa história, e mergulhou com vontade nessa.

— Ele fazia aula de educação física com a gente no ano passado. Toda vez que jogávamos *softball*, ele era o apanhador e ficava babando pelas pernas de Nora o tempo todo em que ela estava com o bastão. Ele não pegava nenhum arremesso de tão distraído.

— Nora tem mesmo pernas lindas — minha mãe me provocou.

Indiquei a escada com o polegar.

— Vou para o meu quarto bater a cabeça na parede algumas milhares de vezes. Qualquer coisa é melhor do que estar aqui.

— Você e Anthony podiam ser Scarlett e Rhett — gritou Marcie para mim. — Ou Buffy e Angel. Ou, que tal, Tarzan e Jane?



Naquela noite deixei minha janela aberta e, um pouco depois da meia-noite, Patch entrou de fininho. Ele estava com cheiro de terra, como o bosque, quando se deitou em silêncio ao meu lado na cama. Muito embora eu preferisse encontrá-lo às claras, havia algo inegavelmente sexy nesses encontros secretos.

— Trouxe uma coisa para você — disse ele, colocando um saco de papel marrom em minha barriga.

Sentei-me e espiei o que havia dentro.

— Uma maçã do amor de Delphic Beach? — Sorri. — É a melhor do mundo. E coberta com coco ralado, minha preferida!

— É um presente para você ficar boa logo. Como está a ferida?

Levantei a camisola, mostrando a ele a boa notícia.

— Bem melhor.

O restante da mancha azul havia desaparecido havia algumas horas e, assim que sumiu, a ferida fechara quase imediatamente. Só havia uma cicatriz clara.

Patch me beijou.

— Isso é uma boa notícia.

— Algum sinal de Blakely?

— Não, mas é só uma questão de tempo.

— Chegou a senti-lo seguindo você?

— Não. — Havia um pouco de frustração em sua voz. — Mas tenho certeza de que está me vigiando. Ele precisa da faca de volta.

— As artes do mal estão mudando todas as regras, não é?

— Estão me forçando a ser criativo, tenho de admitir.

— Trouxe a faca de Blakely? — Dei uma olhada nos bolsos dele, que pareciam vazios.

Patch levantou a camisa só o suficiente para mostrar o cabo saindo do cinto de couro.

— Nunca a perco de vista.

— Você tem certeza de que ele vai vir atrás disso? Talvez perceba que você não vai fazer nada mesmo. Talvez saiba que os arcanjos não são tão rigorosos quanto pensávamos e que poderá escapar impune com as artes do mal.

— É possível, mas acho que não. Os arcanjos são bons em esconder coisas,

principalmente dos nefilins. Acho que Blakely está assustado e que vai agir logo.

— E se ele trouxer reforços? E se formos você e eu contra vinte deles?

— Ele vai vir sozinho — disse Patch, confiante. — Fez uma grande besteira e vai tentar consertar isso sem que ninguém fique sabendo. Ele é valioso demais para os nefilins, e de jeito nenhum teria autorização para assistir a um jogo de futebol. Aposto que estava escondido. E, pior, ele deixou para trás uma faca encantada com as artes do mal. Está preocupado e sabe que precisa ajeitar as coisas antes que alguém descubra. Vou usar seu medo e desespero a nosso favor. Ele sabe que ainda estamos juntos. Vou ter que obrigá-lo a jurar que não dirá uma palavra sobre nosso relacionamento a qualquer outra pessoa.

Tirei um pedaço já cortado da maçã do amor e mordi a metade. Era melhor fingir que estava calma.

— Mais alguma coisa? — perguntou Patch.

— Humm... sim. No treinamento dessa manhã, Dante e eu fomos interrompidos por alguns anjos caídos mal-encarados. — Encolhi os ombros. — Nós nos escondemos até eles irem embora, mas dá para perceber que o Cheshvan deixou os ânimos de todos exaltados. Você por acaso conhece um anjo caído bem magro com marcas por todo o peito? Essa é a segunda vez que o vejo.

— Não estou me lembrando. Mas vou ficar de olho. Você tem certeza de que está bem?

— Tenho. E, para continuar com as novidades, Marcie vai dar uma festa de Halloween aqui em casa.

Patch sorriu.

— O velho drama familiar Grey-Millar?

— O tema vai ser "casais históricos famosos". Dava para Marcie ser menos original? Pior, ela envolveu minha mãe. Elas saíram para comprar enfeites para a festa hoje. Por *três* horas inteiras. É como se, de repente, tivessem se tornado melhores amigas. — Peguei outro pedaço de maçã e fiz uma careta. — Marcie está estragando tudo. Queria que Scott fosse com Vee, mas Marcie já o convenceu a ir com ela.

Patch abriu um largo sorriso.

Lancei para ele meu melhor olhar de irritação.

— Isso não é engraçado. Marcie está destruindo minha vida. De que lado você está, afinal?

Patch levantou as mãos, se rendendo.

— Vou ficar fora disso.

— Preciso de um par para essa festa idiota. Tenho que roubar a cena de Marcie — acrescentei em uma centelha de inspiração. — Quero o cara mais gato ao meu lado e uma fantasia melhor. Vou pensar em alguma coisa um milhão de vezes mais interessante que Tristão e Isolda. — Olhei para Patch, cheia de esperança.

Ele só me olhou de volta.

— Não podemos ser vistos juntos.

— Você estaria fantasiado. Pense nisso como um desafio: não deixar ninguém notar quem você é. Pode admitir, toda essa história de ficar se escondendo é meio sexy...

— Não vou a festas à fantasia.

— Nem se eu pedir com todo carinho? — falei, piscando.

— Você está acabando comigo.

— Só conheço um cara mais bonito que Scott... — Deixei a ideia provocar o ego dele.

— Sua mãe não vai me deixar colocar os pés aqui. Já vi a arma que ela guarda na prateleira de cima da despensa.

— Como eu disse, você vai estar disfarçado, bobinho. Ela não vai saber que é você.

— Você não vai desistir disso, não é?

— Não. O que você acha de John Lennon e Yoko Ono? Ou Sansão e Dalila? Robin Hood e Lady Marian?

Ele ergueu a sobrancelha.

— Já pensou em Patch e Nora?

Apoiei os dedos entrelaçados na barriga e olhei para o teto diabolicamente.

— Marcie já era.

O celular de Patch tocou, e ele deu uma olhada no visor.

— Número desconhecido — murmurou ele, e senti meu sangue gelar.

— Acha que é Blakely?

— Só há um jeito de descobrir.

Ele atendeu o telefone, a voz calma, mas não gentil. Imediatamente senti seu corpo se retesar ao lado do meu, e sabia que devia ser Blakely. A ligação durou poucos segundos.

— É o nosso cara — Patch me contou. — Ele quer me encontrar. Agora.

— É isso? Parece quase fácil demais.

Patch olhou nos meus olhos, e vi que havia mais coisa. Não conseguia interpretar a fisionomia dele, mas o modo como me encarou fez minha ansiedade crescer.

— Se lhe dermos a faca, ele nos dará o antídoto.

— Que antídoto? — perguntei.

— Você foi contaminada quando ele a esfaqueou. Não disse com o quê. Só disse que, se não receber o antídoto logo... — Patch parou de falar, engolindo. — Ele disse que você vai se arrepender. Nós dois vamos.

CAPÍTULO 17

— ELE está blefando. É uma armadilha. Está tentando nos fazer entrar em pânico para que a gente pense sobre essa doença fictícia com a qual ele me contaminou e pare de jogar direito. — Pulei da cama e comecei a andar de um lado para outro no meu quarto. — Ah, ele é bom. Muito bom. Acho que devemos ligar para ele e dizer que terá a faca de volta se jurar parar de usar as artes do mal. Esse é um acordo que eu posso aceitar.

— E se ele não estiver mentindo? — perguntou Patch, baixinho.

Eu não queria pensar nisso. Se pensasse, estaria nas mãos de Blakely.

— Está, sim — falei com mais convicção. — Ele era um dos protegidos de Hank, e se Hank era bom em alguma coisa, eu diria que era em mentir. Tenho certeza de que o discípulo aprendeu isso. Ligue para ele. Diga que não há acordo. Diga que minha ferida cicatrizou e que, se houvesse algo de errado comigo, já saberíamos.

— É das artes do mal que estamos falando. Elas não seguem as regras. — Havia preocupação e frustração por trás das palavras de Patch. — Não acho que a gente possa fazer suposições ou nos arriscar a subestimá-los. Se ele fez alguma coisa para machucar você, Anjo... — Um músculo no maxilar de Patch se contraiu de tensão, e temi que ele fosse fazer exatamente o que Blakely queria: pensar com a raiva e não com a cabeça.

— Vamos esperar. *Se* estivermos errados, e não acho que estamos, Blakely ainda vai querer a faca daqui a dois, quatro, seis dias. Vamos guardar esse trunfo. Se começarmos a suspeitar de que ele realmente me contaminou com alguma coisa, aí ligamos. Ele ainda vai querer nos encontrar porque precisa da faca. Não temos nada a perder.

Patch não pareceu convencido.

— Ele disse que você precisaria do antídoto logo.

— Você não vê que *logo* é vago demais? Se ele estivesse dizendo a verdade, teria um período de tempo mais específico.

Minha coragem não era encenação. Eu não acreditava nem um pouco que Blakely estivesse sendo sincero. Minha ferida tinha cicatrizado e eu nunca havia me sentido melhor. Ele não tinha injetado nenhuma doença em mim. Não ia cair nessa. E me frustrava ver que Patch estava sendo tão cauteloso, tão ingênuo. Queria manter nosso plano original: pegar Blakely e acabar com a produção das artes do mal.

— Ele escolheu um lugar para o encontro? Onde quer fazer a troca?

— Não vou lhe dizer — respondeu Patch, a voz calma e calculada.

Eu me encolhi, confusa.

— Espere aí, o que você disse?

Patch se aproximou e colocou as mãos em volta da minha nuca. Sua expressão era impassível. Estava falando a sério — não pretendia me contar nada. A traição doía em mim como um tapa. Eu não podia acreditar que ele estivesse fazendo aquilo comigo. Comecei a me virar de costas, irritada demais para falar, mas ele me pegou pelo pulso.

— Respeito sua opinião, mas estou nessa há muito mais tempo — disse ele, a voz baixa, séria e magoada.

— Não banque o superior comigo.

— Blakely não é um cara legal.

— Obrigada pela dica — falei de maneira sarcástica.

— Eu não duvidaria de que ele fosse capaz de contaminar você com alguma coisa. Ele vem lidando com as artes do mal por tempo demais para ainda ter algum senso de decência ou humanidade. Isso endureceu o coração dele e plantou ideias em sua cabeça, ideias ardilosas, maliciosas e infames. Não acho que ele esteja fazendo ameaças vazias. Ele parecia sincero. Parecia decidido a levar a cabo tudo o que estava dizendo. Se não encontrá-lo esta noite, o antídoto irá para o lixo. Blakely não tem medo de nos mostrar o tipo de homem que ele é.

— Então vamos mostrar a ele quem nós somos. Conte-me onde ele quer se encontrar. Vamos pegá-lo, trazê-lo aqui, interrogá-lo — desafiei.

Olhei o relógio. Haviam se passado cinco minutos desde que Patch desligara o telefone. Blakely não esperaria a noite toda. Tínhamos de ir, estávamos perdendo tempo.

— Você não vai se encontrar com Blakely esta noite, fim de papo — disse Patch.

Eu detestava o modo irritantemente *alfa* como ele estava reagindo. Eu merecia ter direitos iguais de opinar, e ele estava me colocando de lado. Não ligava para minha opinião, que era apenas um contratempo maldisfarçado.

— Vamos perder a chance de pegá-lo! — argumentei.

— Vou aceitar o acordo e você vai ficar aqui.

— Como pode dizer isso? Está deixando que ele decida! O que aconteceu com você?

Os olhos dele encontraram os meus.

— Achei que fosse bem óbvio, Anjo. Sua saúde é mais importante do que conseguir respostas. Vamos ter outra chance de pegar Blakely.

Boquiaberta, balancei a cabeça de um lado para outro.

— Se você sair daqui sem mim, nunca vou perdoá-lo.

Uma ameaça dura, mas, para mim, eu estava mesmo falando a sério. Patch me prometera que seríamos um time dali para a frente. Se me deixasse de fora agora, eu encararia isso como uma traição. Já tínhamos passado por muitas coisas juntos para ele me enrolar nesse momento.

— Blakely já está tenso. Se fizermos algo fora do que foi combinado, ele vai fugir, e lá se vai nosso antídoto. Ele pediu que eu vá sozinho, e vou fazer o que quer.

Balancei a cabeça furiosamente.

— Isso não tem nada a ver com Blakely. É sobre você e eu. Você disse que seríamos um time daqui para a frente. Isso é sobre o que *nós* queremos, não o que ele quer.

Alguém bateu à porta do meu quarto, e eu disparei rispidamente:

— O *que* foi?

Marcie abriu a porta e ficou em pé na entrada, os braços cruzados no peito. Estava com uma camiseta velha e larga e um short tipo samba-canção. Não era o que eu imaginava que Marcie vestisse para dormir. Eu esperava mais rosa, mais renda e mais pele à mostra.

— Com quem você está conversando? — quis saber ela, esfregando os olhos de sono. — Dá para ouvir você falando alto no corredor inteiro.

Virei-me para Patch, mas só havia Marcie e eu no quarto. Ele tinha desaparecido.

Peguei um travesseiro em minha cama e o atirei contra a parede.



No domingo de manhã, acordei com uma fome estranha e insaciável atacando minha barriga. Saí da cama, nem fui ao banheiro, e segui direto para a cozinha. Abri a geladeira, observando as prateleiras avidamente. Leite, frutas, um resto de estrogonofe. Salada, fatias de queijo, gelatina de legumes. Nada daquilo parecia nem remotamente interessante, mas ainda assim meu estômago se retorcia de fome. Enfiei a cabeça na despensa, vasculhei as prateleiras de cima abaixo, mas tudo ali era apetitoso como um chiclete de poliéster. Aquele desejo inexplicável aumentava com a falta de comida, e comecei a me sentir nauseada.

Ainda estava escuro lá fora, faltavam poucos minutos para as cinco, e me arrastei de volta para a cama. Se não podia acabar com minha dor comendo, ia dormir para esquecê-la. O problema era que minha cabeça parecia pendurada em uma Xícara Maluca, a vertigem tomava conta de mim completamente. Minha língua estava seca e inchada de sede, mas a ideia de beber alguma coisa, mesmo tão insípida quanto a água, fazia meu estômago ameaçar ter ânsias de vômito em protesto. Perguntei-me momentaneamente se isso poderia ser um efeito colateral da facada, mas estava me sentindo muito mal para ficar pensando. Vários minutos passaram enquanto eu rolava de um lado para outro, tentando encontrar a parte mais fria dos lençóis em busca de algum alívio, quando uma voz sedosa sussurrou em meu ouvido:

— Adivinhe que horas são.

Soltei um gemido sincero.

— Não posso treinar hoje, Dante. Estou passando mal.

— A mais velha das desculpas. Agora saia da cama — disse ele, batendo em minha perna.

Minha cabeça estava pendurada na lateral do colchão, e olhei para os tênis dele.

— Se eu vomitar nos seus pés, você vai acreditar em mim?

— Não ligo para essas frescuras. Quero você lá fora em cinco minutos. Se você se atrasar, vai ter que me compensar. Oito quilômetros a mais para cada minuto atrasada me parecem justos.

Ele saiu, e precisei de toda a minha motivação e mais um pouco para me arrastar da cama. Amarrei lentamente os tênis, presa a uma batalha contra a fome violenta que me atacava de um lado e a vertigem aguda que vinha de outro.

Quando consegui chegar à entrada, Dante falou:

— Antes de começarmos, tenho um relatório a fazer sobre o treinamento de nossos homens. Um dos meus primeiros atos como tenente foi o de nomear oficiais para as tropas. Espero que aprove. O treinamento está indo bem — continuou ele, sem esperar por resposta. — Temos focado em técnicas antipossessão, truques da mente como estratégias tanto de ataque quanto de defesa e um condicionamento físico rigoroso. Nossa maior fraqueza é o recrutamento de espiões. Precisamos conseguir bons informantes. Temos que saber o que os anjos caídos estão planejando, mas não fomos bem-sucedidos até agora. — Ele olhou para mim, esperando uma reação.

— Hã... está certo. Bom saber. Vou tentar pensar em alguma coisa.

— Sugeriria que você pedisse a Patch.

— Para espionar por nós?

— Use seu relacionamento a nosso favor. Ele pode ter informações sobre os pontos fracos dos anjos caídos. Pode saber que anjos caídos seriam mais fáceis de derrotar.

— Não vou usar Patch. Eu já lhe disse: Patch está fora dessa guerra. Não ficou do lado dos anjos caídos. Não vou pedir para ele espionar para os nefilins — falei quase friamente. — Ele não vai se envolver.

Dante assentiu brevemente.

— Entendido. Esqueça o que eu pedi. Aquecimento padrão. Quinze quilômetros. Aumente o ritmo quando estiver voltando. Quero ver você suar.

— Dante... — protestei, sem forças.

— Lembra aqueles quilômetros extras de que falei? Eles também valem para desculpas.

Acabe logo com isso, tentei me encorajar. E *aí poderá tirar o resto do dia para dormir. E comer, comer e comer.*

Dante pegou pesado no treinamento; depois do aquecimento de 15 quilômetros, pratiquei saltar sobre pedras com o dobro da minha altura e depois subir correndo os despenhadeiros escarpados de uma ravina, e ainda relembramos as lições que eu já tinha aprendido, trabalhando principalmente os truques da mente.

Por fim, depois de duas horas, ele disse:

— Vamos parar por aqui. Consegue achar o caminho de volta?

Tínhamos entrado bastante no bosque, mas, pela direção do sol nascente, eu conseguia ver de que lado estava o leste e tinha certeza de que conseguiria encontrar o caminho sozinha.

— Não se preocupe comigo — respondi, e saí.

A meio caminho de casa, encontrei a pedra em que tínhamos deixado nossas coisas — o agasalho que eu tinha tirado depois do aquecimento e a bolsa azul-marinho de Dante. Ele a trazia todos os dias, carregando-a por quilômetros bosque adentro, o que era não só cansativo e estranho, mas pouco prático. Até então, ele nunca tinha aberto a bolsa. Pelo menos não na minha frente. Podia estar cheia de diversos equipamentos de tortura que ele pretendia usar nos treinos. Mas o mais provável é que tivesse uma muda de roupas e outros tênis. Podia ser também que tivesse — e ri só de pensar — uma cueca samba-canção com desenhos de pinguins, o que me permitiria debochar dele pelo resto da vida. Talvez eu até pudesse pendurá-la em uma árvore ali perto. Não havia ninguém nas proximidades para vê-la, mas ele ficaria envergonhado o bastante só de saber que eu tinha visto.

Sorrindo furtivamente, abri o zíper alguns centímetros. Assim que vi as garrafas de vidro cheias de líquido azul-claro enfileiradas lá dentro, meu estômago se retorceu violentamente em espasmos de dor. A fome me atacou como se fosse alguma coisa viva.

Um desejo insaciável ameaçou explodir dentro de mim. Um som agudo rugiu em meus ouvidos. Como uma onda avassaladora, me lembrei do sabor poderoso das artes do mal. Terrível, mas recompensador. Lembrei do poder que aquilo tinha me dado. Mal conseguia manter o equilíbrio, tão consumida que estava pela necessidade de sentir aquela força incontrolável de novo. Os pulos a alturas incríveis, a velocidade inigualável, a agilidade animal. Minha pulsação estava descontrolada, vibrando e palpitando de *desejo*, *desejo*, *desejo*. Minha visão perdeu o foco e meus joelhos bambearam. Eu quase podia sentir o alívio e a satisfação que viriam com um único gole.

Contei rapidamente as garrafas. Quinze. Dante não daria pela falta de apenas uma. Sabia que era errado roubar, e que as artes do mal não me fariam bem. Mas tais pensamentos eram argumentos fracos flutuando sem rumo no fundo da minha mente. Procurei me convencer de que um remédio controlado, se tomado em doses erradas, também não me faria bem, mas que algumas vezes era necessário. Assim como, agora, eu necessitava de um pouco das artes do mal.

Artes do mal. Eu mal conseguia pensar, tão ansiosa e ávida que estava pelo poder que sabia que me dariam. Um pensamento repentino tomou conta de mim — eu podia morrer se não tomasse um pouco daquela bebida, de tão forte que era a minha necessidade. Eu faria qualquer coisa por ela. Precisava me sentir daquele jeito de novo. Indestrutível. Intocável.

Antes que me desse conta, peguei uma garrafa. Em minhas mãos, ela passava uma sensação tranquilizadora e reconfortante. Ainda não tinha nem tomado um gole, e minha mente já estava clareando. Nada mais de vertigem e, em pouco tempo, nada mais de desejos descontrolados.

A garrafa se encaixava perfeitamente em minha mão, como se devesse ficar ali o tempo todo. Dante queria mesmo que eu ficasse com aquela garrafa. Afinal de contas, quantas vezes tentara me convencer a beber as artes do mal? E ele não tinha dito que minha próxima dose seria por conta da casa?

Eu levaria uma garrafa e seria o suficiente. Sentiria o afluxo de poder mais uma vez e ficaria satisfeita.

Só mais uma vez.

CAPÍTULO 18

MEUS olhos se abriram quando ouvi uma batida repentina na porta. Sentei-me, desorientada. A luz do sol entrava pela janela do quarto, indicando que não era mais tão cedo. Minha pele estava fria e úmida de suor, os lençóis embolados em volta das minhas pernas. Na mesinha de cabeceira, uma garrafa vazia caída de lado.

A lembrança do que havia acontecido me invadiu de repente.

Eu mal tinha chegado ao quarto quando girei a tampa, atirei-a depressa para o lado e tomei em segundos a bebida das artes do mal. Engasguei e tive ânsia de vômito, como se fosse sufocar, enquanto o líquido obstruía minha garganta, mas sabia que quanto mais rápido bebesse, mais rápido aquilo acabaria. Uma onda de adrenalina diferente de qualquer outra tomou conta de mim, levando meus sentidos a um estado eletrizante. Meu impulso foi o de correr lá fora e testar meu corpo ao limite, correndo, saltando e desviando de tudo no caminho. Como voar. Só que melhor.

E então, tão rápido quanto aquele impulso cresceu dentro de mim, eu desabei. Não me lembro nem de ter caído na cama.

— Hora de acordar, dorminhoca! — gritou minha mãe atrás da porta. — Sei que estamos no fim de semana, mas também não precisa passar o dia todo dormindo. Já são mais de 11 horas.

Onze? Fiquei apagada por *quatro* horas?

— Desço em um segundo — respondi, o corpo todo tremendo, o que devia ser efeito das artes do mal.

Eu tinha consumido uma quantidade grande de bebida depressa demais. Isso explicava o fato de eu ter saído do ar por horas e a agitação diferente que pulsava dentro de mim.

Não podia acreditar que tinha roubado a bebida de Dante. Pior: não podia acreditar que tinha bebido. Estava envergonhada. Tinha de encontrar uma maneira de corrigir aquilo, mas não sabia por onde começar. Como poderia contar a Dante? Ele já me achava tão fraca quanto um humano, e não conseguir controlar meus próprios desejos só provava que estava certo.

Eu deveria ter pedido a ele a bebida. Mas, desconcertada, percebi que tinha *gostado* de roubar. Sentira certa adrenalina em fazer algo errado e conseguir escapar. Como também tinha sido emocionante abusar das artes do mal, tomar tudo de uma só vez, recusar-me a racionar a bebida.

Como eu podia ter esses pensamentos horríveis? Como me permiti agir por impulso? Essa não era eu.

Jurei a mim mesma que aquela tinha sido a última vez que eu usaria as artes do mal, coloquei a garrafa no fundo da cesta de lixo e tentei tirar da cabeça o incidente.

Achei que, àquela hora, eu tomaria o café da manhã sozinha, mas encontrei Marcie na mesa da cozinha, riscando uma lista de telefones.

— Passei a manhã toda convidando pessoas para a festa de Halloween — explicou. — Fique à vontade para ajudar quando quiser.

— Achei que você fosse enviar convites.

— Não ia dar tempo. A festa é na quinta.

— Na véspera de um dia de aula? O que há de errado com a sexta-feira?

— Futebol americano. — Meu rosto deve ter demonstrado confusão, porque ela explicou melhor. — Todos os meus amigos vão estar jogando ou torcendo. Além disso, é um jogo fora, então não podemos chamá-los para vir para cá depois.

— E no sábado? — perguntei, sem conseguir acreditar que daríamos uma festa durante a semana.

Minha mãe nunca concordaria com isso. Mas, por outro lado, ultimamente Marcie dava seu jeito de conseguir convencê-la a fazer quase qualquer coisa.

— Sábado era aniversário de casamento dos meus pais. Não vamos fazer no sábado — disse ela em tom decidido e empurrou a lista de telefones em minha direção. — Estou fazendo todo o trabalho e isso já está começando a me irritar.

— Não quero ter nada a ver com essa festa — lembrei a ela.

— Você só está zangada porque não tem um par.

Ela estava certa. Eu não tinha um par. Tinha falado de levar Patch, mas, para isso, precisaria primeiro perdoá-lo por ter ido se encontrar com Blakely na noite anterior. A lembrança do que tinha acontecido voltou de repente. Entre dormir, treinar com Dante naquela manhã e ficar inconsciente por muitas horas, eu tinha me esquecido completamente de checar o celular para ver se havia alguma mensagem.

A campainha tocou e Marcie deu um pulo.

— Eu atendo.

Queria gritar "Pare de agir como se morasse aqui!", mas em vez disso passei direto por ela e subi os degraus da escada de dois em dois até o meu quarto. Minha bolsa estava pendurada na porta do armário e eu a revirei até encontrar meu celular.

Respirei fundo. Nenhuma mensagem. Não sabia o que isso significava, nem se deveria me preocupar. E se Blakely tivesse armado uma emboscada para Patch? Ou será que o silêncio dele era somente porque tínhamos acabado a noite passada brigados? Quando eu fico irritada, preciso de espaço, e Patch sabe disso.

Mandei uma mensagem rápida para ele. PODEMOS CONVERSAR?

Lá embaixo, ouvi Marcie em meio a uma discussão inflamada.

— Já disse que *eu vou* chamá-la. Você tem que esperar aqui. Ei! Você não pode entrar assim desse jeito sem ser convidada!

— Olha quem fala! — devolveu Vee, e a escutei subindo depressa a escada.

Eu as encontrei no corredor em frente ao meu quarto.

— O que está acontecendo?

— Sua amiga gorda me empurrou para entrar sem ser convidada — reclamou Marcie.

— Essa vaca magrela está agindo como se fosse a dona da casa — falou-me Vee. — O que ela está fazendo aqui?

— Eu moro aqui agora — disse Marcie.

Vee deu uma risada.

— Você é sempre tão engraçada... — disse ela, sacudindo o dedo na cara de Marcie.

Marcie projetou o queixo para a frente.

— Moro mesmo. Vá em frente. Pergunte a Nora.

Minha amiga me olhou e eu suspirei.

— É temporário.

Vee cambaleou para trás como se tivesse sido atingida por um soco invisível.

— Marcie? Morando aqui? Só eu estou percebendo que isso não tem lógica?

— Foi ideia da minha mãe — expliquei.

— Foi ideia minha e da *minha* mãe, mas a Sra. Grey concordou e foi melhor assim — corrigiu Marcie.

Antes que Vee pudesse fazer mais perguntas, agarrei-a pelo cotovelo e puxei-a para o quarto. Marcie se aproximou, mas bati a porta na cara dela. Estava tentando ao máximo ser civilizada, mas deixá-la entrar e participar de uma conversa particular com Vee era levar a ideia de cortesia longe demais.

— Agora, fala sério, o que ela está fazendo aqui mesmo? — perguntou Vee, sem se importar em baixar a voz.

— É uma longa história. Mas, resumindo... eu não sei.

Resposta evasiva, sim, mas também sincera. Eu não tinha a menor ideia do que Marcie estava fazendo ali. Minha mãe foi amante de Hank e eu era a filha bastarda, e o lógico seria que Marcie não quisesse nada com a gente.

— Ah, tá, agora faz sentido... — disse Vee.

Hora de distraí-la.

— Marcie vai dar uma festa de Halloween aqui em casa. As pessoas têm que vir acompanhadas e fantasiadas. O tema é casais históricos famosos.

— E? — disse Vee, sem se animar nem um pouco.

— Marcie deve ir com Scott.

Vee estreitou os olhos.

— Uma ova que ela vai.

— Marcie já o convidou, mas ele não me pareceu muito decidido... — falei, querendo ajudar.

Vee estalou os nós dos dedos.

— É hora de fazer minha mágica, antes que seja tarde demais.

Meu celular tocou com uma mensagem. CONSEGUI O ANTÍDOTO. TEMOS QUE NOS ENCONTRAR, dizia Patch.

Ele estava bem. Senti meus ombros relaxarem.

Discretamente, coloquei o telefone no bolso e disse a Vee:

— Minha mãe quer que eu busque a roupa que deixamos para lavar a seco e devolva alguns livros à biblioteca. Mas posso passar na sua casa mais tarde.

— E então podemos planejar como vou fazer para roubar Scott daquela vadia — disse Vee.

Depois que Vee já tinha saído havia uns cinco minutos, dei a ré para tirar o Volkswagen da calçada.

SAINDO DE CASA AGORA, escrevi para Patch. ONDE VOCÊ ESTÁ?

SEGUINDO PARA A MINHA CASA, respondeu ele.

ENCONTRO VOCÊ LÁ.

Dirigi até Casco Bay, tão ocupada pensando no que eu diria a Patch que nem observava o estonteante cenário de outono. Só percebia vagamente o azul-vivo da água brilhando sob o sol e as ondas que se esparramavam em espumas ao quebrar nos penhascos escarpados. Estacionei em frente à casa de Patch e entrei. Cheguei primeiro e saí na varanda para reorganizar meus pensamentos uma última vez.

O ar estava frio e carregado de maresia, a brisa na medida exata de um arrepio, e eu esperava que isso esfriasse minha raiva e aquela dor insistente da traição. Ficava feliz por Patch sempre pensar em minha segurança, a preocupação dele me tocava, então não queria parecer ingrata por ter um namorado disposto a fazer tudo por mim, mas trato é trato.

Ouvi a porta da garagem se abrir e, em seguida, a moto de Patch entrar. Um instante depois ele apareceu na sala. Manteve-se afastado, mas seus olhos não desgrudaram de mim. O cabelo estava bagunçado pelo vento e os pelos escuros da barba por fazer cobriam seu maxilar. Ele estava com as mesmas roupas de nosso último encontro, então vi que tinha ficado fora a noite toda.

— A noite foi agitada? — perguntei.

— Eu estava de cabeça cheia.

— Como está Blakely? — perguntei com indignação suficiente para Patch saber que eu não tinha perdoado nem esquecido nada.

— Ele jurou não falar nada sobre nosso relacionamento. — Uma pausa. — E me deu o antídoto.

— Foi o que sua mensagem disse.

Patch suspirou e passou a mão pelo cabelo.

— Então é assim que vai ser? Entendo que esteja irritada, mas não pode dar um tempo e tentar ver as coisas pelo meu lado? Blakely me disse para ir sozinho, e eu não tinha como

saber qual seria a reação dele se aparecesse com você. Não me oponho a correr riscos, mas não vou fazer isso quando as probabilidades estão claramente contra mim. Ele tinha a melhor cartada... dessa vez.

— Você disse que éramos um time.

— Também jurei fazer tudo que estivesse ao meu alcance para protegê-la. Quero o que é melhor para você. É só isso, Anjo.

— Você não pode controlar tudo sempre, dizendo que é para minha segurança.

— Cuidar para que você fique segura é mais importante para mim do que sua boa vontade comigo. Não quero brigar, mas, se está decidida a me ver como o vilão da história, tudo bem. Antes isso do que perder você. — Ele deu de ombros.

Bufei, irritada com a arrogância dele, e estreitei os olhos.

— É isso mesmo que você pensa?

— Você já me viu mentir, principalmente quando se trata do que sinto por você?

Peguei minha bolsa no sofá.

— Deixe para lá. Estou indo embora.

— Fique à vontade. Mas você não vai colocar o pé lá fora antes de tomar o antídoto.

E, como se quisesse mostrar que estava falando a sério, ele encostou na porta e cruzou os braços no peito.

— Pelo que sabemos, o antídoto pode ser um veneno — disse, fuzilando-o com o olhar.

Ele balançou a cabeça.

— Dabria o analisou. Está limpo.

Cerrei os dentes. Manter a calma estava completamente fora de questão.

— Você levou Dabria, não foi? Acho que isso significa, então, que vocês dois são um time agora — disparei.

— Ela ficou afastada de Blakely, para não chamar atenção, perto apenas o suficiente para ler um pouco do futuro dele. Não havia nada que indicasse má-fé com relação ao antídoto. Ele fez uma troca honesta. O antídoto é verdadeiro.

— Por que não tenta ver as coisas pelo meu lado? — Eu estava fervendo por dentro. — Tenho que aguentar meu namorado preferindo agir com a ex, que ainda é apaixonada por ele, como você bem sabe!

Patch manteve o olhar firme, grudado em mim.

— E eu sou apaixonado por você. Mesmo quando é irracional, ciumenta e cheia de vontades. Dabria tem muito mais prática em truques da mente, combate e lutas contra nefilins em geral. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que começar a confiar em mim. Não temos muitos aliados e precisamos de toda ajuda que conseguirmos. Enquanto Dabria estiver ajudando, pretendo mantê-la a bordo.

Meus punhos estavam fechados com tanta força que eu podia sentir as unhas quase cortando a pele.

— Em outras palavras, não sou boa o bastante para ser sua companheira de equipe. Diferentemente de Dabria, não tenho poderes especiais!

— Não é só isso. Já falamos sobre esse assunto. Se alguma coisa acontecer a ela, eu não vou considerar uma grande tristeza. Mas se for com você, por outro lado...

— É, bem, suas ações falam por si. — Eu estava ferida, irritada e determinada a mostrar a Patch que ele estava me subestimando; tudo isso levou à declaração estarrecedora que fiz em seguida: — Vou liderar os nefilins na guerra contra os anjos caídos. É a coisa certa a fazer. Depois eu me preocupo com os arcanjos. Posso viver com medo deles, ou superar isso e fazer o que sei que é melhor para os nefilins. Não quero que outro nefilim jure lealdade... nunca mais. Já tomei minha decisão, então nem se dê o trabalho de tentar me convencer do contrário — declarei diretamente.

Os olhos negros de Patch me observavam, mas ele não disse nada.

— Já estou me sentindo assim há algum tempo — falei, desconfortável com o silêncio dele e ansiosa para provar meu ponto de vista. — Não vou deixar que os anjos caídos continuem a intimidar os nefilins.

— Está falando de anjos caídos e nefilins, ou de você e eu? — perguntou Patch, por fim, em voz baixa.

— Estou cansada de ficar só tentando me defender. Ontem um grupo de anjos caídos veio atrás de mim. Isso foi a gota d'água. Precisam saber que estamos cansados dessa interferência em nossas vidas. Eles já nos atormentaram por tempo demais. E os arcanjos? Não acredito que se importem. Se se importassem, a esta altura já teriam intervindo e dado um fim às artes do mal. Só posso acreditar que eles sabem e fingem não ver.

— Dante teve alguma coisa a ver com sua decisão? — perguntou Patch, a postura aparentemente inabalável.

A pergunta me irritou.

— Sou líder do exército nefilim. Sou eu que decido.

Esperava que a pergunta seguinte fosse "E como nós ficamos?", mas suas palavras me pegaram de surpresa:

— Quero você ao meu lado, Nora. Ficar com você é minha prioridade número um. Estou em guerra contra os nefilins há muito tempo. Isso me afetou, e há coisas em mim que eu gostaria de mudar. A mentira, os truques baratos, até mesmo a força bruta. Há dias em que eu gostaria de poder voltar atrás e tomar um caminho diferente. Não quero que você se arrependa das mesmas coisas. Preciso saber se é forte o bastante fisicamente, mas também preciso saber que está preparada bem aqui. — Ele tocou minha testa delicadamente. Depois fez um carinho em minha bochecha, a palma da mão em meu rosto. — Entende mesmo no que está se metendo?

Eu me afastei, mas não da forma ríspida como pretendia.

— Se parasse de se preocupar comigo, veria que estou preparada.

Pensei em todo o meu treinamento com Dante. Pensei no quanto ele me achava talentosa com truques da mente. Patch não fazia ideia do que eu tinha conseguido alcançar. Estava mais forte, mais rápida e mais poderosa do que pensei que fosse possível. Também tinha passado por muita coisa ao longo dos últimos meses para ter certeza de que agora estava firme em seu mundo. Nosso mundo. Sabia no que estava me metendo, gostasse ele ou não.

— Você pode ter me impedido de encontrar com Blakely, mas não pode impedir a guerra — salientei.

Estávamos às vésperas de um conflito perigoso e mortal. Eu não ia ficar suavizando as coisas, nem ignorar o que estava acontecendo. Estava pronta para lutar. Pela liberdade dos nefilins. E pela minha.

— Uma coisa é achar que está pronta — disse Patch, baixinho. — Partir para a guerra e vivenciar isso é um cenário completamente diferente. Admiro sua coragem, Anjo, mas estou sendo sincero quando digo que acho que você está se precipitando sem pesar bem as consequências.

— Você acha que ainda não pensei bem sobre isso? Sou *eu* quem vai liderar o exército de Hank. Já passei muitas noites sem dormir pensando nisso.

— Liderar o exército, sim. Mas ninguém nunca falou em lutar. Você pode cumprir o juramento e ficar longe do perigo. Delegar as tarefas mais arriscadas. Seu exército está aí para isso. Eu estou aqui para isso.

A discussão já estava me tirando do sério.

— Você não pode me proteger o tempo todo, Patch. Agradeço a boa intenção, mas sou uma nefilim agora. Sou imortal e não preciso tanto da sua proteção. Me tornei um alvo para os anjos caídos, os arcanjos e outros nefilins, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. A não ser aprender a me defender.

O olhar dele era inexpressivo; o tom, equilibrado, mas senti certa tristeza por trás de sua tranquilidade.

— Você é uma garota forte, e é minha. Mas força nem sempre significa brutalidade. Você não precisa sair batendo nos outros para ser uma guerreira. Violência não é força. Lidere seu exército pelo exemplo. Há uma solução melhor para isso tudo. A guerra não vai resolver nada, mas vai separar nossos dois mundos, e haverá baixas, incluindo humanos. Não há nada de heroico nessa guerra. Ela levará a uma destruição diferente de tudo que você ou eu já vimos.

Engoli em seco. Por que Patch sempre tinha que agir assim? Dizer coisas que só me deixavam ainda mais em conflito. Ele estava dizendo aquilo tudo porque realmente acreditava ou só estava tentando me tirar do campo de batalha? Queria confiar nas intenções dele. A violência nem sempre era o caminho. Na verdade, na maioria das vezes não era mesmo. Eu sabia disso. Mas também entendia o ponto de vista de Dante. Eu *tinha* que me defender. Se me achassem fraca, isso só faria de mim um alvo ainda melhor.

Precisava mostrar que era durona e que daria o troco. Em um futuro próximo, a força física seria mais importante que a força de caráter.

Apertei as têmporas, tentando me livrar da preocupação que ecoava como uma dor incômoda.

— Não quero falar sobre isso agora. Só preciso... ficar um tempo sozinha, o.k.? Tive uma manhã difícil e vou pensar nisso quando estiver me sentindo melhor.

Patch não pareceu convencido, mas parou de discutir.

— Ligo para você depois — falei, cansada.

Ele pegou do bolso um frasco de líquido esbranquiçado e me entregou.

— O antídoto.

Eu tinha ficado tão envolvida em nossa discussão que me esquecera completamente. Examinei o vidro, desconfiada.

— Consegui fazer Blakely confessar que a faca que a atingiu é o protótipo mais poderoso que ele já desenvolveu. Faz com que você absorva uma quantidade vinte vezes maior de artes do mal do que a bebida que Dante lhe deu. É por isso que você precisa do antídoto. Sem ele, vai ficar irremediavelmente viciada nas artes do mal. Em doses muito altas, alguns protótipos das artes do mal podem fazer você se decompor de dentro para fora. Podem confundir seu cérebro, assim como qualquer droga mortal.

As palavras de Patch me pegaram desprevenida. Eu tinha acordado naquela manhã com um apetite insaciável pelas artes do mal porque Blakely me fizera desejar aquilo mais do que comida, bebida ou até mesmo ar?

Fiquei profundamente envergonhada só de pensar em acordar todas as manhãs movida por aquela avidez. Não tinha entendido que aquilo tudo poderia ser tão arriscado. Senti uma gratidão inesperada por Patch ter conseguido o antídoto. Eu faria qualquer coisa para nunca mais ter de sentir aquela necessidade indomável.

Abri o frasco.

— Devo saber alguma coisa antes de tomar isso? — Passei o recipiente com o líquido sob o nariz. Não tinha cheiro.

— Não funciona se você tiver absorvido as artes do mal em seu sistema nas últimas 24 horas, mas isso não vai ser problema. Já faz mais de um dia que Blakely a esfaqueou — disse Patch.

Eu estava com o frasco a poucos centímetros dos lábios quando parei. Bem naquela manhã tinha consumido uma garrafa inteira de artes do mal. Se tomasse o antídoto agora, não ia funcionar. Eu continuaria viciada.

— Tampe o nariz e tome tudo. Não pode ter um gosto tão ruim quanto o das artes do mal — disse Patch.

Queria contar a Patch sobre a garrafa que eu roubara de Dante. Queria me explicar. Ele não me culparia. Era culpa de Blakely. Eram as artes do mal. Eu tinha bebido avidamente uma garrafa inteira e praticamente não tivera escolha, de tão cega que estava pelo desejo.

Abri minha boca para confessar tudo, mas algo me deteve. Uma voz estranha e sombria que vinha de dentro de mim murmurou que eu não queria me ver livre das artes do mal. Ainda não. Não podia me privar do poder e da força que elas me davam — não se estávamos à beira de uma guerra. Tinha que manter aqueles poderes à mão, caso precisasse. Aquilo não se tratava apenas das artes do mal. Era a minha proteção.

Então comecei a sentir aquela avidez consumindo minha pele, dando água na boca e me fazendo estremecer de desejo. Coloquei essas sensações de lado, orgulhosa de mim mesma por conseguir fazer isso. Eu não ia me entregar como tinha feito naquela manhã. Só ia roubar e tomar a bebida preparada com as artes do mal quando fosse absolutamente necessário. E sempre carregaria o antídoto comigo, assim poderia deter o vício quando quisesse. Faria isso nos meus termos. Eu podia escolher. Estava no controle.

Então fiz algo que nunca imaginei conseguir. O impulso tomou conta do meu ser e agi sem pensar. Olhei nos olhos de Patch por um breve instante, invoquei toda a minha energia mental, sentindo-a se movimentar dentro de mim como se desencadeasse um poder forte e natural, e lancei um truque da mente, convencendo-o de que havia tomado o antídoto.

Nora bebeu o antídoto, sussurrei em sua cabeça para ludibriá-lo, plantando lá uma imagem que confirmava minha mentira. *Até a última gota.*

Então coloquei o frasco no bolso. Tudo acabou em segundos.

CAPÍTULO 19

Saí da casa de Patch pensando em voltar para a minha, o tempo todo combatendo uma dor lancinante no estômago que parecia em parte culpa, em parte mal-estar. Não conseguia me lembrar de ter me sentido mais envergonhada uma única vez em minha vida.

Ou mais voraz.

Meu estômago se contraiu, doendo de fome. A dor era tão aguda que me curvei sobre o volante. Era como se eu tivesse engolido pregos, e eles estivessem me esfolando por dentro, deixando tudo em carne-viva. Senti algo muito estranho, como se meus órgãos estivessem encolhendo. Depois fiquei me perguntando, assustada, se meu corpo devoraria a si próprio na busca por alimento.

Mas não era de comida que eu precisava.

Parei o carro e liguei para Scott.

— Preciso do endereço do Dante.

— Você nunca foi à casa dele? Não estão namorando?

Fiquei irritada por ele não ir direto ao ponto. Precisava do endereço, não tinha tempo para conversa fiada.

— Você sabe o endereço ou não?

— Vou mandar uma mensagem explicando como chegar lá. Algum problema? Você parece nervosa. Está assim ultimamente.

— Estou bem — respondi, então desliguei e afundei no banco.

O suor gotejava do meu lábio superior. Agarrei o volante tentando combater aquele desejo que parecia me agarrar pelo pescoço e me sacudir. Não conseguia pensar em outra coisa que não fossem as artes do mal. Tentei afastar a tentação. Tinha tomado a bebida ainda naquela manhã. Uma garrafa *inteira*. Podia combater essa vontade. Eu decidiria quando ingerir mais artes do mal. Quando e quanto.

Sentia aquele suor irritante se espalhar pelas minhas costas, pequenos rios escorrendo por baixo da blusa. A parte de baixo das minhas coxas, quente e úmida, parecia grudar no estofado do assento. Era outubro, e mesmo assim coloquei o ar-condicionado no máximo.

Voltei para a estrada, mas o barulho de uma buzina me fez parar abruptamente. Uma van branca passou a toda, o motorista fazendo um gesto obsceno pela janela.

Controle-se, disse a mim mesma. *Preste atenção.*

Depois de respirar fundo algumas vezes para clarear os pensamentos, abri a mensagem de Scott com o endereço de Dante no celular. Estudei o mapa, dei uma risadinha irônica e virei 180 graus. Dante, ao que parecia, morava a menos de oito quilômetros da casa de Patch.

Dez minutos depois eu tinha passado sob um arco exuberante de árvores que cobria a estrada, atravessado uma ponte de pedras e estacionado o Volkswagen em uma rua arborizada, curva e peculiar. As casas eram predominantemente brancas e vitorianas, de estilo *gingerbread* e com tetos inclinados. Tudo era extravagante e exagerado. Identifiquei a casa de Dante — ao estilo Rainha Ana, na Shore Drive número 12 —, cheia de detalhes, torres e cumeeiras. A porta era pintada de vermelho, com uma grande aldrava de latão. Ignorei a aldrava e fui direto para a campainha, apertando-a repetidamente. *Se ele não atender logo...*

Dante abriu a porta, o rosto registrando surpresa.

— Como você achou este lugar?

— Scott?

Ele franziu a sobrancelha.

— Não gosto que as pessoas apareçam na minha porta sem avisar. Receber muita gente parece suspeito. Tenho vizinhos intrometidos.

— É importante.

Ele acenou com o queixo na direção da estrada.

— Aquela lata velha que você dirige chega a machucar os olhos.

Não estava com disposição para trocar insultos inteligentes. Se não tomasse logo a bebida preparada com as artes do mal — pelo menos um pouco —, meu coração pularia do peito. Minha pulsação estava acelerada e eu respirava com dificuldade. Estava tão sem fôlego que parecia ter passado a última hora subindo uma colina escarpada.

— Mudei de ideia. Quero a bebida. Como um reforço — acrescentei rapidamente —, caso eu me encontre em uma situação em que esteja em menor número e precise dela.

Eu não conseguia focar por muito tempo para ver se minha explicação parecia ruim. Eu estava enxergando pontinhos vermelhos. Quis desesperadamente limpar a testa, mas não pretendia chamar atenção demais para o fato de estar suando tanto.

Dante me lançou um olhar indagador que eu não consegui interpretar direito, depois me levou para dentro. Fiquei no hall correndo os olhos pelas paredes brancas muito limpas e pelos suntuosos tapetes orientais. Um corredor levava até a cozinha. Havia uma sala de estar formal à esquerda, e uma sala de jantar, pintada com o mesmo vermelho-vivo dos pontos que piscavam em meus olhos, à direita. Até onde eu podia ver, toda a mobília era antiga. Um lustre com cristais em forma de gota pendia do teto.

— Muito bonito — consegui dizer, com a pulsação disparada e os pés e as mãos formigando.

— A casa pertencia a uns amigos. Eles a deixaram para mim em testamento.

— Sinto muito que tenham falecido.

Ele entrou na sala de jantar e afastou para o lado uma pintura em que se via um monte de feno, revelando um daqueles tradicionais cofres de parede. Digitou a senha e abriu o cofre.

— Aqui está. É um novo protótipo. Incrivelmente concentrado, então beba em pequenas doses — alertou ele. — Duas garrafas. Se decidir começar a tomar logo, devem durar uma semana.

Assenti, tentando disfarçar a água na boca quando peguei as duas garrafas de brilho azulado.

— Preciso lhe contar uma coisa, Dante. Vou levar os nefilins à guerra. Então, se tiver como me dar mais do que duas garrafas, posso vir a usá-las. — Eu pretendia mesmo dizer a Dante sobre minha decisão de entrar na batalha, mas não tinha pensado em usar isso para conseguir mais das artes do mal. Pareceu uma manobra sorrateira, mas eu estava sedenta demais para sentir algo além de uma leve pontada de culpa.

— Guerra? — repetiu Dante, parecendo surpreso. — Tem certeza?

— Pode dizer aos nefilins superiores que estou elaborando planos para lutarmos contra os anjos caídos.

— Isso é... uma ótima notícia — disse Dante, aparentemente em estado de choque, enquanto entregava em minhas mãos mais uma garrafa da bebida. — O que a fez mudar de ideia?

— Meus sentimentos mudaram — falei, porque achei que soava bem. — Não estou só liderando os nefilins. Eu *sou* uma de vocês.

Dante me acompanhou até o lado de fora e precisei de todo o meu autocontrole para caminhar tranquilamente até o Volkswagen. Eu me despedi depressa, dirigi até depois da esquina, parei logo o carro e girei a tampa de uma das garrafas. Estava para beber quando o som do toque de chamada do Patch me fez pular, esparramando no meu colo o líquido azul, que se evaporou imediatamente, subindo no ar como a fumaça de um fósforo apagado. Xinguei baixinho, furiosa por ter desperdiçado aquelas gotas preciosas.

— Alô? — atendi a ligação. Os pontos vermelhos borravam minha visão.

— Não gosto de achar você na casa de outro homem, Anjo.

Na mesma hora olhei para os dois lados pela janela. Joguei a bebida embaixo do banco.

— Onde você está?

— Três carros atrás.

Meus olhos correram para o espelho retrovisor. Patch manobrou a moto e seguiu em minha direção, o telefone grudado à orelha. Limpei o rosto com a gola da camisa.

Abaixei a janela.

— Está me seguindo?

— O dispositivo rastreador.

Eu estava começando a odiar aquele negócio.

Patch apoiou o braço no teto do meu carro, curvando-se para perto.

— Quem mora na Shore Drive?

— Esse dispositivo rastreador é bem específico.

— Só compro o que há de melhor.

— Dante mora na Shore Drive, 12. — Não adiantava mentir, uma vez que ele já tinha feito sua pesquisa.

— Não gosto de achar você na casa de outro homem, mas odeio que seja na casa dele. — A fisionomia de Patch parecia bastante calma, mas percebi que ele queria uma explicação.

— Precisava confirmar a hora do nosso treino amanhã de manhã. Estava por perto e achei que era melhor dar uma passada lá. — A mentira saiu fácil, fácil.

Só conseguia pensar em me livrar de Patch. Minha garganta se encheu com o gosto das artes do mal. Engoli com impaciência.

Patch empurrou com cuidado meus óculos escuros, mais para cima no nariz, então passou a cabeça pela janela e me beijou.

— Estou saindo para pesquisar mais algumas pistas sobre o chantageador de Pepper. Precisa de alguma coisa antes que eu vá?

Balancei a cabeça negativamente.

— Se quiser conversar, sabe que estou aqui para isso — acrescentou com carinho.

— Conversar sobre o quê? — perguntei, quase na defensiva.

Será que ele sabia sobre as artes do mal? Não. Não, não tinha como.

Ele me observou por um instante.

— Qualquer coisa.

Esperei até que Patch saísse para, então, beber um gole ávido de cada vez até ficar satisfeita.

CAPÍTULO 20

A NOITE de quinta chegou e, com ela, a completa transformação da nossa casa de fazenda. Guirlandas de folhas de outono em vermelho, dourado e castanho pendiam dos beirais. Espigas de milho secas emolduravam a porta. Marcie tinha comprado aparentemente toda abóbora e cabaça do Maine, e as enfileirara ao longo da calçada, da entrada e de cada centímetro quadrado da varanda. Algumas tinham sido esculpidas como lanternas, com a luz da vela tremeluzindo em suas expressões fantasmagóricas. Uma parte vingativa de mim queria lhe dizer que parecia que uma loja de artesanato e decoração tinha vomitado em nosso gramado, mas a verdade é que ela havia feito um bom trabalho.

Lá dentro, uma música assombrosa tocava no rádio. Caveiras, morcegos, teias de aranha e fantasmas se misturavam à mobília. Marcie tinha alugado uma máquina de gelo seco — como se já não tivéssemos neblina autêntica o suficiente no quintal.

Eu trazia em meus braços duas sacolas de papel cheias com as coisas que lembramos na última hora, e as levei até a cozinha.

— Estou de volta! — gritei. — Copos de plástico, um saco de anéis de aranha, dois sacos de gelo e mais confete de esqueleto, tudo o que você pediu. Os refrigerantes ainda estão na mala. Algum voluntário para me ajudar a trazê-los aqui para dentro?

Marcie apareceu na sala e meu queixo caiu. Ela usava um sutiã preto de vinil e uma calça legging combinando. Nada mais. As costelas se destacavam em sua pele, e as pernas pareciam palitos de picolé.

— Coloque o refrigerante na geladeira, o gelo no freezer, e espalhe o confete de esqueleto na mesa da sala de jantar, mas não deixe cair nada na comida. Por agora é só. Fique por perto, caso eu precise de algo mais. Preciso terminar minha fantasia.

— Nossa, que alívio. Por um minuto pensei que isso era tudo que você planejava vestir — falei, mostrando o traje provocativo de vinil.

Marcie deu uma olhada.

— E é só isso. Sou a Mulher-Gato. Preciso apenas colar orelhas de feltro em meu arco.

— Você vai aparecer de sutiã na festa? Só de sutiã?

— É um *top*.

Ah, isso ia ser bom. Mal podia esperar pelos comentários de Vee.

— Quem é o Batman?

— Robert Boxler.

— Isso quer dizer que Scott desistiu? — Era mais uma pergunta retórica. Só para provocar um pouco.

Marcie deu de ombros de um jeito afetado.

— Que Scott? — disse ela, e subiu a escada.

— Ele escolheu Vee, e não você! — gritei triunfante para ela.

— Não ligo — cantarolou ela de volta. — Você provavelmente o obrigou a fazer isso. Não é segredo nenhum que ele faz tudo o que você diz. Coloque o refrigerante na geladeira antes da virada do século.

Mostrei a língua para Marcie, mesmo sabendo que ela não podia ver.

— Também preciso me arrumar, sabia?



Às sete, os primeiros convidados chegaram. Romeu e Julieta, Cleópatra e Marco Antônio, Elvis e Priscilla. Até mesmo um pote de ketchup e um de mostarda passaram pela porta da frente. Deixei Marcie bancar a anfitriã e escapei para a cozinha, enchendo meu prato de ovos recheados, salsichas e milho doce. Eu tinha estado ocupada demais cuidando de todos os preparativos para a festa que Marcie me pedira e não tive tempo de comer. Além disso, a nova fórmula das artes do mal que Dante me dera parecia diminuir meu apetite depois que a tomava.

Eu tinha conseguido racionar bem a bebida e ainda havia o suficiente para mais alguns dias. Os suores noturnos, as dores de cabeça, a estranha sensação de formigamento que me afetavam nos piores momentos quando comecei a tomar a nova fórmula tinham desaparecido. Tinha certeza de que isso significava que o perigo do vício havia passado e que eu tinha aprendido a usar as artes do mal de forma segura. Moderação era a chave. Blakely podia ter tentado me deixar presa às artes do mal, mas eu era forte o bastante para estabelecer meus próprios limites.

Os efeitos das artes do mal eram inacreditáveis. Nunca tinha me sentido tão física e mentalmente superior antes. Sabia que uma hora precisaria deixar de tomar a bebida, mas com o estresse e o perigo do Cheshvan e da guerra que se aproximava, estava feliz em ser precavida. Se algum dos meus outros soldados nefilins suspeitos me atacasse, eu estaria pronta.

Depois de pegar aperitivos e Sprite servido em um caldeirão preto, fui tentando passar entre as pessoas para chegar à sala de estar e ver se Vee e Scott já tinham chegado. As luzes estavam fracas, todos estavam fantasiados, e eu penava para identificar os rostos na multidão. Além disso, eu dera uma olhada na lista de convidados, e a maioria era de amigos de Marcie.

— Adorei a fantasia, Nora. Mas você é tudo menos um diabo.

Olhei de lado e vi Morticia Addams. Estreitei os olhos, confusa, depois sorri.

— Ah, oi, Bailey. Quase não a reconheci de cabelo preto. — Bailey se sentava ao meu lado na aula de matemática, e já éramos amigas havia muitos anos. Levantei meu rabo de diabo, com a pequena seta vermelha na ponta, para salvá-lo do cara atrás de mim, que ficava acidentalmente pisando nele, e disse: — Obrigada por ter vindo.

— Você terminou o dever de matemática? Não entendi nada que o Sr. Huron tentou nos ensinar hoje. Toda vez que começava a resolver um problema no quadro, ele parava na metade, apagava e começava de novo. Acho que nem *ele* sabe o que está fazendo.

— É, acho que vou passar horas cuidando disso amanhã.

Os olhos dela se iluminaram.

— A gente podia se encontrar na biblioteca e fazer juntas.

— Prometi à minha mãe que limparia o porão depois da aula — falei, arrumando uma desculpa. Verdade seja dita, o dever de casa tinha caído alguns pontos em minha lista de prioridades ultimamente. Era difícil me preocupar com a escola quando temia que o estranho cessar-fogo entre anjos caídos e nefilins fosse terminar. Os anjos caídos estavam tramando alguma coisa. E eu daria qualquer coisa para descobrir o quê.

— Ah, talvez uma próxima vez — disse Bailey, parecendo desapontada.

— Você viu a Vee?

— Ainda não. Qual é a fantasia dela?

— Babá. Ela virá acompanhada de Michael Myers, de *Halloween* — expliquei. — Se a vir, diga que estou procurando por ela.

Quando atravessei a sala de estar, esbarrei em Marcie e seu par, Robert Boxler.

— Como está a comida? — perguntou Marcie de maneira autoritária.

— Mamãe está cuidando disso.

— Música?

— Derrick Coleman é o DJ.

— Você já deu uma olhada nas pessoas? Estão todos se divertindo?

— Acabei de dar uma volta. — Mais ou menos.

Marcie me lançou um olhar de crítica.

— Onde está seu acompanhante?

— E isso importa?

— Ouvi falar que está namorando um cara novo. Disseram que ele não frequenta a escola. Quem é ele?

— De quem você ouviu isso? — Acho que os boatos sobre mim e Dante estavam se espalhando, afinal.

— E isso importa? — ecoou ela ironicamente. Então torceu o nariz em desaprovação. — De que está vestida?

— Ela é um diabo — disse Robert. — Tridente, chifres, vestido vermelho sexy.

— Não se esqueça dos coturnos pretos — falei, exibindo-os. Tinha que agradecer a Vee por eles, assim como pelos cadarços com *glitter*.

— Estou vendo — disse Marcie. — Mas o tema da festa é casais famosos. Um diabo não faz par com nada.

Bem nessa hora, Patch entrou lentamente pela porta. Tive que olhar com atenção para ver se era ele mesmo. Não esperava que fosse aparecer. Não tínhamos chegado a resolver nossa briga, e eu, cheia de orgulho, havia me recusado a dar o primeiro passo, forçando-me a guardar o celular em uma gaveta toda vez que me sentia tentada a ligar para ele e pedir desculpas, apesar da agonia crescente de achar que ele podia não ligar nunca mais também. Meu orgulho logo se transformou em alívio quando o vi. Detestava brigar. Detestava não tê-lo por perto. Se ele estava disposto a consertar as coisas, eu também.

Um sorriso iluminou meu rosto quando vi a fantasia dele: jeans preto, camisa preta, máscara preta cobrindo todo o rosto, menos seu olhar tranquilo e atento.

— Ali está meu par — falei. — Elegantemente atrasado.

Marcie e Robert se viraram. Patch acenou para mim e entregou a jaqueta de couro para uma pobre caloura que Marcie tinha encarregado de cuidar dos casacos. O preço que algumas garotas pagavam para ir a uma festa de veteranos era quase vergonhoso.

— Não é justo — disse Robert, tirando a máscara de Batman. — O cara não se fantasiou.

— Faça o que fizer, não o chame de cara — eu disse a Robert, sorrindo para Patch enquanto ele se aproximava.

— Eu o conheço? — perguntou Marcie. — Quem ele deveria ser?

— Ele é um anjo — respondi. — Um anjo caído.

— Um anjo caído não é assim! — protestou Marcie.

Mostre o quanto você sabe, pensei, bem quando Patch passou o braço pelo meu pescoço e me puxou para um beijo suave.

Senti sua falta, falou ele em meus pensamentos.

Eu também. Não vamos mais brigar. Podemos deixar isso para trás?

Considere feito. Como está a festa?, perguntou ele.

Ainda não quis me atirar do telhado.

Que bom.

— Olá — Marcie cumprimentou Patch em um tom de flerte mais descarado do que pensei que ela fosse capaz, com seu par a poucos centímetros de distância.

— Oi — respondeu Patch, dando um rápido aceno de cabeça.

— Eu conheço você? — perguntou ela, virando a cabeça de lado, curiosa. — Você frequenta a CHS?

— Não — disse ele sem explicar mais nada.

— Então como conhece Nora?

— Quem não conhece Nora? — rebateu ele carinhosamente.

— Esse é meu par, Robert Boxler — disse Marcie com um ar de superioridade. — Ele é *quarterback* do time de futebol americano.

— Legal — respondeu Patch, a voz educada o suficiente para parecer interessada. — Como está indo a temporada, Robert?

— Tivemos alguns jogos difíceis, mas nada de que não possamos nos recuperar — interrompeu Marcie, dando um tapinha consolador no peito de Robert.

— Que academia você frequenta? — Robert perguntou a Patch, observando seu físico com franca admiração. E inveja.

— Não tenho tido muito tempo de ir à academia.

— Bem, você está ótimo. Se algum dia quiser companhia para levantar peso, me fale.

— Boa sorte no restante da temporada — Patch disse a Robert, trocando com ele um desses cumprimentos complicados que todos os caras parecem saber instintivamente.

Patch e eu fomos mais para o interior da casa, passando por corredores e cômodos para achar um canto mais isolado. Por fim, ele me puxou para o lavabo, bateu a porta e a trancou. Me apoiou contra a parede e tocou uma de minhas orelhas vermelhas de diabo, os olhos profundamente escuros de desejo.

— Bonita fantasia — disse ele.

— Idem. Vejo que pensou muito na sua.

Seus lábios se curvaram, achando graça.

— Se você não gosta, posso tirá-la.

Bati um dedo no queixo, pensativamente.

— Essa deve ser a melhor proposta que recebi a noite toda.

— Minhas propostas são sempre as melhores, Anjo.

— Antes de a festa começar, Marcie me pediu para amarrar a parte de trás de sua calça de Mulher-Gato. — Levantei e abaixei as mãos, como se estivesse pesando as duas coisas. — É difícil decidir entre as duas.

Patch tirou a máscara e riu baixinho contra o meu pescoço, tirando o cabelo de meus ombros. O cheiro dele era incrível. Seu corpo era quente, sólido, e estava tão perto. Meu coração acelerou, comprimindo-se de culpa. Eu tinha mentido para Patch. Não conseguia esquecer. Fechei os olhos, deixando sua boca explorar a minha, tentando aproveitar o momento. O tempo todo a mentira martelava, martelava, martelava em minha cabeça. Eu tinha tomado a bebida preparada com as artes do mal, e o enganara com um truque da mente. Ainda estava tomando a bebida.

— O problema com a sua fantasia é que não disfarça muito bem sua identidade — falei, me afastando. — E não devemos ser vistos juntos em público, lembra?

— Só dei uma passadinha. Não podia perder a festa da minha namorada — murmurou ele. E abaixou a cabeça para me beijar novamente.

— Vee ainda não chegou — disse, querendo me esquivar. — Tentei ligar para o celular dela. E para o de Scott. Mas as duas ligações caíram na caixa postal. Será que devo me

preocupar?

— Talvez eles não queiram ser incomodados — falou ele em meu ouvido, a voz grave e rouca.

Patch suspendeu meu vestido até minha perna, acariciando minha coxa nua com o polegar. O calor de sua carícia foi mais forte que minha consciência pesada. Senti um arrepio percorrer meu corpo. Fechei os olhos de novo, dessa vez involuntariamente. Então me senti relaxar. Minha respiração se acelerou um pouco. Ele sabia exatamente como me tocar.

Patch me ergueu para cima da pia, as mãos em meus quadris. Me senti quente e zonza e, quando ele colocou a boca na minha, podia jurar que saíram faíscas. O toque dele me fez arder de paixão. Nunca me acostumava ao calor líquido vibrante e inebriante de estar perto dele, não importava quantas vezes nos tocássemos, namorássemos ou nos beijássemos. Na verdade, aquela eletricidade se intensificava. Eu queria Patch, e não confiava em mim quando isso acontecia.

Não sei por quanto tempo a porta do banheiro ficou aberta antes que eu percebesse. Me afastei depressa de Patch, assustada. Minha mãe estava parada na entrada escura, falando que a tranca nunca tinha funcionado direito, e ela pensava em consertá-la havia anos, quando os olhos dela devem ter se ajustado à falta de luz, porque se interrompeu no meio do pedido de desculpa.

Sua boca se fechou de repente. Seu rosto perdeu a cor... depois ficou muito vermelho de raiva. Eu nunca a tinha visto tão irritada.

— Fora! — Ela apontou o dedo em direção à saída. — Fora da minha casa neste instante, e nem pense em voltar ou em tocar minha filha de novo! — ela sibilou para Patch, lívida.

Pulei da pia.

— Mãe...

Ela se virou para mim.

— Não quero ouvir nem uma palavra de você! — disparou ela. — Você disse que tinha terminado com ele. Disse que... essa coisa... entre vocês dois tinha acabado. Você mentiu para mim!

— Posso explicar — comecei, mas ela já havia se virado de volta para Patch.

— É isso que você faz? Seduz jovens em suas casas, com as mães delas a apenas poucos metros de distância? Você devia se envergonhar!

Patch entrelaçou sua mão na minha, segurando-a com força.

— Muito pelo contrário, Blythe. Sua filha é tudo para mim. Absolutamente tudo. Eu a amo, é simples desse modo. — Ele falava com tranquila segurança, mas seu maxilar estava tão rígido quanto se fosse feito de pedra.

— Você destruiu a vida dela! Desde o momento em que ela o conheceu, tudo desmoronou. Você pode negar o quanto quiser, mas sei que esteve envolvido no sequestro dela. Saia da minha casa — disse ela, furiosa.

Eu me agarrei à mão de Patch com força, murmurando *Sinto muito, sinto muito* repetidamente através do pensamento. Eu tinha passado o verão presa contra minha vontade em uma cabana afastada, levando meus amigos e família a acreditar que havia sido sequestrada. Hank Millar tinha sido o responsável pelo meu aprisionamento, mas minha mãe não sabia disso. A mente dela tinha erguido uma muralha em volta de sua memória, guardando tudo o que havia de bom e deixando de fora o resto. Para mim, isso tudo era culpa de Hank e das artes do mal. Ela concluíra em sua mente que Patch tinha sido responsável pelo meu sequestro, e isso era uma verdade tão certa para ela quanto o sol se levantar a cada manhã.

— É melhor eu ir — Patch falou comigo, apertando minha mão de forma tranquilizadora. *Ligo para você depois*, acrescentou secretamente em meus pensamentos.

— Acho bom! — disparou minha mãe, os ombros subindo pelo esforço de respirar pesadamente.

Ela chegou para o lado, deixando Patch sair, mas fechou a passagem antes que eu pudesse escapar.

— Você está de castigo — disse ela com voz fria. — Aproveite a festa enquanto ela durar, porque será seu último evento social por muito, muito tempo.

— Você não quer nem me ouvir? — rebati, furiosa pela forma como ela tratara Patch.

— Preciso de um tempo para me acalmar. É melhor para você me dar algum espaço. Posso estar disposta a falar amanhã, mas é a última coisa que quero fazer agora. Você mentiu para mim. Agiu pelas minhas costas. Pior, encontrei você tirando a roupa com ele em nosso banheiro. Nosso *banheiro*! Ele quer uma coisa de você, Nora, e vai atrás disso onde der. Não há nada de especial em perder a virgindade em um banheiro.

— Eu não estava... nós não estávamos... minha *virgindade*? — Balancei a cabeça e fiz um gesto de nojo. — Esqueça. Você está certa... não está querendo ouvir. Nunca quer. Não quando se trata de Patch.

— Está tudo bem aqui?

Minha mãe e eu nos viramos e encontramos Marcie parada do lado de fora da porta. Estava com um caldeirão vazio nos braços, e ergueu os ombros, desculpando-se.

— Desculpe interromper, mas ficamos sem olhos de monstros, também conhecidos como uvas descascadas.

Minha mãe tirou o cabelo do rosto, tentado se recompor.

— Nora e eu já estávamos acabando. Posso dar uma passada rápida na mercearia para comprar uvas. Mais alguma coisa está acabando?

— Molho de queijo para nachos — disse Marcie com voz tímida, como se detestasse abusar da bondade de minha mãe. — Mas não é nada demais. É só molho de nacho. Não haverá nada para acompanhar os nachos, é claro, e esse é o meu molho preferido, mas, sério mesmo, não é nada demais. — Ela deixou escapar um breve suspiro.

— Está certo. Uvas e molho de nacho. Mais alguma coisa? — perguntou minha mãe.

Marcie abraçou o caldeirão e sorriu, alegre.

— Não. É só isso.

Minha mãe pegou suas chaves no bolso e saiu, cada movimento duro e rígido. Marcie, no entanto, ficou parada.

— Você poderia tentar um truque da mente com ela. Fazê-la pensar que Patch nunca esteve aqui.

Dirigi um olhar frio para Marcie.

— O que você ouviu?

— O suficiente para saber que você está em uma grande enrascada.

— Não vou fazer um truque da mente em minha mãe.

— Se você quiser, posso falar com ela.

Dei uma risada.

— Você? Minha mãe não liga para o que você pensa, Marcie. Ela a acolheu aqui em casa por causa de uma noção equivocada de hospitalidade. E provavelmente para provar alguma coisa a sua mãe. A única razão para você estar morando sob este teto é para minha mãe poder jogar na cara da sua que ela foi a melhor amante e agora é a melhor mãe. — Foi uma coisa horrível de se dizer. Tinha soado melhor na minha cabeça, mas Marcie não me deu tempo de consertar.

— Você está tentando fazer com que eu me sinta mal, mas não vai funcionar. Não vai estragar minha festa. — Mas tive a impressão de ver o lábio dela tremer. Ela respirou fundo e pareceu se recompor.

De repente, como se nada tivesse acontecido, Marcie disse em uma voz estranhamente alegre:

— Acho que está na hora de jogarmos Pesque um Encontro.

— Pesque o quê?

— É como pescar maçãs com a boca, só que cada maçã tem o nome de alguém da festa. Quem você tirar, será seu próximo par para um encontro. Jogamos isso todo ano na minha festa de Halloween.

Franzi o cenho. Não tínhamos falado sobre essa ideia antes.

— Parece de mau gosto.

— É só um encontro às cegas, Nora. E como você está de castigo por toda a eternidade, o que tem a perder? — Ela me empurrou para a cozinha, em direção ao grande barril de água com maçãs vermelhas e verdes flutuando. — Ei, todos prestem atenção! — gritou Marcie, para se fazer ouvir sobre o som da música. — Hora de jogar Pesque um Encontro. Nora Grey vai começar.

Aplausos ecoaram pela cozinha, junto com alguns gritos e assobios de encorajamento. Fiquei lá parada, mexendo a boca sem emitir palavras, amaldiçoando Marcie em minha mente.

— Acho que não sou a melhor pessoa para isso — gritei para ela em meio ao barulho. — Posso passar?

— Sem chance. — Ela me deu o que pareceu ser um empurrão de brincadeira, mas que foi forte o suficiente para me mandar aos tropeções até o barril de maçãs.

Fuzilei-a com um olhar de pura indignação. *Vou fazê-la pagar por isso*, disse a ela.

— Coloque seu cabelo para trás. Ninguém quer encontrar fios perdidos boiando na água — instruiu Marcie.

De acordo, as pessoas reunidas gritaram um Buu coletivo.

— As maçãs vermelhas estão com nomes de meninos — acrescentou Marcie. — As verdes, de meninas.

Está ótimo! Que seja! Vamos acabar logo com isso, disse a mim mesma. Eu não tinha nada a perder. A partir de amanhã, estava de castigo. Não haveria nenhum encontro às cegas no meu futuro, como parte de um jogo ou não.

Mergulhei meu rosto na água fria. Meu nariz esbarrava em uma maçã atrás da outra, mas eu não conseguia cravar meus dentes em nenhuma delas. Levantei a cabeça para respirar, e em meus ouvidos soaram vaias e gritinhos de deboche.

— Me deem um tempo! — falei. — Não faço isso desde os cinco anos. O que diz bastante coisa a respeito deste jogo! — acrescentei.

— Nora não tem um encontro às cegas desde os cinco anos — disse Marcie, tirando conclusões erradas do que eu quis dizer e acrescentando seu próprio comentário.

— Você vai ser a próxima — falei para Marcie, olhando furiosa para ela.

— Se houver uma próxima. Estou achando que você vai ficar aí beijando maçãs a noite toda — rebateu ela de forma doce, e a multidão caiu na gargalhada.

Mergulhei a cabeça no barril, batendo os dentes perto das maçãs. Um pouco de água espirrou sobre a borda, molhando a parte da frente da minha fantasia vermelha de diabo. Cheguei *bem* perto de pegar uma maçã com a mão e empurrá-la para minha boca, mas imaginei que Marcie iria desqualificar a jogada. E não estava com humor para ter de repetir. Bem quando eu já estava para tirar a cabeça para respirar de novo, cravei meus dentes em uma maçã bem vermelha.

Levantei o rosto, sacudindo água dos meus cabelos ao som de gritos de comemoração e aplausos. Atirei a maçã para Marcie e peguei uma toalha, passando no rosto para secá-lo.

— E o cara de sorte que ganhou um encontro às cegas com nossa rata afogada é... — Marcie puxou um tubinho selado do meio da maçã. Desenrolou o papel que estava no tubo e franziu o nariz. — Baruch? Só Baruch? — Ela pronunciou como Bar-ooch. — Estou falando direito? — perguntou para as pessoas em volta.

Ninguém respondeu. Alguns já estavam saindo agora que a diversão tinha terminado. Fiquei feliz de ver que Bar-ooch, quem quer que fosse, aparentemente era um nome falso. Ou isso, ou ele estava muito envergonhado de admitir que teria um encontro comigo.

Marcie ficou me encarando, como se esperasse que eu confessasse que conhecia o cara.

— Ele não é um dos seus amigos? — perguntei a ela, enquanto secava as pontas do meu cabelo na toalha.

— Não. Achei que fosse um dos seus.

Estava começando a achar que aquele era mais um dos joguinhos bizarros dela, quando as luzes da casa piscaram. Uma, duas vezes, então se apagaram completamente. A música foi diminuindo até restar um silêncio assustador. Houve um momento de confusão e espanto, e então a gritaria começou — perplexa e desnorteada a princípio, elevando-se até um tom horripilante de pavor. Os gritos precederam o inconfundível ruído surdo de corpos sendo jogados contra as paredes da sala de estar.

— Nora! — gritou Marcie. — O que está acontecendo?

Não tive chance de responder. Uma força invisível pareceu me forçar a recuar um passo, deixando-me paralisada. Uma energia viva e fria fez meu corpo se curvar. O ar crepitava e se movimentava com a força de vários anjos caídos. A aparição repentina deles na casa de fazenda era tão tangível quanto uma rajada de vento ártico. Eu não sabia quantos eram, ou o que queriam, mas podia senti-los entrando mais para o interior da casa, espalhando-se para ocuparem todos os cômodos.

— Nora, Nora. Saia e venha brincar — cantarolou uma voz masculina desconhecida, em um falsete assustador.

Inspirei brevemente duas vezes. Pelo menos agora eu sabia o que estavam procurando.

— Vou encontrá-la, meu amor, meu docinho — continuou ele a cantar em um tom arrepiante.

Ele estava perto, tão perto. Engatinhei para trás do sofá da sala, mas alguém tinha chegado primeiro àquele esconderijo.

— Nora? É você? O que está acontecendo? — Andy Smith me perguntou. Ele sentava duas cadeiras atrás de mim na aula de matemática e era namorado de Addyson, amiga de Marcie. Eu podia sentir o calor do suor que saía dele.

— Quieto — instruí delicadamente.

— Se você não vier até mim, vou atrás de você — cantava alto o anjo caído.

Com seu poder mental, ele conseguiu penetrar em meus pensamentos como se me abrisse com uma faca quente. Arfei quando ele se estabeleceu na minha mente, sondando em todas as direções, analisando o que eu pensava para descobrir onde estava escondida. Ergui rapidamente uma parede após outra para detê-lo, mas ele avançou por elas como se eu as tivesse construído com pó. Tentei me lembrar de todos os mecanismos de defesa que Dante me ensinara contra a invasão da mente, mas o anjo caído se movia rápido demais. Ele estava sempre dois passos — perigosos — à frente. Nunca tinha visto um anjo caído causar esse impacto sobre mim antes. Só havia um jeito de descrever isso. Parecia que ele direcionava toda a sua energia mental para mim através de uma lente de aumento, ampliando o efeito.

Sem aviso, um brilho laranja flamejou em minha mente. Uma grande fornalha de energia soprou pela minha pele. Senti o calor derreter minhas roupas. Chamas consumiam o tecido, varrendo minha pele com um sofrimento abrasador. Em uma agonia inimaginável, me encolhi como uma bola. Enfiei a cabeça entre os joelhos, rangendo os dentes para evitar gritar. O fogo não era real. Tinha de ser um truque da mente. Mas eu não conseguia acreditar nisso. O calor era tão avassalador que eu tinha certeza de que ele havia mesmo ateado fogo em mim.

— Pare! — gritei por fim, saindo do esconderijo e me contorcendo no chão, qualquer coisa para abafar as chamas que consumiam minha pele.

Naquele mesmo instante, o calor flamejante acabou, embora eu não tivesse sentido a água que com certeza o apagara. Deitei-me de costas, o rosto banhado em suor. Era difícil respirar.

— Todo mundo *para fora* — ordenou o anjo caído.

Eu tinha quase esquecido que havia outras pessoas na sala. Elas nunca esqueceriam isso. Como poderiam? Será que entendiam o que estava acontecendo? Será que sabiam que não tinha sido encenação para a festa? Rezei para que aparecesse alguém para ajudar. Mas a casa de fazenda era tão afastada. Levaria tempo para trazerem ajuda.

A única pessoa que podia ajudar era Patch, e eu não tinha como entrar em contato com ele.

Pernas e pés se arrastavam pelo chão, lançando-se em direção à saída. Andy Smith saiu furtivamente detrás do sofá e disparou para fora.

Levantei a cabeça apenas o suficiente para ver o anjo caído. Estava escuro, mas vi uma silhueta seminua muito alta e esquelética. E olhos selvagens e brilhantes.

O anjo caído de peito nu da Bolsa do Diabo e do bosque me observava. Seus hieróglifos desfigurantes pareciam se contorcer e se agitar na pele, como se presos a fios invisíveis. Na realidade, tinha certeza de que eles se moviam para cima e para baixo com a respiração dele. Não conseguia afastar meus olhos da pequena ferida em carne-viva em seu peito. Imagens estranhas e inexplicáveis de figuras em túnicas negras passaram muito rápido em minha mente.

— Meu nome é Baruch.

Corri para o canto da sala, tremendo de dor.

— O Cheshvan começou, e não tenho um vassalo nefilim — disse ele. Manteve o tom coloquial, mas não havia luz em seus olhos. Nenhuma luz, e nenhum calor.

O excesso de adrenalina deixou minhas pernas inquietas e pesadas. Eu não tinha muitas opções. Não era forte o suficiente para passar correndo por ele. Não podia lutar contra ele — se tentasse, bastaria que ele chamasse os amigos para me superar em número rapidamente. Resmunguei de raiva por minha mãe ter expulsado Patch. Eu precisava dele. Não podia fazer aquilo sozinha. Se Patch estivesse ali, saberia o que fazer.

Baruch passou a língua pela parte interna do lábio.

— A líder do exército do Mão Negra, e o que devo fazer com ela?

Ele mergulhou em minha mente. Pude senti-lo fazer isso, mas não tinha forças para impedir. Estava exausta demais para lutar. Quando dei por mim, havia me arrastado obedientemente e me deitado aos pés dele como um cão. Ele chutou minhas costas, olhando para mim com ar de predador. Quis barganhar com ele, mas meus dentes estavam fechados com tanta força que era como se meu maxilar tivesse sido costurado.

Você não pode argumentar comigo, sussurrou ele hipnoticamente em minha cabeça. *Não pode se recusar. O que eu ordenar, você deve fazer.*

Tentei em vão me desligar da voz dele. Se eu pudesse romper aquele controle, poderia me defender. Era minha única chance.

— Como é se sentir uma nefilim novinha em folha? — murmurou ele em uma voz fria e debochada. — O mundo não é lugar para um nefilim sem um senhor. Protegerei você dos outros anjos caídos, Nora. De agora em diante, você pertence a mim.

— Não pertenço a ninguém — disparei, as palavras saindo com um esforço exaustivo.

Ele expirou, lenta e deliberadamente. Parecia um assobio açoitando por entre seus dentes.

— Vou dobrar você, meu docinho. Vamos ver se não — sussurrou ele.

Olhei para ele decididamente.

— Você cometeu um grande erro vindo aqui esta noite, Baruch. Cometeu um grande erro vindo atrás de mim.

Ele sorriu, e vi seus dentes brancos e afiados.

— Vou gostar disso.

Então se aproximou, o poder emanando dele. Ele era quase tão forte quanto Patch, mas havia algo de sanguinário em seu poder que eu nunca sentira em Patch. Eu não sabia quanto tempo antes Baruch tinha caído do céu, mas sentia, com toda certeza, que ele se entregara completamente à maldade.

— Jure lealdade, Nora Grey — ordenou ele.

CAPÍTULO 21

EU não ia fazer o juramento. E não permitiria que ele arrancasse as palavras de mim. Não importava quanta dor ele me faria sentir, eu tinha que me manter forte. Mas uma defesa persistente não seria o bastante para suportar isso. Eu precisava atacar, e rápido.

Combata os truques da mente dele com alguns dos seus, ordenei a mim mesma. Dante tinha dito que os truques da mente eram minha melhor arma. Ele dissera que eu era melhor nisso do que quase todos os nefilins que conhecia. Eu tinha enganado Patch. E enganaria Baruch agora. Criaria minha própria realidade e o atiraria com tanta força para dentro dela que ele não saberia o que o havia atingido.

Fechei bem os olhos para ignorar o canto insidioso de Baruch tentando me convencer a fazer o juramento e me catapultei para a mente dele. Minha maior esperança estava no fato de que mais cedo eu havia tomado a bebida com as artes do mal. Não confiava em minha força, mas as artes do mal faziam com que eu me tornasse uma versão mais poderosa de mim mesma. Elas intensificavam meus talentos naturais, incluindo minha aptidão para os truques da mente.

Percorri depressa os corredores tortuosos da mente de Baruch, criando uma explosão atrás da outra. Agi o mais rápido que pude, ciente de que, se cometesse algum erro, se lhe desse qualquer motivo para achar que eu estava reconstruindo seus pensamentos, se deixasse qualquer evidência de minha presença...

Escolhi a única coisa que eu sabia que assustaria Baruch. Nefilins.

O *exército do Mão Negra!*, criei explosivamente esse pensamento em sua mente. Assaltei seus pensamentos com uma imagem de Dante irrompendo pela sala seguido por vinte, trinta, não... *quarenta* nefilins. Elaborei imagens de seus olhos furiosos e punhos rígidos no subconsciente dele. Para tornar a visão ainda mais convincente, fiz Baruch achar que estava vendo seus próprios homens sendo levados dali como prisioneiros pelos nefilins.

Apesar de tudo isso, sentia sua resistência. Ele ficou pregado no lugar, sem reagir, como alguém que está sendo cercado por nefilins. Temi que ele suspeitasse de que havia algo errado e continuei a atacar.

— Quem mexe com nossa líder está mexendo conosco... com *todos* nós. — Lancei as palavras ameaçadoras de Dante na mente de Baruch. — Nora não vai jurar lealdade. Nem agora, nem nunca.

Criei uma imagem de Dante pegando o atiçador da lareira e enterrando-o nas cicatrizes das asas de Baruch. Forcei a vívida imagem bem no fundo de seu cérebro.

Ouvi Baruch cair de joelhos antes de abrir meus olhos. Ele estava de quatro, os ombros curvados. Sua fisionomia tinha sido tomada por uma expressão de puro choque. Os olhos

estavam vidrados e havia saliva nos cantos da boca. Levou as mãos às costas, arfando. Estava tentando retirar o atiçador.

Expirei exausta e aliviada. Ele tinha acreditado. Tinha caído no truque da mente.

Uma figura se moveu perto da entrada.

Fiquei de pé em um pulo e peguei o verdadeiro atiçador na lareira. Levantei-o acima do meu ombro, preparando-me para girar o braço, quando Dabria apareceu. Na penumbra, o cabelo dela emitia um brilho de um branco glacial. Sua boca era uma linha amarga.

— Você o enganou com um truque da mente? — adivinhou ela. — Ótimo. Mas temos que sair daqui agora.

Quase ri, impassível e incrédula.

— O que você está fazendo aqui?

Ela passou por cima do corpo imóvel de Baruch.

— Patch me pediu para levá-la a um lugar seguro.

Balancei a cabeça.

— Você está mentindo. Patch não a mandou. Ele sabe que você é a última pessoa com quem eu iria.

Segurei o atiçador com mais força. Se ela desse mais um passo, eu enfiaria aquilo nas cicatrizes das asas dela com prazer. E, assim como Baruch, ela ficaria quase em estado de coma até conseguir retirá-lo.

— Ele não tinha muita escolha. Entre perseguir os outros anjos caídos que invadiram sua festa e apagar as lembranças de seus amigos em pânico, que estão correndo pela rua enquanto conversamos, eu diria que ele está um pouco ocupado. Vocês dois não têm uma senha secreta para situações como esta? — perguntou Dabria, sem abalar nem um pouco sua serenidade. — Quando eu estava com Patch, tínhamos uma. Eu confiaria em qualquer um a quem Patch dissesse a senha.

Não tirei os olhos dela. Senha secreta? Minha nossa, ela era boa mesmo em se insinuar ardilosamente e me tirar do sério.

— Na verdade, temos mesmo uma senha secreta. É "Dabria é uma sanguessuga patética que não sabe quando seguir em frente". — Cobri minha boca. — Ah, acabei de perceber por que Patch provavelmente não lhe contou nossa *senha secreta* — disse, o escárnio escorrendo de minhas palavras.

Ela esticou os lábios em uma linha ainda mais fina.

— Ou você me diz para que realmente veio ou vou enfiar esse negócio tão fundo em suas cicatrizes, que se tornará um apêndice permanente — disse a ela.

— Não tenho que aturar isso — disse Dabria, virando-se.

Eu a segui pela casa vazia até o lado de fora.

— Sei que você está chantageando Pepper Friberg — falei. Se eu a peguei de surpresa, ela não demonstrou. Seus passos nem vacilaram. — Ele acha que Patch o está chantageando e tem feito de tudo para colocá-lo no trem mais rápido para o inferno. E o crédito é todo seu,

Dabria. Você diz que ainda ama Patch, mas tem um jeito engraçado de demonstrar isso. Por sua causa, ele corre o risco de ser exilado. Seu plano é esse? Se você não pode ficar com ele, ninguém mais pode?

Dabria acionou o bipe em seu chaveiro, e as lanternas traseiras do carro esportivo mais exótico que eu já vira piscaram.

— O que é isso? — perguntei.

Ela me lançou um olhar superior.

— Meu Bugatti.

Um Bugatti. Chamativo, sofisticado e de uma categoria única. Assim como Dabria. Ela se sentou atrás do volante.

— Melhor tirar aquele anjo caído de sua sala de estar antes que sua mãe volte. — Ela fez uma pausa. — E talvez seja melhor também checar a veracidade de suas acusações.

Ela começou a fechar a porta, mas eu a abri com força.

— Você nega que esteja chantageando Pepper? — perguntei, irritada. — Vi vocês dois discutindo atrás da Bolsa do Diabo.

Dabria prendeu um lenço de seda em volta da cabeça, deixando as pontas soltas sobre os ombros.

— Você não devia ficar escondida ouvindo a conversa dos outros, Nora. E Pepper é um arcanjo de quem você deveria se afastar. Ele não joga limpo.

— Nem eu.

Ela me encarou.

— Não que isso seja da sua conta, mas Pepper me procurou aquela noite porque sabe que tenho uma ligação com Patch. Ele está procurando por Patch, e se equivocou ao achar que eu o ajudaria.

Ela ligou o carro, pisando fundo no acelerador para abafar minha resposta.

Fuzilei Dabria com o olhar, sem acreditar que a interação dela com Pepper fora tão inocente. Dabria tinha um histórico sólido de mentiras. Além disso, nós duas éramos grandes rivais. Ela era um lembrete terrível de que Patch tivera alguém antes de mim. Não seria tão ruim se ela ficasse no passado dele, que era o lugar dela. Em vez disso, continuava aparecendo inesperadamente, como o vilão com várias vidas de um desses filmes trash de terror.

— Você avalia mal o caráter das pessoas — disse ela, engrenando o carro.

Pulei para o para-choque dianteiro e espalmei minhas mãos no capô. Ainda não tinha terminado de falar o que queria.

— Quando se trata de você, não estou errada — gritei mais alto que o barulho do motor. — Você é uma narcisista conivente, traiçoeira, egoísta e egocêntrica.

Dabria cerrou visivelmente o maxilar. Ela afastou do rosto alguns fios de cabelo soltos, saiu do carro e veio em minha direção com ar arrogante. De salto alto ela ficava da minha altura.

— Também quero limpar o nome de Patch — disse ela com sua voz fria de bruxa.

— Essa merece o Oscar.

Ela me encarou.

— Falei para Patch que você era imatura e impulsiva demais para que isto desse certo, que não conseguiria superar o ciúme que sente do que ele e eu tivemos há muito tempo.

Meu rosto ficou vermelho, e agarrei seu braço antes que ela pudesse me evitar.

— Não fale com Patch sobre mim novamente. Melhor ainda, não fale com ele e ponto final.

— Patch confia em mim. Isso deveria ser o suficiente para você.

— Patch não confia em você. Só a está usando. Ele vai deixar que o ajude, mas você é dispensável. No minuto em que não for mais útil, acabou.

A boca de Dabria se comprimiu de maneira estranha.

— Já que estamos dando conselhos uma para outra, eis o meu: me deixe em paz.

Ela me encarou, como se quisesse me passar uma mensagem.

Estava me ameaçando.

Tinha algo a esconder.

Eu ia descobrir o segredo e acabar com ela.

CAPÍTULO 22

VIREI as costas para a poeira que os pneus de Dabria levantaram da estrada e corri para casa. Minha mãe estaria de volta a qualquer minuto, e eu não só teria que dar sérias explicações sobre o final repentino da festa, mas também precisava me livrar do corpo de Baruch. Se ele realmente acreditava que eu tinha cravado um atiçador em suas cicatrizes, seu corpo ficaria praticamente em estado de coma por mais muitas horas, tornando consideravelmente mais fácil movê-lo dali. Por fim, um golpe de sorte.

Encontrei Patch na sala de estar, agachado sobre o corpo de Baruch. O alívio tomou conta de mim quando o vi.

— Patch! — gritei, correndo.

— Anjo.

Seu rosto estava cheio de angústia. Ele ficou de pé, abrindo os braços enquanto eu me atirava neles, e me apertou com força.

Balancei a cabeça para aliviar qualquer preocupação que ele pudesse ter com meu bem-estar e engoli o bolo na garganta.

— Estou bem. Não estou ferida. Fiz um truque da mente para convencê-lo de que havia um ataque nefilim. E o fiz acreditar que eu tinha enterrado um atiçador em suas cicatrizes, por precaução. — Deixei escapar um suspiro trêmulo. — Como você soube que anjos caídos invadiram a festa?

— Sua mãe me expulsou, mas não ia deixar você desprotegida. Fiquei vigiando no final da rua. Havia muito tráfego em direção a sua casa, mas imaginei que fosse por causa da festa. Quando vi pessoas correndo pela porta da frente, como se tivessem visto algum monstro, vim o mais rápido que pude. Havia um anjo caído montando guarda do lado de fora que achou que eu fosse roubar seus espólios de guerra. Nem preciso dizer que tive de apunhalá-lo, e também alguns outros, em suas cicatrizes. Espero que sua mãe não note que arranquei alguns galhos da árvore lá fora. Deram excelentes estacas. — Sua boca se retorceu de maneira travessa.

— Ela vai chegar a qualquer minuto.

Patch assentiu.

— Eu cuido do corpo. Você consegue religar a eletricidade? O quadro elétrico fica na garagem. Veja se algum dos disjuntores está desarmado. Se eles cortaram os fios que vão até a casa, aí vamos ter muito mais trabalho.

— Deixe comigo. — Parei a meio caminho da garagem e voltei. — Dabria apareceu. Ela veio com a história improvável de que você tinha lhe pedido para me tirar daqui. Você acha que ela podia estar ajudando esses caras?

Para meu espanto, ele respondeu:

— Eu a chamei. Ela estava por perto. Fui atrás dos anjos caídos e pedi a ela para tirar você daqui.

Eu estava sem fala, tanto por não conseguir acreditar, quanto pela irritação. Não sabia se estava mais chateada por Dabria ter dito a verdade ou por ela estar claramente seguindo Patch, uma vez que "por perto" era meio difícil de acreditar quando se leva em consideração que minha rua tem quase dois quilômetros, dá para um bosque, e nossa casa é a única em toda a sua extensão. Ela devia ter colocado um dispositivo rastreador nele. Quando ele ligou, ela provavelmente estava com o carro parado a trinta metros, segurando um par de binóculos.

Eu não duvidava que Patch me fosse fiel. Da mesma forma, não duvidava de que Dabria esperasse mudar isso.

Imaginei que aquela não fosse a melhor hora para discutir aquilo e falei:

— O que vamos dizer a minha mãe?

— Deixe... deixe isso comigo.

Patch e eu nos viramos em direção ao que parecia um guinchar de rato vindo da porta. Marcie estava ali parada, esfregando as mãos. Como se percebesse que isso a fazia parecer fraca, ela as soltou. Tirou o cabelo dos ombros, ergueu o queixo e disse com mais convicção:

— Eu tive a ideia da festa, o que torna esta confusão tanto minha quanto sua. Vou dizer a sua mãe que alguns otários apareceram de penetra e começaram a destruir os móveis. Então tomamos a única atitude responsável possível: cancelamos.

Parecia que Marcie estava fazendo um grande esforço para evitar olhar para o corpo de Baruch, deitado de bruços no tapete. Se ela não visse, não podia ser real.

— Obrigada, Marcie — falei com sinceridade.

— Não pareça tão surpresa. Estou nesta também, você sabe. Eu não sou, quer dizer, eu *sou* não... — Ela respirou fundo. — Eu *sou* uma de... vocês. — Ela abriu a boca para dizer mais, mas a fechou de repente. Não a culpava. "Não humano" era algo difícil de se pensar, quanto mais de se dizer em voz alta.

Marcie e eu demos um pulo ao ouvirmos uma batida na porta. Trocamos um rápido olhar de dúvida antes de Patch falar.

— Finjam que nunca estivemos aqui — disse ele, colocando Baruch nos ombros e levando-o em direção à porta dos fundos. E Anjo?, acrescentou em meu pensamento. *Apague a lembrança de Marcie de ter me visto aqui hoje. Precisamos manter nosso segredo.*

Considere feito, respondi.

Marcie e eu fomos abrir a porta. Eu tinha acabado de virar a maçaneta quando Vee entrou toda prosa, trazendo Scott junto, os dedos dos dois entrelaçados.

— Desculpe o atraso — disse Vee. — Nós acabamos, hã...

Ela trocou um olhar cúmplice com Scott, e os dois caíram na gargalhada.

— Nos distraindo — completou Scott, sorrindo.

Vee se abanou.

— Pode dizer isso de novo?

Quando Marcie e eu simplesmente ficamos olhando para eles em um silêncio sombrio, Vee deu uma olhada em volta, percebendo pela primeira vez a casa sem convidados e várias coisas quebradas.

— Espere um pouco. Onde está todo mundo? A festa não pode ter acabado ainda.

— Uns penetras invadiram a casa — disse Marcie.

— Estavam usando máscaras de Halloween — expliquei. — Então pode ter sido qualquer um.

— Começaram a destruir os móveis.

— Mandamos todos embora — acrescentei.

Vee examinou os estragos, chocada e sem conseguir dizer nada.

Penetras?, perguntou Scott em meus pensamentos, obviamente sem cair na minha encenação, e percebendo que havia mais coisa naquela história.

Anjos caídos, respondi. *Um deles em particular tentou de tudo para me fazer jurar lealdade. Está tudo bem*, acrescentei rapidamente quando vi seu rosto se contorcer de ansiedade. *Ele não conseguiu. O nome Baruch lhe soa familiar?*

Não, mas vou investigar, pode ter certeza.

Preciso que tire Vee daqui. Se ela ficar, vai começar a fazer perguntas que não tenho como responder. E preciso limpar tudo antes que minha mãe volte.

Quando você vai contar para ela?

Eu me encolhi. A pergunta direta de Scott me pegou desprevenida. *Não posso contar a Vee. Não se quiser que ela fique segura. E estou pedindo que compreenda e atenda meu pedido. Ela é minha melhor amiga, Scott. Não posso deixar que nada aconteça a ela.*

Ela merece a verdade.

Ela merece muito mais que isso, mas agora sua segurança é o mais importante para mim.

E o que você acha que é o mais importante para ela?, indagou Scott. *Ela se importa com você, confia em você. Trate-a com o mesmo respeito.*

Eu não tinha tempo para discutir. *Por favor, Scott*, implorei.

Ele me olhou demoradamente, pensando a respeito. Eu vi que não estava satisfeito, mas também que ia me deixar vencer aquela batalha... por enquanto.

— Que tal eu compensá-la? — disse ele a Vee. — Vamos ver um filme. Você escolhe. Não quero influenciar sua decisão, mas está passando um novo filme de super-herói. A crítica tem falado mal, o que é sempre sinal de que o filme deve ser ótimo.

— Devíamos ficar e ajudar Nora a arrumar esta bagunça — respondeu Vee. — Vou descobrir quem fez isso e ensinar algumas boas maneiras aos canalhas. Talvez um peixe morto vá parar em seu armário. E é melhor ficarem de olho nos pneus, porque tenho uma faca que está doidinha para furar borracha.

— Tire a noite para se divertir — falei para Vee. — Marcie vai me ajudar com a limpeza, não vai, Marcie?

Passei o braço pelo ombro dela e disse isso da maneira mais doce, mas havia um tom de atrevimento ressaltando minhas palavras. Vee captou meu olhar e entendeu o que eu queria dizer.

— Você está sendo muito generosa — disse Vee a Marcie. — A pá fica embaixo da pia da cozinha. Os sacos de lixo também. — Ela socou de leve o ombro de Marcie. — Divirta-se, e não quebre muitas unhas.

Depois que a porta se fechou atrás de nós, Marcie e eu desmoronamos encostadas à parede. E suspiramos, ao mesmo tempo, aliviadas.

Marcie sorriu primeiro.

— Que azar.

Limpei a garganta.

— Obrigada por sua ajuda esta noite — falei, sendo absolutamente sincera. Pela primeira vez na vida, Marcie tinha sido...

Prestativa, percebi espantada. E eu ia retribuir apagando algumas de suas lembranças.

Ela se levantou, limpando as mãos.

— A noite ainda não terminou. Então, a pá está embaixo da pia?

CAPÍTULO 23

O DIA seguinte começou cedo. A batida na janela do meu quarto funcionava como um alarme. Virei-me e vi Dante atrás do vidro, agachado em um galho, chamando-me para sair. Levantei cinco dedos, para explicar em quantos minutos estaria lá fora.

Tecnicamente, eu estava de castigo. Mas não achei que a desculpa faria Dante mudar de ideia.

Do lado de fora, o ar da manhã escura trazia o perfume revigorante do outono, e esfreguei as mãos depressa para aquecê-las. Um pedaço de lua ainda pairava no céu. Longe dali, uma coruja piava melancólica.

— Um carro sem identificação e com equipamento de radar passou várias vezes por sua casa esta manhã — falou Dante, assoprando as mãos. — Tenho quase certeza de que era um policial. Cabelo escuro e alguns anos mais velho do que eu, pelo que pude ver. Ideia de quem seja?

Detetive Basso. O que eu tinha feito para ele ficar de olho em mim dessa vez?

— Não — respondi, achando que não era a melhor hora para revelar meu passado sórdido com a força policial local. — Provavelmente estava no final do serviço, procurando como matar o tempo. Ele não vai pegar ninguém ultrapassando o limite de velocidade por aqui, isso eu lhe garanto.

Um sorriso irônico curvou os lábios de Dante.

— Não em carros, pelo menos, não é, corredora? Está pronta?

— Não. Isso conta?

Ele se abaixou e amarrou um cadarço que, pelo visto, eu não tinha percebido.

— Hora do aquecimento. Você sabe o que fazer.

Eu sabia o que fazer, o.k. O que Dante não sabia era que meu aquecimento também consistia em fantasiar que eu atirava facas, dardos e granadas nas suas costas enquanto corria pelo terreno do bosque, seguindo-o até nossa área isolada de treinamento. O que fosse preciso para entrar no clima, certo?

Quando eu estava completamente banhada de suor, Dante me orientou em uma sequência de alongamentos para ficar mais flexível. Eu já tinha visto Marcie fazendo alguns dos mesmos alongamentos em seu quarto. Ela não estava mais na equipe de líderes de torcida, mas aparentemente manter a habilidade com a abertura de pernas era importante para ela.

— Qual é o plano para hoje? — perguntei, sentada no chão com as pernas abertas em um amplo V. Meu corpo estava dobrado na altura da cintura, e eu apoiava a testa no joelho,

sentindo o tendão da perna estender.

— Possessão.

— Possessão? — repeti, surpresa.

— Se os anjos caídos podem nos possuir, é simplesmente justo que a gente aprenda a possuí-los. O que pode ser melhor do que aprender a controlar a mente e o corpo do inimigo? — continuou Dante.

— Eu nem sabia que possuir anjos caídos era uma opção.

— É agora... agora que temos as artes do mal. Nunca tínhamos sido tão fortes. Venho treinando em segredo há meses alguns nefilins selecionados, incluindo eu mesmo, no processo da possessão. Dominar essa habilidade vai ser o ponto decisivo da guerra, Nora. Se pudermos fazer isso de maneira bem-sucedida, temos uma chance.

— Vocês vêm treinando? Como?

A possessão só era possível durante o Cheshvan. Como ele podia estar praticando a técnica havia meses?

— Temos treinado com anjos caídos. — Um sorriso perverso brilhou em seus olhos. — Eu lhe disse: Estamos mais fortes do que nunca. Um anjo caído andando por aí sozinho não consegue resistir a um grupo nosso. Nós os pegamos nas ruas à noite e os levamos para o centro de treinamento que Hank organizou.

— *Hank* esteve envolvido nisso?

Parecia que haveria sempre segredos dele a serem revelados.

— Escolhemos os solitários, os introvertidos, aqueles de que ninguém dará falta. Damos a eles um protótipo especial das artes do mal que possibilita a possessão por períodos curtos, mesmo quando não estamos no Cheshvan. E então praticamos com eles.

— Onde eles estão agora?

— Detidos no centro de treinamento. Mantemos um vergalhão metálico enfeitiçado com as artes do mal cravado em suas cicatrizes de asas quando não estamos praticando com eles. Isso os mantém completamente imobilizados. Como ratos de laboratório à nossa disposição.

Eu tinha certeza de que Patch não sabia nada sobre isso. Ele teria mencionado se soubesse.

— Quantos anjos caídos você tem detidos? E onde é o centro de treinamento?

— Não posso lhe dizer onde fica. Quando criamos o centro, Hank, Blakely e eu decidimos que seria mais seguro manter sigilo absoluto sobre ele. Como Hank se foi, Blakely e eu somos os únicos nefilins que sabemos onde fica. É melhor assim. Se não formos rígidos com as regras, acabam surgindo traidores. Pessoas que fariam qualquer coisa pelo lucro, até mesmo trair a própria raça. É da natureza dos nefilins, assim como dos humanos. Estamos eliminando a tentação.

— Você vai me levar ao centro de treinamento para praticar? — Tinha certeza de que haveria um protocolo para isso também. Ou eu seria vendada, ou teria minha memória

sobre o trajeto apagada. Mas talvez eu conseguisse descobrir um jeito de driblar isso. Talvez Patch e eu pudéssemos refazer o caminho até o centro de treinamento juntos...

— Não será preciso. Trouxe uma das cobaias comigo.

Meus olhos correram pelas árvores.

— Onde?

— Não se preocupe. As artes do mal combinadas com um vergalhão nas cicatrizes a fazem colaborar.

Dante desapareceu atrás de uma pedra, mas voltou trazendo um anjo caído do sexo feminino que não parecia ter mais de 13 anos em idade humana. As pernas dela, dois palitos de dente saindo de um short branco de ginástica, não podiam ser muito mais grossas que meus braços.

Dante a jogou no chão, e seu corpo sem energia caiu na terra como um saco de lixo. Virei o rosto para não ver o vergalhão que se projetava de suas cicatrizes. Sabia que ela não podia sentir nada, mas mesmo assim aquela imagem fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Precisava me lembrar de que ela era o inimigo. Eu tinha um interesse pessoal na guerra agora: recusava-me a jurar lealdade para qualquer anjo caído. Eles eram todos perigosos. Todos tinham que ser detidos.

— Assim que eu tirar o vergalhão, você só terá alguns segundos antes que ela comece a lutar. Esse tipo particular de artes do mal tem meia-vida curta e não durará por muito tempo no corpo dela. Em outras palavras, não abaixe a guarda.

— Ela vai saber que eu a estou possuindo?

— Ah, vai saber sim. Ela já passou por este exercício centenas de vezes. Quero que você a possua e comande as ações dela por alguns minutos para se habituar à sensação de manipular o corpo. Me avise quando estiver pronta para sair do corpo dela. Vou deixar o vergalhão preparado.

— Como eu entro no corpo dela? — perguntei, arrepios percorrendo meus braços.

Eu estava gelada, mas não apenas por causa do ar frio. Eu não queria possuir o anjo caído, mas, ao mesmo tempo, precisava dar a Patch o máximo de informação possível sobre como o processo funcionava. Não podíamos solucionar um problema que não entendíamos.

— Ela vai estar fraca por causa das artes do mal, isso vai ajudar. E entramos no Cheshvan, o que significa que os canais para possessão estão bem abertos. Tudo o que precisa fazer é ludibriá-la com um truque da mente. Assuma o controle dos pensamentos dela. Faça com que pense que quer que você a possua. Quando ela abaixar a guarda, ficará tudo muito fácil. Você vai gravitar em direção a ela naturalmente. Será sugada para o corpo dela tão rápido que mal perceberá a transição. Quando menos notar, estará no controle.

— Ela é tão jovem.

— Não se deixe enganar. Ela é tão esperta e perigosa quanto o restante deles. Aqui, trouxe uma dose especial das artes do mal para você que facilitará as coisas nessa sua primeira vez.

Não estendi logo a mão para pegar o frasco. Meus dedos formigavam de desejo, mas mantive a mão abaixada. Já havia ingerido tanto das artes do mal. Tinha prometido a mim mesma que iria parar e que contaria tudo para Patch. Até então, não tinha feito nenhuma das duas coisas.

Olhei para o frasco com o líquido azul-brilhante, e um desejo voraz parecia roer meu estômago. Eu não queria as artes do mal e, ao mesmo tempo, precisava desesperadamente delas. Minha cabeça girava, ficando cada vez mais zonza sem a bebida. Tomar um pouco mais não poderia ser tão prejudicial. Antes que eu pudesse me deter, estendi a mão e aceitei o frasco. Minha boca já salivava.

— Devo beber tudo?

— Sim.

Virei o frasco, as artes do mal queimando como veneno pela minha garganta. Engasguei e tossi, desejando que Blakely descobrisse um jeito de fazer aquilo ter um gosto melhor. Seria igualmente útil se ele pudesse minimizar os efeitos colaterais. Logo após tomar aquela dose, senti pontadas de uma dor de cabeça forte. A experiência me ensinara que aquilo só iria piorar ao longo do dia.

— Pronta? — perguntou Dante.

Não confirmei logo. Dizer que eu não estava muito a fim de possuir a garota era pouco. Eu já tinha sido possuída uma vez — por Patch, em uma jogada desesperada para me salvar de ser morta por Chauncey Langeais, um parente havia muito perdido que não tinha nenhuma afeição familiar por mim. Apesar de ficar feliz por Patch ter tentado me proteger, a violação que sentira enquanto estava sendo possuída não era algo que eu quisesse experimentar de novo. Ou fazer alguém passar por isso.

Observei a garota. Ela já tinha sofrido aquilo centenas de vezes antes. E ali estava eu, prestes a fazê-la passar por tudo de novo.

— Pronta — disse, decidida por fim.

Dante arrancou o vergalhão da cicatriz da garota, com o cuidado de manter as mãos afastadas do brilho azul da parte de baixo.

— A qualquer instante agora — murmurou ele em alerta. — Fique pronta. Os pensamentos dela vão emitir impulsos magnéticos. Assim que você perceber alguma atividade mental, entre na cabeça dela. Não demore a convencê-la de que ela quer que você a possua.

O silêncio pairava no bosque, pesado e tenso. Eu me aproximei da garota, esforçando-me para captar qualquer reação mental. Os joelhos de Dante estavam curvados, como se ele esperasse ter que partir para a ação a qualquer momento. O grasnar agudo de um corvo atravessou a escuridão acima. Um ruído fraco de energia entrou em meu radar e foi todo o

aviso que recebi antes que a garota se atirasse em mim, mostrando os dentes e as unhas como um animal.

Caímos na terra juntas. Meus reflexos eram mais aguçados, e rolei para cima dela. Tentei pegar seus pulsos, pensando em prendê-los acima de sua cabeça, mas ela se livrou de mim com um movimento brusco. Derrapei pela terra, ouvindo-a aterrissar agilmente alguns metros adiante. Olhei para cima bem a tempo de vê-la saltar no ar, lançando-se em minha direção.

Encolhendo-me como uma bola, rolei para longe do alcance dela.

— Agora! — berrou Dante.

Pelo canto do olho, pude vê-lo segurando o vergalhão, preparando-se para atacar a garota, caso eu falhasse.

Fechei os olhos, concentrando-me nos pensamentos dela. Podia senti-los zumbindo para um lado e para o outro, como insetos agitados. Mergulhei em sua mente, retalhando tudo o que encontrava. Juntei seus pensamentos em um emaranhado gigante e sussurrei de forma hipnótica: *Me deixe entrar, me deixe entrar agora.*

Mais rápido do que eu pensava, as defesas da garota sucumbiram. Bem como Dante havia predito, senti que eu deslizava na direção dela, como se minha alma estivesse sendo puxada por um campo de força poderoso para uma bobina. Ela não ofereceu qualquer resistência. Aquilo tudo parecia um sonho: confuso, fugidio e desfocado nos cantos. Não houve um momento específico em que senti a mudança. Apenas pisquei e me vi olhando o mundo por um ângulo diferente.

Estava dentro dela, corpo, mente e alma, possuindo-a.

— Nora? — perguntou Dante, estreitando os olhos de maneira cética.

— Estou dentro.

Minha voz me assustou. Eu tinha comandado a resposta, mas as palavras saíram com a voz dela. Mais aguda e mais doce do que eu teria esperado de um anjo caído. Por outro lado, ela era tão jovem...

— Está sentindo alguma resistência? Alguma reação por parte dela? — perguntou Dante.

Dessa vez, balancei a cabeça negativamente. Não estava preparada para me ouvir falar com a voz dela de novo. Tanto quanto Dante queria me ver comandar o corpo dela, eu queria sair dali.

Terminei depressa uma pequena lista de exercícios: ordenei que o corpo dela corresse uma pequena distância, saltasse um galho caído de árvore com tranquilidade e desamarrasse e amarrasse novamente os sapatos. Dante estava certo, eu tinha controle absoluto. E eu sabia, em algum lugar dentro de mim, que eu a obrigava a fazer aqueles movimentos contra sua vontade. Podia ter ordenado que ela apunhalasse sua própria cicatriz, e ela não teria tido escolha se não obedecer.

Terminei, falei para Dante em pensamento. *Vou sair.*

— Um pouco mais — argumentou ele. — Você precisa praticar mais. Quero que isso seja quase instintivo para você. Faça os exercícios de novo.

Ignorei o pedido e ordenei ao corpo dela que expelisse o meu e, de novo, a transição foi fácil e abrupta.

Resmungando baixinho, Dante enfiou o vergalhão de volta na cicatriz do anjo caído. O corpo dela desmontou, como se estivesse morta, braços e pernas atingindo o chão em ângulos estranhos. Queria desviar o olhar, mas não consegui. Ficava me perguntando como teria sido sua existência na Terra antes. Se alguém sentia sua falta. Se algum dia ela voltaria a ser livre. E quão sombria sua perspectiva devia ser.

— Você não treinou o bastante — falou Dante, claramente irritado. — Não me ouviu dizer para praticar os exercícios de novo? Sei que é um pouco desconfortável a princípio...

— Como isso funciona? — perguntei. — Dois objetos não podem ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço. Então como a possessão funciona?

— Tudo se resume à esfera quântica, à função de onda e à dualidade onda-partícula.

— Ainda não estudei teoria quântica — falei com uma pontada de hostilidade. — Explique de forma que eu possa entender.

— Pelo que sei dizer, tudo acontece em um nível subatômico. Dois objetos *podem* ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço. Não tenho certeza de que alguém saiba exatamente como isso funciona. Simplesmente é.

— E é só isso que você sabe me explicar?

— Tenha um pouco de fé, Grey.

— Ótimo. Vou ter fé. Mas quero alguma coisa em troca — falei, observando Dante com astúcia. — Você é bom em vigiar, certo? Tem um arcanjo tratante andando por aí chamado Pepper Friberg. Ele diz que está sendo chantageado por um anjo caído, e tenho quase certeza de que sei qual é. Quero que consiga as provas para que eu possa acabar com ela.

— Ela?

— As mulheres também podem ser astuciosas.

— O que isso tem a ver com liderar os nefilins?

— Isso é pessoal.

— Está bem — disse Dante devagar. — Conte o que preciso saber.

— Patch me disse que vários anjos caídos por aí poderiam estar chantageando Pepper Friberg por diversas razões: páginas do *Livro de Enoque*, visões do futuro, perdão total por um crime do passado, informação considerada tanto sagrada quanto secreta, ou até para serem elevados ao status de anjo da guarda. A lista das coisas que um arcanjo pode prover é infinita, eu acho.

— O que mais Patch disse?

— Não muito. Ele também quer descobrir o chantageador. Sei que ele anda seguindo pistas e vigiando pelo menos um suspeito. Mas tenho quase certeza de que está procurando no lugar errado. Outra noite vi a ex dele conversando com Pepper atrás da Bolsa do Diabo.

Não consegui ouvir o que diziam, mas ela parecia confiante. E Pepper, furioso. O nome dela é Dabria.

Fiquei surpresa ao ver que sua fisionomia se perturbou ao ouvir aquele nome. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Dabria?

Gemi.

— Não me diga que também a conhece. Juro, ela está *em todos os lugares*. Se me disser que a acha bonita, vou arremessá-lo da beira da ravina e fazer essa pedra rolar atrás de você.

— Não é isso. — Dante balançou a cabeça, um ar de pena tomando conta de seu semblante. — Não queria ser eu a lhe contar.

— Me contar o quê?

— Conheço Dabria. Não pessoalmente, mas...

A compaixão se intensificou em seu rosto. Ele olhava para mim como se estivesse para me dar uma notícia terrível.

Eu tinha me sentado em um pedaço de tronco para contar minha história, mas fiquei de pé.

— Fale logo, Dante.

— Tenho espiões trabalhando para mim. Pessoas que eu contrato para ficarem de olho em anjos caídos influentes — confessou Dante, soando quase culpado. — Não é segredo que Patch é altamente respeitado na comunidade dos anjos caídos. Ele é esperto, inteligente e criativo. É um bom líder. Anos como mercenário lhe deram mais experiência em batalha do que tem a maioria dos meus homens juntos.

— Você vem espionando Patch — falei, entendendo. — Por que não me contou?

— Confio em você, mas não descarto a possibilidade de que ele a influencie de algum jeito.

— Me influenciar? Patch nunca decidiu nada por mim. Sou capaz de tomar minhas próprias decisões. Estou no comando desta operação. Se quisesse mandar espiões por aí, eu mesma teria feito isso — falei, minha irritação evidente.

— Entendido.

Andei até a árvore mais próxima, de costas para Dante.

— Você vai me contar por que está revelando isso tudo, para começar?

Ele suspirou, relutante.

— Enquanto espionávamos Patch, vimos Dabria mais de uma vez.

Fechei os olhos, desejando lhe pedir para parar por aí. Não queria ouvir mais. Dabria seguia Patch para todo lugar... Eu sabia. Mas o tom de voz de Dante sugeria que ele tinha notícias muito mais devastadoras do que simplesmente me contar que alguém perseguia Patch e que, por acaso, essa pessoa era a ex-namorada linda dele.

— Algumas noites atrás eles estavam juntos. Tenho provas. Várias fotos.

Cerrei o maxilar e me virei.

— Quero vê-las.

— Nora...

— Eu posso aguentar — disparei. — Quero ver essas supostas evidências que seus homens, ou melhor, *meus* homens, conseguiram. — Patch com Dabria. Revirei a memória, tentando identificar que noite poderia ter sido. Estava furiosa, instável e com ciúmes. Patch não tinha feito isso. Havia alguma explicação. Eu lhe devia o benefício da dúvida. Tínhamos passado por muita coisa para que eu tirasse conclusões precipitadas.

Precisava ficar calma. Seria uma boba se julgasse assim tão rápido. Dante não tinha fotos? Ótimo? Eu mesma iria avaliá-las.

Dante apertou os lábios, então assentiu.

— Vou mandar entregarem as fotos em sua casa mais tarde.

CAPÍTULO 24

EU me aprontava para sair, mas meus movimentos pareciam mecânicos. Não conseguia tirar da cabeça a imagem de Patch e Dabria juntos. Na hora, não pensei em pedir detalhes a Dante, e agora minhas perguntas não respondidas torturavam meu cérebro. Eles estavam juntos. Tenho várias fotos.

O que aquilo significava? Juntos *como*? Será que eu era ingênua de perguntar? Não. Eu confiava em Patch. Fiquei tentada a ligar para ele, mas é claro que não liguei. Era melhor esperar até ver as fotos. Se elas o incriminavam ou não... eu saberia de imediato.

Marcie entrou na cozinha e se apoiou na beirada da mesa.

— Preciso de alguém para me acompanhar em umas comprinhas hoje depois da aula.

Afastei minha tigela de cereal empapado. Tinha ficado tanto tempo perdida em pensamentos que qualquer chance de salvá-lo já era.

— Sempre faço compras nas tardes de sexta — disse Marcie. — É tipo um ritual.

— Você quer dizer uma tradição — corrigi.

— Preciso de um casaco novo. Que seja quentinho e de lã, mas ainda assim chique — disse ela, franzindo as sobrancelhas enquanto pensava.

— Obrigada pela oferta, mas tenho uns exercícios de trigonometria bem difíceis para pôr em dia.

— Ah, vamos lá. Você não fez o dever de casa a semana toda, por que começar agora? E preciso mesmo de uma segunda opinião. É uma compra importante. E bem quando estamos começando a interagir normalmente — murmurou ela.

Afastei minha cadeira e levei a tigela até a pia.

— A bajulação sempre me convence.

— Ah, dá um tempo, Nora, não estou a fim de brigar — reclamou ela. — Só quero que vá fazer compras comigo.

— E eu quero passar em trigonometria. Além disso, estou de castigo.

— Não se preocupe, falei com sua mãe. Ela já teve tempo para se acalmar e pensar melhor. Você não está mais de castigo. Vou fazer hora por uns trinta minutos depois da aula. Isso deve lhe dar tempo suficiente para terminar aqueles exercícios de trigonometria.

Estreitei os olhos em direção a ela, curiosa.

— Você anda fazendo truques da mente com minha mãe?

— Sabe o que acho? Você está com ciúme porque ela e eu ficamos amigas.

Ugh.

— Não é só matemática, Marcie. Também preciso pensar. Sobre o que aconteceu ontem à noite e como evitar que aquilo se repita. Não vou jurar lealdade — falei, decidida. — E não quero que nenhum outro nefilim jure também.

Marcie fez um som de irritação.

— Você é exatamente como meu pai. Pelo menos uma vez, deixe de ser tão...

— Nefilim? — completei. — Híbrida, esquisita, acidente da natureza? *Alvo*?

Marcie cerrou os punhos com tanta força que ficaram rosados por causa do sangue. Por fim, ela ergueu o queixo. Desafio e orgulho brilharam em seus olhos.

— Sim. Uma mutante, um monstro, um fenômeno. Assim como eu.

Ergui as sobrancelhas.

— Então é isso? Você finalmente vai aceitar o que é?

Ela abriu um sorriso quase tímido.

— Ah, mas que droga, vou sim.

— Gosto mais dessa sua versão — falei.

— Gosto mais dessa *sua* versão. — Marcie se levantou, pegando a bolsa na bancada. — Afinal, vamos ou não fazer compras?



Menos de duas horas depois do sinal da saída, Marcie tinha gastado quase quatrocentos dólares em um casaco de lã, uma calça jeans e alguns acessórios. Eu não tinha gastado quatrocentos dólares em todas as roupas que comprara naquele ano. Então me ocorreu que, se eu tivesse crescido na casa de Hank, também não pensaria duas vezes antes de gastar horrores no cartão de crédito a tarde inteira. Na verdade, eu teria um cartão de crédito.

Ela estava dirigindo, já que não queria ser vista usando meu carro, e, embora eu não a culpasse por isso, o recado tinha sido dado. Marcie tinha dinheiro, eu não. Hank havia deixado sua porcaria de exército para mim e a herança para ela. Injusto era pouco.

— Podemos fazer uma parada rápida? — perguntei a Marcie. — É meio fora do caminho, mas preciso pegar uma coisa com meu amigo Dante.

Eu me sentia enjoada só de pensar em ver fotos de Patch e Dabria, mas queria acabar logo com aquela dúvida. Não tinha paciência para esperar Dante entregá-las. E, como não dava para eu saber se ele já tinha feito isso, decidi ser proativa.

— Dante? Eu o conheço?

— Não. Ele não frequenta a escola. Pegue a próxima à direita, ele mora perto de Casco Bay — falei.

A ironia daquele momento não me passou despercebida. Durante o verão, eu acusara Patch de ter se envolvido com Marcie. Agora, apenas alguns meses depois, eu estava sentada

ao lado dela, no carro dela, indo investigar a mesma história — só que com uma garota diferente.

Massageei o espaço entre os meus olhos com a base da mão. Talvez devesse deixar para lá. Talvez isso apenas mostrasse que eu era insegura e deveria confiar em Patch de maneira incondicional. O ponto era: eu *realmente* confiava nele.

Mas havia Dabria.

Além disso, se Patch fosse inocente, e eu esperava com todas as minhas forças que sim, não havia nenhum mal em olhar as fotos.

Marcie seguiu minhas instruções até a casa de Dante e fez um som de aprovação assim que viu a arquitetura.

— Esse seu amigo Dante tem estilo — disse ela, observando com atenção a casa ao estilo Rainha Ana atrás de uma grande área gramada.

— Alguns amigos deixaram para ele em testamento — expliquei. — Não precisa sair, só vou dar uma corrida até a porta e pegar o que preciso.

— Sem chance. Preciso ver o interior da casa — disse Marcie, descendo antes que eu pudesse impedi-la. — Dante tem namorada?

Ela empurrou os óculos escuros para o alto da cabeça, admirando ostensivamente a propriedade luxuosa de Dante.

Tem, eu, pensei. E obviamente eu estava fazendo um excelente trabalho em manter a farsa. Nem minha meia-irmã, que dormia no final do corredor da minha casa, sabia sobre meu "namorado".

Subimos até a varanda e toquei a campainha. Esperei, então toquei de novo. Coloquei as mãos em volta dos olhos e dei uma espiada pela janela da sala de estar na escuridão sombria. Que sorte a minha passar bem quando ele não estava em casa.

— Iu-hu! Vocês estão procurando pelo rapaz que morava aqui?

Marcie e eu nos viramos e vimos uma senhora idosa em pé na calçada. Ela usava pantufas e bobes cor-de-rosa no cabelo e trazia um cãozinho preto em uma correia.

— Estamos procurando por Dante — falei. — Você é vizinha dele?

— Vim morar com minha filha e o marido no começo do verão. No fim da rua — disse ela, fazendo um gesto para trás. — Meu marido, John, se foi, que Deus o tenha, e minha opção era ir para uma casa de repouso ou para a casa do meu genro. Ele nunca abaixa a tampa da privada.

O que ela está tagarelando?, perguntou Marcie por telepatia. *E nossa, esse cachorro precisa de um banho. Dá para sentir o cheiro dele daqui.*

Forcei um sorriso gentil e desci os degraus da varanda.

— Meu nome é Nora Grey. Sou amiga do rapaz que mora aqui, Dante Matterazzi.

— Matterazzi? Eu sabia! Sabia que ele era italiano. Esse nome com certeza é italiano. Eles estão invadindo nossa costa — disse a mulher. — Quando menos esperar, estarei dividindo o muro do jardim com o próprio Mussolini.

Como se quisesse mostrar seu apoio, o cachorro deu um latido irritado de aprovação.

Marcie e eu trocamos um olhar, e ela fez um ar de enfado.

— Você viu Dante hoje? — perguntei à mulher.

— Hoje? Por que eu o veria hoje? Acabei de lhe dizer que ele se mudou. Faz dois dias. Foi no meio da noite, do jeito que um italiano faria. Furtivo e esperto como um mafioso siciliano. Aposto que está aprontando.

— Você deve estar enganada. Dante ainda mora aqui — falei, tentando manter um tom agradável.

— Ah! Aquele garoto é um caso perdido. Sempre foi muito reservado e era o menos sociável possível. Desde o dia em que se mudou. Sequer dizia olá. Um rapaz sorrateiro como aquele nesta vizinhança boa e respeitável. Não estava certo. Só passou um mês aqui, e não posso dizer que fiquei triste porque foi embora. Deviam ser proibidos inquilinos nesta vizinhança. Desvalorizam muito as casas.

— Dante não estava alugando. Ele é o dono da casa. Alguns amigos deixaram para ele em testamento.

— Foi o que ele lhe contou? — Ela balançou a cabeça, encarando-me com olhos azuis afiados como se eu fosse a maior idiota que o mundo já viu. — Meu genro é o dono desta casa. É da família dele há anos. Alugavam para temporada durante o verão, antes de a economia sofrer um colapso. Na época em que se podia faturar uma grana com turismo. Agora temos que alugar para mafiosos italianos.

— Você deve estar enganada... — comecei uma segunda vez.

— Dê uma olhada nos registros de propriedade! Eles não mentem. Não posso dizer o mesmo de italianos suspeitos.

O cachorro andava em círculos em volta das pernas da mulher, prendendo-a na correia. De vez em quando ele parava para soltar um rosnado gutural de alerta para mim e para Marcie. Então voltava a fungar e correr em círculos. A mulher se soltou e seguiu arrastando os pés pela calçada.

Observei-a se afastar. Dante era o dono daquela casa. Não estava alugando.

Uma sensação terrível tomou conta do meu peito. Se Dante tinha ido embora, como eu conseguiria mais da bebida preparada com as artes do mal? A minha estava quase acabando. Tinha o suficiente para um dia; dois, se economizasse.

— Bem, alguém está mentindo — disse Marcie. — Acho que é ela. Nunca confio em senhoras de idade. Principalmente as mal-humoradas.

Eu mal a ouvia. Tentei o celular de Dante, torcendo para ele atender, mas nada. Nem a caixa postal.



Ajudei Marcie a carregar suas sacolas de compras para dentro, e minha mãe desceu para nos encontrar.

— Um de seus amigos deixou isto aqui — disse ela, estendendo um envelope de papel pardo. — O nome dele era Dante, eu acho. Eu o conheço? — incitou ela.

Tentei não parecer tão ansiosa quando peguei o envelope.

— Ele é amigo de Scott — expliquei.

Minha mãe e Marcie ficaram de olho no envelope, observando-me, em expectativa.

— Provavelmente é só alguma coisa que ele quer que eu entregue a Scott — menti, sem querer atrair muita atenção para o caso.

— Ele parece mais velho do que os seus amigos. Não fico muito à vontade com a ideia de você sair com caras mais velhos — disse minha mãe, desconfiada.

— Como eu disse, ele é amigo de Scott — respondi evasivamente.

Em meu quarto, respirei fundo e rasguei o lacre do envelope. Peguei várias fotos ampliadas. Todas em preto e branco.

As primeiras fotos tinham sido tiradas à noite. Patch andando por uma rua deserta. Patch aparentemente de vigia em sua moto. Patch falando em um orelhão. Nada de novo ali, já que eu sabia que ele estava trabalhando dia e noite para descobrir quem chantageava Pepper.

A foto seguinte era de Patch e Dabria.

Estavam na nova picape preta Ford F-150 de Patch. Pequenos pingos de chuva brilhavam à luz do poste acima deles. Dabria estava com os braços em volta do pescoço de Patch, um sorriso tímido dançando em seus lábios. Estavam presos em um abraço, e Patch não parecia oferecer resistência.

Passei as últimas três fotos rapidamente. Meu estômago ficou embrulhado, e eu sabia que ia passar mal. *Um beijo.*

Dabria beijando Patch. Bem ali nas fotos.

CAPÍTULO 25

EU estava sentada no chão do banheiro, as costas apoiadas na porta do boxe, os joelhos erguidos. Mesmo com o aquecedor ligado, eu me sentia fria e úmida. Havia uma garrafa vazia da bebida preparada com as artes do mal caída ao meu lado. Era a última do meu suprimento. Mal me lembrava de tê-la bebido. Tinha tomado uma garrafa inteira, e ela não havia feito nada por mim. Nem ela conseguia me deixar imune ao desespero desalentador.

Eu confiava em Patch. Eu o amava demais para acreditar que ele me magoaria daquele jeito. Tinha que haver uma razão, uma explicação.

Uma explicação. A palavra ecoou na minha cabeça, vazia e provocadora.

Alguém bateu na porta.

— Temos que dividir isso aí, está lembrada? E minha bexiga é do tamanho da de um esquilo — disse Marcie.

Fiquei de pé lentamente. De todas as coisas absurdas com que me preocupar, me perguntei se Dabria beijava melhor. Se Patch desejava que eu fosse mais como ela. Esperta, fria, sofisticada. Fiquei pensando qual teria sido o exato momento em que ele voltou para ela. Me perguntei se ele não tinha terminado comigo ainda porque sabia como eu ficaria arrasada.

Ainda.

Um sentimento pesado de incerteza me oprimia.

Abri a porta e passei esbarrando em Marcie. Tinha dado cinco passos no corredor quando senti o olhar dela nas minhas costas.

— Você está bem? — perguntou.

— Não quero falar sobre isso.

— Ei, espere. Nora? Você está chorando?

Passei os dedos por baixo dos olhos, surpresa por descobrir que estivera chorando. Todo o momento pareceu estático e distante. Como se estivesse acontecendo muito longe, em um sonho.

— Vou sair — disse, sem me virar. — Você pode inventar uma desculpa para minha mãe? Posso não chegar cedo.

Parei uma vez a caminho da casa de Patch. Virei o Volkswagen repentinamente para a beira da estrada e entrei no acostamento. Estava completamente escuro e tão frio que desejei ter levado meu casaco. Não sabia o que diria quando o visse. Não queria ter um acesso de fúria. Também não queria me diminuir gritando.

Tinha levado as fotos comigo e, no fim, decidi que elas poderiam falar por si. Eu entregaria o pacote a ele e limitaria minhas perguntas a um sucinto "Por quê?".

A fria indiferença que se depositara em mim como gelo se derreteu no instante em que vi o Bugatti de Dabria estacionado do lado de fora do condomínio de Patch. Parei o carro a meio quarteirão de distância, engolindo em seco. A raiva formou um bolo em minha garganta, e saí decidida do carro.

Coloquei minha chave na fechadura da casa e entrei. A única luz vinha de um abajur em uma mesinha de canto na sala de estar. Dabria estava andando perto da janela da varanda, mas parou quando me viu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, visivelmente surpresa.

Balancei a cabeça com raiva.

— Não. Essa fala é minha. Esta é a casa do meu namorado, o que torna essa fala exclusivamente minha. Onde ele está? — perguntei, caminhando depressa para o corredor que levava ao quarto principal.

— Nem se dê o trabalho. Ele não está.

Virei-me de volta. Lancei para Dabria um olhar que era de incredulidade, repulsa e ameaça, tudo ao mesmo tempo.

— Então. O. Que. Você. Está. Fazendo. Aqui? — pronunciei cada palavra destacadamente.

Podia sentir a raiva fervendo dentro de mim, e não tentei abrandá-la. Dabria tinha pedido por isso.

— Estou em apuros, Nora. — O lábio dela tremeu.

— Eu não poderia ter dito isso melhor. — Atirei o envelope com as fotos, que caiu aos pés dela. — Como você se sente sabendo que é uma ladra de namorado? Isso faz você se sentir bem, Dabria? Tomar o que não lhe pertence? Ou você gosta mesmo é de destruir coisas boas?

Dabria se abaixou para pegar o envelope, mas manteve os olhos nos meus o tempo todo. Franziu o cenho com uma incerteza comedida. Não podia acreditar que ela tinha a audácia de agir como se não soubesse de nada.

— A picape de Patch — falei, furiosa. — Você e ele, algumas noites atrás nesta semana, juntos na picape dele. Você o *beijou*!

Ela desviou o olhar por tempo suficiente apenas para dar uma olhada dentro do envelope. Então o colocou sobre uma almofada do sofá.

— Você não entende...

— Ah, acho que entendo sim. Você não é tão difícil assim de decifrar. Você não tem nenhum senso de respeito ou dignidade. Toma o que quer, não pensa em ninguém. Queria

Patch, e parece que conseguiu.

Minha voz falhou e meus olhos ardiam. Tentei controlar as lágrimas, mas elas vinham muito rápido.

— Estou em apuros porque cometi um erro enquanto fazia um favor para Patch — disse Dabria em uma voz suave e preocupada, claramente alheia a minhas acusações. — Patch me contou que Blakely está produzindo artes do mal para Dante, e que o laboratório precisa ser destruído. Disse que, se algum dia eu descobrisse informações que pudessem levá-lo a Blakely, ou ao laboratório, eu deveria imediatamente contar para ele.

"Algumas noites atrás, bem tarde, um grupo de nefilins me procurou, querendo que eu visse o futuro deles. Rapidamente descobri que trabalhavam como guarda-costas no exército do Mão Negra. Até aquela noite, eles tinham servido como seguranças para um nefilim muito poderoso e importante chamado Blakely. Com isso, eles ganharam minha atenção. Me contaram que seu trabalho era tedioso e monótono, e as horas, longas. Mais cedo naquela noite, eles tinham combinado de jogar pôquer para passar o tempo, muito embora jogos ou distrações de qualquer tipo fossem proibidos.

"Um dos homens deixou seu posto para comprar um baralho. Eles jogaram por apenas alguns minutos quando foram descobertos pelo comandante. Ele imediatamente os despediu e os dispensou desonrosamente do exército. O líder dos soldados demitidos, Hanoth, estava desesperado para conseguir o emprego de volta. Tinha família aqui e se preocupava com o sustento e a segurança deles, se fossem punidos ou banidos pelos crimes que cometera. Ele me procurou, esperando que eu pudesse lhe dizer se havia uma chance de ele conseguir o emprego de volta.

"Primeiro vi a sorte dele. Senti um impulso grande de dizer a verdade a Hanoth: que seu antigo comandante tinha mandado que ele fosse preso e torturado, e que ele deveria deixar a cidade com sua família imediatamente. Mas também sabia que, se fizesse isso, colocaria a perder a chance de encontrar Blakely. Então menti. Menti por Patch.

"Disse a Hanoth que ele deveria tratar de seu problema direto com Blakely. Falei que, se ele implorasse por clemência, Blakely o perdoaria. Sabia que, se Hanoth acreditasse em minha profecia, ele me levaria a Blakely. Queria fazer isso por Patch. Depois de tudo o que ele fez por mim, me dando uma segunda chance quando ninguém mais daria. — Seus olhos cheios de lágrimas piscaram em minha direção. — Era o mínimo que eu podia fazer. Eu o amo — declarou simplesmente, encontrando meu olhar duro, sem hesitar. — Sempre vou amar. Ele foi meu primeiro amor, e nunca vou esquecê-lo. Mas ele a ama agora. — Ela deu um suspiro desanimado. — Talvez chegue um dia em que vocês dois não estejam mais tão envolvidos, e eu estarei esperando.

— Não conte com isso — rebati. — Continue falando. Chegue à parte em que você me explica essas fotos.

Dei uma olhada no envelope no sofá. Parecia ocupar um espaço muito grande da sala. Queria rasgar as fotos e jogar os pedacinhos na lareira.

— Hanoth parecia ter acreditado na minha mentira. Saiu com os homens dele, e eu os segui. Tomei todo tipo de cuidado para não ser notada. Eles estavam em maior número e, se me pegassem, eu sabia que estaria em grande perigo. Deixaram Coldwater, indo para noroeste. Eu os segui por mais de uma hora. Achei que devia estar chegando perto de Blakely. Estávamos nos afastando da cidade e já bem dentro do campo. Os nefilins pegaram uma estrada estreita, e eu os segui.

"Logo soube que havia algo errado. Eles pararam no meio da estrada. Quatro dos cinco desceram do carro. Senti que eles se espalharam a minha volta, pelos lados e por trás, criando uma rede na escuridão para me cercar. Não sei como perceberam que eu os seguira. Dirigi o tempo todo com os faróis desligados e fiquei tão para trás que quase os perdi de vista várias vezes. Temi que fosse tarde demais, mas fiz a única coisa que podia. Corri a pé em direção ao rio.

"Liguei para Patch e deixei uma mensagem, contando tudo para ele. Então nadei a favor da corrente do rio, esperando que a turbulência da água atrapalhasse a habilidade deles de me ouvir e me sentir. Eles se aproximaram várias vezes. Tive de sair do rio e correr pelo bosque. Não sabia dizer em que direção estava correndo. Mas, mesmo se eu conseguisse chegar a uma cidade, não estaria segura. Se alguém testemunhasse Hanoth e seus homens me atacando, os nefilins iriam simplesmente apagar a memória da pessoa. Então, corri o mais rápido e para o mais longe que pude.

"Quando Patch finalmente me ligou de volta, eu estava escondida em uma serraria abandonada. Não sabia por mais quanto tempo poderia ter continuado a correr. Não muito. — Lágrimas brilhavam nos olhos dela. — Ele foi me ajudar. E me tirou de lá. Mesmo eu não tendo conseguido encontrar Blakely. — Ela ajeitou o cabelo atrás das orelhas e fungou. — Ele me levou de carro para Portland e arrumou um lugar seguro para eu ficar. Antes de sair da picape dele, eu o beijei. — Os olhos dela encontraram os meus. Não sabia dizer se eles brilhavam em desafio ou pedindo desculpa. — Fui eu que comecei, e ele logo se afastou. Sei o que parece ao olhar as fotos, mas foi minha maneira de agradecer. Tinha acabado antes mesmo de começar. Ele deixou isso bem claro.

Dabria fez um movimento brusco de repente, como se tivesse sido puxada por uma mão invisível. Seus olhos reviraram, deixando as partes brancas à mostra, depois voltaram ao azul ártico de costume.

— Se não acredita em mim, pergunte a Patch. Ele vai chegar em menos de um minuto.

CAPÍTULO 26

NUNCA acreditei que Dabria tivesse mesmo o dom da presciência — pelo menos não depois de ter caído —, mas, recentemente, ela vinha sendo bem-sucedida em me convencer a mudar de opinião. Menos de um minuto depois, a porta da garagem de Patch se abriu com um zumbido baixo e ele surgiu no alto da escada. Parecia exausto — com linhas de cansaço marcando o rosto e o olhar embotado —, e ver Dabria e eu em confronto direto na sala de estar não melhorou seu ânimo.

Ele nos fitou com seus olhos escuros e observadores.

— Isso não me parece nada bom.

— Eu começo — disse Dabria, respirando fundo, irritada.

— Nem se atreva — rebati. Encarei Patch, deixando Dabria de fora da conversa. — Ela beijou você! E o Dante, que tem seguido você, a propósito, tirou fotos de tudo. Imagine minha surpresa quando dei de cara com isso mais cedo esta noite. Você por acaso chegou a pensar em me contar?

— Falei para ela que *eu* dei o beijo, e que você me afastou — protestou Dabria, a voz estridente.

— O que é que você ainda está fazendo aqui? — explodi com Dabria. — Isso é entre mim e Patch. Quer fazer o favor de ir embora logo?

— O que *você* está fazendo aqui? — Patch reiterou para Dabria, o tom mais duro.

— Eu... invadi — disparou ela. — Estava assustada. Não conseguia dormir. Não consigo parar de pensar em Hanoth e nos outros nefilins.

— Você *só pode* estar brincando — falei.

Olhei para Patch em busca de apoio, esperando que ele não fosse cair naquela farsa de "donzela em perigo". Dabria tinha ido ali naquela noite em busca de um tipo de conforto bem particular, e eu não aceitava isso. Nem um pouco.

— Volte para o esconderijo — Patch lhe ordenou. — Se ficasse lá, estaria segura. — Apesar do cansaço, as palavras dele foram ásperas. — Essa é a última vez que vou falar para você ficar escondida e se manter longe de encrencas.

— Por quanto tempo? — Dabria praticamente choramingou. — Fico muito sozinha lá. Todos os outros naquela casa são humanos. Eles me olham de um jeito estranho. — Então o encarou com ar suplicante. — Posso ajudá-lo. Dessa vez não vou cometer nenhum erro. Se me deixar ficar aqui...

— Vá logo — ordenou Patch rispidamente. — Você já arrumou bastante problema. Com Nora e com os nefilins que seguiu. Não dá para termos certeza de que conclusões eles

tiraram, mas uma coisa é garantida: sabem que você está atrás de Blakely. E, se têm algum cérebro, também perceberam que você sabe por que Blakely é vital para a operação deles e o que ele anda fazendo no laboratório secreto, seja lá onde for. Não vou me surpreender se tiverem transferido toda a operação para outro lugar. E aí voltamos à estaca zero, nem um pouco mais perto de encontrar Blakely e acabar com as artes do mal — acrescentou, frustrado.

— Só estava tentando ajudar — sussurrou Dabria, os lábios tremendo.

Com um último olhar para Patch, que parecia o de uma cachorrinha que levou bronca, ela saiu.

Então ficamos sozinhos. Patch atravessou a sala sem hesitar, muito embora eu soubesse que minha fisionomia não era nada receptiva. Apoiou a testa na minha e fechou os olhos. Expirou, longa e demoradamente, como se estivesse sob o peso de uma força invisível.

— Sinto muito — disse ele em voz baixa, sinceramente arrependido.

As palavras amargas "Sente muito pelo beijo ou só por eu ter visto as fotos?" estavam na ponta da minha língua, prontas para sair, mas eu as segurei. Estava cansada de também arrastar por aí meu próprio peso invisível — carregado de dúvida e ciúmes.

De tão intensa, a tristeza de Patch era quase tangível. Por mais que eu não gostasse de Dabria e não confiasse nela, não podia culpá-lo por salvá-la. Ele era melhor do que pensava. Eu suspeitava de que, tempos atrás, um Patch bem diferente teria reagido à situação de outra forma. Ele estava dando uma segunda chance a Dabria — algo pelo qual ele também lutava diariamente.

— Sinto muito também — murmurei no peito de Patch. Ele me envolveu com seus braços fortes. — Vi as fotos e nunca fiquei tão transtornada ou assustada. Pensar em perder você foi... inimaginável. Fiquei com tanta raiva dela! Ainda estou. Ela beijou você, e sabia que não devia. E tenho certeza de que vai tentar de novo.

— Ela não vai, porque vou deixar bem claro como devem ser as coisas entre nós a partir de agora. Dabria passou dos limites, e vou fazer com que ela pense duas vezes da próxima vez — disse Patch, decidido. Ele ergueu meu queixo e me beijou, deixando os lábios se demorarem nos meus. — Não esperava encontrar você em casa, mas, agora que está aqui, não tenho a menor intenção de deixá-la sair.

Uma onda quente e dolorosa de culpa se abateu sobre mim. Não podia ficar perto de Patch sem sentir minhas mentiras pairando entre nós. Eu tinha mentido para ele sobre as artes do mal. Ainda estava mentindo. Como pude fazer isso? Sentia o desprezo por mim mesma ferver em meu peito, com vergonha e repulsa. Queria confessar tudo, mas por onde começar? Eu tinha sido negligente demais, deixando as mentiras saírem de controle.

Abri a boca para lhe contar a verdade, mas tive a impressão de que mãos geladas deslizavam por meu pescoço e começavam a apertá-lo. Eu não conseguia falar. Mal podia respirar. Minha garganta se encheu de uma substância espessa, como da primeira vez que eu havia tomado as artes do mal. Uma voz estranha entrou em minha mente e tentou me persuadir.

Se eu contasse a Patch, ele nunca mais confiaria em mim. Nunca iria me perdoar. Eu só iria fazê-lo sofrer ainda mais se falasse. Precisava apenas esperar o Cheshvan passar, e então pararia de tomar a bebida azul. Só mais um pouco. Só mais algumas mentiras.

As mãos frias relaxaram. Inspirei o ar com dificuldade.

— Noite difícil? — perguntei a Patch na intenção de continuar a conversa, qualquer coisa a fim de esquecer minhas mentiras.

Ele suspirou.

— E nem um pouco mais perto de descobrir alguma informação sobre o chantageador de Pepper. Fico achando que só pode ser uma das pessoas que já investiguei, mas talvez esteja errado. Talvez seja outro. Alguém em quem eu não tenha pensado. Segui todas as pistas, até as que não pareciam muito prováveis. Pelo que descobri, todos que eu investiguei estão limpos.

— Existe alguma chance de Pepper ter inventado isso? Talvez ele não esteja sendo chantageado.

Era a primeira vez que eu pensava nisso. O tempo todo, tinha acreditado na história de Pepper, embora ele tivesse se provado tudo menos confiável.

Patch franziu o cenho.

— É possível, mas acho que não. Por que ele se daria o trabalho de inventar uma história tão elaborada?

— Porque precisa de uma desculpa para acorrentá-lo no inferno — sugeri baixinho, só então concluindo isso. — E se os arcanjos o encarregaram da tarefa? Ele falou que está aqui na Terra a mando deles, em uma missão. Não acreditei a princípio, mas e se for verdade? E se os arcanjos lhe deram a tarefa de acorrentar você no inferno? Não é segredo que é isso o que eles querem.

— Oficialmente, precisariam de um motivo para me acorrentar no inferno. — Patch passou a mão no queixo, pensativo. — A não ser que já tenham ido tão longe que não se importem mais em cumprir as leis. Acho mesmo que existem algumas maçãs podres no cesto, mas não acredito que todos os arcanjos tenham se corrompido.

— Se Pepper estiver encarregado de uma missão para uma pequena facção de arcanjos, e os outros descobrirem ou desconfiarem de que há algo errado, quem o recrutou tem a desculpa perfeita: pode dizer que ele foi desonesto. Arrancariam as asas de Pepper antes que ele pudesse testemunhar e se livrariam do problema. Não me parece tão absurdo. Na verdade, parece o crime perfeito.

Patch ficou me olhando. A plausibilidade da minha teoria pareceu cair sobre nós como uma neblina fria.

— Você acha que um grupo de arcanjos mentirosos encarregou Pepper da missão de se livrar de mim para sempre — disse ele por fim, lentamente.

— Você conhecia Pepper antes de cair? Como ele era?

Patch balançou a cabeça.

— Conhecia, mas não muito bem. O mais certo é dizer que eu já tinha ouvido falar dele. Ele tinha fama de ser um liberal ferrenho, pouco rígido principalmente com as questões sociais. Não fico surpreso que tenha se deixado levar por apostas e jogatina, mas, se lembro bem, ele esteve envolvido em meu julgamento. Deve ter votado a favor de que eu fosse banido, o que é estranho, já que isso não bate com sua reputação.

— Acha que podemos fazer Pepper se voltar contra os arcanjos? A vida dupla pode ser parte do disfarce... mas, por outro lado, ele parece estar gostando um pouco demais dessa estada aqui embaixo. Se o pressionarmos direito, talvez ele fale. E se ele confessar que uma facção secreta de arcanjos o enviou aqui para acorrentar você no inferno, pelo menos vamos saber com o que estamos lidando.

Os lábios de Patch se comprimiram em um sorriso perigoso.

— Acho que está na hora de falar com Pepper.

Fiz que sim, concordando.

— Está certo. Mas dessa vez você vai ficar de fora. Não quero que chegue perto de Pepper de jeito nenhum. Por enquanto, temos de presumir que ele faria qualquer coisa para acorrentá-lo no inferno.

Patch franziu as sobrancelhas.

— O que você está propondo, Anjo?

— Vou me encontrar com Pepper. E Scott vai comigo. Nem pense em discutir — falei logo, antes que ele pudesse vetar a ideia. — Você tem levado Dabria como reforço em mais ocasiões do que eu gostaria. E sempre jura para mim que é uma manobra tática e nada mais. Bem, agora é minha vez. Vou levar Scott, e está decidido. Pelo que sei, Pepper não tem nenhum bilhete só de ida para o inferno com o nome do Scott.

A boca de Patch se estreitou e seus olhos escureceram, eu podia praticamente sentir a objeção irradiando dele. Patch não gostava nada de Scott, mas sabia que não poderia insistir, ou estaria sendo hipócrita.

— Você vai precisar de um plano perfeito — disse ele, por fim. — Não vou deixar que saia da minha vista se houver alguma chance de as coisas darem errado.

Sempre havia uma chance de tudo dar errado. Se eu tinha aprendido algo durante meu tempo com Patch era isso. Patch também aprendeu, e pensei se o argumento não seria parte de seu plano para me impedir de ir. De repente, me senti como a Cinderela, que ia perder o baile por causa de um detalhe técnico.

— Scott é mais forte do que você pensa — argumentei. — Ele vai cuidar para que nada me aconteça. Vou deixar claro que ele não pode contar a ninguém que você e eu ainda estamos juntos.

Os olhos de Patch pareciam ferver.

— E eu vou deixar claro que, se acontecer alguma coisa com um fio de cabelo seu, ele vai se ver comigo. Se ele tiver algum juízo, vai levar minhas palavras a sério.

Sorri, meio tensa.

— Então está decidido. Agora só precisamos de um plano.



A noite seguinte era um sábado. Depois de dizer à minha mãe que ia dormir na casa da Vee e que passaria o fim de semana lá, fui com Scott até a Bolsa do Diabo. Não estávamos interessados em música ou bebidas, mas, sim, no porão. Já tinha ouvido boatos sobre aquele lugar, um paraíso florescente de jogos de azar, mas nunca entrara lá de verdade. Pelo que eu ouvia por aí, Pepper não podia dizer o mesmo. Patch tinha nos dado uma lista com os lugares que Pepper frequentava, e eu esperava que Scott e eu tivéssemos sorte na primeira tentativa.

Segui Scott até o bar, tentando parecer sofisticada e confiante. Ele mascava um chiclete, e, pelo que eu podia ver, estava relaxado e seguro como sempre. Eu, por outro lado, suava tanto que achei que precisasse de outro banho.

Eu tinha passado prancha no meu cabelo para ficar com um visual mais maduro. Acrescente a isso delineador líquido, batom, salto de dez centímetros e uma bolsa chique que peguei emprestada com Marcie, e eu parecia cinco anos mais velha. Não achava que Scott, com seu físico desenvolvido e intimidador, fosse ter alguma dificuldade para entrar. Ele usava pequenas argolas prateadas nas orelhas e, embora o cabelo castanho estivesse cortado bem curto, conseguia parecer ao mesmo tempo durão e bonito. Scott e eu éramos apenas amigos, mas eu via claramente o que tinha chamado a atenção de Vee. Dei o braço a ele, fingindo ser sua namorada, quando ele chamou o barman para conversar.

— Estamos procurando pelo Storky — Scott disse ao homem, chegando perto para manter a voz baixa.

O barman, que eu nunca tinha visto, virou para nós com um ar de quem não se deixa enganar. Olhei nos olhos dele, tentando me manter impassível. *Não pareça nervosa*, disse a mim mesma. *E o que quer que faça, não deixe transparecer que você tem algo a esconder.*

— Quem está procurando? — perguntou ele, por fim, rispidamente.

— Ouvimos falar que hoje é dia de apostas altas — disse Scott, mostrando um bolo de notas de cem bem-arrumadas dentro da carteira.

O barman deu de ombros e voltou a limpar o balcão.

— Não sei do que está falando.

Scott colocou uma das notas no bar, cobrindo-a com a mão. Então a deslizou para perto do barman.

— Que pena. Tem certeza de que a gente não pode convencê-lo a pensar melhor?

O barman deu uma olhada na nota de cem dólares.

— Já vi você por aí?

— Toco baixo na Serpentine. Também já joguei pôquer de Portland a Concord e Boston, e em todos os lugares entre um canto e outro.

O barman assentiu, como se o reconhecesse.

— É isso. Eu trabalhava à noite no Z Pool Hall em Springvale.

— Tenho boas lembranças de lá — disse Scott sem pestanejar. — Ganhei muito dinheiro. Perdi ainda mais. — Ele riu, como se compartilhasse uma piada com o barman.

Depois de olhar em volta para ter certeza de que não estava sendo vigiado, o barman deslizou a mão para perto da de Scott e pegou a nota.

— Preciso revistá-lo primeiro — disse ele. — Não é permitido levar armas lá para baixo.

— Sem problemas — respondeu Scott tranquilamente.

Comecei a suar ainda mais. Patch tinha nos avisado que procurariam por armas, facas e qualquer outro objeto afiado que pudesse ser usado para ferir alguém. Então tivemos de ser criativos. O cinto que prendia a calça de Scott, e estava escondido sob a blusa, era na verdade um chicote encantado com as artes do mal. Scott jurou de todas as formas que não estava ingerindo artes do mal e que nunca tinha ouvido falar da superbebida, mas achei que a gente podia usar o chicote encantado que ele pegara do carro de Dante, por um capricho. O chicote brilhava com aquele denunciador tom iridescente de azul, mas, desde que o barman não levantasse a blusa de Scott, estaríamos seguros.

O barman nos chamou, e então Scott e eu demos a volta no bar, fomos para trás de um biombo e levantamos os braços. Eu fui primeiro, e passei por uma revista rápida e superficial. Em seguida, o barman revistou Scott, passando a mão pela parte interna das pernas da calça dele, embaixo dos braços e nas costas. A iluminação era fraca ali atrás, mas, apesar da blusa grossa de algodão de Scott, achei ter visto um brilho fraco do chicote através dela. O barman também pareceu ter visto. Ele franziu o cenho e estendeu a mão em direção à camisa de Scott.

Derrubei minha bolsa aos pés dele. Várias notas de cem dólares se espalharam. E, então, a atenção do barman se voltou para o dinheiro.

— Opa — falei, com um sorriso de flerte nos lábios enquanto guardava as notas. — Esse dinheiro está querendo fugir. Pronto para jogar, gato?

Gato?, ecoou Scott em meus pensamentos. *Que maravilha!* Ele sorriu e se inclinou para me beijar, com força, na boca. Fiquei tão surpresa que congelei.

Relaxe, falou ele na minha mente. *Estamos quase lá.*

Assenti de maneira imperceptível.

— Você vai ganhar muito dinheiro esta noite, amor, eu sinto isso — falei com voz melodiosa.

O barman abriu uma grande porta de aço e, pegando a mão de Scott, desci atrás dele por uma escadaria nada convidativa, que cheirava a mofo e a água parada. No final, seguimos por um corredor com várias curvas, até sairmos em um espaço aberto, decorado com escassas mesas de pôquer. Um pote de conserva transformado em lustre pendia sobre cada

mesa, irradiando uma luz mínima. Nada de música, bebida, nem qualquer recepção calorosa e cordial.

Uma mesa estava sendo usada — quatro jogadores — e logo vi Pepper. Ele estava de costas e não se virou quando nos aproximamos. Não era de estranhar. Nenhum dos outros jogadores nos olhou também. Estavam todos concentrados nas cartas que tinham nas mãos. No meio da mesa, havia pilhas bem-arrumadas de fichas de pôquer. Não fazia ideia de quanto dinheiro estava em jogo, mas apostava que aqueles que perdessem iriam sentir profundamente.

— Estamos procurando Pepper Friberg — anunciou Scott.

Ele manteve o tom despreocupado, mas a maneira como seus músculos saltaram quando cruzou os braços passavam uma mensagem diferente.

— Lamento, meu bem, mas já estou comprometido para todas as danças desta noite — rebateu Pepper cinicamente, concentrado na mão que tinha recebido.

Observei-o com atenção, pensando que ele estava envolvido demais no jogo para aquilo ser só um disfarce. Na verdade, estava tão absorto que aparentemente não tinha se dado conta de que era eu ao lado de Scott.

Scott pegou uma cadeira de uma mesa próxima e colocou-a ao lado de Pepper.

— Bom, eu não danço muito bem mesmo. Seria melhor que você dançasse com... Nora Grey.

Então Pepper reagiu. Pousou as cartas viradas para baixo, girando o corpo atarracado para me ver com os próprios olhos.

— Oi, Pepper. Já faz algum tempo — falei. — Na última vez em que nos vimos, você tentou me sequestrar, não é mesmo?

— Sequestro é crime federal para nós, habitantes da Terra — disse Scott, antes que Pepper pudesse responder. — E algo me diz que também não é visto com bons olhos no céu.

— Fale baixo — rosnou Pepper, olhando assustado para os outros jogadores.

Ergui as sobrancelhas e falei com ele através dos pensamentos. *Você não contou aos seus amigos humanos o que realmente é? Se bem que não acredito que eles ficariam muito felizes em saber que seu talento no pôquer tem muito mais a ver com compulsão da mente do que sorte ou habilidade.*

— Vamos cuidar disso lá fora — Pepper falou comigo, saindo do jogo.

— Vamos lá — disse Scott, levando-o pelo cotovelo.

No beco atrás da Bolsa do Diabo, eu falei primeiro.

— Vamos simplificar as coisas para você, Pepper. Por mais divertido que tenha sido você tentar me usar para chegar a Patch, para mim, chega. Pelo que entendi, a única maneira de acabar com isso é descobrindo quem realmente está chantageando você — falei, testando-o.

Queria lhe contar minha teoria de que ele estava bancando o garoto de recados para um grupo secreto de arcanjos e precisava de uma desculpa razoavelmente decente para mandar

Patch para o inferno. Mas achei melhor não arriscar, então decidi me controlar e ver como ele reagiria.

Pepper estreitou os olhos, parecendo contrariado, mas também cético.

— Do que se trata?

— É aí que queremos chegar — respondeu Scott. — Estamos interessados em encontrar seu chantageador.

Pepper apertou ainda mais os olhos em direção a Scott.

— Quem é você?

— Pense em mim como a bomba-relógio embaixo do seu assento. Se não aceitar os termos de Nora, vou decidir isso por você. — Scott começou a enrolar as mangas da camisa.

— Está me ameaçando? — perguntou Pepper, incrédulo.

— Eis os meus termos — falei. — Vamos encontrar o chantageador e entregá-lo a você. O que queremos em troca é simples. Jure deixar Patch em paz. — Coloquei o cabo de uma faca na mão gorda de Pepper. — Um pouco de sangue e algumas palavras sinceras devem bastar.

Se eu conseguisse fazê-lo jurar, ele teria de voltar com o rabo entre as pernas até os arcanjos e confessar seu fracasso. Se ele se recusasse, isso só confirmaria minha teoria.

— Arcanjos não fazem juramentos de sangue — zombou Pepper.

Estou chegando perto, pensei.

— Mas atiram anjos caídos de quem não gostam no inferno? — perguntou Scott.

Pepper nos olhou como se fôssemos loucos.

— Do que vocês estão falando?

— Como se sente sendo um joguete dos arcanjos? — perguntei.

— O que eles ofereceram em troca? — indagou Scott.

— Os arcanjos não estão por aqui — falei. — Você não tem ninguém para ajudá-lo. Quer mesmo enfrentar Patch sozinho? — *Vamos lá, Pepper*, pensei. *Me diga o que eu quero ouvir. Que essa história inventada de chantagem é uma desculpa para se livrar de Patch a mando de um grupo de arcanjos desonestos.*

Pepper parecia cada vez mais espantado, e aproveitei-me de seu silêncio para atacar.

— Você vai fazer esse juramento agora mesmo, Pepper.

Scott e eu nos aproximamos ainda mais dele.

— Nada de juramento! — chiou Pepper. — Mas vou deixar Patch em paz, eu prometo!

— Se eu pudesse acreditar que você vai manter sua palavra — rebati. — O problema é que não acho que você seja um cara muito honesto. Na verdade, para mim toda essa história de chantagem é uma farsa.

Os olhos de Pepper se arregalaram quando ele entendeu. E parecia não conseguir acreditar, o rosto vermelho.

— Deixe-me ver se entendi. Vocês pensam que estou atrás de Patch porque acho que ele está me chantageando? — perguntou ele, por fim.

— É — respondeu Scott. — Isso mesmo.

— É por isso que ele se recusa a se encontrar comigo? Porque acha que quero acorrentá-lo no inferno? Eu não estava ameaçando Patch! — gritou Pepper, o rosto redondo ficando ainda mais vermelho. — Queria prestar um serviço a ele! É o que venho tentando dizer o tempo todo!

Scott e eu falamos ao mesmo tempo:

— Um serviço!

Trocamos rapidamente um olhar incrédulo.

— Você está falando a verdade? — perguntei a Pepper. — Tem realmente um serviço para Patch, e isso é tudo?

— É, sim, é só um serviço — resmungou Pepper. — O que você achou? Caramba, que confusão! Nada aconteceu como deveria.

— Qual é o serviço? — perguntei.

— Como se eu fosse lhe contar! Se você tivesse me ajudado a falar com Patch a tempo, eu não estaria nessa enrascada. Isso é tudo culpa sua. Minha oferta é para Patch, e só vou dizer a ele!

— Deixe-me ver se entendi direito — falei. — Não acha que Patch está chantageando você?

— Por que eu acharia isso se já sei quem está me chantageando? — rebateu ele, exasperado.

— Você sabe quem é o chantageador? — repetiu Scott.

Pepper me olhou com indignação.

— Tire esse nefilim da minha frente. Se eu sei quem anda me chantageando? — indagou impacientemente. — Claro! Vou me encontrar com ele esta noite. E você nunca adivinharia quem é.

— Quem? — perguntei.

— Há! Seria ótimo se eu pudesse lhe contar, não seria? O problema é que essa pessoa me fez jurar que não revelaria sua identidade. Não precisa nem tentar me fazer dizer alguma coisa. Meus lábios estão selados. Ele ficou de ligar para dizer o local do encontro vinte minutos antes do horário em que devo estar lá. Se eu não resolver essa bagunça logo, os arcanjos vão descobrir — acrescentou ele, torcendo as mãos.

Notei nele uma rápida mudança de comportamento: seu tom era de medo quando mencionou os outros arcanjos.

Tentei não me abalar. Aquele não era o movimento que eu esperava dele. Me perguntei se não seria uma tática para nos despistar ou nos atrair para uma armadilha. Mas o suor que pingava da testa dele e seu olhar desesperado pareciam verdadeiros. Ele queria acabar com aquilo tanto quanto nós.

— Meu chantageador quer que eu encante objetos usando os poderes celestes que todos os arcanjos possuem. — Pepper limpou a testa rosada com um lenço. — É por isso que está me chantageando.

— Que objetos? — perguntei.

Pepper balançou a cabeça.

— Ele vai levá-los para o encontro. Disse que se eu os encantar de acordo com as instruções dele, vai me deixar em paz. Ele não entende. Mesmo que eu encante os objetos, os poderes celestes só podem ser usados para o bem. Não importa que planos malignos ele tenha em mente, não vão dar certo.

— Mas você está pensando mesmo em fazer o que pediram? — perguntei, de forma reprovadora.

— Preciso que ele me deixe em paz! Os arcanjos não podem saber o que tenho feito. Serei banido. Vão arrancar minhas asas e será o fim. Vou ficar preso aqui para sempre.

— Precisamos de um plano — disse Scott. — Vinte minutos entre a ligação e o encontro não nos dão muita margem de manobra.

— Quando seu chantageador ligar, aceite se encontrar com ele — orientei Pepper. — Se ele lhe disser para ir sozinho, confirme. Pareça o mais obediente e disposto a cooperar possível, sem exagerar.

— E então o quê? — perguntou Pepper, movimentando os ombros e os braços como se quisesse arejar as axilas.

Tentei não ficar olhando. Nunca poderia imaginar que o primeiro arcanjo que eu viria a conhecer seria tão medroso e covarde. Completamente diferente dos arcanjos dos meus sonhos — poderosos, implacáveis, oniscientes e, talvez o mais importante, de comportamento exemplar.

Fixei meu olhar no de Pepper.

— E então Scott e eu iremos no seu lugar, pegaremos o chantageador e o entregaremos a você.

CAPÍTULO 27

— O QUÊ? Vocês não podem fazer isso! — disparou Pepper veementemente. — Ele não vai gostar e vai se recusar a resolver qualquer coisa comigo. Pior, pode ir direto até os arcanjos!

— Seu chantageador não vai resolver mais nada com você. De agora em diante, vai lidar diretamente conosco — falei. — Scott e eu vamos pegar os objetos que ele quer que sejam encantados, e podemos precisar de sua ajuda para avaliá-los. Se souber dizer para que acha que os usaria, a informação poderá ser valiosa.

— E como vou saber se posso confiar em vocês? — disse Pepper, protestando com voz aguda.

— Você ainda tem a chance de fazer um juramento de sangue... — Deixei que ele refletisse sobre a ideia. — Faço um juramento sobre minhas intenções, e você jura ficar longe de Patch. A menos, é claro, que ainda se ache bom demais para um juramento.

— Isso é terrível — disse Pepper, puxando a gola como se o sufocasse. — Que coisa enrolada...

— Scott e eu teremos uma equipe à espera no local. Nada vai dar errado — reassegurei a Pepper, então acrescentei uma rápida instrução para Scott em pensamento: *Mantenha-o calmo enquanto ligo para Patch, tudo bem?*

Caminhei até o fim do beco antes de fazer a ligação. Folhas secas passavam farfalhando pelos meus pés, e fechei mais o casaco na tentativa de me aquecer. Entre todas as noites possíveis para sair, eu tinha de escolher a mais fria. A geada cortava minha pele e fazia meu nariz escorrer.

— Sou eu. Estamos com Pepper.

Ouvi Patch suspirar aliviado.

— Não acho que a vida dupla seja uma farsa — prossegui. — Ele tem mesmo um problema com apostas. Também não acho que esteja em uma missão dos arcanjos para acorrentá-lo no inferno. A princípio, ele podia estar aqui em uma missão, mas acabou deixando isso de lado para se entregar aos prazeres da vida humana. Agora a novidade: ele sabe que não é você quem o está chantageando. Esse tempo todo, Pepper estava tentando lhe propor um serviço.

— Que serviço?

— Ele não disse. Acho que desistiu. Tem problemas maiores com que se preocupar no momento. Ele tem um encontro marcado com o chantageador esta noite. — Não falei o restante, mas não deixei de pensar a respeito daquilo: eu tinha tanta certeza de que Dabria estava por trás daquilo, que podia apostar minha própria vida. — Ainda não sabemos o local

e a hora em que vai acontecer o encontro. Quando o chantageador ligar para Pepper, teremos vinte minutos para agir. Vamos precisar ser rápidos.

— Acha que é uma armadilha?

— Acho que Pepper é um covarde e está feliz por irmos no lugar dele.

— Estou pronto — disse Patch severamente. — Assim que souber para onde estamos indo, encontro vocês lá. Me faça só mais um favor, Anjo.

— Pode falar.

— Quero você sã e salva quando isto tudo acabar.



O chantageador ligou cerca de dez minutos antes da meia-noite. Pepper não podia ter dado respostas melhores nem se tivesse ensaiado.

— Sim, eu vou sozinho. Sim, vou encantar os objetos. Sim, consigo chegar ao cemitério em vinte minutos.

No instante em que desligou, falei.

— Que cemitério? O de Coldwater?

Ele assentiu.

— No mausoléu. Devo esperar lá dentro por outras instruções.

Virei-me para Scott.

— Só há um mausoléu no cemitério da cidade. Fica perto do túmulo de meu pai. Nem nós poderíamos ter escolhido um lugar melhor. Há árvores e lápides por toda parte, e vai estar escuro. O chantageador não vai conseguir ver que é você no mausoléu, e não Pepper, até ser tarde demais.

Scott colocou o agasalho que vinha carregando a noite toda e puxou o capuz para cobrir a cabeça.

— Sou bem mais alto do que Pepper — disse ele, duvidando.

— Ande encurvado. Seu casaco é largo o suficiente para que ele não note a diferença a distância. — Olhei para Pepper. — Me dê o número de seu telefone. Deixe a linha desocupada. Vou ligar para você assim que pegarmos seu chantageador.

— Estou com um mau pressentimento — disse Pepper, limpando a palma das mãos na calça.

Scott levantou a beirada do agasalho para mostrar a Pepper seu cinto singular, que irradiava um brilho azul sobrenatural.

— Não vamos despreparados.

Pepper comprimiu os lábios, mas antes deixou escapar um gemido de reprovação.

— Artes do mal. Os arcanjos nunca podem saber que estive envolvido nisso.

— Assim que Scott imobilizar seu chantageador, Patch e eu entramos. Mais simples impossível — expliquei a Pepper.

— Como pode saber se ele também não vai levar reforços? — perguntou ele, em tom de desafio.

Uma imagem de Dabria passou pela minha mente. Ela só tinha um amigo, e isso eu dizia já sendo gentil. Que pena que esse amigo iria ajudar a derrubá-la esta noite. Mal podia esperar para ver o olhar no rosto dela quando Patch atirasse um objeto afiado e, com sorte, enferrujado, em suas cicatrizes de asas.

— Se vamos mesmo fazer isso, precisamos ir — disse Scott, dando uma olhada no relógio. — Contagem regressiva de quinze minutos.

Agarrei a manga de Pepper antes que ele pudesse escapar.

— Não se esqueça da sua parte no acordo, Pepper. Quando pegarmos seu chantageador, você vai ficar longe de Patch.

Ele fez que sim seriamente.

— Deixarei Patch em paz. Você tem minha palavra. — Não gostei do brilho travesso que reluziu por um momento em seus olhos. — Mas não posso evitar que ele venha me procurar — acrescentou ele enigmaticamente.

CAPÍTULO 28

SCOTT dirigiu o Barracuda pela cidade comigo a seu lado. O som do rádio estava baixo, tocando Radiohead. Eu via sua fisionomia séria e compenetrada aparecer e sumir à medida que ultrapassávamos os cones formados pela luz dos postes na rua. Ele dirigia com as duas mãos no volante, uma de cada lado.

— Nervoso? — perguntei.

— Não me insulte, Grey. — Ele sorriu, mas não foi um sorriso relaxado.

— Então. O que há entre você e Vee? — perguntei, tentando afastar nossos pensamentos do que estava por vir.

Não havia necessidade de pensar demais ou de ficar imaginando os piores cenário possíveis. Éramos Patch, Scott e eu contra Dabria. O embate não duraria mais do que alguns segundos.

— Não me venha com esse papo de mulherzinha.

— É uma pergunta válida.

Scott aumentou um pouco o volume do rádio.

— Não sou do tipo que beija e sai por aí contando.

— Então vocês *se beijaram*! — Ergui as sobrancelhas. — Mais alguma coisa que eu deva saber?

Ele quase sorriu.

— Absolutamente nada.

Na curva seguinte avistamos o cemitério, e ele falou, sinalizando com a cabeça naquela direção:

— Onde quer que eu estacione?

— Aqui. Vamos fazer o restante do caminho a pé.

Scott assentiu.

— Várias árvores. É fácil arrumar um lugar para se esconder. Você vai estar no estacionamento de cima? — perguntou ele.

— Assim tenho uma visão panorâmica. Patch vai ficar no portão sul. Não vamos perder você de vista.

— *Você* não vai.

Não fiz nenhum comentário sobre a rivalidade entre Patch e Scott. Patch tinha por Scott a mesma consideração que teria por uma cobra que podia esmagar com os pés, mas se tinha dito que estaria lá, era porque faria isso mesmo.

Saímos do Barracuda. Scott puxou o capuz para cobrir o rosto e curvou os ombros.

— Como estou?

— É o irmão gêmeo perdido de Pepper. Lembre-se: no minuto em que o chantageador entrar no mausoléu, algeme-o com o chicote. Vou esperar sua ligação.

Scott me cumprimentou batendo o punho dele no meu — para desejar boa sorte, imaginei —, então saiu a passos firmes em direção aos portões do cemitério. Vi quando ele os atravessou tranquilamente e desapareceu na escuridão.

Liguei para Patch. Depois de vários toques, a ligação caiu na caixa postal. Impacientemente, deixei uma mensagem.

— Scott já entrou. Estou seguindo para o meu posto. Ligue para mim assim que receber a mensagem. Preciso saber se você está a postos.

Desliguei, tremendo com as rajadas de vento gelado que agitavam os galhos desfolhados pelo outono e produziam um farfalhar sombrio. Escondi as mãos embaixo dos braços para aquecê-las. Algo não parecia certo. Patch não costumava ignorar ligações, principalmente as minhas, em situações de urgência. Queria falar desse imprevisto com Scott, mas ele já não estava mais à vista. Se eu fosse atrás dele, poderia colocar em risco a operação. Então subi depressa até o estacionamento, que ficava em uma colina diante do cemitério.

Uma vez em posição, lá no alto, olhei para as fileiras tortas de lápides que se erguiam do gramado tão escuro que parecia preto. Anjos de pedra com asas lascadas pareciam flutuar um pouco acima do chão. As nuvens tampavam a lua e duas das cinco lâmpadas do estacionamento estavam apagadas. Lá embaixo, o mausoléu branco irradiava uma luminescência fraca e fantasmagórica.

Scott!, gritei em pensamento usando toda a minha energia mental. A única resposta foi o assobio do vento nas colinas, e presumi que ele estivesse fora de alcance. Não sabia o limite de distância em que eu podia me comunicar por pensamento, mas tudo indicava que Scott estava longe demais.

Um muro de pedra cercava o estacionamento e me agachei atrás dele, os olhos cravados no mausoléu. Um cachorro preto, grande e magro, pulou de repente por cima do muro e quase me fez cair para trás de susto. O animal esquálido virou a cabeça estreita e fixou os olhos ferozes em mim. Caminhou junto ao muro, parou para rosnar para mim, marcando território, e deu um salto, saindo do meu campo de visão. *Graças a Deus.*

Eu tinha uma visão mais apurada do que quando era humana, mas estava a uma distância do mausoléu que não me permitia identificar os detalhes como gostaria. A porta parecia estar fechada, mas isso fazia sentido. Scott devia ter fechado ao entrar.

Estava ansiosa esperando que Scott saísse arrastando Dabria, presa e indefesa. Os minutos se passavam. Mexi os quadris, tentando mudar o ponto de apoio e fazer o sangue circular em minhas pernas. Dei uma olhada no celular. Nenhuma ligação perdida. Só podia presumir que Patch estava cumprindo o plano e patrulhava o portão na parte sul do cemitério.

Um pensamento horrível me ocorreu. E se Dabria percebesse o disfarce de Scott? E se suspeitasse de que ele trouxera reforços? Senti meu estômago embrulhar. E se ela tivesse ligado para Pepper propondo um novo lugar para o encontro depois que Scott e eu saímos da Bolsa do Diabo? De um jeito ou de outro, Pepper poderia ter me ligado. Tínhamos trocado números de telefone.

Estava ocupada com esses pensamentos perturbadores quando o cão negro voltou, rosnando para mim de maneira assustadora, o som vindo da sombra do muro. Ele abaixou as orelhas e arqueou as costas ameaçadoramente.

— Xô! — falei, fazendo um gesto com a mão, tentando espantá-lo.

Dessa vez, ele arreganhou os dentes brancos e afiados, arrastando a pata na terra, feroz. Eu ia me afastar beirando o muro, até uma distância segura, quando...

Um fio quente chegou por trás de mim e se enrolou em minha garganta, impedindo-me de respirar. Agarrei-o, sentindo-o apertar cada vez mais. Eu tinha caído de costas, sacudindo as pernas. Pela visão periférica, notei uma estranha luz azul emanando do fio, que parecia queimar minha pele como se tivesse sido mergulhado em ácido. Bolhas surgiam nos meus dedos quando eles encostavam no fio, era uma tortura tocá-lo.

Meu agressor puxava o fio com mais força. Pontos de luz espocavam em meu campo de visão. *Uma emboscada.*

O cachorro preto continuava a latir e a saltar em círculos, furioso, mas a imagem começava a sumir rapidamente. Eu estava perdendo a consciência. Reuni todo o restante da minha energia e me concentrei no cachorro, incitando-o com o pensamento. *Vamos, morda! Morda quem está me atacando!*

Estava fraca demais para tentar um truque da mente em meu agressor, ele ia sentir que eu vasculhava desajeitadamente seus pensamentos. Embora eu nunca tivesse tentado fazer um truque da mente em um animal, o cachorro era menor que um nefilim ou um anjo caído, e, se era possível instigá-los a fazer algo, me parecia razoável que um animal um pouco menor exigisse menos esforço...

Ataque!, ordenei novamente ao cachorro em pensamento, sentindo minha mente deslizar para um túnel escuro e letárgico.

Para minha surpresa e espanto, o cachorro avançou depressa e cravou os dentes na perna do meu agressor. Ouvi o barulho agudo dos dentes encontrando o osso e o som gutural de uma voz masculina berrando um palavrão. A familiaridade da voz me assustou. Eu *conhecia* aquela voz. Eu *confiava* naquela voz.

Impelida pela traição e pela raiva, tomei uma atitude. A mordida do cachorro fora distração suficiente para o agressor afrouxar a pressão em meu pescoço. Segurei o fio com as duas mãos, ignorando a ardência da queimadura, até conseguir arrancá-lo do pescoço e atirá-lo para o lado. O fio em forma de serpente caiu no cascalho e eu o reconheci no mesmo instante.

O chicote de Scott.

CAPÍTULO 29

MAS não era Scott quem estava me atacando.

Engasgada e ofegante enquanto o ar voltava aos pulmões, vi Dante se mover para me atacar e imediatamente me virei e golpeei-lhe a barriga com o pé. Ele foi lançado para trás e caiu no chão, surpreso.

Seu olhar no mesmo instante endureceu. O meu também. Parti para cima dele, prendendo-o no chão com meu peso, e, sem piedade, bati sua cabeça diversas vezes no chão. Não o bastante para fazê-lo desmaiar. Queria que ele ficasse atordoado, mas que ainda fosse capaz de falar. Eu tinha várias perguntas e queria as respostas *imediatamente*.

Traga o chicote, ordenei ao cachorro, transmitindo mentalmente uma imagem do objeto, para que entendesse a ordem.

O cão correu, obediente, até onde eu estava trazendo o chicote entre os dentes, e, ao que parecia, imune aos efeitos das artes do mal. Seria possível que aquele protótipo não pudesse feri-lo? De qualquer forma, eu mal podia acreditar. Conseguia *falar por pensamento* com os animais. Ou pelo menos com aquele.

Virei Dante de bruços e usei o chicote para algemá-lo. Ele gemeu em protesto.

Fiquei de pé e chutei as costelas dele para despertá-lo.

— É melhor que as primeiras palavras que saiam da sua boca sejam uma explicação — falei.

Com uma bochecha apertada contra o cascalho, os lábios dele se curvaram em um sorriso provocador.

— Não sabia que era você — disse ele, com tom inocente, debochando de mim.

Agachei-me e olhei bem em seus olhos.

— Se não quiser falar comigo, vou entregá-lo a Patch. Nós dois sabemos que isso seria bem mais desagradável.

— Patch. — Dante deu uma risada. — Ligue para ele. Vá em frente. Veja se ele atende.

Um medo congelante se agitou em meu peito.

— O que quer dizer com isso?

— Solte minhas mãos e talvez eu conte, com riqueza de detalhes, o que fiz com ele.

Dei-lhe um tapa na cara com tanta força que minha mão doeu.

— Onde está Patch? — perguntei de novo, tentando evitar que o pânico tomasse conta da minha voz; isso só serviria para divertir Dante.

— Quer saber o que fiz com Patch... ou com Patch *e* Scott?

Perdi o chão. Tinha sido uma emboscada. Dante tirara Patch e Scott de cena, e depois fora atrás de mim. Mas *por quê*?

Eu mesma montei o quebra-cabeças.

— Você está chantageando Pepper Friberg. É isso o que veio fazer aqui no cemitério, não é? Nem precisa responder. É a única explicação que faz sentido.

E eu achava que fosse Dabria. Se não tivesse ficado tão focada nisso, poderia ter enxergado melhor a situação, estaria aberta a outras hipóteses, talvez tivesse percebido os sinais de alerta...

Dante deu um suspiro longo e evasivo.

— Vou falar depois que você soltar minhas mãos. Nessa ordem.

Estava tão consumida pela raiva que fiquei surpresa ao sentir as lágrimas arderem em meus olhos. Tinha confiado em Dante. Tinha deixado que ele me treinasse e me aconselhasse. Tinha construído um relacionamento com ele. Passara a vê-lo como um dos meus aliados no mundo nefilim. Sem sua orientação, não teria alcançado nem a metade do que alcancei.

— Por que fez isso? Por que chantageou Pepper? *Por quê?* — gritei, enquanto Dante piscava para mim em um silêncio convencido.

Eu sequer tinha vontade de chutá-lo de novo. Mal conseguia ficar de pé, de tão devastada por aquela traição horrível e doída. Apoiei-me no muro de pedra, respirando fundo para manter a cabeça no lugar. Meus joelhos bambearam. Senti um nó na garganta.

— Solte minhas mãos, Nora. Eu não ia machucar você, não de verdade. Precisava acalmá-la, só isso. Queria conversar e explicar o que estou fazendo e por quê. — Ele falava com confiança e tranquilidade, mas eu não ia cair em sua armadilha.

— Patch e Scott estão machucados? — perguntei.

Patch não sentia dor, mas isso não queria dizer que Dante não pudesse usar algum novo protótipo para lhe fazer mal.

— Não. Prendi os dois da mesma forma que você me prendeu. Estão irritados como eu jamais vi, mas não correm perigo imediato. As artes do mal não fazem bem a eles, mas podem resistir por mais algum tempo sem efeitos colaterais.

— Então você tem três minutos exatos para responder às minhas perguntas antes que eu vá atrás deles. Se não responder satisfatoriamente a todas elas, vou chamar os coiotes. Eles têm causado um grande transtorno por aqui, devorando gatos e cachorrinhos de estimação, principalmente com o inverno chegando e a comida escassa. Mas tenho certeza de que você assiste aos jornais.

Dante bufou.

— Do que você está falando?

— Posso falar com os animais em pensamento, Dante. Por isso o cachorro atacou exatamente quando precisei. Tenho certeza de que os coiotes não vão se importar de fazer um lanchinho. Não posso matar você, mas posso fazer com que se arrependa de ter mexido

comigo. Primeira pergunta: Por que está chantageando Pepper Friberg? Nefilins não se metem com arcanjos.

Dante se encolheu de dor ao tentar se virar de costas.

— Pode soltar o chicote para termos uma conversa civilizada?

— Você atirou as boas maneiras pela janela no minuto em que tentou me estrangular.

— Preciso de bem mais do que três minutos para lhe contar o que está acontecendo — rebateu Dante, sem parecer nem um pouco preocupado com minha resposta ameaçadora.

Achei, então, que era hora de mostrar que eu estava falando a sério.

Comida, falei para o cachorro preto, que tinha ficado por perto e observava o desenrolar dos acontecimentos com interesse. Seu pelo não estava mais eriçado e pude ver que ele estava magro e faminto — e se eu precisasse de mais alguma evidência de sua fome, o caminhar ansioso e o constante lamber de lábios seriam suficientes. Para esclarecer minha ordem enviei mentalmente uma imagem de Dante, depois recuei, cedendo o direito sobre a presa. O cachorro trotou a passos largos e cravou os dentes na parte de trás do braço dele.

Dante xingou e tentou se soltar.

— Não podia deixar que Pepper estragasse meus planos! — despejou, finalmente. — Chame o cachorro!

— Que planos?

Dante se contorceu, encolhendo o ombro para se defender do animal.

— Pepper foi enviado à Terra pelos arcanjos para conduzir uma investigação completa sobre mim e Blakely.

Pensei no que ele me disse, depois assenti.

— Porque os arcanjos suspeitam de que as artes do mal não desapareceram com o Hank e de que vocês ainda as utilizam, mas querem ter certeza antes de tomar uma atitude. Faz sentido. Continue falando.

— Então eu precisava de algo para distrair Pepper, certo? Tire seu cachorro de cima de mim!

— Ainda não me contou por que está chantageando ele.

Dante se contorceu mais uma vez para tentar fugir das mordidas do meu mais novo cachorro preferido.

— Pode mandar esse bicho me largar?

— Quanto mais rápido você falar, mais cedo eu darei ao meu novo melhor amigo aqui alguma outra coisa para petiscar.

— Os anjos caídos precisam de Pepper para encantar uma série de objetos usando os poderes celestes. Eles sabem sobre as artes do mal, e sabem que Blakely e eu as controlamos, então querem explorar os poderes celestes. Querem ter certeza de que os nefilins não terão nenhuma chance de vencer a guerra. *Eles* estão chantageando Pepper.

O.k. Isso também parecia plausível. Só havia mais uma coisa que não fazia sentido.

— Como você está metido nisso?

— Trabalho para os anjos caídos — disse ele, tão baixo que eu podia jurar que tinha ouvido errado.

Então me aproximei.

— Pode repetir isso?

— Sou um vendido, está bem? Os nefilins não vão vencer esta guerra — acrescentou de maneira defensiva. — De qualquer ângulo que você veja as coisas, no final os anjos caídos vão sair disso tudo por cima. E não só porque pretendem usar os poderes celestes. Os arcanjos são solidários aos anjos caídos. Os antigos laços prevalecem. Mas conosco é diferente. Os arcanjos consideram nossa raça uma abominação, sempre foi assim. Querem que a gente desapareça e, se for preciso ficar temporariamente ao lado dos anjos caídos para conseguirem isso, é o que vão fazer. Somente aqueles de nós que se aliaram aos anjos caídos desde o início terão alguma chance.

Eu o encarei, incapaz de digerir suas palavras. Dante Matterazzi, dormindo com o inimigo. O mesmo Dante que ficara ao lado do Mão Negra. O mesmo Dante que me treinara de maneira tão dedicada. Eu não conseguia entender.

— E quanto ao nosso exército nefilim? — falei, inflamada de raiva.

— Está condenado. Lá no fundo, você sabe disso. Não resta muito tempo, os anjos caídos vão agir e seremos lançados à guerra. Concordei em entregar a eles as artes do mal. Os anjos caídos terão os poderes celestes *e* do inferno, além do apoio dos arcanjos. A coisa toda não vai levar um dia. Se me ajudar a fazer com que Pepper encante os objetos, vou interceder por você. Vou cuidar para que alguns dos anjos caídos mais influentes saibam que me ajudou e que é leal à causa.

Dei um passo atrás, enxergando Dante com outros olhos. Não sabia mais quem ele era. Para mim, naquele momento, não passava de um completo estranho.

— Eu não... Essa revolução toda... É tudo mentira? — finalmente consegui desabafar.

— É questão de sobrevivência — disse ele. — Fiz isso para me salvar.

— E o restante da raça nefilim? — bradei.

O silêncio de Dante me mostrou o quanto ele estava preocupado com o bem-estar da raça. Um dar de ombros indiferente não teria sido mais significativo. Dante estava naquilo por interesse próprio, fim de papo.

— Eles acreditam em você — falei, uma sensação horrível crescendo em meu peito. — Estão contando com você.

— Estão contando com *você*.

Eu me encolhi. O impacto da responsabilidade que pesava em meus ombros pareceu me esmagar naquele momento. Eu era a líder. Era o rosto daquela campanha. E agora meu assessor mais confiável estava desertando. Se antes o exército se apoiava em pernas frágeis, agora não podia mais confiar em um dos joelhos.

— Não pode fazer isso comigo — falei de maneira ameaçadora. — Vou entregá-lo. Vou contar para todo mundo o que você quer realmente fazer. Não sei tudo sobre a lei dos

nefilins, mas tenho certeza de que eles têm suas diretrizes para tratar traidores e duvido que elas sejam imparciais!

— E quem vai acreditar em você? — argumentou Dante, simplesmente. — Se eu disser que a verdadeira traidora é você, em quem acha que eles vão acreditar?

Ele estava certo. Em quem os nefilins acreditariam? Na jovem e inexperiente impostora, alçada ao poder por seu falecido pai, ou no homem forte, capaz e carismático que tinha não só a aparência, como também as habilidades de um deus romano?

— Tenho fotos — disse Dante. — De você com Patch. De você com Pepper. Até algumas de você parecendo amiga da Dabria. Vou usar isso, Nora. Você é solidária à causa dos anjos caídos. É essa a história que vou contar. E eles vão acabar com você.

— Não pode fazer isso — falei, o ódio ardendo em meu peito.

— Você está entrando em um beco sem saída. Essa é sua última chance de voltar. Venha comigo. Você é mais forte do que pensa. Formaremos uma equipe imbatível. Eu poderia usar você...

Dei uma risada ríspida.

— Ah, já estou cansada de ser usada por você!

Tirei do muro uma pedra grande, para esmagá-la na cabeça dele, deixá-lo inconsciente e pedir a ajuda de Patch para decidir o que fazer em seguida, quando um sorriso cruel e ardiloso transformou as feições morenas de Dante, deixando-o, decididamente, mais parecido com um demônio do que com um mitológico deus romano.

— Que desperdício de talento — murmurou ele, em tom de censura.

Parecia muito senhor de si, principalmente considerando que era *eu* que o mantinha preso, e foi então que uma suspeita terrível começou a se formar em minha mente. O chicote que atava os pulsos dele não formava bolhas em sua pele, como tinha acontecido comigo. Na verdade, fora estar com a cara enfiada no cascalho, ele não parecia desconfortável.

O chicote se soltou, e em um instante Dante estava de pé.

— Acha mesmo que eu deixaria Blakely criar uma arma que pudesse ser usada contra mim? — zombou ele, o lábio superior se curvando sobre os dentes. Então estalou o chicote na minha direção. Um calor abrasador atingiu meu corpo e me lançou para o alto. Caí no chão com força, sem ar. Tonta por causa do impacto, recuei um pouco, tentando focalizar a visão em Dante.

— Talvez seja de seu interesse saber que pretendo assumir seu cargo como comandante do exército nefilim — disse ele, de maneira sarcástica. — Tenho o apoio de toda a raça dos anjos caídos. Planejo levar os nefilins direto para as mãos deles. E os nefilins não vão saber o que eu fiz até ser tarde demais.

A única razão de Dante me contar tudo aquilo era porque achava sinceramente que eu não tinha a menor chance de impedi-lo. Mas eu não ia jogar a toalha nem naquela hora, nem nunca.

— Você jurou a Hank que ia me ajudar a liderar esse exército em busca da liberdade, seu idiota arrogante! Se tentar roubar meu posto, nós dois sofreremos as consequências de quebrar nossos juramentos. Morte, Dante. E isso não é bem um problema insignificante — lembrei a ele cinicamente.

Dante riu de maneira debochada.

— Esse juramento não passou de uma grande e completa mentira. Quando falei aquilo, achei que poderia convencê-la a acreditar em mim. Não que eu precisasse me dar o trabalho. Os protótipos de artes do mal que lhe dei para ganhar sua confiança funcionaram perfeitamente.

Não havia tempo para eu assimilar o peso daquela decepção. O chicote voltou a me açoitar, queimando. Impelida unicamente pelo instinto de sobrevivência, escalei o muro, ouvindo o cachorro atrás de mim latir e atacar, e me joguei do outro lado. A colina escarpada, escorregadia com o orvalho, fez eu rolar e derrapar em direção às lápides lá embaixo.

CAPÍTULO 30

NA base da colina, olhei para o alto, mas não vi. O cachorro preto tinha saltado atrás de mim e me rodeava de um jeito que quase parecia preocupado. Consegui me sentar. Nuvens densas cobriam a lua, e eu tremia violentamente, sentindo na pele o frio cortante. De repente, me dei conta de onde estava e me levantei com um salto, corri pelo labirinto de túmulos em direção ao mausoléu. Para minha surpresa, o cachorro corria à frente, olhando para trás de vez em quando, como se quisesse ter certeza de que eu ainda o seguia.

— Scott! — gritei, abrindo com força a porta do mausoléu e disparando para dentro.

Não havia janelas. Eu não conseguia enxergar. Impaciente, estendi as mãos, tentando sentir o que havia em volta. Tropecei em um pequeno objeto e o ouvi rolar para longe. Fui tateando o chão frio de pedra e achei a lanterna que Scott tinha levado e obviamente deixara cair. Liguei-a.

Ali. No canto. Scott estava deitado de barriga para cima e olhos abertos, mas atordoado. Engatinhei até lá e mexi no chicote de brilho azulado até conseguir desprendê-lo. Scott gemeu de dor.

— Acho que Dante foi embora, mas continue atento — falei. — Tem um cachorro vigiando a porta. Está do nosso lado. Fique aqui até eu voltar. Preciso encontrar Patch.

Scott gemeu de novo, dessa vez xingando Dante.

— Eu não imaginava... — murmurou ele.

Então éramos dois.

Saí em disparada pelo cemitério, que já estava quase na mais completa escuridão. Abri caminho através de uma cerca-viva, criando meu próprio atalho até o estacionamento. Pulei a grade de ferro e corri direto para a picape preta parada e solitária no estacionamento.

Mesmo a vários metros de distância, já via a sinistra luz azulada brilhando através das janelas. Arrombei a porta e tirei Patch de lá, deitando-o no chão. Então comecei o trabalhoso processo de soltar o chicote que enrolava todo o peito dele, prendendo seus braços junto do corpo como um colete torturante. Seus olhos estavam fechados, e da pele emanava um fraco brilho azul. Finalmente consegui arrancar o chicote e jogá-lo para o lado, alheia às queimaduras em meus dedos.

— Patch — falei, sacudindo-o. Meus olhos se encheram de lágrimas e toda aquela emoção me deixou com um nó na garganta. — Acorde, Patch. — Eu o sacudi com mais força. — Você vai ficar bem. Dante foi embora e eu soltei o chicote. Por favor, acorde. — Falei, então, com firmeza: — Você vai ficar bem. Estamos juntos agora. Preciso que abra os olhos. Preciso saber se consegue me ouvir.

O corpo dele parecia febril. Senti o calor através das roupas e abri sua camisa. Fiquei sem ar ao ver as bolhas na pele onde o chicote estivera enrolado. As piores feridas tinham as bordas enroscadas e escurecidas, como papel chamuscado. Um maçarico teria produzido o mesmo estrago.

Eu sabia que ele não sentia nada daquilo, mas *eu* sentia. Trinquei os dentes, odiando Dante profundamente, enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto. Dante tinha cometido um erro enorme e imperdoável. Patch era tudo para mim, e se as artes do mal deixassem nele qualquer dano permanente, eu cuidaria para que Dante se arrependesse daquilo pelo resto da vida, o que, dependendo de mim, não seria muito tempo. Mas minha raiva crescente foi colocada de lado pela forte angústia que sentia por causa de Patch. A tristeza, a culpa e uma preocupação enorme tomaram conta de mim.

— Por favor — sussurrei, a voz falhando. — Por favor, Patch, acorde — implorei, beijando a boca dele e desejando que isso pudesse despertá-lo como em um milagre.

Sacudi a cabeça com força para afastar os pensamentos ruins. Não ia deixar que ganhassem forma. Patch era um anjo caído. Não podia se ferir. Não daquele jeito. Não importava quão poderosas fossem as artes do mal — elas não podiam causar nenhum dano permanente em Patch.

Senti os dedos dele apertarem os meus um pouco antes de sua voz grave vibrar bem fraca em minha mente. Anjo.

Ao ouvir essa única palavra, meu coração saltou de alegria. *Estou aqui! Estou aqui! Amo você, Patch. Amo tanto!*, falei, soluçando. Antes que eu pudesse me conter, colei minha boca à dele de novo. Eu estava montada em seus quadris, os cotovelos apoiados de cada lado de sua cabeça. Não queria machucá-lo ainda mais, mas fui incapaz de me conter e o abracei. Então, inesperadamente, Patch me envolveu em seus braços com tanta força que desabei em cima dele.

— Vou machucar você! — gritei, tentando sair de cima dele. — As artes do mal... Sua pele...

— Você é exatamente o que preciso para me sentir melhor, Anjo — murmurou ele, encontrando minha boca e interrompendo de vez meu protesto.

Seus olhos estavam fechados, linhas de exaustão e estresse contraíam suas feições, e ainda assim ele me beijou de um jeito que conseguiu afastar todas as minhas preocupações. Relaxei e me deixei cair sobre seu corpo comprido e esguio. A mão quente e firme correu por minhas costas, levantando a blusa, enquanto ele me abraçava bem apertado.

— Estava apavorada, com medo do que podia ter acontecido com você — desabafei.

— Eu também estava assustado e pensando a mesma coisa sobre *você*.

— As artes do mal... — comecei.

Patch expirou embaixo de mim e meu corpo afundou com o dele. Sua respiração transmitia alívio e emoção à flor da pele. Seus olhos, profundamente sinceros, encontraram os meus.

— Minha pele pode ser substituída. Mas você não, Anjo. Quando Dante saiu, achei que fosse o fim. Achei que tivesse falhado com você. Nunca na vida rezei tanto.

Pisquei para tentar conter as lágrimas que cintilavam em meus cílios.

— Se ele tivesse tirado você de mim...

Eu estava engasgada demais para concluir o pensamento.

— Dante tentou tirar você de mim, e isso é motivo suficiente para eu querer ele morto. Ele não vai escapar dessa. Eu o perdoei por vários pequenos erros, tentando ser civilizado e compreensivo por causa do papel que você tem como líder do exército do predecessor dele, mas esta noite ele quebrou as velhas regras. Usou as artes do mal em mim. Não lhe devo mais nenhuma gentileza. Na próxima vez que nos encontrarmos, vamos jogar pelas minhas regras.

Apesar do cansaço evidente em cada nó de tensão do corpo de Patch, a determinação em sua voz não tinha nenhuma hesitação ou compaixão.

— Ele está trabalhando para os anjos caídos, Patch. Estão com ele na palma da mão.

Nunca tinha visto Patch parecer tão surpreso quanto naquele momento. Seus olhos negros dilataram enquanto ele tentava absorver a novidade.

— Ele disse isso?

Assenti, séria.

— Falou que não há como os nefilins saírem da guerra por cima. Apesar de todas as palavras convincentes, contraditórias e cheias de esperança que vem pregando para os nefilins... — acrescentei amargamente.

— Dante disse o nome dos anjos caídos envolvidos?

— Não. Ele está nessa para salvar a própria pele, Patch. Falou que quando chegar a hora da verdade os arcanjos ficarão do lado dos anjos caídos. Afinal, o passado que têm em comum vai falar mais alto. É difícil virar as costas para quem tem seu sangue, mesmo que seja um sangue ruim. E tem mais... — Respirei fundo. — A próxima jogada de Dante é roubar meu posto de líder do exército do Mão Negra e levar os nefilins direto para as mãos dos anjos caídos.

Patch estava estarrecido e em silêncio, mas eu podia perceber os pensamentos a mil por trás dos seus olhos negros, que demonstravam certa tensão. Ele sabia, como eu, que se Dante conseguisse me tirar do poder, meu juramento para Hank seria quebrado. E isso representaria para mim apenas uma coisa: morte.

— É Dante também que está chantageando Pepper — falei.

Patch assentiu brevemente.

— Imaginei isso quando caí na emboscada. Como Scott se saiu?

— Ele está no mausoléu, com um cachorro de rua incrivelmente esperto tomando conta dele.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Devo perguntar?

— Acho que o cachorro está disputando sua vaga como meu anjo da guarda. Ele conseguiu espantar Dante e é a única razão de eu ter escapado.

Patch passou o dedo pela minha maçã do rosto.

— Vou ter que agradecer a ele por salvar minha garota.

Apesar das circunstâncias, eu sorri.

— Você vai adorá-lo. Vocês dois têm o mesmo senso de moda.



Duas horas depois, estacionei a picape na garagem de Patch. Ele estava no banco do carona, curvado, abatido, o mesmo tom de azul ainda irradiando de sua pele. Patch abria seu sorriso preguiçoso quando falava, mas eu podia ver que isso exigia esforço. Era só para me deixar tranquila. As artes do mal o tinham enfraquecido, mas ninguém sabia por quanto tempo. Fiquei feliz por Dante ter ido embora naquela hora. Acho que tinha que agradecer ao meu mais novo amigo canino por isso. Se Dante tivesse ficado por ali para acabar o que havia começado, todos teríamos corrido um perigo maior do que acho que poderíamos ter enfrentado, e não sei se escaparíamos. Mais uma vez, era grata àquele cachorro preto. Corajoso e assustadoramente inteligente, e leal ao ponto de até quase se colocar em risco.

Patch e eu tínhamos ficado no cemitério com Scott até ele se recuperar o suficiente para dirigir até em casa. Quanto ao cachorro preto, apesar de várias tentativas de nos livrarmos dele, incluindo tirá-lo a força da traseira da picape de Patch, ele continuou pulando para dentro. Acabamos desistindo, e o levamos conosco. Ia deixá-lo no abrigo de animais *depois* de dormir o bastante para voltar a pensar com clareza.

Por mais que eu quisesse desabar sobre Patch no momento em que entramos em casa, tínhamos trabalho a fazer. Dante ainda estava dois passos a nossa frente. Se descansássemos antes de tentarmos nos defender, seria melhor levantar logo uma bandeira branca e nos rendermos.

Eu andava de um lado para outro na cozinha de Patch, as mãos entrelaçadas na nuca como se, com esse gesto, pudesse extrair da mente o próximo passo brilhante que deveríamos dar. O que Dante estaria pensando naquele momento? Qual seria o próximo passo *dele*? Tinha ameaçado acabar comigo se eu o acusasse de traição, então no mínimo considerava que eu poderia tentar. Isso significava que ele provavelmente estava fazendo uma coisa ou outra: inventando o álibi perfeito ou, o que era mais preocupante, adiantando-se e começando a espalhar a notícia de que *eu* era a traidora. Congelei no momento em que pensei nisso.

— Comece do começo — disse Patch, do sofá. Sua voz estava baixa por causa do cansaço, mas os olhos ardiam de raiva. Colocou um travesseiro sob a cabeça e dirigiu toda a sua atenção a mim. — Conte exatamente o que aconteceu.

— Quando Dante me contou que estava trabalhando para os anjos caídos, ameacei denunciá-lo, mas ele apenas riu, dizendo que ninguém acreditaria em mim.

— Não mesmo — concordou Patch francamente.

Apoiei a cabeça na parede, suspirando frustrada.

— Depois ele me disse que planeja assumir como novo líder. Os nefilins o adoram. E queriam que ele fosse o líder. Vejo isso em seus olhos. Não vai importar quão veementemente eu tente avisá-los. Vão recebê-lo de braços abertos como novo líder. Não vejo solução. Ele nos venceu.

Patch não respondeu imediatamente. Depois disse, em voz baixa:

— Se atacar Dante publicamente, dará aos nefilins uma desculpa para se voltarem contra você, é verdade. A tensão é grande, e eles estão em busca de uma válvula de escape para tanta incerteza. E é por isso que nossa jogada não será denunciar Dante.

— Então o que vamos fazer? — perguntei, virando-me para olhá-lo.

Estava óbvio que Patch tinha uma ideia, mas eu não conseguia imaginar qual era.

— Vamos deixar que Pepper cuide de Dante para nós.

Examinei com cuidado a lógica de Patch.

— E Pepper fará isso porque não pode correr o risco de Dante denunciá-lo aos arcanjos? Mas então por que Pepper já não deu um sumiço em Dante?

— Ele não vai sujar as próprias mãos. Não quer deixar um rastro que leve os arcanjos até ele. — Patch fechou a cara, franzindo as sobrancelhas. — Estou começando a ter uma ideia do que Pepper queria de mim.

— Acha que Pepper esperava que você pudesse fazer Dante desaparecer para ele? Era esse o tal serviço de que ele tanto falava?

Os olhos pretos de Patch olharam bem fundo nos meus.

— Só há um modo de descobrir.

— Eu tenho o número de Pepper. Vou marcar um encontro agora mesmo — falei, com repulsa.

E eu achava que Pepper não pudesse se rebaixar ainda mais. Em vez de cuidar de seus próprios problemas, o covarde tinha tentado jogar o perigo para cima de Patch.

— Você sabe, Anjo, que ele tem algo que pode ser útil para nós — acrescentou Patch, ponderando. — Algo que podemos convencê-lo a roubar do céu, se jogarmos direito. Tenho tentado evitar a guerra, mas talvez esteja na hora de lutar. Vamos acabar com isso. Se derrotar os anjos caídos, seu juramento estará cumprido. — O olhar dele encontrou o meu. — E estaremos livres. Juntos. Nada mais de guerra, nada mais de Cheshvan.

Comecei a me perguntar no que ele estava pensando, quando a resposta óbvia me veio à cabeça. Era inacreditável que eu não tivesse pensado naquilo antes. Pepper tinha mesmo acesso a algo que nos daria poder de barganha com os anjos caídos — e que faria os nefilins acreditarem em mim. Mas, por outro lado, queríamos mesmo seguir por aquele caminho? Era nosso direito colocar toda a população de anjos caídos em tamanho risco?

— Não sei não, Patch...

Ele se levantou e pegou a jaqueta de couro.

— Ligue para Pepper. Vamos nos encontrar com ele agora.



O estacionamento atrás do posto de gasolina estava vazio. O céu estava escuro, assim como as janelas engorduradas da loja. Patch parou a moto e nós descemos. Uma figura pequena e gorducha saiu das sombras com um andar gingado de pato e, depois de olhar ao redor, apreensivo, correu em nossa direção.

Pepper lançou um olhar de superioridade para Patch.

— Está bem acabado, meu amigo. Parece que a vida na Terra não tem sido muito boa para você.

Patch ignorou o insulto.

— Sabemos que é Dante quem chantageia você.

— Sim, sim, Dante. Aquele porco imundo. Diga algo que eu não saiba.

— Quero ouvir sobre o serviço que você quer me propor.

Pepper tamborilou as pontas dos dedos, o olhar astuto fixo nos olhos de Patch.

— Sei que você e sua namorada aqui mataram Hank Millar. Preciso de alguém assim, implacável.

— Tivemos ajuda. Os arcanjos — lembrou-lhe Patch.

— Sou um arcanjo — retrucou Pepper, irritado. — Quero Dante morto, e vou lhe dar as ferramentas para isso.

Patch assentiu.

— Claro. Pelo preço justo.

Pepper piscou, surpreso. Achei que ele não esperava chegar a um acordo tão facilmente. Ele pigarreou.

— O que tem em mente?

Patch olhou para mim, e eu inclinei a cabeça. Estava na hora de tirar o tradicional ás da manga. Com pouco tempo para pensar, Patch e eu decidimos que era uma carta que não podíamos deixar de jogar.

— Queremos acesso às penas de todos os anjos caídos que estão guardadas no céu — anunciei.

O sorriso afetado e pomposo sumiu do rosto de Pepper, e ele deu uma fria e estrondosa gargalhada.

— Vocês ficaram malucos? Não posso lhes dar isso. Seria necessário todo um conselho para liberar aquelas penas. E o que estão planejando fazer? Queimá-las? Mandariam todos

os anjos caídos da Terra para o inferno!

— Você ficaria assim, tão desapontado? — perguntei a ele em tom sério.

— E quem liga para o que eu acho? — resmungou ele. — Existem regras. Procedimentos. Somente os anjos caídos que cometem um crime grave ou alguma violação contra a humanidade são mandados para o inferno.

— Você não tem opção — declarou Patch friamente. — Nós dois sabemos que pode pegar as penas. Sabe onde ficam guardadas e o procedimento para liberá-las. Você tem tudo o que é necessário. Invente um plano e o ponha em prática. É isso ou tentar a sorte contra Dante.

— Uma pena, talvez, mas milhares? Nunca vou conseguir! — protestou Pepper, a voz estridente.

Patch caminhou até ele, e Pepper se encolheu de medo e ergueu os braços para proteger o rosto.

— Olhe em volta — disse Patch com a voz baixa e ameaçadora. — Este não é o lugar que você gostaria de chamar de lar, é? Você será o anjo caído mais novo, e eles farão com que se lembre disso. Você não vai aguentar uma semana de iniciação.

— I-i-iniciação?

O olhar negro de Patch me causou calafrios.

— O-o-o que eu faço? — choramingou Pepper, baixinho. — Não posso passar por uma iniciação. Não posso viver na Terra em tempo integral. Preciso poder voltar para o céu quando quiser.

— Consiga as penas.

— Não p-p-posso fazer isso — disse Pepper aos soluços.

— Você não tem escolha. Vai conseguir as penas e eu vou matar Dante. Você já planejou essa parte?

Pepper assentiu, deprimido:

— Vou lhe trazer uma adaga especial, que vai matar Dante. Se os arcanjos forem atrás de você, e você tentar me dedurar, a adaga o fará cortar a própria língua. Eu a encantei. A arma não o deixará me trair.

— É justo.

— Se levarmos isto adiante, você não poderá entrar em contato comigo. Não enquanto eu estiver no céu. Todo tipo de comunicação fica proibido até que eu termine. Se eu conseguir terminar... — resmungou, arrasado. — Avisarei a vocês quando estiver com as penas.

— Precisamos delas até amanhã — falei para Pepper.

— Amanhã? — protestou ele. — Tem noção do que está pedindo?

— Segunda-feira, no máximo — disse Patch, sem deixar espaço para concessões.

Pepper fez que sim, incomodado.

— Vou pegar todas que conseguir.

— Você precisa esvaziar o estoque — falei para ele. — Esse é o nosso acordo.

Pepper engoliu em seco.

— Todas elas, até não restar nada?

Sim, era a ideia. Se Pepper conseguisse pegar as penas, os nefilins teriam uma chance de vencer toda a guerra com uma única cajadada. Como não podíamos acorrentar pessoalmente os anjos caídos no inferno, deixaríamos que o calcanhar de aquiles deles — suas antigas penas angelicais — fizesse isso por nós. Cada anjo caído poderia fazer sua escolha: liberar seu vassalo nefilim do juramento e fazer uma promessa de paz, ou encontrar um novo lar em um lugar muito mais quente do que Coldwater, no Maine.

Se nosso plano desse certo, não haveria problema se Dante me acusasse de traição. Vencida a guerra, nada mais importaria para os nefilins. E, apesar da falta de confiança que eles tinham em mim, eu *queria* vencer essa guerra por eles. Era a coisa certa a fazer.

Encarei o olhar de Pepper da forma mais dura que pude.

— Todas elas.

CAPÍTULO 31

SCOTT me ligou assim que voltamos à casa de Patch. Já era domingo, pouco depois das três da manhã. Patch fechou a porta da frente quando entramos, e eu coloquei o telefone no viva-voz.

— Acho que temos um problema — disse Scott. — Vários amigos me mandaram mensagens de texto dizendo que Dante vai fazer um pronunciamento público para os nefilins hoje à noite, no Delphic, depois que fechar. Parece que... acabei de receber mais uma. Após o que aconteceu esta madrugada, mais alguém acha isso estranho?

Patch xingou.

Tentei permanecer calma, mas minha visão estava turva.

— Todos estão especulando e há várias teorias — continuou Scott. — Você tem alguma ideia do que se trata? Aquele idiota fingia ser seu namorado e, de repente, esta madrugada, *bum*. E agora isso.

Coloquei a mão na parede em busca de apoio. Minha cabeça girava e os joelhos tremiam. Patch pegou o telefone de minha mão.

— Ela liga para você depois, Scott. Se ouvir mais alguma coisa, avise.

Afundei no sofá de Patch. Coloquei a cabeça entre os joelhos e respirei rápido várias vezes.

— Ele vai me acusar publicamente de traição. Hoje à noite.

— Vai — concordou Patch.

— Vão me mandar para a prisão. Vão me torturar para que eu confesse.

Patch se ajoelhou à minha frente e colocou as mãos nos meus quadris de maneira protetora.

— Olhe para mim, Anjo.

Meu cérebro foi automaticamente acionado.

— Precisamos falar com Pepper. Vamos precisar da adaga mais cedo do que pensávamos. Temos que matar Dante antes do anoitecer. — Um soluço sacudiu meu peito. — E se não conseguirmos a adaga a tempo?

Patch apoiou minha cabeça em seu peito, massageando suavemente minha nuca, tão contraída que parecia que os músculos iam arrebentar.

— Você acha que vou deixar encostarem um único dedo em você? — disse ele com a mesma voz suave.

— Ah, Patch! — Lancei meus braços em volta de seu pescoço, as lágrimas esquentando minha face. — O que vamos fazer?

Patch virou meu rosto para que eu olhasse para ele. Passou os polegares embaixo dos meus olhos, secando as lágrimas.

— Pepper vai conseguir. Ele vai me trazer a adaga e eu vou matar Dante. Você vai pegar as penas e vencer a guerra. E então vou levá-la embora daqui. Para algum lugar onde nunca mais ouviremos as palavras Cheshvan ou guerra.

Parecia que ele queria acreditar naquilo, mas sua voz vacilava um pouco.

— Pepper prometeu nos entregar a adaga e as penas na segunda, à meia-noite. Mas e quanto ao pronunciamento de Dante esta noite? Não podemos detê-lo. Pepper tem que trazer a adaga antes. Precisamos arrumar uma forma de entrar em contato com ele. Temos que arriscar.

Patch ficou em silêncio, passando os dedos pela boca de maneira pensativa. Por fim, disse:

— Pepper não pode resolver o problema desta noite. Vamos ter que fazer isso sozinhos. — Patch ergueu os olhos, inflexíveis e determinados, até os meus. — Você vai convocar uma reunião urgente e obrigatória com os nefilins mais proeminentes. Marque-a para hoje à noite e vai abafar o burburinho causado por Dante. Todos estão esperando que você dê início a uma ofensiva, que nos lance à guerra, e vão achar que é isso mesmo: seu primeiro ato militar. Seu pronunciamento vai suplantar o de Dante. Os nefilins vão comparecer e ele também, por curiosidade.

"Diante de todos, você vai deixar bem claro que sabe da existência de facções a favor de colocar Dante no poder. Então vai lhes dizer que irá pôr fim a todas as dúvidas deles, de uma vez por todas. Convença-os de que quer liderá-los e de que sabe que é capaz de fazer um trabalho melhor do que o de Dante. E então o desafie para um duelo pelo poder.

Encarei Patch, confusa e hesitante.

— Um duelo? Com Dante? Não posso lutar contra ele... Dante vai vencer.

— Se conseguirmos adiar o duelo até Pepper voltar, terá sido só um recurso para manter Dante quieto e nos garantir mais tempo.

— E se não conseguirmos adiar?

Patch me dirigiu um olhar penetrante, mas não respondeu à pergunta.

— Precisamos agir agora. Se Dante descobrir que você também tem algo a dizer, vai adiar os planos dele até saber o que você está tramando. Ele não tem nada a perder. Sabe que se você denunciá-lo publicamente no Delphic tudo o que ele precisará fazer será acusá-la de volta. Confie em mim: quando ele descobrir que será desafiado para um duelo, vai abrir um champanhe. Dante é convencido, Nora. E egocêntrico. Nunca vai passar pela cabeça dele que você possa vencer. Ele vai aceitar o duelo achando que você está entregando a vitória de bandeja. Um pronunciamento público complicado sobre sua traição e um longo julgamento... ou roubar seu poder com um único disparo de pistola? Ele vai se odiar por não ter pensado nisso antes."

Minhas juntas pareciam ter sido substituídas por borracha.

— Se o duelo for mesmo acontecer, vamos lutar com armas?

— Ou espadas. Você escolhe, mas eu sugiro pistolas. Vai ser mais fácil você aprender a atirar do que a lutar com espadas — disse Patch com tranquilidade, obviamente sem notar o desespero em minha voz.

Fiquei com ânsia de vômito.

— Dante vai aceitar o duelo porque sabe que pode me derrotar. Ele é mais forte que eu, Patch. Quem sabe quanto das artes do mal ele já ingeriu? Não vai ser uma luta justa.

Patch pegou minhas mãos trêmulas e beijou suavemente meus dedos, para me tranquilizar.

— Os duelos saíram de moda da cultura humana há centenas de anos, mas ainda são socialmente aceitos entre os nefilins. Aos olhos deles, são a maneira mais rápida e óbvia de resolver um problema. Dante quer ser o líder do exército, e você vai fazer com que ele e todos os outros nefilins acreditem que você também quer muito isso.

— Por que simplesmente não contamos aos nefilins proeminentes sobre as penas na reunião? — Meu coração se encheu de esperança. — Eles não vão ligar para mais nada quando souberem que eu posso assegurar nossa vitória na guerra e a restauração da paz.

— Se Pepper falhar, eles verão isso como uma falha sua. Chegar perto de conseguir não conta em nada. Ou eles vão aclamá-la como salvadora por ter conseguido as penas ou vão crucificá-la por ter fracassado. Até termos certeza de que Pepper foi bem-sucedido, não podemos falar sobre isso.

Passei as mãos pelo cabelo.

— Não vou conseguir.

— Se Dante está trabalhando para os anjos caídos, e se ele conquistar o poder, a raça nefilim estará mais presa do que nunca à obrigação de servir aos anjos caídos. Tenho medo de que eles resolvam usar as artes do mal para fazer com que os nefilins continuem escravizados mesmo depois do Cheshvan.

Balancei a cabeça, desnorteada.

— Há muita coisa em risco. E se eu falhar? — E com certeza eu falharia.

— Há mais que isso, Nora. Seu juramento para Hank.

O medo me dava a sensação de ter blocos de gelo no fundo do meu estômago. Mais uma vez me lembrei de cada palavra que dissera a Hank Millar na noite em que ele me pressionou a assumir as rédeas de seu levante condenado. *Serei a nova comandante de seu exército. Se eu quebrar essa promessa, minha mãe e eu morreremos.* Isso não me deixava muita escolha, não é? Se quisesse ficar na Terra com Patch e preservar a vida da minha mãe, tinha que manter o posto de líder do exército nefilim. Não podia deixar que Dante o tomasse de mim.

— Um duelo é um show raro. Acrescente a isso dois nefilins importantes, como você e Dante, e esse será um evento imperdível — disse Patch. — Torço para que o melhor

aconteça, que a gente consiga adiar o duelo e que Pepper não falhe, mas acho que temos que nos preparar para o pior. O duelo poderá ser sua única saída.

— E qual seria o tamanho da plateia?

O olhar de Patch ao encontrar o meu era calmo e confiante. Mas, por um momento, notei um brilho de compaixão.

— Centenas de nefilins.

Engoli com dificuldade.

— Não vou conseguir.

— Vou treinar você, Anjo. Estarei ao seu lado a cada passo. Você está muito mais forte do que era há duas semanas, e tudo isso depois de poucas horas de exercício com um treinador que só estava fazendo o suficiente para você achar que ele estava empenhado. Dante queria que você achasse que ele a estava treinando, mas duvido que estivesse fazendo muito mais do que exigir um esforço mínimo dos seus músculos. Acho que você não percebe o quanto é poderosa. Se treinar para valer, pode derrotá-lo.

Patch envolveu meu pescoço, juntando nossos rostos. Olhou para mim com tanta fé e confiança que quase dilacerou meu coração. *Você consegue. É uma tarefa que ninguém invejaria, e admiro você ainda mais por tentar fazer isso*, falou ele em minha mente.

— Tem algum outro jeito? — indaguei.

Mas eu tinha passado muito tempo analisando freneticamente as circunstâncias de todos os ângulos possíveis. Considerando as chances remotas de Pepper ter sucesso, combinadas ao juramento que eu tinha feito a Hank e à situação precária de toda a raça nefilim, não havia outro jeito. Eu tinha de seguir com aquele plano.

— Patch, estou com medo — sussurrei.

Ele me puxou para os seus braços. Beijou o alto da minha cabeça e passou a mão por meu cabelo. Não precisei ouvir nenhuma palavra para perceber que ele também estava com medo.

— Não vou deixar que perca esse duelo, Anjo. Não vou deixar que enfrente Dante antes de me certificar de que posso controlar o resultado. O duelo vai parecer justo, mas não será. Dante selou seu destino no momento em que atacou você. Não vou deixá-lo se livrar disso assim, fácil. — As palavras sussurradas ficavam mais duras. — Ele não vai sair dessa vivo.

— Você pode manipular o duelo?

A vingança que ardia no olhar de Patch disse tudo o que eu precisava saber.

— Se alguém descobrir... — comecei.

Patch me beijou, com força, mas com um brilho de satisfação nos olhos.

— Se eu for pego, não poderei mais beijá-la. Acha mesmo que eu arriscaria isso? — O rosto dele ficou sério. — Sei que não posso sentir seu toque, mas sinto seu amor, Nora. Lá no fundo. Isso significa tudo para mim. Eu queria poder sentir você da mesma forma que você me sente, mas tenho seu amor. Nada nunca vai ser mais forte que isso. Algumas

pessoas passam a vida inteira sem experimentar os sentimentos que você despertou em mim. Não posso reclamar.

Meu queixo tremeu.

— Tenho medo de perder você. Tenho medo de falhar e do que irá acontecer conosco. Não quero fazer isso — protestei, mesmo sabendo que não havia nenhum alçapão mágico por onde fugir. Não podia correr, não podia me esconder. O juramento que eu tinha feito a Hank me encontraria, não importa o quanto eu tentasse sumir. Eu *tinha* que continuar no poder. Enquanto o exército existisse, eu precisava levar o plano adiante. Apertei as mãos de Patch. — Prometa que estará comigo o tempo todo. Prometa que não vai me fazer passar por isso sozinha.

Patch ergueu meu queixo.

— Se eu pudesse fazer tudo isso deixar de existir, eu faria. Se pudesse me colocar no seu lugar, não pensaria duas vezes. Mas tem uma coisa que eu posso fazer, que é ficar ao seu lado até o fim. Não vou ceder, Anjo, eu prometo. — Ele passou as mãos pelos meus braços, alheio ao fato de que sua promessa me aqueceu mais do que aquele gesto. E quase me fez chorar. — Vou espalhar por aí que você solicitou uma reunião urgente para esta noite. Mas primeiro vou ligar para Scott e dizer a ele que convoque a reunião. Não vai demorar muito para a notícia correr. Em menos de uma hora Dante vai saber sobre seu pronunciamento.

Meu estômago se revirou de maneira nauseante. Mordi a parte de dentro da bochecha e me forcei a assentir. Era melhor aceitar logo o inevitável. Quanto antes eu encarasse o que estava por vir, mais rápido poderia formular um plano para vencer o medo.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntei.

Patch me observou, franzindo ligeiramente as sobrancelhas. Passou o polegar por meu lábio, depois pela minha bochecha.

— Você está gelada, Anjo. — Ele indicou com a cabeça o corredor da casa. — Acho melhor levá-la para cama. Vou acender a lareira. Você agora precisa se aquecer e descansar. Vou preparar um banho quente também.

De fato, fortes calafrios percorriam meu corpo. Era como se, em um instante, todo o calor tivesse sido arrancado de mim. Achei que ia entrar em choque. Meus dentes batiam e as pontas dos dedos tremiam estranha e involuntariamente.

Patch me pegou no colo e me levou para o quarto. Abriu a porta com o ombro, afastou o edredom e me colocou suavemente na cama.

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou ele. — Um chá? Uma sopa?

Olhando o rosto dele, tão sério e ansioso, fui tomada pela culpa. Percebi naquele momento que Patch faria tudo por mim. A promessa de ficar ao meu lado tinha para ele o valor de um juramento. Ele era parte de mim, e eu era parte dele. Patch faria qualquer coisa — *qualquer coisa* — que fosse necessária para me manter ali, ao seu lado.

Forcei-me a abrir a boca antes que perdesse a coragem.

— Preciso lhe contar uma coisa — falei em um fio de voz.

Não planejava chorar, mas as lágrimas brotaram em meus olhos. Estava morta de vergonha.

— Anjo? — disse Patch, em tom indagador.

Eu tinha dado o primeiro passo, mas então congelei. Ouvia uma voz em minha mente me dizendo que eu não tinha o direito de despejar aquilo em cima de Patch. Não no estado em que ele estava, tão enfraquecido. Se me importava com ele, devia ficar de boca fechada. Sua recuperação era mais importante que tirar do meu peito o peso de algumas mentiras bobas. Comecei a sentir aquelas mãos geladas deslizarem até minha garganta

— Eu... não é nada — corrigi. — Só preciso dormir um pouco. E você precisa ligar para Scott. — Virei o rosto para o travesseiro para que Patch não me visse chorar. As mãos pareciam bem reais, prontas para se fechar em meu pescoço se eu falasse demais, se contasse meu segredo.

— Preciso ligar para ele, é verdade. Mas antes quero que me conte o que está acontecendo — disse Patch, em tom preocupado o bastante para eu perceber que não adiantaria tentar escapar desviando sua atenção.

As mãos geladas envolveram minha garganta. Eu estava muito assustada para falar. Com medo das mãos e do que fariam comigo.

Patch acendeu um abajur ao lado da cama e puxou gentilmente meu ombro, para ver meu rosto, mas eu só me escondi ainda mais.

— Amo você — desabafei.

A vergonha aumentava dentro de mim. Como eu podia dizer aquelas palavras e mentir para ele?

— Eu sei. Assim como sei que está me escondendo alguma coisa. Não é hora de guardar segredos. Chegamos longe demais para agora tomarmos esse caminho — Patch me lembrou.

Fiz que sim, sentindo as lágrimas caírem na fronha. Ele estava certo. Eu sabia, mas isso não tornava mais fácil falar a verdade. E eu não tinha certeza se ia conseguir. Aquelas mãos gélidas, minha garganta se fechando, minha voz...

Patch se deitou ao meu lado e me puxou para junto de si. Senti sua respiração em minha nuca, o calor de sua pele tocando a minha. O joelho dele se encaixava perfeitamente na curva do meu. Ele beijou meu ombro, seu cabelo preto caindo em minha orelha.

Eu... menti... para... você, confessei para ele em pensamento, e foi como se eu tivesse de forçar as palavras através de uma parede de tijolos. Fiquei tensa, esperando que as mãos frias me agarrassem, mas, para minha surpresa, a pressão pareceu afrouxar quando confessei. Senti o toque gelado escapulir, vacilar. Incentivada por esse pequeno passo, segui em frente. *Menti para a pessoa cuja confiança significa mais do que qualquer outra coisa para mim. Menti para você, Patch, e não sei se consigo me perdoar.*

Em vez de exigir uma explicação, Patch continuou a deixar um rastro de beijos serenos e demorados em meu braço. E só depois de beijar a parte de baixo do pulso foi que ele falou.

— Obrigado por me contar — disse baixinho.

Virei-me de barriga para cima e pisquei, surpresa.

— Não quer saber sobre o que eu menti?

— Quero saber o que posso fazer para ajudar você a se sentir melhor. — Ele esfregou meus ombros em círculos carinhosos, para me tranquilizar.

Não ia me sentir melhor até confessar tudo. Não cabia a Patch aliviar o meu fardo — cabia a mim, e a última pontada de culpa me atingiu como uma lâmina de ferro.

— Tenho tomado... a bebida preparada com as artes do mal. — Não tinha pensado que minha vergonha pudesse aumentar, mas ela pareceu triplicar dentro de mim. — Venho bebendo esse tempo todo. Nunca tomei o antídoto que você conseguiu com Blakely. Eu o guardei, dizendo a mim mesma que tomaria mais tarde, depois do Cheshvan, quando não precisasse mais ter poderes sobre-humanos, mas era só uma desculpa. Nunca pretendi tomá-lo. Esse tempo todo venho contando com as artes do mal. Tenho pavor de não ser forte o suficiente sem elas. Sei que preciso parar e sei que é errado. Mas elas me dão habilidades que não tenho sozinha. Fiz um truque da mente para você acreditar que eu tinha tomado o antídoto e... nunca estive mais arrependida em toda a minha vida!

Baixei os olhos, incapaz de suportar a decepção e o desgosto que com certeza surgiriam no rosto de Patch. Já era horrível o bastante saber a verdade, mas me ouvir dizer aquilo tudo em voz alta me atingiu bem no fundo. Quem eu era? Já não me reconhecia mais, e essa era a pior sensação que eu já experimentara. Eu me perdera em algum lugar do caminho. E por mais fácil que fosse culpar as artes do mal, *eu* tinha decidido roubar de Dante a primeira garrafa.

Por fim, Patch falou. Sua voz era tão firme, tão cheia de uma tranquila admiração, que me fez imaginar se o tempo todo ele já não sabia desse segredo.

— Sabia que, na primeira vez que olhei você, o que eu pensei foi: nunca na vida vi nada mais lindo e cativante?

— Por que está me dizendo isso? — perguntei, arrasada.

— Eu vi você, e queria estar perto de você. Queria que deixasse eu me aproximar. Queria conhecer você melhor do que todo mundo. Queria você, por inteiro. E todo esse desejo quase me deixou maluco. — Patch fez uma pausa, inspirando suavemente, como se me absorvesse. — E agora que tenho você, a única coisa que me assusta é voltar a não tê-la. Ter de querer você outra vez, sem nenhuma esperança de que meu desejo seja atendido. Você é minha, Anjo. Cada pedacinho de você. Não vou deixar que nada mude isso.

Eu me apoiei no cotovelo, olhando para ele.

— Não mereço você, Patch. Não me importa o que diga. É a verdade.

— Concordo — disse ele. — Você merece alguém melhor. Mas está presa a mim e é bom se acostumar com isso. — Com um movimento ágil, ele me puxou para junto de si e rolou para cima de mim, os olhos negros bem sedutores. — Só para que não esqueça, não tenho nenhuma intenção de deixar você escapar facilmente. Não vou ligar se outro homem, sua

mãe ou os poderes do inferno tentarem nos separar, não vou facilitar as coisas e não vou dizer adeus.

Pisquei meus cílios molhados e disse:

— Também não vou deixar que nada se coloque entre a gente. Principalmente as artes do mal. Estou com o antídoto na bolsa. Vou tomar agora mesmo. E, Patch? — acrescentei, emocionada. — Obrigada... por tudo. Não sei o que faria sem você.

— Que bom — murmurou ele. — Porque não vou deixar você escapar.

Afundei de volta na cama dele, feliz em obedecer.

CAPÍTULO 32

DE fato, a notícia que eu havia solicitado uma reunião com o comando nefilim se espalhou. Na tarde de domingo, os nefilins estavam agitados com a especulação e a expectativa. Só se falava disso, e a história do pronunciamento de Dante acabou sendo esquecida. Eu havia mesmo roubado a cena, e Dante não protestara. Não havia dúvidas de que Patch estava certo: Dante ia adiar seus planos até ver qual seria minha próxima jogada.

Scott ligava a cada hora para contar as novidades, que geralmente eram as últimas teorias dos nefilins sobre meu primeiro ato efetivo de guerra contra os anjos caídos. Emboscada, destruir as linhas de comunicação, enviar espiões e sequestrar comandantes inimigos, tudo isso fazia parte da esplêndida lista. Como Patch havia previsto, os nefilins rapidamente concluíram que a guerra era o único motivo pelo qual eu convocaria uma reunião. Eu me perguntava se Dante também. Queria acreditar que sim, que Dante se deixara enganar complacentemente, mas a experiência me dizia que ele era esperto o bastante para desconfiar de que havia algo errado — ele sabia que eu estava tramando alguma coisa.

— Novidades — disse Scott pelo telefone. — Os mandachuvas... os todo-poderosos nefilins... aceitaram seu pedido. Escolheram o local e estão receptivos. Como era de se esperar, é uma festa só para convidados. Vinte nefilins no máximo. Nenhum penetra, vários guardas. Todos os participantes serão revistados antes de entrar. A boa notícia é que estou na lista de convidados. Foi preciso um pouco de papo, mas estarei lá com você.

— Então me diga logo o lugar — falei, tentando não parecer nauseada.

— Querem que o encontro seja na antiga casa de Hank Millar.

Minhas costas formigaram. Eu nunca conseguiria esquecer aqueles olhos frios azul-claros que o nome dele trazia a minha mente.

Afastei esse fantasma e procurei focar. Uma casa em estilo colonial georgiano, em um bairro elegante? Não parecia sombrio o bastante para uma reunião secreta de nefilins.

— Por que lá?

— Os superiores acham que isso mostra respeito ao Mão Negra. É uma boa, eu acho. Ele começou toda essa confusão — acrescentou Scott ironicamente.

— Continue falando assim e vão tirar você da lista de convidados.

— A reunião foi marcada para as dez da noite. Deixe o celular por perto, para o caso de eu descobrir mais alguma coisa. Não se esqueça de parecer surpresa quando eles ligarem para dar os detalhes. Não podemos deixar que pensem que está havendo espionagem. Mais uma coisa: sinto muito sobre Dante. Eu me sinto responsável. Eu o apresentei a você. Se pudesse, eu mesmo arrancaria seus membros. Então prenderia um tijolo em cada um e depois os jogaria no mar. Anime-se. Vou lhe dar cobertura.

Desliguei e virei para Patch, que estava encostado na parede e me observava atentamente durante a conversa.

— A reunião é hoje à noite — falei. — Na antiga casa dos Millar.

Não tive forças para concluir o pensamento que invadia minha mente. Uma casa? Revista? Guardas? Como Patch conseguiria entrar? Para meu desânimo, parecia que eu iria sozinha naquela noite.

— Tudo bem — disse Patch tranquilamente. — Estarei lá.

Eu admirava sua confiança, mas não via como ele poderia se infiltrar sem ser notado.

— A casa estará fortemente vigiada. No minuto em que você colocar os pés no quarteirão, eles vão saber. Talvez, se tivessem escolhido um museu ou um tribunal, tivéssemos alguma chance. A casa dos Millar é grande, mas nem tanto. Vão vigiar cada centímetro quadrado.

— O que é exatamente o que planejei. Já pensei nos detalhes. Scott vai me deixar entrar.

— Não vai funcionar. Estarão à caça de espiões e, mesmo que Scott consiga abrir uma janela para você, eles vão prever isso. Não só vão capturá-lo, como saberão que Scott é um traidor...

— Vou possuir o corpo de Scott.

Eu me encolhi. Lentamente, comecei a entender a solução dele. É claro. Estávamos no Cheshvan. Patch não teria dificuldade de assumir o controle do corpo de Scott. E pela perspectiva de alguém de fora, não haveria como notar a diferença entre os dois. Receberiam Patch na reunião sem pestanejar. Era o disfarce perfeito. Só havia um pequeno problema.

— Scott nunca vai concordar com isso.

— Ele já concordou.

Encarei-o de volta, incrédula.

— Concordou?

— Está fazendo isso por você.

Minha garganta de repente se fechou. Não havia nada no mundo que Scott combatesse mais do que a hipótese de ter seu corpo possuído por anjos caídos. Percebi naquele momento o quanto minha amizade devia significar para ele. Para aceitar fazer aquilo — a coisa que ele mais abominava... Eu não sabia nem o que dizer. Só podia sentir uma gratidão imensa e profunda por Scott, e encarar a situação, determinada a não desapontá-lo.

— Esta noite, preciso que você tome cuidado — falei.

— Vou tomar. E não vou me demorar por lá mais do que o necessário. No minuto em que você sair da reunião em segurança e eu já tiver ficado tempo o bastante para descobrir tudo o que preciso saber, Scott terá o corpo dele de volta. Vou cuidar para que nada aconteça a ele.

Abracei Patch com força.

— Obrigada — sussurrei.

Mais tarde naquela noite, faltando uma hora para as dez, deixei a casa de Patch. Saí sozinha dirigindo um carro alugado, a pedido de meus anfitriões nefilins. Eles tinham tomado todos os cuidados necessários e não queriam correr o risco de que eu fosse seguida por nefilins intrometidos ou, pior, por algum anjo caído que pudesse ter sabido da reunião ultrassecreta.

As ruas, cobertas pela neblina, estavam escuras e escorregadias. Os faróis corriam a faixa preta de estrada que seguia por colinas e curvas. Eu tinha ligado o aquecedor no máximo, mas não conseguia acabar com o frio que congelava meus ossos. Não sabia o que esperar daquela noite, e isso tornava difícil fazer algum plano. Eu teria de improvisar de acordo com a situação, o que menos gostava de fazer. Queria entrar na casa dos Millar com algo com que pudesse contar além do instinto, mas isso era tudo o que eu tinha. Por fim, parei em frente à antiga casa de Marcie.

Fiquei sentada no carro por um tempo, olhando as colunas brancas e venezianas pretas. Mal dava para ver o gramado em meio às folhas secas. Galhos amarronzados, que antes eram hortênsias, saíam de dois vasos iguais de terracota que ficavam na varanda, cada um de um lado. Jornais em vários estágios de deterioração sujavam a calçada. A casa estava vazia desde a morte de Hank e não parecia mais tão bonita e elegante quanto eu lembrava. A mãe de Marcie tinha se mudado para um condomínio perto do rio, e Marcie, bem, Marcie tinha levado ao pé da letra a frase *mi casa es su casa*.

Luzes fracas brilhavam por trás das cortinas das janelas e, mesmo que não revelassem silhuetas, eu sabia que vários dos líderes mais influentes e poderosos do mundo nefilim estavam logo atrás da porta da frente, prontos para emitir sua opinião sobre as novidades que eu ia contar. Também sabia que Patch estaria lá, para garantir que eu não corresse nenhum perigo.

Procurei me ater a esse pensamento e, com a respiração irregular, caminhei até a porta da frente.

Bati.

A porta se abriu e fui levada para dentro por uma mulher alta, cujos olhos se prenderam a mim só o suficiente para confirmar minha identidade. O cabelo dela estava preso para trás em uma trança bem firme e não havia nada de extraordinário ou marcante em seu rosto.

— Olá — murmurou de maneira educada, mas reservada, e então, com um gesto firme, indicou que eu devia me dirigir para dentro da casa.

O som dos meus passos ecoava pelo corredor pouco iluminado. Passei por retratos da família Millar, que sorria por trás dos vidros empoeirados. Havia um vaso de lírios mortos na mesa da entrada. A casa toda cheirava a coisas guardadas. Segui a trilha de luzes acesas até a sala de jantar.

Assim que passei pelas portas duplas e envidraçadas, a conversa abafada cessou. Havia seis homens e cinco mulheres sentados dos dois lados de uma mesa de mogno comprida e lustrosa. Alguns outros nefilins estavam de pé em volta da mesa, parecendo inquietos e apreensivos. Quase tive de olhar de novo quando avistei a mãe de Marcie. Sabia que Susanna

Millar era uma nefilim, mas isso sempre pareceu um pensamento intangível perdido no fundo de minha mente. Vê-la ali, naquela noite, convocada para uma reunião secreta de imortais, fez com que de repente ela parecesse... ameaçadora. Marcie não estava ali. Talvez porque não quisesse ter ido, mas a explicação mais razoável é que não tivesse sido convidada. Susanna parecia o tipo de mãe que fazia o possível para manter a vida da filha livre de qualquer complicação, por menor que fosse.

Encontrei o rosto de Scott em meio aos outros. Como sabia que Patch estava possuindo seu corpo, por um momento senti um alívio na dor aguda em meu estômago. Nossos olhares se cruzaram e ele inclinou ligeiramente a cabeça, em um aceno secreto para me encorajar. Uma sensação profunda de confiança e segurança tomou conta de mim. Não estava sozinha. Patch estava ali para me apoiar. Eu devia saber que ele encontraria uma forma de estar ali comigo, não importava a que custo.

E então eu vi Dante, sentado na cabeceira da mesa, com uma blusa de gola rulê de *cashmere* e seu enfadonho cenho franzido. Estava com as mãos postadas na frente da boca e, quando olhou para mim, seus lábios se curvaram sarcasticamente. Ele ergueu as sobrancelhas em um discreto, mas inconfundível gesto de desafio. Eu desviei o olhar.

Voltei minha atenção para a mulher mais velha, usando um vestido roxo elegante e diamantes, sentada no extremo oposto da longa mesa. Lisa Martin. Depois de Hank, era a nefilim mais influente e respeitada que eu havia conhecido. Eu não gostava de Lisa, nem confiava nela — sentimentos que precisaria reprimir pelos próximos minutos, se quisesse levar o plano adiante.

— Estamos muito felizes que tenha solicitado esta reunião, Nora.

A voz dela, calorosa, majestosa e acolhedora, deslizou como mel por meus ouvidos. Meu coração disparado se acalmou. Se eu conseguisse levá-la para o meu lado, seria meio caminho andado.

— Obrigada — consegui dizer, por fim.

Ela indicou um assento vazio a seu lado, convidando-me a sentar.

Caminhei até a cadeira, mas não me sentei. Tinha medo de perder o controle se fizesse isso. Pousei as mãos na mesa procurando apoio, pulei a troca de gentilezas e fui direto ao verdadeiro motivo da minha visita:

— Sei que nem todos aqui nesta sala acham que eu sou a melhor pessoa para liderar o exército de meu pai — declarei com franqueza.

A palavra "pai" parecia bile em minha boca, mas me lembrei da recomendação de Patch de que eu ligasse meu nome ao de Hank de todas as maneiras que conseguisse. Os nefilins o veneravam e, se eu pudesse usar seu endosso, mesmo que forçado, deveria fazê-lo.

Fiz contato visual com todos na mesa e com alguns dos que estavam de pé, atrás. Precisava mostrar a eles que tinha firmeza e coragem, e principalmente que estava insatisfeita com sua falta de apoio.

— Sei que alguns de vocês têm uma lista de homens e mulheres mais preparados para a tarefa. — Fiz outra pausa, dirigindo todo o peso do meu olhar para Dante. Ele não se desviou, mas vi o ódio ferver por trás de seus olhos castanhos. — E sei que Dante Matterazzi está no topo dela.

Um murmúrio correu a sala. Mas ninguém contestou minha afirmação.

— Não chamei vocês aqui esta noite para discutir meu primeiro ato efetivo de guerra contra os anjos caídos. Chamei porque sem um líder forte e aprovado por vocês não haverá guerra. Os anjos caídos vão nos destruir. Precisamos de união e solidariedade — falei, instigando-os com convicção. — Sei que sou a melhor líder, e meu pai também pensava assim. Obviamente ainda não os convenci. E é por isso que, nesta noite, estou desafiando Dante Matterazzi para um duelo. O vencedor vai liderar este exército definitivamente.

Dante ficou de pé em um pulo.

— Mas somos namorados! — A expressão dele era um retrato perfeito de alguém em choque e com o orgulho ferido. — Como pode sugerir duelar comigo? — indagou, a voz carregada de humilhação.

Eu não esperava que ele fosse recorrer ao nosso falso namoro, que se apoiava na base fraca do meu consentimento verbal e nunca fora adiante — um relacionamento que eu tinha esquecido completamente e que agora me incomodava mais do que nunca. Mas isso não me surpreendeu a ponto de me deixar sem fala.

— Estou disposta a vencer qualquer um: é isso o que liderar os nefilins significa para mim. Então venho aqui oficialmente desafiá-lo para um duelo, Dante — falei, tranquila.

Nenhum nefilim se pronunciou. Pude ver a surpresa em seus rostos, rapidamente seguida pela satisfação. Um duelo. O vencedor leva tudo. Patch tinha razão... Os nefilins ainda estavam completamente arraigados a um mundo arcaico, de princípios darwinianos. Ficaram felizes com aquela reviravolta e, pelos olhares de admiração que lançavam a Dante, estava claro como água que nenhum nefilim naquela sala tinha dúvidas de quem seria o vencedor.

Dante tentou manter o rosto impassivo, mas percebi quando ele riu discretamente da minha insensatez e da própria sorte. Eu estava cometendo um erro estúpido, pensou. Tudo bem. Mas seus olhos logo se estreitaram com desconfiança. Aparentemente, ele não ia morder a isca assim tão fácil.

— Não posso fazer isso — disse ele. — Seria traição. — Seus olhos correram a sala, como que para medir se aquelas palavras tinham lhe garantido mais alguma aprovação. — Declarei lealdade a Nora, e não posso pensar em fazer nada que vá contrariar isso.

— Como sua comandante, estou ordenando que duele — rebati, decidida. Eu ainda era a líder daquele exército, droga, e não ia deixar que ele minasse minha resolução com sua fala mansa e seus elogios. — Se você realmente for o melhor líder, eu me retiro. Quero o que for melhor para o meu povo.

Eu tinha ensaiado aquelas palavras uma centena de vezes e, embora estivesse fazendo um discurso que já sabia de cor, dizia tudo com a mais absoluta sinceridade. Pensei em Scott, em Marcie, nos milhares de nefilins que nunca conheci mas com os quais me preocupava, porque sabia que eram homens e mulheres de bem, que não mereciam ser escravizados todo ano pelos anjos caídos. Eles mereciam uma luta justa. E eu daria o melhor de mim para que tivessem isso.

Eu errara antes — errara vergonhosamente. Tinha evitado lutar pelos nefilins por medo dos arcanjos. E, ainda pior, tinha usado a guerra como desculpa para conseguir mais das artes do mal. Todo esse tempo, eu estivera mais preocupada comigo do que com as pessoas que fora encarregada de liderar. Isso acabava ali. Hank tinha me confiado esse papel, mas eu não estava fazendo aquilo por ele. Estava fazendo porque era a coisa certa a fazer.

— Acho que Nora levantou um ponto importante — disse Lisa Martin. — Não há nada menos inspirador do que a liderança passada a um filho. Talvez o Mão Negra estivesse certo sobre ela. — Deu de ombros. — Talvez ele tenha cometido um erro. Vamos resolver esse assunto e decidir de uma vez por todas. Então poderemos ir à guerra contra nossos inimigos, unidos por um grande líder.

Assenti para ela, concordando com suas palavras. Se a tivesse do meu lado, os outros a seguiriam.

— Eu concordo — disse um nefilim do outro lado da sala.

— Eu também.

Mais murmúrios de aprovação se ouviram pelo cômodo.

— Todos a favor levantem a mão — disse Lisa.

Uma a uma, várias mãos se ergueram. Patch me olhou nos olhos, então levantou a dele. Sabia que aquilo era muito difícil para ele, mas não tínhamos alternativas. Se Dante me tirasse do poder, eu morreria. Minha única chance era lutar e fazer o máximo para vencer.

— Temos a maioria — disse Lisa. — O duelo irá acontecer ao nascer do sol de amanhã, segunda-feira. Aviso qual será o local depois, quando for escolhido.

— Dois dias — interrompeu Patch imediatamente, falando com a voz de Scott. — Nora nunca disparou uma pistola. Vai precisar de tempo para treinar.

E também precisava dar tempo a Pepper para voltar do céu com a adaga encantada, o que, se tudo desse certo, tornaria o duelo irrelevante.

Lisa balançou a cabeça.

— Muito tempo. Os anjos caídos podem nos atacar a qualquer hora. Não fazemos ideia de por que têm esperado, mas nossa sorte pode não durar muito.

— E nunca falei nada sobre pistolas — disse Dante, observando Patch e a mim astutamente, como se tentasse adivinhar o que estávamos tramando. Ele avaliou meu rosto, procurando algum sinal de emoção. — Prefiro sabres.

— A escolha cabe a Dante — declarou Lisa. — O duelo não foi ideia dele. Então tem o direito de escolher a arma. Está decidido de que devem ser sabres?

— São mais elegantes — explicou Dante, conquistando total aprovação dos colegas nefilins.

Fiquei paralisada, resistindo ao impulso de mandar a Patch um pedido de ajuda.

— Nora nunca tocou em uma espada na vida — argumentou Patch, de novo falando com a voz de Scott. — Não será uma luta justa se ela não puder treinar. Deem a ela até terça de manhã.

Ninguém apoiou prontamente o pedido de Patch. A indiferença na sala era tão sólida que, se eu estendesse a mão, poderia tocá-la. Meu treinamento era a menor preocupação deles. Na verdade, a atitude impassível de todos dizia que quanto antes Dante estivesse no poder, melhor.

— Você vai assumir a responsabilidade de treiná-la, Scott? — perguntou Lisa a Patch.

— Ao contrário de vocês, não esqueci que ela ainda é nossa líder — respondeu Patch, com frieza na voz.

Lisa inclinou a cabeça para a frente como se dissesse "muito bem".

— Então, está decidido. Daqui a duas manhãs. Até lá, desejo boa sorte aos dois.

Não fiquei por ali. Com o duelo já decidido, e minha parte naquele perigoso plano confirmada, fui embora. Sabia que Patch teria de ficar um pouco mais, para avaliar a reação de todos na sala e talvez ouvir alguma informação vital, mas esperava que ele não demorasse.

Não queria passar aquela noite sozinha.

CAPÍTULO

33

COMO eu sabia que Patch estaria ocupado até que o último nefilim deixasse a antiga residência dos Millar, dirigi até a casa de Vee. Estava usando minha jaqueta jeans com o dispositivo rastreador, então Patch conseguiria me achar se precisasse. Nesse meio tempo, eu precisava tirar uma coisa do meu peito.

Não podia mais fazer aquilo sozinha. Vinha tentando manter Vee a salvo, mas precisava da minha melhor amiga.

Tinha que contar tudo a ela.

Concluindo que a porta da frente não seria o melhor caminho para chegar até Vee àquela hora da noite, andei com cuidado pelo jardim, pulei a cerca de arame e bati na janela do quarto dela.

Um instante depois as cortinas foram abertas e o rosto de Vee apareceu atrás do vidro. Apesar de já ser quase meia-noite, ela ainda não estava de pijama, e levantou a janela alguns centímetros.

— Puxa, você escolheu uma péssima hora para aparecer. Achei que fosse Scott. Ele está vindo para cá.

Quando falei, minha voz soou rouca e trêmula.

— Precisamos conversar.

Vee nem hesitou.

— Vou ligar para Scott e cancelar. — Ela abriu completamente a janela para que eu entrasse. — Conte o que deixou você assim, baby.



Tenho que admitir que Vee me surpreendeu: não gritou, não soluçou histericamente nem saiu correndo do quarto quando terminei de lhe contar os fantásticos segredos que eu tinha guardado nos últimos seis meses. Ela só se encolheu uma vez, quando expliquei que os nefilins eram a prole de humanos e anjos caídos, mas, fora isso, seu rosto não demonstrava nenhum horror ou incredulidade. Fui ouvida atentamente enquanto descrevia as duas raças de imortais inimigas, o papel de Hank Millar naquilo tudo e como ele tinha largado sua herança no meu colo. Ela até conseguiu sorrir um pouco quando revelei as verdadeiras identidades de Patch e Scott.

Quando terminei, minha amiga simplesmente inclinou a cabeça, me observando. Depois de um instante, disse:

— Bem, isso explica *muita coisa*.

Então foi minha vez de ficar sem entender.

— Sério? É só isso que você tem a dizer? Você não está, sei lá... surpresa? Confusa? Perplexa? *Histérica*?

Vee pôs o dedo no queixo, contemplativa.

— Sabia que Patch era muito *hardcore* para ser humano.

Eu já começava a me perguntar se ela por acaso tinha me ouvido dizer que *eu* não era humana.

— E quanto a mim? Você está totalmente à vontade com a ideia de que eu não só sou uma nefilim, como também tenho que liderar todos os outros nefilins lá fora — falei, indicando a janela com o dedo — em uma guerra contra os anjos caídos? *Anjos caídos*, Vee. Como na Bíblia. Malfeitores banidos do céu.

— Na verdade, acho tudo isso muito incrível.

Cocei a sobrancelha.

— Não consigo acreditar que esteja tão calma com relação a tudo isso. Esperava algum tipo de reação. Esperava uma explosão. Com base em experiências passadas, imaginava que você fosse gesticular e soltar uma boa dose de palavrões, no mínimo. Mas parece que estou contando tudo isso a uma parede.

— Baby, assim você me faz parecer uma diva.

— Isso é você quem está dizendo. — Não pude resistir a uma piadinha.

— Só acho muito estranho você ter dito que a maneira mais fácil de identificar um nefilim é pela altura. Você, minha amiga, não é tão alta assim — disse Vee. — Olhe para mim, por exemplo. Eu sou alta.

— Tenho uma altura normal porque Hank...

— Eu entendi. Você já explicou essa parte de ter feito o juramento para se tornar nefilim enquanto era humana, daí esse seu porte mediano, mas, ainda assim, é uma droga, não é? Quer dizer, e se o Voto de Conversão tivesse feito você ficar alta? Tão alta quanto *eu*?

Não sabia aonde Vee queria chegar, mas achava que ela estava fugindo um pouco da pergunta. Aquilo não tinha nada a ver com minha altura. O que eu queria era abrir a mente dela para um mundo imortal que não devia existir — eu tinha acabado de arrebentar a bolhinha segura em que ela vivia.

— Seu corpo cicatriza depressa agora que é uma nefilim? — continuou Vee. — Porque se você não ganhou essa vantagem, então foi passada para trás.

Enrijeci.

— Vee, eu não falei dessa nossa capacidade de cicatrização acelerada.

— Hã, acho que não.

— Como pode saber sobre isso então? — Encarei Vee, tentando me lembrar de cada

palavra de nossa conversa. Com certeza eu não tinha falado nada. Meu cérebro parecia estar em câmera lenta. E então, de repente, entendi tudo rápido demais para digerir. Cobri minha boca com a mão. — Você...

Vee deu um sorrisinho.

— Eu disse que também guardava segredos.

— Mas... Não pode ser... Não é...

— Possível? É, foi o que eu pensei a princípio, também. Achei que estivesse passando por algum tipo bizarro de segunda menstruação. Nessas últimas semanas, tenho andado cansada e com cólica e completamente irritada com o mundo. Então, há uma semana, cortei meu dedo enquanto fatiava uma maçã. Cicatrizou tão rápido que quase achei que tinha imaginado o sangue. E mais coisas estranhas aconteceram depois disso. Na aula de educação física, joguei a bola de vôlei com tanta força que ela acertou a parede do outro lado da quadra. Nos exercícios, não tive dificuldade para levantar os mesmos pesos que os maiores caras da sala. Escondi isso, é claro, porque não queria chamar atenção até entender o que estava acontecendo com meu corpo. Acredite, Nora. Sou cem por cento nefilim. Scott percebeu isso de cara. Ele tem me ensinado as coisas e me ajudado a lidar com a ideia de que, há dezessete anos, minha mãe transou com um anjo caído. Ajuda saber que Scott passou por uma mudança física parecida e por essa descoberta com relação aos pais. Nós dois não acreditamos que você tenha levado tanto tempo para descobrir. — Ela socou de leve meu braço.

Percebi que estava boquiaberta e completamente pasma.

— Você. Você é... realmente uma nefilim.

Como pude não ver isso? Eu devia ter notado em um instante... E teria, se fosse qualquer outro nefilim, ou anjo caído, aliás. Será que por Vee ser minha melhor amiga havia tanto tempo eu não conseguia enxergá-la de nenhum outro jeito?

— O que Scott lhe disse sobre a guerra? — perguntei, por fim.

— É por isso que ele vinha aqui esta noite, para me contar o que está acontecendo. Parece que você é muito importante, Senhorita Abelha Rainha. Líder do exército do Mão Negra? — Vee soltou um assovio elogioso. — Caramba, garota. Não se esqueça de colocar isso no seu currículo.

CAPÍTULO

34

EU estava usando apenas tênis, short e camiseta quando me encontrei com Patch bem cedo na manhã seguinte, em um trecho rochoso à beira-mar. Era segunda-feira, fim do prazo de Pepper. Também era dia de aula. Mas eu não podia me preocupar com nada disso. Treino primeiro, estresse depois.

Tinha enrolado minha mão com ataduras, prevendo que a versão de treinamento de Patch colocaria a de Dante no chinelo. Meu cabelo estava preso em uma trança embutida bem justa e meu estômago estava vazio, exceto por um copo d'água. Eu não tomava a bebida com as artes do mal desde a sexta-feira anterior, e sentia as consequências. Estava com uma enxaqueca do tamanho do Nebrasca e minha visão perdia o foco quando eu mexia a cabeça muito depressa. Uma fome aguda me consumia por dentro. A dor era tão violenta que me deixava meio sem fôlego.

Eu tinha mantido a promessa que fizera a Patch e tomara o antídoto no sábado à noite, logo após confessar meu vício, mas aparentemente a medicação demorava algum tempo para fazer efeito. Provavelmente, não ajudava o fato de eu ter ingerido uma quantidade enorme das artes do mal na última semana.

Patch estava de preto, jeans e uma camisa que realçava seu corpo. Ele apoiou as mãos nos meus ombros, me encarando.

— Pronta?

Apesar do meu péssimo estado de ânimo, sorri e estalei os nós dos dedos.

— Se estou pronta para lutar com meu namorado gato? Ah, eu diria que sim.

A brincadeira suavizou seu olhar.

— Vou tentar controlar onde coloco minhas mãos, mas, no calor do momento, quem sabe o que pode acontecer? — acrescentei.

Patch sorriu.

— Parece promissor...

— Está certo, treinador. Vamos logo com isso.

Assim que acabei de falar, a expressão de Patch se tornou compenetrada e profissional.

— Você não foi treinada na arte da esgrima, e acredito que Dante a tenha praticado mais do que o suficiente nos últimos anos. Ele é da época de Napoleão, e provavelmente já saiu da barriga da mãe brandindo uma espada de couraceiro. Sua melhor chance é tirar logo a espada das mãos dele e partir para o corpo a corpo.

— E como vou fazer isso?

Patch pegou dois galhos próximos a seus pés, que ele havia cortado mais ou menos do tamanho de uma espada comum. Ele me atirou um, e eu o peguei.

— Saque sua espada antes de começar a lutar. Leva mais tempo para você desembainhar uma espada do que para ser atingida.

Fingi pegar minha espada de uma bainha imaginária na cintura e a segurei em posição de combate.

— Mantenha sempre os pés separados, alinhados aos ombros — instruiu Patch, me mostrando os movimentos lenta e tranquilamente. — Você não quer perder o equilíbrio nem tropeçar. Nunca deixe os pés muito juntos e sempre mantenha a lâmina perto do corpo. Quanto mais você se curvar ou se esticar, mais fácil será para Dante acertá-la.

Praticamos a movimentação dos pés e o equilíbrio por vários minutos, o choque abafado de nossas espadas improvisadas ressoando mais alto que a maré.

— Fique atenta aos movimentos de Dante — disse Patch. — Ele logo irá estabelecer um padrão e você vai começar a saber quando ele irá atacar. Quando perceber isso, ataque para se defender.

— Certo. Vou precisar de uma dramatização para entender melhor.

Patch deslizou os pés para a frente rapidamente, batendo a espada dele contra a minha com tanta força que o galho vibrou em minhas mãos. Antes que eu pudesse me recuperar, ele atacou mais uma vez, tirando a espada das minhas mãos e lançando-a pelos ares.

Peguei minha espada, limpei a testa e disse:

— Não sou tão forte. Acho que nunca vou conseguir fazer isso com Dante.

— Você vai, assim que deixá-lo mais vulnerável. O duelo está marcado para o nascer do sol, amanhã. Segundo a tradição, será em uma área aberta, em algum lugar afastado. Você vai encurralar Dante em uma posição em que o sol ofusque os olhos dele. Mesmo que ele tente mudar de lugar, é alto o bastante para encobrir os raios de sol, e isso vai garantir que você enxergue. Use a altura dele a seu favor. Ser mais alto deixará as pernas dele mais expostas. Um golpe forte em qualquer joelho vai desequilibrá-lo. Assim que conseguir desfazer a postura dele, ataque.

Dessa vez, reencenei o movimento que Patch fizera antes e o fiz perder o equilíbrio atingindo sua patela. Logo depois o ataquei com uma rápida sucessão de golpes. Não consegui derrubar sua espada, mas acertei com a ponta do meu galho uma parte desprotegida do seu abdômen. Se eu conseguisse fazer o mesmo com Dante, esse poderia ser o momento da virada no duelo.

— Muito bom — disse Patch. — O duelo todo provavelmente durará menos de trinta segundos. Todo movimento conta. Procure ser prudente e cuidadosa. Não deixe Dante induzi-la a agir de maneira precipitada e cometer um erro. Desviar e se esquivar serão suas maiores defesas, principalmente em um descampado. Você terá bastante espaço para fugir da espada de Dante movendo-se rapidamente para longe dele.

— Dante sabe que é, tipo, um zilhão de vezes melhor do que eu. — Arqueei as sobrancelhas. — Algum sábio conselho para lidar com minha total e completa falta de autoconfiança?

— Deixe o medo ser sua estratégia. Finja estar mais assustada do que realmente está e faça-o acreditar em uma falsa superioridade. A arrogância pode ser fatal. — Os cantos da boca de Patch se curvaram. — Mas você não me ouviu dizer isso.

Apoiei a espada falsa no ombro como se fosse um bastão de beisebol.

— Então, basicamente o plano é tirar a espada dele, atingi-lo com um golpe fatal e exigir minha posição de direito como líder dos nefilins.

Ele fez que sim:

— Simples e fácil. Mais dez horas disso e você será uma profissional.

— Se vamos treinar por dez horas, preciso de um pequeno incentivo para me manter motivada.

Patch passou o braço em volta do meu pescoço e me puxou para um beijo.

— Cada vez que você conseguir derrubar minha espada, eu lhe dou um beijo. Que tal?

Mordi o lábio para conter um sorriso.

— Não acho justo. Você está jogando sujo.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Veja bem quem está jogando sujo... Dois beijos por cada vez que derrubar minha espada. Alguma objeção?

Olhei com ar inocente.

— Absolutamente nenhuma.



Patch e eu não paramos de duelar até o sol se pôr. Destruímos cinco pares de espadas e paramos apenas para almoçar e para eu ganhar os beijos que conquistei — alguns dos quais duraram tempo suficiente para chamar a atenção de alguns catadores na praia e de corredores. Tenho certeza de que parecíamos loucos, zanzando no alto das rochas escarpadas enquanto acertávamos nossas espadas de madeira um no outro com força o bastante para deixar marcas e, muito provavelmente, causar hemorragia interna. Por sorte, com minha cicatrização acelerada, nem os piores ferimentos interferiram no treinamento.

Ao anoitecer estávamos cobertos de suor, e eu, completamente exausta. Em pouco mais de doze horas duelaria para valer com Dante. Nada de espadas improvisadas, mas, sim, lâminas de aço afiadas o bastante para decepar um membro. Tudo isso era muito assustador e, só de pensar, eu sentia arrepios.

— Bem, você conseguiu — disse a Patch, dando-lhe os parabéns. — Treinei o máximo possível. Sou uma máquina de lutar com espada, esguia e malvada. Eu devia ter feito você ser meu treinador desde o início.

Um sorriso cafajeste se formou em seu rosto, lento e travesso.

— Ninguém é páreo para o Patch.

— Humm — concordei, olhando para ele com ar tímido.

— Por que você não volta para minha casa e toma um banho, e eu busco alguma coisa para a gente comer lá no Borderline? — sugeriu ele, enquanto seguíamos com dificuldade pelo aterro rochoso em direção ao estacionamento.

Disse aquilo de forma bem casual, mas as palavras fizeram com que meu olhar procurasse o dele. Patch trabalhava como ajudante de garçom no Borderline quando nos conhecemos. Eu não podia mais passar pelo restaurante sem pensar nele. Fiquei emocionada por ele se lembrar, e por saber que o restaurante também lhe trazia lembranças especiais. Fiz força para tirar da mente todos os pensamentos com relação ao duelo do dia seguinte e à pequena chance de sucesso de Pepper. Naquela noite, eu queria aproveitar a companhia de Patch sem me preocupar com o que aconteceria comigo — *conosco* — se eu tivesse que duelar e Dante vencesse.

— Posso pedir tacos também? — perguntei baixinho, lembrando a primeira vez que Patch havia me ensinado a prepará-los.

— Você leu minha mente, Anjo.



Entrei na casa de Patch. No banheiro, tirei a roupa e desfiz minha trança. O banheiro de Patch era magnífico. Ladrilhos azul-escuros e toalhas pretas. Uma banheira em que cabiam facilmente duas pessoas. Sabonete com cheiro de baunilha e canela.

Entrei no chuveiro e deixei a água escorrer pelo corpo. Pensei em Patch ali, naquele mesmo chuveiro, os braços apoiados na parede enquanto a água caía em seus ombros. Pensei nas gotas d'água aparadas em sua pele. Pensei nele usando as mesmas toalhas que eu estava prestes a enrolar ao meu redor. Pensei na cama dele, a apenas alguns metros de distância. Em como os lençóis deviam ter seu cheiro...

Então vi uma sombra passar pelo espelho do banheiro.

A porta do banheiro estava aberta, a luz do quarto invadindo o ambiente. Prendi a respiração, esperando por outra sombra ou esperando que o tempo me dissesse que eu estava imaginando coisas. Eu estava na casa de Patch. Ninguém sabia daquele lugar. Nem Dante, nem Pepper. Eu tinha tomado cuidado... ninguém tinha me seguido naquela noite.

Outra nuvem escura passou pelo espelho. O ar estalava com energia sobrenatural.

Desliguei a água e me enrolei na toalha. Procurei uma arma: eu podia escolher entre um rolo de papel higiênico e uma embalagem de sabonete.

Com a boca fechada, fiquei murmurando uma música. Não havia motivo para deixar o invasor saber que eu tinha percebido sua presença.

O invasor se aproximou da porta do banheiro. Seu poder sobrecarregou de eletricidade os meus sentidos e os pelos dos meus braços se arrepiaram como se fossem bandeiras hasteadas. Continuei a cantarolar. Pelo canto do olho vi quando a maçaneta girou, e então me cansei de esperar.

Chutei a porta com violência com meu pé descalço, com tanta força que gemi. A porta rachou, soltou-se da dobradiça e foi arremessada, derrubando quem quer que estivesse atrás. Corri até o batente, os punhos erguidos, pronta para atacar.

O homem se curvou como uma bola para se proteger.

— Pare — gemeu. — Não me machuque!

Lentamente abaixei os punhos e inclinei a cabeça de lado, para ver melhor.

— Blakely?

CAPÍTULO 35

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, prendendo bem a toalha de banho que me cobria. — Como achou este lugar?

Arma. Eu precisava de uma. Meus olhos percorreram o quarto meticulosamente arrumado de Patch. Blakely podia parecer em dificuldade agora, mas vinha manipulando as artes do mal havia meses. Não acreditava que ele não tivesse algo afiado e perigoso — e azul — escondido no agasalho de chuva.

— Preciso de sua ajuda — disse ele, erguendo as palmas das mãos enquanto se esforçava para se levantar.

— Não se mexa — disparei. — De joelhos. Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

— Dante tentou me matar.

— Você é imortal, Blakely. E trabalha com Dante.

— Não trabalho mais. Agora que já desenvolvi protótipos suficientes das artes do mal, ele quer acabar comigo. Dante quer ter o controle exclusivo sobre as artes do mal. Ele pegou uma espada que encantei especificamente para matar você e tentou usá-la contra mim. Escapei por pouco.

— Dante mandou você fazer uma espada para me matar?

— Para o duelo.

Eu não entendia bem qual era a estratégia de Blakely, mas podia apostar na capacidade de Dante de usar métodos ilícitos — e letais — para vencer o duelo.

— E essa espada funciona mesmo? Ela me mataria?

Blakely me fitou diretamente nos olhos.

— Sim.

Tentei processar a informação com tranquilidade. Eu precisava impedir que Dante usasse sua espada. Mas primeiro o mais importante.

— Conte mais.

— Acho que Dante está trabalhando para os anjos caídos.

Nem pisquei.

— Por quê?

— Em todos esses meses de trabalho, ele nunca me deixou criar uma arma que matasse anjos caídos. Em vez disso, desenvolvi vários protótipos para supostamente matar você. E, se eles podem matar você, também podem matar qualquer nefilim. Se os anjos caídos são os inimigos, por que venho desenvolvendo armas que podem ferir os nefilins?

Lembrei-me de minha conversa com Dante na Rollerland mais de uma semana antes.

— Dante me contou que, depois de algum tempo, você conseguiria desenvolver um protótipo forte o bastante para matar um anjo caído.

— Não sei dizer. Ele nunca me deixou tentar.

Em uma jogada arriscada, decidi abrir o jogo com Blakely. Ainda não confiava nele, mas, se contasse alguma coisa, talvez pudesse descobrir mais. E, no momento, eu precisava descobrir tudo que ele sabia.

— Você tem razão. Dante está trabalhando para os anjos caídos. Tenho certeza disso.

Por um momento ele fechou os olhos, assimilando a verdade com custo.

— Nunca confiei em Dante, desde o início. Trazê-lo para o grupo foi ideia do seu pai. Não consegui convencer Hank a não fazer isso na época, mas posso vingar o nome dele agora. Se Dante é um traidor, acabar com ele é uma dívida a seu pai.

No mínimo eu tinha que dar crédito a Hank pela lealdade que inspirava.

— Conte mais sobre a superbebida preparada com as artes do mal. Se Dante está trabalhando para os anjos caídos, por que iria querer que você desenvolvesse algo para ajudar nossa raça?

— Ele nunca distribuiu a bebida para outros nefilins, ao contrário do que disse que faria. Está usando para fortalecer apenas a si próprio. E agora está com todos os protótipos. E com o antídoto também. — Blakely apertou a região entre os olhos. — Todo o meu trabalho... ele roubou.

Meu cabelo molhado grudou na pele, a água gelada escorrendo pelas costas. Senti um arrepio, causado tanto pelo frio quanto pelas palavras de Blakely.

— Patch vai chegar em um minuto. Como pelo visto você foi inteligente o bastante para encontrar a casa, imagino que esteja atrás dele.

— Quero acabar com Dante. — Sua voz vibrou de convicção.

— Quer dizer, seu desejo é que Patch acabe com ele por você. — Por que os caras maus ficavam tentando contratar meu namorado como mercenário? Tudo bem que ele tivesse feito esse tipo de trabalho no passado, mas aquilo estava começando a ficar ridículo... e irritante. Por que cada um não cuidava de seus próprios problemas? — O que o faz pensar que ele vai aceitar?

— Quero que Dante sofra até o final da vida. Isolado do mundo, torturado até não aguentar mais. Só confio em Patch para isso. O preço não é problema.

— Patch não precisa de dinheiro... — Eu me interrompi, pensativa. Tinha acabado de ter uma ideia tortuosa e manipuladora. Não queria me aproveitar de Blakely, mas, por outro lado, ele não tinha sido nada gentil comigo no passado. Lembrei-me da situação crítica pela qual tínhamos passado e que ele cravara em mim uma faca preparada com as artes do mal, levando-me ao vício. — Patch não precisa de seu dinheiro, mas precisa de seu testemunho. Se você concordar em confessar os crimes de Dante no duelo amanhã, diante de Lisa Martin e dos outros nefilins influentes, Patch pode matar Dante para você. — Patch já tinha prometido para Pepper que mataria Dante, mas isso não significava que não poderíamos

tirar vantagem das circunstâncias e ganhar alguma coisa também de Blakely. A expressão "matar dois coelhos com uma só cajadada" não tinha surgido do nada, afinal de contas.

— Dante não pode ser morto. Aprisionado eternamente, sim, mas não morto. Nenhum dos protótipos funciona contra ele. Ele é imune porque o corpo dele...

— Patch pode cuidar disso — rebati sucintamente. — Se você quiser Dante morto, considere isso feito. Você tem seus contatos, Patch tem os dele.

Blakely me estudou com um ar pensativo e perspicaz.

— Ele conhece um arcanjo? — adivinhou ele, por fim.

— Nunca disse isso. Mais uma coisa, Blakely. É importante. Você tem influência suficiente sobre Lisa Martin e outros nefilins poderosos para fazê-los se voltar contra Dante? Porque se não tiver, nós dois seremos derrotados amanhã.

Ele só ponderou por um minuto.

— No início Dante encantou seu pai, Lisa Martin e vários outros nefilins, mas ele não compartilha o passado que tenho com eles. Se eu disser que ele é um traidor, eles vão me ouvir. — Blakely colocou a mão no bolso e depois me entregou um cartão pequeno. — Preciso passar em casa e pegar algumas coisas importantes antes de ir para meu esconderijo. Esse é meu novo endereço. Espere um pouco, depois vá até lá com Patch. Vamos acertar os detalhes esta noite.



Patch chegou minutos depois que Blakely tinha ido embora. As primeiras palavras que saíram da minha boca foram:

— Você não adivinha quem esteve aqui.

Com esse gancho fascinante, comecei a contar a história, repetindo para Patch cada palavra de minha conversa com Blakely.

— O que você acha de tudo isso? — perguntou Patch quando terminei.

— Acho que Blakely é nossa última esperança.

— Você confia nele?

— Não. Mas o inimigo de seu inimigo...

— Você o fez jurar que testemunharia amanhã?

Senti o coração afundar. Não havia pensado nisso. Tinha sido um erro inocente, mas que me fez questionar se algum dia eu seria uma boa líder. Sabia que Patch não esperava que eu fosse perfeita, mas ainda assim queria impressioná-lo. Uma voz estúpida dentro de mim questionou se Dabria cometeria o mesmo erro. Dificilmente.

— Será a primeira coisa que farei quando nos encontrarmos com ele esta noite.

— Faz sentido que Dante queira ter o controle exclusivo das artes do mal — ponderou Patch. — E se Dante achou que Blakely suspeitava de que ele estivesse trabalhando para os anjos caídos, com certeza o mataria para manter o segredo.

— Você acha que Dante me falou sobre as artes do mal naquele dia na Rollerland porque presumiu que eu contaria tudo para você, e você iria atrás de Blakely? Sempre me perguntei por que ele havia me contado aquilo. Pensando melhor, quase parece que ele tinha uma estratégia: você pegaria Blakely e o prenderia em algum lugar sem ver a luz do dia, e assim Dante poderia controlar sozinho as artes do mal.

— Esse era exatamente o meu plano. Até Marcie nos atrapalhar.

— Dante vem minando meu poder desde o início — constatei.

— Agora não mais. Temos o depoimento de Blakely.

— Isso significa que vamos nos encontrar com ele?

Fazia menos de cinco minutos que Patch deixara as chaves da moto no balcão da cozinha. Ele foi até lá e as pegou de novo.

— E a diversão nunca acaba, Anjo.



O endereço que Blakely havia me dado nos levou a uma casa térrea, com tijolos vermelhos aparentes, em um bairro antigo. Havia duas janelas abrigadas da luz de cada lado da porta. A vasta propriedade parecia engolir a pequena casa. Patch deu duas voltas no quarteirão, com os olhos atentos, depois estacionou no fim da rua, longe do alcance da luz dos postes.

Ele deu três batidas firmes na porta. Uma luz ardia atrás da janela da sala de estar, mas parecia que não havia ninguém em casa.

— Fique aqui — pediu-me Patch. — Vou lá nos fundos.

Esperei na varanda, olhando para a rua atrás de mim. Estava frio demais para que algum vizinho estivesse levando o cachorro para passear, e também nenhum carro passou por ali.

A fechadura da porta da frente caiu, e Patch abriu a porta por dentro.

— A porta dos fundos estava escancarada. Estou com um mau pressentimento — falou ele.

Entrei na casa e fechei a porta.

— Blakely? — chamei em voz baixa. A casa era pequena e não havia necessidade de falar mais alto.

— Ele não está neste andar — disse Patch. — Mas vi uma escada que leva para o porão.

Ele desceu e entrou em um cômodo iluminado. Perdi o fôlego quando meus olhos focaram o rastro vermelho que manchava o carpete. Marcas vermelhas de mão tingiam as

paredes e levavam na mesma direção... para um quarto escuro mais à frente. Nas sombras difusas, só pude distinguir o contorno de uma cama... e o corpo de Blakely caído ao lado.

Patch logo estendeu o braço, bloqueando minha passagem.

— Vá lá para cima — ordenou.

Sem pensar, passei por baixo do braço de Patch e corri em direção a Blakely.

— Ele está ferido!

A parte branca dos olhos de Blakely emitia um tom etéreo de azul. Sangue escorria de sua boca e ele gorgolejava ao tentar, em vão, falar.

— Dante fez isso? — perguntou Patch, chegando logo depois de mim.

Agachei e chequei os sinais vitais de Blakely. Seus batimentos cardíacos estavam fracos e erráticos. Senti meus olhos arderem de lágrimas. Não sabia se estava chorando por Blakely, ou pelas consequências de sua morte para mim, mas eu suspeitava, de forma egoísta, que era a segunda opção.

Blakely se engasgava com o sangue e disse em um fio de voz:

— Dante sabe... penas dos anjos caídos.

Apertei a mão de Patch com força. *Como Dante pode saber das penas? Pepper não lhe diria. E somos os únicos que sabemos além dele.*

Se Dante sabe das penas, vai tentar interceptar Pepper em seu caminho de volta para a Terra, respondeu Patch, tenso. *Não podemos deixá-lo pegar as penas.*

— Lisa Martin... aqui... logo — disse Blakely com a voz áspera, pronunciando cada palavra com dificuldade.

— Onde fica o laboratório? — perguntei a Blakely. — Como podemos destruir o suprimento de artes do mal de Dante?

Ele balançou a cabeça com força, como se eu tivesse feito a pergunta errada.

— A espada dele... *ele*... não sabe. Menti. Pode... matá-lo... também — conseguiu dizer com voz rouca. Mais sangue, que então tinha passado de vermelho para azul-flamejante, escorria por seus lábios.

— O.k., entendi — falei, batendo em seu ombro para confortá-lo. — A espada que ele vai usar no duelo de amanhã também pode matá-lo, só que ele não sabe disso. Isso é bom, Blakely. Agora me diga onde fica o laboratório.

— Tentei... contar... você — disse ele em voz baixa e áspera.

Balancei os ombros de Blakely.

— Você não me contou. Onde fica o laboratório?

Eu não achava que destruir o laboratório mudaria o resultado do duelo do dia seguinte. Dante ainda teria no corpo grande quantidade das artes do mal quando lutássemos, mas, independentemente do que acontecesse comigo, se Patch pudesse destruir o laboratório, as artes do mal desapareceriam de uma vez por todas. Eu me sentia pessoalmente responsável por mandar os poderes do inferno de volta, bem, *para o inferno*.

Precisamos ir, Anjo, falou Patch em meus pensamentos. *Lisa não pode nos ver. Isso não parece*

nada bom.

Sacudi Blakely com mais força.

— Onde fica o laboratório?

Suas mãos curvadas relaxaram. Seus olhos, vidrados com aquele tom sombrio de azul, estavam fixos em mim, completamente vazios.

— Não podemos perder mais nenhum segundo aqui — disse Patch. — Dante deve ir atrás de Pepper e das penas.

Sequei os olhos com a palma das mãos.

— E vamos simplesmente deixar Blakely aqui?

Ouvimos o som de um carro parando na rua.

— Lisa — disse Patch. Ele abriu a janela do quarto, ergueu-me até ela e pulou atrás de mim. — Qualquer última homenagem ao morto tem que ser feita agora.

Lancei um olhar pesaroso para Blakely e disse apenas:

— Boa sorte na próxima vida.

Tinha a sensação de que ele iria precisar.



Saímos em disparada na moto de Patch pelas estradinhas ladeadas por bosques. A lua nova do Cheshvan tinha começado havia quase duas semanas e pairava como um globo espectral lá no alto, um olho grande e vigilante do qual não podíamos escapar. Estremeci e segurei mais firme em Patch. Ele seguia tão rápido pelas curvas estreitas que os galhos das árvores começavam a desfocar, parecendo dedos esqueléticos que tentavam me agarrar à medida que passávamos.

Como gritar mais alto que o rugido do vento era impraticável, decidi falar por telepatia.

Quem poderia ter contado a Dante sobre as penas?, perguntei a Patch.

Pepper não se arriscaria.

Nem nós.

Se Dante sabe, devemos presumir que os anjos caídos também conhecem nosso plano. Eles vão fazer o que for possível para nos impedir de pegar aquelas penas, Anjo. Serão capazes de qualquer coisa.

Entendi bem o recado: não estávamos seguros.

Precisamos avisar Pepper, falei.

Se ligarmos para ele e os arcanjos interceptarem, nunca conseguiremos as penas.

Vi a hora pelo celular. Onze. *Demos a ele até meia-noite. O tempo de Pepper já está quase acabando.*

Se ele não ligar logo, Anjo, vamos ter que acreditar que o pior aconteceu e pensar em um novo

plano.

Ele deslizou a mão até minha perna e a apertou. Sabia que estávamos pensando a mesma coisa. Já tínhamos esgotado todos os planos possíveis. Não havia mais tempo. Ou conseguíamos as penas...

Ou a raça nefilim iria perder mais do que a guerra. Iria servir os anjos caídos por toda a eternidade.

CAPÍTULO 36

UM toque baixo veio do meu bolso. Patch imadiatamente levou a moto para o acostamento e eu atendi a ligação, rezando por boas notícias.

— Estou com as p-p-penas — disse Pepper, a voz aguda e trêmula.

Suspirei aliviada e levantei a mão para bater na de Patch, entrelaçando meus dedos nos dele e prendendo nossas mãos juntas. Estávamos com as penas. Tínhamos a adaga. O duelo da manhã seguinte já não seria mais necessário — inimigos mortos não empunham espadas, encantadas ou não.

— Bom trabalho, Pepper — falei. — Falta pouco. Precisamos que nos entregue as penas e a adaga, e então poderá esquecer tudo isso. Mas saiba que Dante também está atrás das penas. — Não havia tempo para contar a novidade de maneira gentil. — Ele quer essas penas tanto quanto nós. E está procurando você, então não baixe a guarda. Não deixe que ele as apanhe, ou que apanhe a adaga.

Pepper fungou.

— Estou a-a-assustado. Como sei que Dante não vai me encontrar? E se os arcanjos notarem que as penas desapareceram? — O tom de voz dele ficou ainda mais alto e agudo. — E se descobrirem que fui *eu*?

— Acalme-se. Tudo vai ficar bem. Você vai nos entregar tudo no parque de diversões Delphic. Podemos encontrá-lo lá daqui a uns 45 minutos...

— Isso é quase uma hora! Não posso ficar com as penas por tanto tempo! Preciso me livrar delas. Esse foi o acordo. Você nunca disse nada sobre eu ter de tomar conta delas. E quanto a mim? Dante está me procurando. Se quer que eu lhe entregue isso, então quero que Patch vá atrás de Dante e cuide para que ele não seja uma ameaça para mim!

— Já expliquei isso — falei, impaciente. — Patch vai matar Dante assim que tivermos a adaga.

— E de que isso me adianta se Dante me encontrar primeiro? Quero que Patch vá atrás de Dante neste minuto. Na verdade, não vou lhe dar a adaga até ter provas de que Patch o pegou!

Tirei o telefone do ouvido para poupar meus tímpanos dos gritos agudos de Pepper.

— Ele está desesperado — falei para Patch, preocupada.

Patch pegou o telefone da minha mão.

— Ouça, Pepper. Leve as penas e a adaga ao parque de diversões Delphic. Vou pedir a dois anjos caídos para encontrarem você no portão. Eles vão cuidar para que chegue em segurança ao meu estúdio. Só não lhes conte o que está carregando.

Ouvi o som agudo da resposta de Pepper pelo telefone.

— Coloque as penas no meu estúdio — disse Patch. — E fique quieto lá até a gente chegar.

Um gemido alto.

— Você não vai deixar as penas desprotegidas — argumentou Patch, dizendo cada palavra como se quisesse matar alguém. — Você vai ficar sentado no meu sofá e cuidar para que elas ainda estejam lá quando nós chegarmos.

Mais guinchos histéricos.

— Pare de choramingar. Eu vou atrás de Dante agora, se é isso o que você quer, e depois volto para pegar a adaga, que você vai ficar vigiando até que eu chegue ao estúdio. Vá para o Delphic e faça exatamente o que eu disse. E mais uma coisa: pare de chorar. Assim você acaba com a reputação dos arcanjos.

Patch desligou e me entregou o telefone.

— Mantenha os dedos cruzados para isso dar certo.

— Acha que Pepper vai ficar lá com as penas?

Ele passou a mão pelo rosto, deixando escapar da garganta um som que foi meio uma risada áspera, meio um gemido.

— Vamos ter que nos separar, Anjo. Se formos atrás de Dante juntos, arriscaremos deixar as penas desprotegidas.

— Vá encontrar Dante. Eu cuido de Pepper e das penas.

Patch me estudou.

— Sei que cuida. Mas ainda não gosto da ideia de deixar você sozinha.

— Vou ficar bem. Tomo conta das penas e ligo para Lisa Martin imediatamente. Direi a Lisa o que tenho, e ela vai me ajudar a colocar nosso plano em ação. Vamos pôr fim à guerra e libertar os nefilins. — Apertei a mão de Patch de maneira tranquilizadora. — É isso. O final está próximo.

Patch coçou o queixo, claramente insatisfeito e concentrado nos próprios pensamentos.

— Para me deixar mais tranquilo, leve Scott com você.

Um sorriso irônico se abriu em meu rosto.

— Você confia no Scott?

— Confio em você — respondeu ele, com uma voz rouca que me fez sentir quente e me desmanchou por dentro.

Patch me encostou em uma árvore e me beijou com força.

Recuperei o fôlego.

— Garotos de todos os cantos, prestem atenção: isso foi um beijo.

Patch não sorriu. Seus olhos ficaram sombrios de um jeito que eu não sabia dizer direito o que era, mas que me fez sentir um peso no estômago. Ele cerrou o maxilar e os músculos em seus braços se contraíram visivelmente.

— Vamos ficar juntos no final disso tudo.

Uma nuvem de preocupação passou por seu rosto.

— No que depender de mim, vamos.

— Não importa o que aconteça esta noite, eu amo você.

— Não fale assim, Patch — sussurrei, a emoção dominando minha voz. — Você está me assustando. Nós vamos ficar juntos. Vá atrás de Dante, depois me encontre no estúdio, e lá daremos fim a essa guerra juntos. Não tem nada mais simples.

Ele me beijou de novo, delicadamente, em cada pálpebra, depois em cada bochecha e, por fim, nos lábios, de maneira suave.

— Eu nunca mais serei o mesmo — disse ele em tom grave. — Você me transformou.

Passei meus braços por seu pescoço e apertei meu corpo contra o dele com força. Fiquei agarrada a ele, tentando acabar com o frio que sentia em meus ossos.

— Quero que me beije de um jeito que eu nunca vá esquecer. — Busquei seus olhos. — Um beijo que fique comigo até eu voltar a vê-lo. — *Porque nos veremos de novo, daqui a pouco.*

Os olhos de Patch me acariciaram com um calor silencioso. Meu reflexo se espiralava dentro deles, cabelo vermelho e lábios em chamas. Eu estava ligada a ele por uma força que não podia controlar, uma pequena linha que unia nossas almas. Com a lua às suas costas, as sombras escureciam os discretos contornos embaixo de seus olhos e das maçãs do rosto, fazendo-o parecer incrivelmente bonito e igualmente diabólico.

Suas mãos seguraram meu rosto, mantendo-me imóvel diante dele. O vento enrolou meu cabelo em seus pulsos, enlaçando-nos. Patch passou os polegares pelo meu rosto, uma carícia lenta e íntima. Apesar do frio, um fogo constante ardia dentro de mim, vulnerável ao seu toque. Seus dedos corriam mais e mais para baixo, deixando para trás uma espécie de dor quente e deliciosa. Fechei os olhos, minhas juntas amolecendo. Ele me acendia como uma chama, luz e calor queimando de um jeito que eu jamais iria entender.

Patch acariciou meu lábio com o polegar, provocando-me de um jeito suave e sedutor. Suspirei de prazer.

Beijo você agora?, perguntou ele.

Eu não conseguia falar, então assenti, sem forças, em resposta.

A boca, quente e atrevida, encontrou a minha. Então ele deixou toda a brincadeira de lado e me beijou com seu próprio fogo negro, intenso e possessivo, consumindo meu corpo, minha alma, e tornando obsoleta qualquer noção anterior do que significava ser beijada.

CAPÍTULO 37

OUVI o ronco do Barracuda de Scott vindo pela estrada muito antes de os faróis brilharem na escuridão. Fiz sinal para ele parar e me sentei no banco do carona.

— Obrigada por vir.

Ele engatou a ré e saiu dali depressa do mesmo jeito que tinha se aproximado.

— Você não me contou muito pelo telefone. Diga o que preciso saber.

Expliquei a situação da forma mais rápida, e ao mesmo tempo esclarecedora, possível. Quando terminei Scott assobiou baixinho, espantado.

— Pepper conseguiu todas as penas de anjos caídos *de todos os tempos*?

— Surreal, não é? Ele ficou de nos encontrar no estúdio de Patch. E é melhor que não deixe essas penas desprotegidas — murmurei, mais para mim mesma.

— Posso levá-la em segurança pelo subterrâneo do Delphic. Os portões do parque estão fechados, vamos entrar nos túneis usando os elevadores de carga. Depois teremos que usar meu mapa. Nunca fui ao estúdio de Patch.

Os "túneis" eram uma rede subterrânea de passagens labirínticas e intrincadas que funcionavam como ruas e bairros embaixo do Delphic. Eu não fazia ideia de que existiam até conhecer Patch. Serviam como principal residência dos anjos caídos que viviam no Maine, e até recentemente Patch morava com eles.

Scott dirigiu o Barracuda por uma rua secundária, e não pela entrada principal do parque. O caminho dava em uma plataforma de carga com rampas para caminhão e um depósito. Entramos no depósito por uma porta lateral, cruzamos uma área repleta de caixas, de ponta a ponta, e, por fim, chegamos aos elevadores de carga. Lá dentro, Scott ignorou os botões normais que indicavam os andares um, dois e três e apertou um pequeno botão amarelo sem nenhuma identificação na parte inferior do painel. Eu sabia que havia entradas para os túneis por todo o Delphic, mas era a primeira vez que usava essa passagem específica.

O elevador, quase tão grande quanto meu quarto, seguiu retinindo mais e mais para baixo até finalmente parar, rangendo. A pesada porta de aço se ergueu, e Scott e eu saímos em um pequeno espaço de descarga. O chão e as paredes estavam sujos, e a única luz vinha de uma lâmpada que balançava como um pêndulo sobre nossas cabeças.

— Para que lado? — perguntei, dando uma olhada no túnel à frente.

Eu estava feliz por ter Scott como guia nos subterrâneos do parque. Logo ficou claro que ele cruzava aqueles túneis regularmente. Seguia a passos ligeiros, avançando depressa pelos corredores úmidos como se já soubesse aqueles caminhos de cor havia muito tempo. Consultamos o mapa para avançar sob o Arcanjo, a mais nova montanha-russa do Delphic. A partir daí tomei a dianteira, olhando aqui e ali pelos corredores até que, por fim, chegamos ao que reconheci como a entrada da antiga moradia de Patch.

A porta estava fechada por dentro.

Então, bati.

— Pepper, sou eu, Nora Grey. Abra a porta. — Esperei alguns instantes, depois tentei de novo. — Se você não está abrindo porque sentiu a presença de outra pessoa, estou com Scott. Ele não vai atacar você. Agora abra a porta.

— Ele está sozinho? — perguntou Scott em voz baixa.

Fiz que sim.

— Devia estar.

— Não estou sentindo ninguém — disse Scott com ceticismo, encostando a orelha na porta.

— Ande logo, Pepper! — gritei.

Ainda nenhuma resposta.

— Vamos ter que arrombar a porta — falei para Scott. — Juntos, no três. Um, dois... três.

Scott e eu chutamos a porta com força.

— De novo — gemi.

Continuamos a golpear a madeira com a sola dos calçados até que rachasse, e a porta se abriu com um estrondo. Atravessei o hall e entrei na sala de estar, procurando Pepper.

O sofá tinha sido apunhalado várias vezes, pedaços do estofamento escapavam pelos cortes. As molduras dos quadros que decoravam as paredes agora estavam despedaçadas no chão. A mesa de centro de vidro estava caída de lado, com uma rachadura sinistra no meio. As roupas do armário de Patch tinham sido arrancadas de lá e espalhadas como confete. Não sabia se tudo aquilo eram evidências de uma luta recente ou resultado da fuga apressada de Patch havia quase duas semanas, quando Pepper tinha contratado uns brutamontes para destruir o lugar.

— Você tem como ligar para Pepper? — sugeriu Scott. — Tem o número dele?

Teclei o número de Pepper no meu telefone, mas ele não atendeu.

— Onde ele está? — perguntei, irritada, para ninguém especificamente. Tudo dependia do lado dele do acordo. Eu precisava daquelas penas, e precisava delas imediatamente. — E que cheiro é esse? — perguntei, franzindo o nariz.

Avancei pela sala de estar. Estava sentindo um cheiro acre muito ruim no ar. Um cheiro pútrido. Lembrava piche quente, mas não era exatamente isso.

Alguma coisa estava queimando.

Corri de cômodo em cômodo, tentando encontrar as penas. Não estavam ali. Arrombei a porta do antigo quarto de Patch e senti que o cheiro de material orgânico queimado havia tomado conta do espaço.

Sem parar para pensar, corri até a parede mais distante do quarto — a que deslizava para revelar uma passagem secreta. Quando abri a porta de correr, uma nuvem escura de fumaça se espalhou pelo cômodo. O forte odor de algo gorduroso e carbonizado era insuportável.

Protegi o nariz e a boca com a gola da blusa e gritei para Scott:

— Vou entrar!

Ele vinha logo atrás de mim, tentando afastar a fumaça com a mão.

Eu já tinha estado naquela passagem antes, quando Patch conseguira deter Hank Millar, antes de eu matá-lo, e tentei me lembrar do caminho. Fiquei de joelhos para fugir da parte mais enfumaçada, tossindo e engasgando toda vez que respirava. Por fim, minhas mãos encontraram uma porta. Tateei em busca de um puxador, e o encontrei. A porta se abriu lentamente, deixando escapar uma nova onda de fumaça pelo corredor.

A claridade do fogo ardente brilhou através da fumaça, as chamas ondulando e dançando como em um incrível show de mágica: tons de bronze, dourado e laranja fundido e grandes nuvens negras. Estalos terríveis crepitavam em meus ouvidos à medida que as chamas devoravam uma grande montanha de material combustível. Scott abraçou meus ombros de maneira protetora e colocou o corpo na frente do meu, como um escudo. O calor do fogo ardeu em nossos rostos.

Levei apenas um instante para gemer de pavor.

CAPÍTULO 38

FIQUEI de pé primeiro. Alheia ao calor, corri na direção do fogo enquanto as fagulhas choviam como fogos de artifício. Comecei a revirar a enorme montanha de penas, gritando em pânico. Somente duas penas de Patch tinham restado da época em que ele era arcanjo. Uma nós guardávamos por segurança. A outra fora cuidadosamente armazenada pelos arcanjos quando Patch foi banido do paraíso. E essa pena estava em algum lugar da pilha à minha frente.

Em qualquer lugar. Talvez já tivesse sido queimada. Havia tantas. E tantas mais eram as cinzas que flutuavam como pedaços de papel queimado em volta do fogo.

— Scott, me ajude a encontrar a pena de Patch! — Pensar. Eu tinha que pensar. A pena de Patch. Eu já a tinha visto antes. — Preta, completamente preta — expliquei. — Comece a procurar... Vou pegar cobertores para abafar o fogo!

Corri de volta ao estúdio, a fumaça atrapalhando minha visão. De repente parei, detectando outro vulto no túnel, pois um pouco mais à frente. Pisquei, pois a fumaça castigava meus olhos.

— É tarde demais — disse Marcie. O rosto dela estava inchado de tanto chorar, a ponta do nariz, vermelha. — Você não pode apagar o fogo.

— O que você fez? — gritei com ela.

— Sou a herdeira legítima do meu pai. Eu é que deveria estar liderando os nefilins.

— Herdeira legítima? Você consegue ouvir o que está falando? Você quer esse posto? Eu não... foi seu pai quem me forçou a assumi-lo!

Os lábios dela tremiam.

— Ele me amava mais. E ia me escolher. Você roubou isso de mim.

— Você não quer esse posto, Marcie. Quem colocou essas ideias na sua cabeça?

As lágrimas escorriam pelas bochechas dela e sua respiração era irregular.

— Foi minha mãe quem deu a ideia de eu me mudar para sua casa. Ela e os amigos nefilins queriam que eu ficasse de olho em você. Concordei porque achei que você soubesse alguma coisa sobre a morte do meu pai que não havia me contado. Se eu me aproximasse, achei que talvez...

Foi então que notei a adaga perolada nas mãos dela, brilhando em um tom resplandecente de branco, como se os raios mais puros do sol tivessem sido capturados sob a sua superfície. Só podia ser a adaga encantada de Pepper. O imbecil não tinha sido cuidadoso o bastante e acabara deixando Marcie segui-lo até ali. Depois, tinha largado as penas e a adaga e fugido, deixando que caíssem nas mãos dela.

Estendi a mão.

— Marcie...

— Não me toque! — gritou ela. — Dante me contou que você matou meu pai. Como pôde fazer isso? Como pôde? Eu tinha certeza de que havia sido Patch, mas o tempo todo foi *você*! — guinchou histericamente.

Apesar do calor, um calafrio de medo percorreu minha espinha.

— Eu... posso explicar. — Mas não achei que pudesse. A expressão inquieta e alucinada no rosto de Marcie me dizia que ela estava entrando em choque. Duvido que fizesse diferença para ela saber que o pai tinha me levado àquilo quando tentara mandar Patch para o inferno. — Entregue a adaga.

— Fique longe de mim! — Ela se arrastou para fora do meu alcance. — Dante e eu vamos contar para todo mundo. O que os nefilins vão fazer com você quando souberem que matou o Mão Negra?

Eu a observei com atenção. Dante devia ter acabado de descobrir que eu havia matado Hank. Senão, teria contado isso aos nefilins há muito tempo. Patch não entregaria meu segredo, então sobrava Pepper. De alguma forma, Dante conseguira pegá-lo.

— Dante estava certo — disparou Marcie, raiva e frieza emanando de sua voz. — Você roubou o título de mim. Devia ser meu. E agora fiz o que você não conseguiu... Libertei os nefilins. Quando o fogo apagar, todos os anjos caídos na Terra serão acorrentados no inferno.

— Dante trabalha para os anjos caídos — falei, a frustração tornando minha voz mais aguda.

— Não — disse Marcie. — É você que trabalha.

Ela avançou na minha direção com a lâmina de Pepper e pulei para trás, tropeçando. A fumaça se avolumava, obscurecendo completamente minha visão.

— Dante sabe que você queimou as penas? — gritei para Marcie, mas ela não respondeu.

Tinha sumido.

Será que Dante havia mudado de estratégia? Depois da sorte inesperada de conseguir as penas de todos os anjos caídos e, consequentemente, a vitória certa para os nefilins, será que tinha decidido ficar ao lado de sua raça, afinal?

Não havia tempo para pensar no assunto. Já tinha perdido alguns minutos preciosos. Precisava ajudar Scott a encontrar a pena de Patch. Voltei correndo para a câmara em chamas, tossindo e com ânsia de vômito, em busca do caminho até a entrada.

— Todas estão ficando pretas por causa das cinzas — berrou Scott por cima do ombro. — Todas elas parecem iguais. — O rosto brilhava em um tom escarlate por causa do calor. As brasas rodopiavam à sua volta, quase ateando fogo em seu cabelo, já preto de fuligem. — Precisamos sair daqui. Se demorarmos mais, vamos acabar queimados.

Fui depressa em direção a ele, agachada, tentando fugir do calor que soprava implacavelmente.

— Primeiro vamos achar a pena de Patch. — Atirei uma pilha de penas em chamas para trás, cavando mais fundo. Scott estava certo. Elas estavam sujas com uma fuligem preta e oleosa. Gritei de desespero. — Se não conseguirmos achar, ele vai para o inferno!

Eu espalhava grandes punhados de penas, rezando para reconhecer a de Patch se a visse. Rezando para que ainda não tivesse sido queimada. Não ia me permitir pensar o pior. Ignorei a fumaça que irritava meus olhos e pulmões e comecei a separar as penas com mais urgência. Não podia perder Patch. Não *ia* perder Patch. Não assim. Não se cabia a mim protegê-lo.

Meus olhos se encheram de lágrimas, que começaram a escorrer pelo rosto. Eu não conseguia enxergar direito. O ar estava quente demais para respirar. A pele do meu rosto parecia derreter e eu sentia como se meu couro cabeludo estivesse pegando fogo. Mergulhei as mãos na montanha de penas, desesperada por encontrar uma completamente preta.

— Não vou deixar você se queimar — gritou Scott, mais alto que o som crepitante das chamas.

Ele chegou para trás, de joelhos, me arrastando junto. Eu me debatia impiedosamente em suas mãos. *Não sem a pena de Patch.*

O fogo clamava em meus ouvidos e a falta de oxigênio estava prejudicando minha concentração. Passei as costas da mão nos olhos e acabei esfregando neles ainda mais fuligem. Eu tentava pegar as penas; meus braços pareciam estar presos a pesos de cinquenta quilos. Minha visão falhava. Mas eu me recusava a desmaiar antes de achar a pena de Patch.

— Patch — murmurei, bem quando uma brasa caiu na manga da minha blusa, ateando fogo ao tecido.

Antes que eu pudesse erguer uma das mãos para apagá-la, a chama chegou ao cotovelo. O calor queimou a pele de maneira tão forte e torturante que gritei e me joguei de lado. Foi então que vi meus jeans também em chamas.

Scott berrava ordens atrás de mim. Algo sobre sair da câmara. Ele queria fechar a porta e prender o fogo lá dentro.

Não podia deixar que fizesse isso. Eu tinha que salvar a pena de Patch.

Perdi o senso de direção, tropeçando às cegas para a frente. As chamas brilhantes que lambiam tudo que estava por perto obscureceram minha visão.

A voz de Scott, tão imperativa, se dissipou no nada.



Mesmo antes de abrir os olhos, eu sabia que estava em um carro em movimento. Senti o baque irregular dos pneus passando nos buracos e o barulho do motor roncou em meus ouvidos. Eu estava encostada na porta do carro, a cabeça escorada na janela. Havia duas

mãos desconhecidas no meu colo, e me assustei quando elas se moveram ao meu comando. Eu as girei lentamente no ar, olhando o estranho papel preto colado nelas.

Carne enegrecida.

Senti quando alguém apertou meu braço para me consolar.

— Está tudo bem — disse Scott, do banco do motorista do Barracuda. — Suas mãos vão ficar boas.

Balancei a cabeça, achando que ele tinha entendido errado. Passei a língua pelos lábios ressecados.

— Precisamos voltar. Dê a volta. Temos que salvar Patch.

Scott não disse nada, só me olhou de lado, em dúvida.

Não.

Era mentira. Um medo inimaginável e profundo me consumiu. Minha garganta parecia apertada, sensível e quente. Era mentira.

— Sei que gostava dele — disse Scott em voz baixa.

Eu amo Patch! Sempre vou amá-lo! Prometi a ele que ficaríamos juntos!, gritei dentro da minha cabeça, porque as palavras eram duras demais para serem ditas. Elas arranhavam minha garganta como se fossem unhas.

Voltei minha atenção para o lado de fora da janela. Olhei para a noite, para o borrão de árvores, campos e cercas, que em um instante estavam ali, no outro desapareciam. As palavras na minha garganta se juntaram em um grito cheio de pontas afiadas, frio e doloroso. O grito ficou ali, crescendo e me ferindo, enquanto meu mundo se desfazia e saía de órbita.

Um monte de metal retorcido bloqueava a estrada à frente.

Scott desviou, diminuindo a velocidade enquanto passávamos. Não esperei que o carro parasse; me atirei para fora e corri. A moto de Patch. Amassada e destruída. Olhei, assustada, piscando repetidas vezes, querendo enxergar outra coisa. O metal arruinado, retorcido, dava a impressão de que o motorista acelerara até a velocidade máxima e então saltara por um círculo de vento.

Esfreguei os olhos, esperando que aquela imagem terrível sumisse. Procurei pela estrada, achando que ele pudesse ter batido. Com o impacto, podia ter sido atirado longe. Corri adiante, um pouco mais, procurei na vala, no mato, nas sombras das árvores. Ele podia estar logo à frente. Chamei por ele, andei para cima e para baixo na beira da estrada, as mãos tremendo quando eu as passava pelo cabelo.

Não ouvi Scott chegar atrás de mim. Mal senti seus braços em volta dos meus ombros. A tristeza e a angústia me atordoavam, como uma presença viva, real e assustadora demais. Eu sentia tanto frio que doía respirar.

— Sinto muito — disse ele, a voz rouca.

— Não me diga que ele se foi — disparei. — Ele bateu a moto e continuou a pé. Ele tinha dito que me encontraria no estúdio. Patch não quebraria uma promessa. — Falei essas

palavras porque precisava ouvi-las.

— Você está tremendo. Deixe-me levá-la para a minha casa, ou a sua, ou a casa dele, aonde você quiser.

— Não! — gritei. — Vamos voltar ao estúdio. Ele está lá. Você vai ver. — Empurrei-o para me soltar de seu abraço, mas de repente não me senti firme. Minhas pernas se embaralharam, um passo entorpecido atrás do outro. Um pensamento assustador e imperdoável tomou conta de mim. E se Patch se foi?

Meus pés se arrastaram de volta até a moto.

— Patch! — gritei, caindo de joelhos.

Debrucei-me sobre a moto dele, soluçando de um jeito estranho, forte, que vinha do fundo do meu peito. Eu estava caindo, deslizando para dentro da mentira.

Patch.

Pensei no nome dele, esperando, esperando. Solucei seu nome, ouvindo meus ruídos incontroláveis de angústia e desespero.

As lágrimas rolavam pelo meu rosto. Meu coração estava por um fio. A esperança a que eu me prendia se soltou, vagando à deriva, fora de alcance. Senti minha alma se estilhaçar, pedaços irreparáveis de mim voando para longe.

A pouca luz que ainda restava dentro de mim se apagou.

CAPÍTULO 39

CEDI ao sono. Os sonhos eram o único lugar em que podia encontrar Patch. Agarrar-me a uma lembrança irreal era melhor do que viver sem ele. Deitada encolhida em sua cama, cercada por seu cheiro inconfundível, evoquei as lembranças dele para me assombrar.

Nunca podia ter confiado em Pepper para pegar as penas. Eu devia saber que ele estragaria tudo. E não podia ter subestimado Dante. Sabia que Patch negaria minha culpa imediatamente, mas me sentia responsável pelo que havia acontecido com ele. Se eu tivesse chegado ao estúdio dez minutos antes. Se tivesse impedido Marcie de acender o fósforo...

— Acorde, Nora.

Vee se inclinou sobre mim, a voz urgente e preocupada.

— Você precisa se preparar para o duelo. Scott me contou tudo. Um dos mensageiros de Lisa Martin esteve aqui enquanto você dormia. O duelo será ao nascer do sol, no cemitério. Precisa ir lá chutar o traseiro de Dante e mandá-lo para Júpiter. Ele matou Patch, e agora quer acabar com você. Vou lhe dizer o que eu acho disso: ele não vai conseguir *mesmo*. Não se pudermos fazer alguma coisa.

Duelo? A ideia me pareceu quase ridícula. Dante não precisa me enfrentar com uma espada para roubar meu título. Ele tinha munição mais do que suficiente para acabar com minha reputação e credibilidade. Todos os anjos caídos tinham sido acorrentados no inferno. Os nefilins venceram a guerra. Dante e Marcie levariam o crédito, explicando como tinham intimidado um arcanjo para que lhes entregasse as penas, e como tinham saboreado cada momento enquanto as viam queimar.

Ao pensar em Patch aprisionado no inferno senti uma nova onda de dor me cortando. Não sabia como ia manter minhas emoções sob controle enquanto os nefilins comemoravam freneticamente seu triunfo. Eles nunca saberiam que, até o último momento, Dante tinha ajudado os anjos caídos. E o colocariam no poder. Eu não sabia ainda o que isso representaria para mim. Se o exército fosse abolido, teria importância eu ter perdido a liderança? Pensando bem, meu juramento era bem vago. Eu não tinha planejado isso.

Mas imaginava que Dante tivesse planos para mim. Ele também sabia que, no momento em que eu falhasse em liderar o exército, minha vida estaria acabada. Mas, por garantia, provavelmente iria me prender pelo assassinato do Mão Negra. Antes do fim do dia eu seria executada por traição ou, na melhor das hipóteses, estaria presa.

Eu apostava na execução.

— Está quase na hora de o sol nascer. Levante-se — disse Vee. — Você não pode deixar que Dante escape assim.

Abracei o travesseiro de Patch, sentindo o cheiro que continuava ali antes que sumisse para sempre. Memorizei os contornos da cama e me aconcheguei na marca de seu corpo. Fechei os olhos e imaginei que ele estava ali. Ao meu lado. Me tocando. Imaginei seus olhos negros se suavizando ao acariciar meu rosto, as mãos dele, quentes, fortes, reais.

— Nora — alertou Vee.

Ignorei-a, escolhendo ficar com Patch. O colchão afundou quando ele chegou mais perto. Ele sorriu e passou as mãos por baixo de mim, puxando-me para cima dele. *Está gelada, Anjo. Deixe-me esquentar você.*

Achei que tivesse perdido você, Patch.

Estou bem aqui. Prometi que ficaríamos juntos, não foi?

Mas, sua pena...

Shh, ele me tranquilizou. Seu dedo selou meus lábios. *Quero ficar com você, Anjo. Fique aqui comigo. Esqueça Dante e o duelo. Não vou deixar que ele machuque você. Vou mantê-la em segurança.*

As lágrimas arderam em meus olhos. *Me leve daqui. Como você prometeu. Me leve para bem longe, só você e eu.*

— Patch detestaria vê-la desse jeito — Vee repreendeu-me, claramente tentando apelar para minha consciência.

Puxei as cobertas, formando um abrigo secreto sobre nós dois, e ri no ouvido dele. *Ela não sabe que você está aqui.*

Nosso segredo, concordou ele.

Não vou deixar você, Patch.

Não vou permitir. Em um rápido movimento, ele inverteu nossas posições, me prendendo ao colchão. Patch se curvou sobre mim. *Tente escapar agora.*

Franzi as sobrancelhas quando vislumbrei um brilho azul-claro que parecia se esconder sob a superfície de seus olhos. Pisquei para limpar a visão, mas, quando meus olhos entraram em foco, eu tinha certeza de que via o azul crepitante que contornava suas íris.

Engoli em seco. *Preciso pegar um pouco de água*, falei.

Vou buscar para você, insistiu Patch. *Não se mexa. Fique na cama.*

Só vai levar um segundo, argumentei, tentando me soltar e sair debaixo dele.

Patch agarrou meus pulsos. *Você disse que não ia me deixar.*

Só vou pegar algo para beber, objetei.

Não vou deixar você ir, Nora. As palavras pareceram um rosnado. As feições dele se contorceram, retorcidas, modificando-se, até eu começar a ver flashes de outro homem. A pele morena de Dante, a covinha no queixo, aqueles olhos encapsulados que um dia cheguei a acreditar que eram bonitos, surgiram diante de mim.

Acabou. Desista. Eu venci.

— Afaste-se de mim — sibilei.

O toque dele se desfez, o rosto pairando sobre o meu como um nevoeiro azul desapareceu.

Senti a água gelada atingir meu rosto e me levantei em um pulo, engasgada. O sonho se estilhaçou. Vee estava a distância de um braço, segurando uma jarra vazia.

— Hora de ir — disse ela, agarrando o vaso como se estivesse se preparando para usá-lo como arma caso precisasse.

— Eu não quero — resmunguei, infeliz demais para ficar irritada por causa da água.

Senti um aperto na garganta e achei que fosse começar a chorar. Só queria uma coisa, e ela se fora. Patch não ia voltar. Nada que eu fizesse poderia mudar isso. As coisas pelas quais achei que valesse a pena lutar, as coisas que ardiam e me inflamavam por dentro, até mesmo derrotar Dante e acabar com as artes do mal, tinham perdido o sentido sem ele.

— E Patch? — indagou Vee. — Você desistiu de si mesma, mas desistiu dele também?

— Patch se foi. — Apertei os dedos em meus olhos até conseguir controlar a vontade de chorar.

— Ele foi embora, mas não está morto.

— Não posso fazer isso sem Patch — falei, sem fôlego.

— Então encontre um jeito de trazê-lo de volta.

— Ele está no inferno — disparei.

— Antes isso do que em um túmulo.

Levantei os joelhos e apoiei a cabeça neles.

— Eu matei Hank Millar, Vee. Patch e eu fizemos isso juntos. Dante sabe, e ele vai me prender no duelo. Vai me executar por traição.

Minha mente criou uma imagem bem real. Dante me humilharia da forma mais pública possível. Quando seus guardas me arrastassem do duelo, cuspiriam em mim e me chamariam de vários nomes hediondos. Quanto à execução, pensando em como ele iria acabar com a minha vida...

Ele usaria a espada. Aquela que Blakely tinha encantado para me matar.

— É por isso que não posso ir ao duelo — terminei.

O silêncio de Vee se estendeu.

— É a palavra de Dante contra a sua — disse ela, por fim.

— É isso o que me preocupa.

— Você ainda é a líder dos nefilins. Deve ter algum crédito. Se ele tentar prender você, desafie-o. — A convicção brilhou nos olhos dela. — Lute com ele até o fim. Você pode facilitar as coisas ou pode fincar o pé e fazer com que ele tenha de se esforçar para ter o que quer.

Funguei, limpando o nariz com as costas da mão.

— Estou com medo, Vee. Com tanto medo...

— Eu sei, baby. Mas também sei que, se alguém é capaz de fazer isso, essa pessoa é você. Não digo isso com frequência, e talvez nunca tenha lhe dito, mas, quando crescer, quero ser igual a você. Agora, pela última vez, saia da cama antes que eu lhe dê outro banho. Você vai ao cemitério. E vai dar a Dante a luta da vida dele.



Minhas queimaduras mais graves já tinham cicatrizado, mas eu ainda me sentia esgotada e enfraquecida. Não era uma nefilim há tempo suficiente para entender a mecânica da cicatrização rápida, mas eu imaginava que, mesmo involuntariamente, gastava muita energia no processo. Não tinha olhado no espelho antes de sair da casa de Patch, mas fazia uma boa ideia de como minha aparência devia estar horrível e arrasada. Só de olhar para mim, Dante já se consideraria vitorioso.

Quando Vee e eu paramos no estacionamento de cascalho em frente ao cemitério, recapitulei meu plano. Depois que Dante anunciasse que tinha banido os anjos caídos para o inferno e vencido a guerra, era mais provável que ele me acusasse de ter assassinado Hank e proclamasse que deveria assumir meu lugar. Àquela altura, eu não ia me retirar e abrir mão do meu posto. Vee estava certa. Eu tinha que lutar. Contra todas as expectativas, eu ia *lutar*. Dante só lideraria os nefilins por cima do meu cadáver... literalmente.

Vee fechou a mão sobre a minha.

— Vá garantir sua posição. A gente pensa no resto depois.

Engoli uma risada cética. Depois? Eu não ligava para o que ia acontecer depois. Sentia uma fria indiferença em relação ao meu futuro. Não queria pensar no que viria dali a uma hora. Não queria pensar no que viria no dia seguinte. A cada momento que passava, minha vida se desviava ainda mais do caminho que Patch e eu havíamos trilhado juntos. Não queria seguir adiante. Queria poder *voltar*. Para um lugar onde eu pudesse estar com Patch de novo.

— Scott e eu estaremos bem ali, entre as pessoas — disse Vee com firmeza. — Apenas... tome cuidado, Nora.

Lágrimas brotaram em meus olhos. Patch costumava me dizer as mesmas palavras. Eu precisava dele ali, naquele momento, garantindo que eu seria capaz de fazer aquilo.

O céu ainda estava escuro, a lua derramava sua luz branca pela paisagem fantasmagórica. Uma forte geada fazia com que a grama estalasse sob meus pés enquanto eu descia lentamente até o cemitério, deixando Vee ir na frente. As cruzes brancas de pedra e os obeliscos estreitos pareciam flutuar na neblina. Um anjo com asas lascadas estendia os braços quebrados em minha direção. Senti um soluço em minha garganta. Fechei os olhos, imaginando as feições bonitas e fortes de Patch. Doía pensar nele, sabendo que nunca mais iria vê-lo. *Nem ouse chorar agora*, eu me repreendi. Desviei o olhar, com medo de não

conseguir seguir em frente se me deixasse levar por qualquer outra emoção que não a frieza e a determinação.

Centenas de nefilins estavam reunidos no cemitério. Ao ver a quantidade deles, parei. Uma vez que os nefilins paravam de envelhecer quando juravam lealdade, a maioria era jovem, no máximo uns dez anos a mais que eu, mas vi alguns mais velhos. Os rostos estavam radiantes de expectativa. Crianças corriam em círculos em volta das pernas dos pais, brincando de pega-pega, antes de serem agarradas pelos ombros e obrigadas a ficar quietas. Crianças. Como se o evento daquela manhã fosse um programa familiar: um circo ou algum jogo.

À medida que me aproximava, notei que doze nefilins estavam cobertos até os tornozelos por túnicas pretas com capuz. Deviam ser os mesmos seres poderosos que eu encontrara na manhã seguinte à morte de Hank. Na posição de líder dos nefilins, eu tinha de saber o que aquelas túnicas significavam. Lisa Martin e sua coorte deveriam ter me contado. Mas nunca fui bem-vinda naquele círculo. Nunca me quiseram, para início de conversa. Eu estava certa de que os trajes denotavam status e poder, mas precisei chegar a essa conclusão sozinha.

Um dos nefilins levantou o capuz. Lisa Martin. Sua expressão era solene, e o olhar tenso com a expectativa. Ela me entregou uma túnica negra, mais como um dever que como um sinal de aceitação. A roupa era mais pesada do que eu esperava, feita de um veludo grosso, que deslizou em minhas mãos.

— Você viu Dante? — perguntou ela em voz baixa.

Coloquei a túnica sobre os ombros, mas não respondi.

Meus olhos pousaram em Scott e Vee, e senti um alívio em meu peito. Respirei fundo pela primeira vez desde que saíra do condomínio de Patch. Então vi que eles estavam de mãos dadas, e uma estranha solidão me invadiu. Minha mão vazia formigou com a brisa. Fechei o punho para impedir que ela tremesse. Patch não ia aparecer. Nunca mais ele iria entrelaçar seus dedos nos meus, e um gemido baixo escapou da minha garganta quando me dei conta disso.

O nascer do sol.

Uma faixa dourada iluminou o horizonte cinzento. Em alguns minutos, luz passaria pelas árvores e afastaria a neblina. Dante viria, e os nefilins saberiam da vitória. O medo de jurar lealdade e a ameaça do Cheshvan ficariam registrados somente na história. Ficariam exultantes, comemorando como loucos e saudando Dante como seu salvador. Iriam carregá-lo nos ombros e o louvariam. E então, quando ele tivesse aprovação unânime, me convocaria da multidão...

Lisa andou até a multidão. E elevou a voz para dizer:

— Tenho certeza de que Dante chegará logo. Ele sabe que o duelo está marcado rigorosamente para o nascer do sol. Ele não costuma se atrasar, mas, em todo caso, talvez tenhamos de adiar alguns...

O pronunciamento foi interrompido por um estrondo que pareceu reverberar no chão. Senti a vibração na sola dos meus pés, cada vez mais forte. Uma inquietação instantânea me atingiu como um soco no estômago. Alguém estava chegando. E não apenas *uma pessoa*, mas várias.

— Anjos caídos — sussurrou uma nefilim, o medo permeando sua voz.

Ela estava certa. O poder deles, palpável mesmo a distância, fazia cada terminação nervosa do meu corpo formigar. Eu me arrepiei, rígida de repulsa. Pareciam ser centenas. Mas, como? Marcie tinha queimado as penas deles... Eu vi.

— Como nos encontraram? — indagou outra nefilim, sua voz cheia de pavor.

Olhei imediatamente para o lado e vi os lábios de Susanna Millar se franzirem de espanto sob as dobras do capuz.

— Então, finalmente, eles vieram — sibilou Lisa, a sede de sangue brilhando em seus olhos. — Rápido! Escondam as crianças e peguem as armas. Vamos lutar, com ou sem Dante. A batalha final termina aqui.

O comando dela se espalhou pela multidão, seguido de gritos de ordem. Nefilins se alinharam, aos tropeços e empurrões, desorganizados. Alguns estavam com facas, e aqueles que não tinham nada pegavam pedras, garrafas quebradas ou qualquer outra coisa que achassem para se proteger. Corri em direção a Vee e Scott. Sem perder o fôlego, dirigi minhas primeiras palavras a Scott.

— Tire Vee daqui. Procurem um lugar seguro. Vou encontrar vocês dois quando isso terminar.

— Você está louca se acha que vamos sair sem você — declarou Vee com firmeza. — Diga a ela, Scott. Pegue-a nos braços e leve-a à força se for preciso.

— Como pode ter anjos caídos aqui? — perguntou Scott, procurando por uma explicação em meu rosto.

Nós dois vimos as penas queimarem.

— Não sei. Mas pretendo descobrir.

— Acha que Patch está por aí. É isso, não é? — disse Vee, olhando na direção do ribombar distante que fazia o chão tremer sob nós.

Olhei nos olhos dela.

— Nós vimos Marcie queimar as penas. Ou fomos enganados, ou alguém abriu os portões do inferno. O instinto me diz que a última opção é mais provável. Se os anjos caídos estão escapando do inferno, tenho que fazer com que Patch também saia. E depois preciso fechar as portas antes que seja tarde demais. Se eu não acabar com isso agora, não haverá outra chance. Hoje é o último dia em que os anjos caídos podem possuir o corpo dos nefilins, mas acho que isso já não tem importância nenhuma para eles. — Pensei nas artes do mal. Em todo o seu poder. — Acho que eles têm meios para nos escravizar para sempre... Isto é, se não nos matarem primeiro.

Vee assentiu lentamente, digerindo o peso das minhas palavras.

— Então vamos ajudá-la. Estamos nisso juntos. Essa luta é tão sua quanto é minha e de Scott.

— Vee... — comecei, querendo preveni-la.

— Se essa é mesmo a luta da minha vida, você sabe que não vou perdê-la. Não importa o que diga. Não deixei de comer meus últimos donuts para chegar aqui a tempo só para virar as costas e ir embora — disse Vee, e havia algo quase terno em sua voz.

Ela estava sendo totalmente sincera. Estávamos juntas naquilo.

Minha voz estava embargada demais para eu falar.

— Está certo — falei por fim. — Vamos trancar os portões do inferno de uma vez por todas.

CAPÍTULO 40

O SOL se erguia no horizonte, iluminando por trás a silhueta aparentemente interminável dos anjos caídos que vinham em disparada em direção ao cemitério. Na luz oblíqua do início da manhã, as sombras emitiam um tom iridescente de azul, como uma onda arrebentando na praia. Um homem — um nefilim — corria à frente do exército, brandindo uma espada de brilho azulado. Uma espada feita para me matar. Mesmo a distância, os olhos de Dante pareciam evitar qualquer distração, me caçando.

Antes eu havia me perguntado como os portões do inferno tinham sido abertos, e agora sabia a reposta. O halo azul dos anjos caídos me dizia que Dante usara as artes do mal. No entanto, por que ele tinha permitido que Marcie queimasse as penas para depois libertar os anjos caídos... isso eu não sabia.

— Preciso me aproximar de Dante sozinha — falei. — Ele também está atrás de mim. Se conseguirem, atraiam-no até o estacionamento no alto do cemitério.

— Você não tem arma — disse Scott.

Apontei para a frente, para o exército que chegava. Todos os anjos caídos carregavam uma espada que se erguia como uma chama azul e brilhante.

— Não, mas eles têm. Só preciso convencer um deles a me fazer uma doação.

— Eles estão se espalhando — disse Scott. — Vão matar todos os nefilins aqui do cemitério e depois invadir Coldwater.

Segurei as mãos dele, depois as de Vee. Por um momento formamos um círculo indestrutível, e isso me deu forças. Eu enfrentaria Dante sozinha, mas Vee e Scott não estariam longe... Ia tentar me lembrar disso.

— Aconteça o que acontecer, nunca me esquecerei da nossa amizade.

Scott puxou minha cabeça contra o peito, abraçando-me fervorosamente, depois beijou minha testa com ternura. Vee se atirou para cima de mim e me deu um longo abraço, que me fez temer derramar ainda mais lágrimas.

Eu me afastei e corri.

O terreno do cemitério tinha vários esconderijos, e subi rapidamente nos galhos de um pinheiro da colina que levava ao estacionamento. De lá, tinha uma vista livre, e pude observar os homens e mulheres nefilins desarmados correndo em direção à parede de anjos caídos; eram quase vinte anjos para cada nefilim. Em questão de segundos os anjos caídos desceram sobre eles como uma nuvem, ceifando-os com suas espadas como se não fossem mais do que ervas daninhas.

No sopé da colina, Susanna Millar lutava com um anjo caído mulher cujo cabelo louro-claro açoitava seus ombros enquanto as duas se engalfinhavam. Susanna pegou uma faca

escondida nas dobras de sua túnica e fincou-a no esterno de Dabria. Com um rosnado alto de raiva, Dabria segurou sua espada com as duas mãos, derrapando pela grama molhada, enquanto girava para contra-atacar. A luta das duas as levou para trás do labirinto de lápides e eu as perdi de vista.

Mais longe, Scott e Vee lutavam, de costas um para o outro, usando galhos de árvores para se defender de quatro anjos caídos que os tinham cercado. Apesar de estarem em maior número, os inimigos fugiam de Scott, em vantagem por sua força e seu tamanho. Ele os derrubou com o galho de árvore, que depois usou como uma marreta para deixá-los desacordados.

Percorri o cemitério com os olhos procurando por Marcie. Se ela estava lá, eu não conseguia ver. Podia apostar que havia evitado deliberadamente a batalha, preferindo a segurança à própria honra. O sangue tingia a grama do cemitério. Tanto nefilins quanto anjos caídos escorregavam — o líquido vermelho tinha manchas azuis por causa das artes do mal.

Lisa Martin e seus amigos de túnica percorriam o perímetro do cemitério, uma fumaça negra ondulava das tochas que carregavam. A passos apressados, eles se moviam entre árvores e arbustos, ateando fogo neles. As chamas subiam, consumindo a folhagem e diminuindo o campo de batalha, formando uma barreira em volta dos anjos caídos. A fumaça, espessa e nebulosa, se estendia pelo cemitério como a sombra do anoitecer. Lisa não conseguiria matar os anjos caídos com o fogo, mas estava dando cobertura extra para os nefilins.

Um anjo caído emergiu da fumaça, subindo com dificuldade a colina, os olhos alertas. Imaginei que sentira minha presença. Sua espada irradiava fogo azul, mas a maneira como ele a empunhava escondia seu rosto. Ainda assim, eu podia ver claramente que era meio desengonçado, um alvo fácil.

Ele rastejou em direção à arvore, observando cuidadosamente os espaços escuros entre os galhos. Em cinco segundos, estaria bem embaixo de mim.

Quatro, três, dois...

Atirei-me da árvore. Acertei-o por trás e o peso do meu impacto lançou-o para a frente. A espada caiu de sua mão antes que eu pudesse roubá-la. Rolamos vários metros, mas eu tinha a vantagem da surpresa. Engatinhei e me levantei rapidamente, fiquei de pé junto a ele, atingindo-o várias vezes de forma violenta nas cicatrizes das asas antes que ele acertasse minhas pernas e me derrubasse. Rolei para longe, evitando o golpe de uma faca que ele tinha sacado da bota.

— Rixon? — falei, chocada, ao reconhecer o rosto pálido e as feições aquilinas do antigo melhor amigo de Patch, que me fuzilava com o olhar. Patch tinha pessoalmente acorrentado Rixon no inferno depois que ele tentara me sacrificar para conseguir um corpo humano.

— Você — disse ele.

Nós nos encaramos, joelhos flexionados, prontos para atacar.

— Onde está Patch? — ousei perguntar.

Seus olhos pequenos e brilhantes olharam nos meus, semicerrados e frios.

— Esse nome não me diz nada. O cara está morto para mim.

Como ele não me atacou, eu me arrisquei a fazer outras perguntas.

— Por que os anjos caídos estão deixando Dante liderá-los?

— Dante nos forçou a fazer um juramente de lealdade — disse Rixon, estreitando os olhos em fendas iguais. — Era isso ou ficar no inferno. Restaram poucos por lá.

Patch não ficaria para trás. Não se houvesse uma chance de voltar para mim. Ele faria o juramento para Dante, mesmo preferindo arrancar o pescoço do nefilim e depois repetir o procedimento em cada centímetro quadrado de seu corpo.

— Vou atrás de Dante — falei para Rixon.

Ele riu, sibilando por entre os dentes.

— Eu ganho um prêmio para cada corpo de nefilim que levar para Dante. Falhei em matá-la antes, mas agora farei isso direito.

Mergulhamos ao mesmo tempo na direção da espada, a vários metros de distância. Rixon a alcançou primeiro, rolando de joelhos com agilidade e desferindo um golpe transversal. Abaixei-me, atirando-me contra sua barriga antes que ele pudesse girar novamente a espada. Joguei-o de costas no chão, em cima das cicatrizes de suas asas. Aproveitei que ele ficou imóvel por um instante e o desarmei. Puxei a espada de sua mão esquerda e a faca da direita.

Depois chutei-o, virando-o de bruços, e enfiei a faca bem fundo nas cicatrizes.

— Você matou meu pai — falei para ele. — Eu não me esqueci disso.

Apressei-me em direção ao estacionamento no alto da colina, olhando para trás para ter certeza de que não estava sendo seguida. Eu tinha uma espada, mas precisava de outra, melhor. Relembrei o treinamento de Patch e repeti cada manobra para desarmar o oponente que havíamos praticado juntos. Quando Dante fosse ao meu encontro no estacionamento, eu tomaria a espada dele. E o mataria com ela.

Contornei a colina e Dante estava me esperando. Ele me observava, deslizando o dedo indolentemente para frente e para trás na ponta da espada.

— Bela espada — falei. — Ouvi dizer que foi feita especialmente para mim.

O lábio inferior dele se curvou ligeiramente.

— Para você, só o que há de melhor.

— Você matou Blakely. Uma maneira bem fria de agradecer pelo que ele fez.

— E você matou Hank. Carne da sua carne, sangue do seu sangue. Quem tem telhado de vidro não deve tacar pedra no do vizinho, não é mesmo? — gracejou ele. — Passei meses me infiltrando na sociedade secreta de Hank e conquistando a confiança dele. Devo lhe dizer que fiz um brinde à minha boa sorte no dia em que ele morreu. Seria muito mais difícil destronar Hank do que você.

Dei de ombros.

— Já me acostumei a ser subestimada.

— Eu treinei você. Sei exatamente do que é capaz.

— Por que você libertou os anjos caídos? — perguntei diretamente, uma vez que ele parecia disposto a compartilhar segredos. — Você já tinha conseguido prendê-los no inferno. Podia ter desertado e governado os nefilins. Eles nunca iriam saber que você vive trocando de lado.

Dante sorriu, os dentes brancos e afiados. Parecia mais animal do que gente, uma fera trigueira e selvagem.

— Ascendi sobre as duas raças — disse ele em uma voz tão tranquila que era difícil achar que não acreditasse realmente naquilo. — Darei aos nefilins que sobreviverem ao ataque desta manhã uma escolha parecida com a que dei aos anjos caídos: jurar lealdade a mim ou morrer. Um soberano. Indivisível. Com poder e direito de decisão sobre todos. Queria ter pensando nisso primeiro?

Eu segurava a espada de Rixon bem junto ao corpo, jogando meu peso de um pé para o outro.

— Ah, tem várias coisas que eu queria agora, mas essa não é uma delas. Por que os anjos caídos não possuíram os nefilins neste Cheshvan? Acho que você sabe, e não encare isso como um elogio.

— Ordenei que não fizessem isso. Eu ainda não tinha matado Blakely, e não queria que ele passasse por cima das minhas ordens e distribuísse para os nefilins a superbebida feita com as artes do mal. Ele faria isso se os anjos caídos atacassem os nefilins. — De novo, Dante falava de maneira bem prática.

Tão superior! Ele não temia nada.

— Onde está Patch?

— No inferno. Cuidei para que o rosto dele não passasse pelos portões. Ele vai ficar lá. E só terá visita quando eu estiver com vontade de atacar e atormentar alguém brutalmente.

Lancei-me na direção dele, brandindo minha espada para acertar sua cabeça num golpe fatal. Ele se esquivou, contra-atacando com vários golpes violentos. A cada movimento defensivo, minha espada vibrava até os ombros. Cerrei os dentes para conter a dor. Ele era forte demais. Eu não podia me defender para sempre de um ataque tão potente. Tinha de encontrar um jeito de tomar sua espada e acertar seu coração.

— Quando foi a última vez que você ingeriu as artes do mal? — perguntou Dante, movendo a espada como um facão para me atacar.

— Já parei com isso.

Bloqueei os golpes dele, mas, se eu não parasse logo de ficar só me defendendo, ele acabaria me encurralando contra a cerca. Em uma atitude ousada, lancei-me para a frente no intuito de acertar sua coxa. Ele se desviou, minha espada acertou o vazio e eu quase perdi o equilíbrio.

Quanto mais você se curvar ou se esticar, mais fácil será para Dante acertar você. O alerta de Patch soou em minha cabeça tão claro como quando ele havia falado comigo, no dia anterior. Assenti para mim mesma. É isso, Patch. Continue falando.

— Dá para ver — disse Dante. — Esperava que você tivesse tomado o protótipo tóxico que eu lhe dei em quantidade suficiente para destruir seu cérebro.

Então esse era o plano: me fazer ficar viciada nas artes do mal e deixar que elas me matassem lentamente.

— Onde você está guardando o restante dos protótipos?

— Em um lugar onde posso usufruir de seu poder sempre que tenho vontade — devolveu ele de maneira convencida.

— Espero que tenha escondido bem, porque se existe uma coisa que eu vou fazer antes de morrer é destruir seu laboratório.

— O novo laboratório fica dentro de mim. Os protótipos estão lá, Nora, se replicando incessantemente. Eu sou as artes do mal. Você tem alguma ideia de como é se sentir o homem mais poderoso do planeta?

Abaixei-me bem a tempo de desviar de um golpe no pescoço. Apressei meus passos e, arremetendo a espada para a frente, mirei em seu estômago, mas ele se moveu para o lado de novo e a lâmina só fez um corte superficial acima de seu quadril. Um líquido azul escorreu da ferida, atravessando a camisa branca.

Com um gemido gutural, Dante veio para cima de mim. Corri e pulei o muro de pedra que cercava o estacionamento.

A grama estava coberta de orvalho, o que me fez perder o equilíbrio. Escorreguei e deslizei colina abaixo. Bem a tempo, me arrastei para trás de uma lápide. A espada de Dante acertou o gramado onde eu havia caído. Ele me caçava por entre as lápides, brandindo a espada sem parar, o aço retinindo contra o mármore e a pedra.

Corri para trás da primeira árvore que vi, colocando-a entre nós. Estava pegando fogo, estalando e crepitando enquanto as chamas a devoravam. Ignorei o calor que soprava em meu rosto e fingi ir para a esquerda, mas Dante não estava com humor para brincadeiras. Ele deu a volta na árvore, segurando a espada no alto da cabeça como se quisesse me cortar ao meio, de cima abaixo. Fugi de novo, ouvindo Patch em minha mente.

Use a altura dele a seu favor. Deixe as pernas dele expostas. Um golpe forte em qualquer joelho, e então roube a espada.

Abaixei-me atrás do mausoléu, bem colada à parede. Quando Dante entrou na minha linha de visão, saí do esconderijo, investindo a espada contra sua coxa. O sangue azul-claro esguichou da ferida. Ele tinha consumido tanto das artes do mal que elas literalmente corriam em suas veias.

Antes que eu pudesse puxar de volta a espada, Dante atacou. Consegui desviar do golpe, mas, ao fazer isso, tive de deixar minha espada enterrada em sua perna. O vazio em minhas mãos de repente me pareceu real demais, e engoli em pânico.

— Esqueceu alguma coisa? — zombou Dante, trincando os dentes, enquanto arrancava a lâmina da perna.

Ele atirou minha espada no telhado do mausoléu.

Saí correndo, sabendo que a perna iria atrasá-lo... até que cicatrizasse. Não tinha ido muito longe quando um calor agonizante rasgou meu ombro esquerdo e se espalhou pelo braço. Caí de joelhos, gritando. Olhei para trás e consegui ver a adaga branco-perolada de Pepper alojada profundamente em meu ombro. Marcie devia tê-la dado a ele na noite anterior. Dante veio mancando em minha direção.

O branco de seus olhos brilhava com o tom azulado das artes do mal. Suor azul brotava de sua testa. As artes do mal gotejavam de sua ferida. Os protótipos que roubara de Blakely estavam dentro dele. Dante tinha consumido tudo e, de alguma forma, transformara o próprio corpo em uma fábrica de artes do mal. Um plano brilhante, exceto por um pequeno detalhe. Se eu conseguisse matá-lo, cada protótipo que havia na Terra iria embora com ele.

Se eu conseguisse matá-lo.

— Seu amigo arcanjo gordo confessou que encantou essa adaga especificamente para me matar — disse ele. — Ele falhou, e Patch também. — Seus lábios se curvaram em um sorriso sórdido.

Arranquei da terra uma lápide de mármore e a atirei na direção de Dante, mas ele a rebateu para longe como se eu tivesse lançado uma bola de beisebol.

Recuei lentamente, contando com o braço bom. *Devagar demais.*

Tentei um apressado truque da mente. *Largue a espada e fique parado!*, gritei para o subconsciente de Dante.

Então uma dor se espalhou por minha maçã do rosto. A ponta áspera da espada dele tinha me atingido com tanta força que eu sentia o gosto do sangue.

— Como ousa tentar fazer um truque da mente em mim?

Antes que eu pudesse recuar, ele me levantou pela nuca e me atirou violentamente contra uma árvore. O impacto turvou minha visão e me deixou sem ar. Tentei me equilibrar de joelhos, mas o chão trepidou.

— Deixe ela em paz!

A voz de Scott. O que ele estava fazendo ali? Minha apreensão e espanto duraram apenas um instante. Vi a espada nas mãos dele, e a ansiedade tomou conta do meu corpo.

— Scott — gritei para alertá-lo. — Saia daqui *agora.*

Suas mãos firmes envolviam o punho da espada.

— Jurei para o seu pai que iria protegê-la — disse ele, atento, sem tirar os olhos de Dante.

Dante inclinou a cabeça para trás, rindo.

— Um juramento a um cadáver? Como isso funciona?

— Se tocar em Nora novamente, você é um homem morto. Posso lhe jurar isso.

— Afaste-se, Scott! — gritou Dante. — Isso não tem nada a ver com você.

— É aí que você se engana.

Scott disparou em direção a Dante, os dois lutando em um borrão de golpes rápidos. Scott relaxou os ombros, confiando em seu porte físico e no estilo atlético para compensar a experiência e as habilidades de Dante, potencializadas pelas artes do mal. Scott atacou, e Dante desviou com agilidade para o lado. Uma curva brutal da espada de Scott decepou o antebraço esquerdo de Dante. Scott cravou sua espada no membro e o ergueu.

— Em quantas partes forem necessárias!

Dante xingou, brandindo negligentemente a espada para cima de Scott com o braço que não estava ferido. A colisão das lâminas retiniu no ar da manhã e pareceu ensurdecedora. Dante forçou Scott a recuar até uma grande cruz de pedra e eu gritei meu alerta através dos pensamentos.

Uma lápide, atrás de você!

Scott desviou para o lado, evitando tranquilamente a queda, e ao mesmo tempo bloqueou um ataque. Os poros de Dante transpiravam suor azul, mas, se ele notava, não demonstrou. Sacudiu o cabelo úmido, tirando-o dos olhos, e continuou a desferir golpes, o braço bom ficando visivelmente cansado. Seus golpes aleatórios se tornaram desesperados. Vi minha chance de chegar por trás de Dante e encurralá-lo entre mim e Scott, então um de nós acabaria com ele.

Um grunhido de dor me fez congelar. Eu me virei bem quando Scott caía na grama molhada, apoiando-se em um joelho. Suas pernas se estenderam de uma forma estranha enquanto ele tentava recuperar a postura. Scott rolou e escapou de uma investida, mas não teve tempo de ficar de pé antes que Dante atacasse de novo, desta vez cravando a espada bem fundo em seu peito.

As mãos de Scott se curvaram sem força em volta da espada de Dante, cravada em seu coração, tentando em vão retirá-la. As artes do mal entraram em seu corpo através da espada, e sua pele escureceu em um tom assustador de azul. Ele chamou meu nome em um fio de voz em meus pensamentos. *Nora?*

Gritei. Paralisada pelo choque e pela dor, vi Dante finalizar seu ataque, girando a lâmina, que perfurava o coração de Scott.

Voltei toda a minha atenção para Dante, tremendo com um ódio que nunca sentira antes. Uma onda de violenta abominação se agitou dentro de mim. O veneno preenchia minhas veias. Minhas mãos se fecharam em punhos de pedra, e uma voz de fúria e vingança gritou em minha cabeça.

Impelida pela raiva contínua e profunda, busquei minha força interior. Não de maneira indiferente, apressada ou pouco confiante. Evoquei cada gota de coragem e determinação que possuía e lancei toda aquela fúria para cima dele. Eu *não* ia deixar que ele vencesse. Não daquele jeito. Não usando as artes do mal. Não matando Scott.

Com toda a força da minha convicção mental, invadi a mente dele e fragmentei os impulsos que entravam e saíam de seu cérebro. Igualmente rápido, conectei uma ordem

inflexível: *Largue a espada. Largue a espada, seu ser ardiloso e desprezível.*

Ouvi o tinir do aço no mármore.

Fuzilei Dante com o olhar. Ele encarava o espaço distante com uma expressão de torpor, como se estivesse procurando por algo perdido.

— Irônico, não é, que tenha sido você a descobrir meu ponto mais forte? — falei, a repulsa escorrendo de cada palavra.

Eu tinha jurado que nunca voltaria a usar as artes do mal, mas aquela era uma circunstância em que eu contrariaria as regras tranquilamente. Se eu matasse Dante, as artes do mal também desapareceriam.

A tentação de roubar as artes do mal para mim passou pela minha mente, mas consegui me livrar daquela ideia. Eu era mais forte do que Hank, mais forte do que Dante. Mais forte, até, do que as artes do mal. Eu as mandaria de volta para o inferno por Scott, que tinha dado sua vida para salvar a minha. Eu tinha acabado de pegar a espada de Dante quando a perna dele corcoveou, chutando-a para longe das minhas mãos.

Dante se catapultou para cima de mim, suas mãos apertando meu pescoço. Arranhei seus olhos, seu rosto.

Abri a boca. Estava sem ar.

Seu olhar frio brilhava de triunfo.

Minha mandíbula se abria e fechava em vão. O rosto implacável de Dante começou a se granular, como a imagem de uma TV antiga. Sobre seu ombro, um anjo de pedra me observava com interesse.

Quis rir. Quis chorar. Então era isso que significava morrer. Entregar-se.

Eu não queria me entregar.

Dante comprimia minha passagem de ar com o joelho, esticando-se para o lado para pegar a espada. Encostou a ponta sobre meu coração.

Possua-o. O anjo de pedra parecia ordenar tranquilamente. *Possua-o e o mate.*

Patch?, me perguntei de maneira quase sonhadora.

Agarrei-me à força que senti por acreditar que Patch estava por perto, me observando, e parei de resistir. Abaixei meus dedos que arranhavam Dante e relaxei as pernas. Sucumbi a ele, mesmo que isso parecesse uma coisa covarde, como se reconhecesse a derrota. E foquei meus pensamentos em gravitar em sua direção.

Uma estranha sensação de frio ondulou pelo meu corpo.

Pisquei, vendo o mundo através dos olhos de Dante. Olhei para baixo. A espada dele estava nas minhas mãos. Em algum lugar bem fundo dentro de mim, sabia que Dante estava rangendo os dentes, proferindo sons de gelar o sangue, uivando como um animal infeliz.

Virei a espada na minha direção. Apontei-a para o meu coração. E então fiz uma coisa surpreendente.

Caí sobre a lâmina.

CAPÍTULO 41

O CORPO de Dante expeliu o meu tão depressa que eu parecia estar sendo atirada de um carro em movimento. Minhas mãos tentavam agarrar a grama, em busca de alguma coisa sólida em um mundo que girava, inclinando-se e revolvendo-se sobre si mesmo. À medida que a tontura passava, olhei em volta à procura de Dante. Senti seu cheiro antes de vê-lo.

Sua pele tinha escurecido para o tom de uma contusão, e o corpo começava a inchar, purgando os fluidos. Seu sangue misturado às artes do mal se infiltrava na terra como se estivesse vivo, tentando se esconder da luz do sol. A carne dele estava se decompondo, deteriorando-se em pó. Após apenas alguns segundos, tudo o que restava de Dante eram ossos completamente secos.

Ele estava morto. As artes do mal tinham desaparecido para sempre.

Consegui me levantar devagar. Minha calça jeans estava rasgada e manchada, e havia grama grudada nos joelhos. Passei a língua em meus lábios ressecados, sentindo gosto de sangue e o amargor do suor salgado. Caminhei até Scott, cada passo pesado, lágrimas quentes em meu rosto, minhas mãos pairando inutilmente sobre seu corpo, que se deteriorava rapidamente. Fechei os olhos, forçando-me a pensar em seu sorriso torto, não em seu olhar vazio. Em minha mente, revivi sua risada provocadora. Não os sons gorgolejantes, em busca de ar, emitidos pouco antes de morrer. Lembrei-me do calor de sua pele quando nos tocávamos casualmente ou quando ele me dava socos de brincadeira no braço, sabendo que seu corpo estava se decompondo mesmo enquanto eu me agarrava àquelas lembranças.

— Obrigada — falei com dificuldade, dizendo a mim mesma que em algum lugar ali perto ele ainda podia ouvir minha voz. — Você salvou minha vida. Adeus, Scott. Nunca vou esquecê-lo, juro isso a você. *Nunca* — prometi.

A névoa que pairava sobre o cemitério ardia em tons de dourado e cinza, enquanto os raios de sol atravessavam-na. Ignorei o fogo que queimou meu ombro ao arrancar a adaga de Pepper e me afastei de um grupo de lápides cambaleando em direção a uma parte aberta do cemitério.

Estranhas massas informes cobriam o gramado e, ao me aproximar, vi o que realmente eram: corpos. Anjos caídos, pelo que pude perceber do que havia restado deles. Assim como Dante, a carne deles se decompunha em segundos. Fluido azul vertia de suas carcaças e era imediatamente sugado pela terra.

— Você conseguiu.

Eu me virei, instintivamente apertando a adaga com mais força. O detetive Basso enfiou as mãos nos bolsos, um sorriso cruel brincando em seus lábios. O cachorro de rua sarnento

que tinha salvado minha vida alguns dias antes estava sentado fielmente ao lado dele. Os olhos amarelos e selvagens do cão me contemplavam. Basso se abaixou, acariciando o pelo sujo entre suas orelhas.

— Ele é um bom cão — disse Basso. — Quando eu for embora, vai precisar de um lar.

Dei um passo cauteloso para trás.

— O que está acontecendo aqui?

— Você conseguiu — repetiu ele. — As artes do mal foram erradicadas.

— Diga que estou sonhando.

— Sou um arcanjo.

Os cantos de sua boca se curvaram de maneira quase constrangida, mas não exatamente.

— Não sei o que dizer.

— Estou trabalhando disfarçado na Terra há alguns meses. Suspeitávamos de que Chances Langais e Hank Millar estivessem evocando as artes do mal, e era meu trabalho ficar de olho em Hank, em seus negócios e sua família... incluindo você.

Basso. Um arcanjo. Trabalhando disfarçado. Balancei a cabeça.

— Ainda não entendi direito o que está acontecendo aqui.

— Você fez o que eu vinha tentando cumprir. Acabar com as artes do mal.

Digeri aquilo em silêncio. Depois do que eu vira nas últimas semanas, nada me surpreenderia facilmente. Mas aquilo com certeza tinha conseguido. Era bom saber que eu ainda não estava completamente insensível.

— Os anjos caídos se foram. Não vai durar para sempre, mas aproveite enquanto pode, o.k.? — resmungou ele. — Estou fechando esse caso e voltando para casa. Parabéns.

Meu cérebro mal o ouvia. Os anjos caídos, eles se foram. *Eles se foram*. Aquelas palavras pareciam abrir em mim um buraco sem fundo.

— Bom trabalho, Nora. Ah, e você vai gostar de saber que Pepper está sob nossa custódia e que estamos cuidando dele. Ele alega que foi você quem o fez roubar as penas, mas vou fingir que não o ouvi. Uma última coisa. Considere isso uma espécie de agradecimento: faça um corte bem no meio da marca em seu pulso — disse ele, gesticulando com a lateral da mão como se serrasse o próprio pulso.

— O quê?

Ele abriu um sorriso de sabedoria.

— Pelo menos uma vez, apenas confie em mim.

E desapareceu.

Recostei-me em uma árvore, tentando desacelerar o mundo o bastante para absorver tudo aquilo. Dante, morto. As artes do mal, destruídas. A guerra, inexistente. Meu juramento, cumprido. E Scott. Ah, Scott. Como eu contaria a Vee? Como poderia ajudá-la a superar a perda, a tristeza, o desespero? E depois, como a encorajaria a seguir em frente, quando nem eu mesma planejava fazer isso? Tentar substituir Patch — até mesmo tentar

encontrar a felicidade, ainda que pequena, com qualquer outra pessoa — seria uma mentira. Agora eu era uma nefilim, abençoada com a vida eterna e condenada a passá-la sem Patch.

Ouvi passos farfalhando à frente, cortando caminho pela grama, um som familiar. Eu me firmei, pronta para atacar, quando uma silhueta escura emergiu da neblina. Os olhos da figura varriam o chão, claramente à procura de alguma coisa. Ele se agachava perto de cada corpo, examinando-o com fervor apressado, depois o jogava de lado, xingando impaciente.

— Patch?

Arqueado sobre um corpo em decomposição, ele congelou. Ergueu a cabeça de repente, estreitando os olhos, como se não acreditasse no que tinha ouvido. Seu olhar encontrou o meu, e alguma coisa indecifrável surgiu em seus olhos negros. Alívio? Conforto? Entrega.

Corri freneticamente os vários metros que nos separavam e me atirei em seus braços, enfiando os dedos por dentro da camisa dele e enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Que isso seja real. Que seja você. Não me abandone. Nunca mais me abandone. — Comecei a chorar incontrolavelmente. — Lutei contra Dante. Eu o matei. Mas não consegui salvar Scott. Ele está morto. As artes do mal desapareceram, mas falhei com Scott.

Patch murmurou sons suaves em meu ouvido, mas suas mãos tremiam em meu corpo. Sem me soltar, ele me conduziu até um banco de pedra para nos sentarmos, segurando-me como se tivesse medo de que eu fosse escorrer como areia por entre seus dedos. Seus olhos, vermelhos e cansados, mostravam que ele estava chorando.

Continue falando, disse a mim mesma. *Não deixe o sonho acabar. Tudo para manter Patch aqui.*

— Eu vi Rixon.

— Ele está morto — disse Patch sem rodeios. — E todos os outros. Dante nos libertou do inferno, mas antes nos fez jurar lealdade e nos injetou um protótipo das artes do mal. Era a única forma de sair. Deixamos o inferno com isso nadando em nossas veias, em nossa força vital. Quando você destruiu as artes do mal, cada anjo caído que era mantido com elas morreu.

Não pode ser um sonho. Deve ser e, ao mesmo tempo, parece tão real. Seu toque, tão familiar, fazia meu coração disparar e meu sangue derreter — eu não podia fabricar uma reação tão forte em um sonho.

— Como você sobreviveu?

— Não fiz um juramento a Dante e não o deixei injetar as artes do mal em mim. Possuí Rixon apenas pelo tempo suficiente para escapar do inferno. Não confiava em Dante ou nas artes do mal. Confiava em *você* para acabar com os dois.

— Ah, Patch — falei com a voz tremendo. — Você foi embora. Vi sua moto. Você não voltou. Pensei... — Meu coração contorceu-se, e uma dor profunda se expandiu e tomou meu peito. — Não salvei sua pena... — A perda e a devastação tomaram conta de meu corpo por dentro como o frio rigoroso do inverno, implacável e entorpecedor. Aconcheguei-me

mais ainda em Patch, com medo de que ele pudesse sumir de repente. Subi no colo dele, soluçando em seu peito.

Patch me aninhou nos braços, embalando-me. Anjo, murmurou ele em minha mente. *Estou bem aqui. Estamos juntos. Acabou, e temos um ao outro.*

Um ao outro. Juntos. Ele tinha voltado para mim. Tudo o que importava estava bem ali. Patch estava bem ali.

Sequei os olhos com as mangas da camisa e envolvi seu quadril com as pernas. Passei os dedos por seu cabelo, prendendo seus cachos e puxando Patch para perto.

— Eu quero estar com você — falei. — Preciso de você junto de mim, Patch. Preciso de você por inteiro.

Eu o beijei, atrevida e intensamente, minha boca comprimindo a dele. Apertei com mais força, afogando-me em seu sabor. Suas mãos firmes em minhas costas me puxavam para mais perto. Passei as mãos contornando-lhe ombros, braços, coxas, sentindo seus músculos tensionarem, tão reais e fortes e vivos. Sua boca pressionava a minha com força e necessidade.

— Quero acordar com você todas as manhãs e adormecer a seu lado todas as noites — disse-me Patch em tom sério. — Quero protegê-la, amá-la e cuidar de você de um jeito que nenhum outro homem jamais poderia. Quero mimá-la... cada beijo, cada toque, cada pensamento meu, tudo isso lhe pertence. Vou fazê-la feliz. Todos os dias. — O anel muito antigo que ele segurava entre os dedos captou a luz do sol, refletindo um brilho prateado. — Encontrei este anel pouco depois de ser banido do paraíso. Eu o guardei para me lembrar de que minha sentença era infinita, de que uma pequena escolha pode ser eterna. Guardei-o por muito tempo. E agora quero que fique com ele. Você pôs fim ao meu sofrimento. E me deu uma nova eternidade. Seja minha, Nora. Seja meu tudo.

Mordi o lábio para conter um sorriso que ameaçava se abrir em meu rosto. Olhei para o chão, para ter certeza de que não estava flutuando.

— Patch?

Ele raspou uma beirada áspera do anel na palma da mão, e um fino rastro de sangue surgiu.

— Juro, Nora Grey, neste dia, e de agora em diante, me doar a você. Eu sou seu. Meu amor, meu corpo, minha alma... eu os entrego a você e os dedico à sua proteção. — Ele estendeu o anel, uma oferta única, uma promessa irrevogável.

— Patch — sussurrei.

— Se eu falhar, meu próprio sofrimento e pesar serão meu castigo eterno. — Seus olhos se prenderam aos meus, com franca sinceridade. *Mas não vou falhar, Anjo. Não vou decepcioná-la.*

Aceitei o anel, pronta para talhar a palma de minha mão tal como Patch fizera. E então me lembrei do conselho enigmático de Basso. Deslizei o anel e fiz um corte na marca de nascença em forma de lápis na parte interna de meu pulso — uma marca de minha herança

nefilim. O sangue vermelho-vivo manchou minha pele. Encostei firmemente a incisão em meu pulso contra a mão de Patch, sentindo um formigamento quente na região em que nosso sangue se misturou.

— Juro a você, Patch, aceitar seu amor e cuidar dele. E, em troca, dar-lhe meu corpo e meu coração... tudo o que possuo, entrego a você. Eu sou sua. Completa e totalmente. Me ame. Me proteja. Me complete. E prometo fazer o mesmo.

Ele colocou o anel em meu dedo.

Patch, então, fez um movimento inesperado, como se seu corpo tivesse recebido uma carga de alta tensão.

— Minha mão — disse ele, em voz baixa. — Minha mão está... — Ele fitou meus olhos, a confusão ficando cada vez mais evidente em seu rosto. — Está formigando na região em que nosso sangue se misturou.

— Você está sentindo — falei, espantada demais para acreditar que podia ser verdade. Com medo de elevar minhas expectativas. Apavorada com a ideia de que aquilo fosse acabar, e o corpo dele de novo deixasse de sentir o meu.

Não. Aquele era o presente que Basso havia me dado.

Patch, um anjo caído, podia ter sensações. Sentir todos os meus beijos, cada toque. Meu calor, a intensidade de minhas reações ao corpo dele.

Ele fez um som que era uma mistura de risada e gemido. Seus olhos se iluminaram com admiração.

— Eu posso sentir você.

Suas mãos percorreram meus braços, explorando apressadamente minha pele, segurando meu rosto. Ele me beijou com força e estremeceu de prazer. Então me pegou nos braços, e eu gritei de alegria.

— Vamos dar o fora daqui — murmurou ele, os olhos ardendo de desejo.

Passei os braços em volta de seu pescoço e aninhei minha cabeça em seu ombro. O corpo dele era uma certeza sólida, um contraponto quente. E agora ele podia me sentir também. O calor da expectativa abrasou minha pele.

Então era isso. Juntos. Para sempre. Ao deixarmos tudo para trás, o sol aquecia minhas costas, iluminando o caminho à nossa frente.

Não havia presságio melhor do que aquele.

EPÍLOGO



TRÊS ANOS DEPOIS
HODDER VALLEY, LANCASHIRE, INGLATERRA

— O.K., você venceu — murmurei, levantando-me da cadeira e observando Vee com admiração enquanto ela entrava na sacristia da igreja segurando a barra do vestido comprido de seda prateado. A luz que atravessava o vitral fazia o tecido irradiar um intenso brilho metálico. — Sei que lhe disse para usar o branco tradicional, mas eu estava errada. Vee, você está estonteante.

Ela girou, exibindo os coturnos que eu não via desde o colégio.

— Uma coisa antiga — disse Vee.

Mordi o lábio.

— Acho que vou chorar.

— Você vai pegar meu buquê, certo? E depois me devolver quando ninguém estiver vendo, para que eu possa mandar secá-lo e emoldurá-lo, e então você poderá debochar de mim o resto da vida por ser tão boba?

— Sou nefilim. Vou pegar essas flores antes que o cérebro de suas outras amigas tenha registrado que você jogou o buquê.

Vee suspirou de alegria.

— *Baby*, estou tão feliz que você tenha vindo.

— Ia ser preciso bem mais do que cinco mil quilômetros de distância para me impedir de assistir ao casamento da minha melhor amiga. — Abri um sorriso de insinuação. — Onde vai passar a lua de mel?

— Gavin não quer dizer. É seu grande segredo. Ele planejou tudo. Eu avisei que só tinha uma exigência: um hotel com donuts no menu do serviço de quarto. Viajaremos dez dias. Depois da volta, vamos começar a procurar emprego.

— Você algum dia já pensou em voltar?

— Para Coldwater? Mas que diabos, não. Gosto da Inglaterra. Esses britânicos adoram meu sotaque. A primeira vez que Gavin me chamou para sair foi só para me ouvir falar. Para a sorte dele, é uma das minhas melhores habilidades. — Toda a brincadeira deixou seus

olhos. — Coldwater me traz muitas lembranças. Não posso dirigir sem achar que vi Scott na multidão. Você acredita em vida após a morte? Acha que ele está feliz?

Senti um nó na garganta, e não consegui falar nada. Não havia nem um dia desde a morte de Scott em que eu não ficasse em silêncio por alguns instantes para agradecer por seu sacrifício.

— Ele devia estar aqui. Eu queria muito que ele estivesse aqui — disse Vee, abaixando a cabeça e roendo as unhas recém-pintadas.

— Eu também. — Apertei as mãos dela.

— Sua mãe me contou que Marcie morreu há alguns meses.

— Ela viveu mais do que todos esperavam.

— Uma maçã podre até o fim?

— Minha mãe foi ao funeral dela. Cinco pessoas no total, incluindo a própria mãe.

Vee deu de ombros, insensível.

— É o carma, pura e simplesmente.

A porta de carvalho em arco do outro lado da sala se abriu, e minha mãe colocou a cabeça para dentro. Ela havia viajado para lá uma semana antes, a fim de ajudar a mãe de Vee a organizar o casamento, e acho que, secretamente, estava adorando o trabalho. Finalmente aceitara que Patch e eu — uma relação com a qual ela aos poucos foi se animando — tínhamos feito nossos votos sob o céu, selados com sangue, e nunca daríamos uma grande festa de casamento, e que aquela era sua única chance. A grande ironia daquilo tudo era: quem imaginaria que Vee seguiria um caminho mais tradicional do que eu?

Minha mãe sorriu para nós.

— Sequem esses olhos, minhas queridas, está quase na hora.

Mexi no coque de Vee, soltando mais alguns fios para emoldurar seu rosto, e prendi alguns jasmins perfumados na grinalda. Quando terminei, Vee atirou os braços em volta de mim, balançando-me para a frente e para trás em um abraço animado, e então nós duas ouvimos uma costura se abrir.

— MALDIÇÃO — disse Vee, contorcendo-se para examinar o vestido descosturado. — Encomendei um tamanho menor, planejando perder quatro quilos até o casamento. Eu não diria que estou gorda, mas acho que podia perder um pouco desse volume nefilim. O problema é que nunca faltavam bolinhos no meu armário.

Não consegui evitar ter um ataque de riso.

— Entendo. Vou ter que entrar com minha calcinha aparecendo na frente de todas essas pessoas, e você nem liga — disse Vee, ao mesmo tempo rindo. Ela pegou um Band-aid na bolsa e o colou no tecido rasgado.

Rimos tanto que ficamos sem ar e com o rosto vermelho.

A porta se abriu uma segunda vez.

— Aos seus lugares! Depressa! — disse minha mãe, espantando-me dali. Uma música de órgão entrou pela capela. Fui depressa para o final da fila das damas de honra, todas usando

vestidos sereia de tafetá amarelo idênticos, e peguei meu buquê de lírios brancos com o irmão de Vee, Mike. Vee foi para seu lugar ao meu lado e respirou fundo.

— Pronta? — perguntei.

Ela piscou.

— E animada.

Duas pessoas paradas de cada lado da entrada abriram a imensa porta dupla entalhada. De braços dados, Vee e eu entramos na capela.



Depois do casamento, tiramos fotos na área externa. Um sol vespertino brilhante derramava luz na grama verde, e ovelhas pitorescas pastavam ao longe. Em meio a isso tudo, Vee brilhava, parecendo mais serena e radiante do que eu jamais a vira. Gavin segurou sua mão, fez carinho no rosto, sussurrou no ouvido. Vee não tinha me contado que ele era humano, mas soube de cara. Como Vee não tinha jurado lealdade, eles envelheceriam juntos. Não sabia como seria o envelhecimento dela, ou o meu, aliás, uma vez que até então ninguém nunca ouvira falar de um nefilim que tivesse vivido sem ser obrigado a jurar lealdade. Em todo caso, ela era imortal. Algum dia Gavin morreria, sem nunca saber que sua esposa não o seguiria na outra vida. Não me ressentia das omissões de Vee. Eu a admirava por conseguir conquistar suas lembranças felizes, ponto. Eu não conhecia Gavin até aquele dia, mas sua adoração e amor por ela eram óbvios, e sério, o que mais eu podia querer?

A recepção também foi ao ar livre, sob uma grande tenda branca. Com os flashes da câmera ainda piscando em meus olhos, segui até o bar e pedi uma água com gás. Casais dançavam ao som da orquestra ao vivo, mas eu mal os notei. Meu foco se voltou somente para Patch.

Ele tinha se arrumado todo para o casamento, com um smoking preto feito sob medida e seu melhor sorriso cafajeste. O smoking emoldurava seu corpo atlético, e o sorriso fazia meu coração disparar. Ele também me viu, seus olhos negros se iluminando de carinho e desejo. Senti o calor da expectativa arder dentro de mim. Tinha ficado longe dele a maior parte do dia, e agora eu o queria. Muito.

Patch se aproximou, bebendo de uma taça de vinho. O paletó do smoking estava pendurado em seu ombro, o cabelo enrolando, bagunçado pela umidade.

— Tem uma pousada um pouco mais adiante na estrada. E um celeiro atrás daquelas árvores ali, se quiser aprontar — disse ele, sabendo bem no que eu estava pensando.

— Você disse "aprontar"?

Patch colocou as mãos em meu quadril, puxando-me para perto.

— Disse. Precisa de uma demonstração? — Ele me beijou uma vez. Depois outra, demorando-se com a língua de maneira criativa. — Amo você.

— Nunca vou me cansar de ouvir isso.

Ele afastou alguns cachos do meu rosto.

— Nunca imaginei minha vida tão completa. Nunca pensei que eu teria tudo que quero. Você é tudo para mim, Anjo.

As palavras dele fizeram meu coração transbordar. Eu o amava de um jeito que nunca seria capaz de exprimir com palavras. Ele era parte de mim. E eu era parte dele. Ligados um ao outro por toda a eternidade. Inclinei-me e o beijei.

— Acho que vou pensar em sua oferta. Uma pousada no campo, você disse?

O *Cadillac está estacionado lá na frente, e eu também tenho uma moto parada lá atrás*, disse Patch em meus pensamentos. *Despedida tradicional ou fuga?*

Pessoalmente, eu já tinha tido tradição mais do que suficiente por um dia. *Fuga.*

Patch me pegou nos braços, e eu soltei um grito de alegria enquanto ele me carregava até os fundos da igreja. Subimos na moto e saímos a toda velocidade pela estrada, disparando pelas colinas verdes em direção à pousada.

Dentro de nosso quarto particular e aconchegante, puxei a gravata dele, desfazendo o nó.

— Você veste essas roupas para impressionar — falei, em tom de aprovação.

— Não, Anjo. — Ele se inclinou e mordeu de leve minha orelha. — Eu *tiro* a roupa para impressionar.

Carta de Patch para Nora



Anjo,

Minha maior esperança é que você nunca precise ler isto. Pedi a Vee que só lhe entregasse esta carta se minha pena fosse queimada e eu estivesse preso no inferno, ou se Blakely desenvolvesse um protótipo das artes do mal forte o bastante para me matar. Quando a guerra entre nossas raças começar, não sei o que será de nosso futuro. Quando penso em você e em nossos planos sinto uma dor terrível. Nunca quis tanto que as coisas dessem certo.

Antes de deixar este mundo, preciso ter

certeza de que você sabe que todo o meu amor é seu. Para mim você continua sendo a mesma de antes do Voto de Conversão. Você é minha. Sempre. Adoro a força, a coragem e a delicadeza de sua alma. Adoro seu corpo também. Como alguém tão sexy e perfeita pode ser minha? Com você, tenho um propósito — alguém para amar, cuidar e proteger.

Meu passado tem segredos que pesam em sua mente. Você confiou em mim o suficiente para não perguntar sobre eles, e foi sua fé que me tornou um homem melhor. Não quero deixar nada oculto entre nós. Falei que fui banido do céu porque me apaixonei por uma humana. Da forma como contei, pareceu que

arrisquei tudo para ficar com ela. Só disse isso para simplificar minhas motivações. Mas não era verdade. A verdade é que me desiludi com as metas inconstantes dos arcanjos e queria contrariá-los, contrariar suas regras. A garota foi uma desculpa para deixar para trás um antigo estilo de vida e aceitar a nova jornada, que por fim me levaria até você. Acredito em destino, Anjo. Acredito que cada escolha que fiz me trouxe para mais perto de você. Eu a procurei por muito tempo. Posso ter caído do céu, mas caí foi por você.

Farei tudo o que for necessário para que ganhe essa guerra. Os nefilins sairão vitoriosos. Você cumprirá seu juramento ao Mão Negra e ficará segura. Essa é

minha prioridade, mesmo que me custe a própria vida. Acho que ficará irritada ao ler esta carta. Pode ser difícil me perdoar. Prometi que ficaríamos juntos quando tudo terminasse, e talvez você se magoe comigo por quebrar a promessa. Mas quero que saiba que fiz todo o possível para manter minha palavra. Enquanto escrevo esta carta, estou pensando em qualquer alternativa que nos ajude a passar por isso. Espero encontrar um jeito. Mas, se eu tiver que escolher entre mim e você, escolho você.

Sempre escolhi.

Com todo o meu amor,

Patch

AGRADECIMENTOS



AGRADEÇO de todo coração às pessoas que tornaram possível a série Hush, Hush. Em primeiro lugar, obrigada à minha família pelo apoio incansável. Todos os dias me impressiono por viver cercada de pessoas que me amam tão incondicionalmente.

Muito obrigada à minha agente, Catherine Drayton, pelo voto de confiança.

Considero-me sortuda por trabalhar com alguns dos melhores do ramo: Courtney Bongiolotti, Julia Maguire, Zareen Jaffery, Justin Chanda, Anne Zafian, Jenica Nasworthy, Lucille Rettino, Elke Villa, Chrissy Noh, Jon Anderson e Valerie Shea.

Meus agradecimentos a Anna McKean e Paul Crichton por muitas e muitas horas de trabalho nos bastidores — e por cuidar tão bem de mim enquanto estou na estrada.

Sou muito grata pelas amizades que fiz durante esta jornada, em particular com Jenn Martin e Rebecca Sutton, as brilhantes irmãs por trás do FallenArchangel.com. Keep calm e chame Patch!

Lyndsey Blessing, Charlie Olsen e o restante da equipe da InkWell Management — obrigada por cuidarem de mim.

Adoro as capas dos meus livros, e aplaudo James Porto e Lucy Ruth Cummins pela arte e criatividade.

Obrigada a Lisa Martin, fã extraordinária, que fez seu lance em benefício da Kids Need to Read e batizou uma personagem — apreciamos sua generosidade, e agora você está imortalizada neste livro!

Aos muitos livreiros e bibliotecários que trabalham nas linhas de frente: se você já compartilhou *Hush, Hush* com um leitor, meus cumprimentos. Considere este agradecimento só para você.

Desde que *Sussurro* foi publicado, eu tive a oportunidade de viajar para o exterior e conhecer leitores ao redor do mundo. Nada disso teria sido possível sem meus editores internacionais. Meus agradecimentos especiais aos amigos da Simon & Schuster UK, Simon & Schuster Austrália, Simon & Schuster Canadá, Piemme Freeway e Lattès.

Por fim, um recado para meus leitores. Esses três anos foram incríveis! Obrigada por serem um público tão divertido para quem escrever. Obrigada pelas cartas de apoio, por comparecerem aos eventos e por se apaixonarem por Patch, Nora, Vee e Scott. Não vejo a hora de escrever para vocês novamente no futuro.

Sobre a autora



BECCA FITZPATRICK cresceu lendo romances de espionagem à luz de uma lanterna, embaixo dos cobertores. Em certo momento, começou a sonhar em ser uma espiã sexy e perigosa. Com formação na área da saúde, logo abandonou tudo para se dedicar a escrever – atividade que pode ser tão sexy e perigosa quanto sua imaginação permitir. Se ela não estiver entre livros, provavelmente estará praticando corrida, garimpando sapatos nas prateleiras de liquidação ou assistindo a séries de investigação na tevê. Becca mora no Colorado, Estados Unidos. Seus três primeiros romances, *Sussurro*, *Crescendo* e *Silêncio*, figuraram na lista de mais vendidos do The New York Times e nas principais listas brasileiras.

Conheça os livros da autora



Sussurro



Crescendo



Silêncio



Finale

Star Books Digital

